

CLEUSI TERESINHA BOBATO STADLER

***COLÔNIA BELLA VISTA: UM ESPAÇO CONSTRUÍDO PELAS PRÁTICAS SOCIAIS
DOS IMIGRANTES ITALIANOS EM IMBITUVA/PR***

IRATI

2015

CLEUSI TERESINHA BOBATO STADLER

***COLÔNIA BELLA VISTA: UM ESPAÇO CONSTRUÍDO PELAS PRÁTICAS SOCIAIS
DOS IMIGRANTES ITALIANOS EM IMBITUVA/PR***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO-PR, Campus de Irati/PR.

Orientador: Prof. Dr. Cláercio Ivan Schneider

IRATI

2015

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

S777c	<p>STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. Colônia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva/Pr / Cleusi Teresinha Bobato Stadler. -- Irati, PR : [s.n], 2015. 195f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Clárcio Ivan Schneider Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em História, Área de Concentração História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.</p> <p>1. Dissertação – mestrado. 2. Imigração italiana. 3. Colônia Bella Vista. 4. Usos e costumes. 5. Memória – práticas cotidianas. 6. Imbituva (município) - Paraná. I. Schneider, Clárcio Ivan. II. UNICENTRO. III. Título.</p>
-------	--

CDD 20 ed. 325.1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

Cleusi Teresinha Bobato Stadler

“Colônia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva/PR”

Dissertação aprovada em 24/07/2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr^a. Roseli Terezinha Boschilia
Universidade Federal do Paraná
Titular

Dr^a. Ana Maria Rufino Gillies
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. Clárcio Ivan Schneider
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2015

À memória dos meus “*nonnos e nonnas*” e a todos os imigrantes italianos, lembrados ou não, que com sua simplicidade e determinação, souberam dosar a submissão, a força, o desespero e a coragem, mantendo a serenidade diante das adversidades que a vida lhes impôs.

A toda minha família, em especial Álvaro, Taline, Tainá, Tales Gabriel, Everaldo e Estevão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus*, que nos concede todas as bênçãos; força maior que sustenta a caminhada e nos faz crer em realizações.

Quando decidi encarar os desafios de uma vida acadêmica e a realização de um curso de pós-graduação, sabia que era um longo período de estudos e dedicação. Mas para mim representou um desafio ainda maior, pois trabalhando a 27 anos em sala de aula com alunos do ensino fundamental, numa jornada de 40 horas semanais, mas não deixando as pesquisas de lado, queria experimentar algo novo, trilhar a busca de um conhecimento ainda maior, algo que me ensinasse realmente a fazer pesquisa histórica e produzir o conhecimento científico. Para a realização desta pesquisa, são muitas horas que passamos sozinhos em frente à tela de um computador, ausente muitas vezes da própria família e tendo como companhia apenas os autores dos livros. Mas muitas pessoas me auxiliaram neste caminho, e agora só posso agradecer e demonstrar meu reconhecimento e gratidão pela ajuda que recebi durante estes dois anos do curso de Mestrado em História e Regiões.

Primeiramente gostaria de agradecer ao *Programa de Pós-Graduação em História e Regiões* da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa, principalmente na pessoa do *Professor Hélio Sochodolak*, que sempre me incentivou em minhas pesquisas e por acreditar em minha capacidade quando inscrevi meu projeto para seleção de Mestrado. Por toda sua contribuição, suas aulas magníficas, indicações de leitura e palavras de apoio e incentivo.

Agradecer imensamente ao *Professor Claércio Ivan Schneider* que me aceitou como orientanda e que desde o início, mais do que ter compartilhado seu rico conhecimento, soube compreender minhas angústias, minha insegurança e com suas palavras de amizade, apoio me levou de encontro às leituras necessárias para compreender suas orientações e produzir a escrita desta dissertação. Você professor foi mais que um amigo, foi um verdadeiro orientador, de uma competência exemplar. É um exemplo de profissional para todos seus orientandos.

Aos professores *Roseli Boschilia (UFPR)*, *Ancelmo Schörner (UNICENTRO)* e *Ana Maria Rufino Gillies (UNICENTRO)* por, gentilmente, aceitarem fazer parte da banca de qualificação e defesa. Por suas leituras atenciosas, suas correções, sugestões e apontamentos.

Em especial quero agradecer a professora *Roseli Boschilia* pelo seu exemplo de pesquisadora do tema Imigração no Paraná, pelos livros, sugestões e incentivo na pesquisa, bem como ao professor *Ancelmo Schöner*, pela disciplina que cursei ainda como aluna especial sobre fotografias, pelo apoio na elaboração do projeto de pesquisa, pelas publicações de artigos em revistas científicas e pelo estudo dos Sistemas de Faxinais na Região Centro-Sul.

Aos professores *Hélio Sochodolak*, *Claércio Ivan Schneider*, *José Adilçom Campigoto*, *Ancelmo Schöner*, *Valter Martins*, *José Miguel Arias Neto* e *Roseli Boschilia* pelas disciplinas ministradas, importantes para a reflexão do projeto e prosseguimento da pesquisa. Agradeço-lhes pelas discussões teóricas, paciência e encorajamento em busca do conhecimento científico.

Ao professor *Robson Laverdi*, pela disciplina ministrada na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde tive a oportunidade de aprender que a História Oral é muito mais que uma metodologia, é um novo olhar científico, um amor pela história com as “pessoas” e suas sensibilidades.

Ao professor *José Adilçom Campigoto* e *Milene A. Padilha Galvão*, por incluir os trabalhos dos meus alunos do Colégio Alcides Munhoz, no Projeto – as Escolas e os Faxinais - do LAPEF - Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses.

Foi muito difícil voltar aos estudos acadêmicos depois de um longo tempo, mas tive a ajuda e compreensão de meus colegas de Mestrado e a eles devo um agradecimento especial pelo companheirismo, encorajamento, discussões bem-humoradas (até mesmo em momento de viagens), alegria e também de angústias. Quero destacar *Lourenço Resende da Costa* (que me ajudou na elaboração do projeto), *Adriana Mika*, *Eder Augusto Gurski*, *Gerson Pietta*, *Inês Valéria Antoczeczen*, *Luiz Gustavo de Oliveira*, *Mariani Bandeira Cruz Oliveira*, *Milene A. Padilha Galvão*, *Neide dos Santos Rodrigues*, *Rodrigo dos Santos*, *Rosenaldo de Carvalho*, *Vanessa Cristina Chucailo* e *Wallas Jefferson de Lima*.

A secretária do PPGH, *Cibele Helena Zwar Farago* que com sua simplicidade, carisma, foi sempre prestativa em nos ajudar e tornar possível os eventos, a documentação e a pesquisa.

A todos os entrevistados da Colônia Bella Vista e Ribeira, que gentilmente me receberam em suas casas e compartilharam comigo um pouquinho de suas histórias e vivências, permitindo ter acesso a informações que de outro modo não teria conseguido: *Angelina Amábile Alessi* (*in memorian*), *Margarida Marconato Scorsim*, *Olando Alessi*, *Laura Clementina Bobato*, *Davi*

Bobato, Helena Maria Dal Santo, Maria Cecília Alessi, Orlando Marconato. Bem como, conversas informais que tive com *Darcy Antonio Bobato e Delzira Maria Moleta Bobato.*

Agradeço também a todos os descendentes da Colônia Bella Vista, moradores de lá ou não, mas que me ajudaram com informações, documentos, fotografias ou qualquer outra forma de colaboração. Ao grupo folclórico de Pinho de Baixo “*Chiaro di Luna*” na pessoa de *Ana Maria Zarpelon*, bem como *meus alunos*, moradores da Colônia ou da Ribeira que me ajudaram nos trabalhos e na pesquisa. Também a *Daiane Bobato Vieira e Angelo Márcio Vieira* pela colaboração e pelo magnífico trabalho de recuperação da memória e cultura da Colônia Italiana Bella Vista.

Não poderia deixar de agradecer ao Colégio Estadual Alcides Munhoz, na pessoa das Diretoras e amigas *Eva Montani e Eveline Angela Cunha Notoya*, que souberam compreender meus momentos de ausência para eventos e compromissos do Mestrado, aos professores *Altair Fernandes e Glauciane Opata Camargo* pela colaboração na revisão ortográfica e a todos meus colegas de trabalho, professores e amigos que me incentivaram constantemente.

Aos companheiros e amigos de estudo sobre Imigração – *Néli Teleginski e Fábio Scarpim*. Obrigada pela ajuda com indicações de leitura, de eventos e documentos. Seus exemplos e incentivos foram fundamentais para que continuasse na pesquisa.

Ao Pastor *Wanderley M. Lange*, da IELB – Comunidade Ressurreição de Imbituva, pelo companheirismo no Mestrado e pelas conversas e trocas de conhecimento histórico e filosófico.

À minha família que sempre me incentivou em minhas pesquisas, mas em especial meus pais *Darcy e Delzira* e avós *Jacinto e Iolanda (in memórian)*, que me inspiraram com sua simplicidade e modo de vida italiano, a minhas irmãs *Cleoni e Cleri* pelo apoio e carinho de sempre. A todos meus sobrinhos que me trazem alegria e orgulho pela busca do conhecimento e a meus primos *Janaina e Cristiano* pela força e companheirismo.

A você *Álvaro Stadler*, pela compreensão nos momentos de ausência e dedicação ao trabalho de pesquisa e por compartilhar sua vida comigo. E de forma mais que especial minha gratidão aos meus filhos, *Taline, Tainá e Tales Gabriel*, e ao meu netinho – **Estevão** (que me trouxe muita alegria na reta final do Mestrado), para quem desejo ser um exemplo de fé, força, empenho, profissionalismo, mas acima de tudo, um exemplo do amor e dedicação aos estudos e ao conhecimento.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram com minha pesquisa e que não mencionei, peço perdão pela falha da memória, mas deixo o meu agradecimento especial.

A migração é a lei da natureza.
O mundo físico, como o mundo humano
estão submetidos a esta força que move e mistura,
sem destruir, os elementos da vida,
que transporta organismos nascidos em um determinado lugar
e os semeia no espaço, transformando-os e aperfeiçoando-os
de modo a renovar em cada instante o milagre da criação.
Migram as sementes nas asas dos ventos,
Migram as plantas de continente a continente, levadas
pelas correntes das águas, migram os pássaros e os animais e,
mais que todos, migra o homem
ora em forma coletiva, ora em forma isolada,
mas sempre instrumento daquela providência que
preside e guia os destinos humanos.

Giovanni Battista Scalabrini

RESUMO

A Colônia Bella Vista localiza-se no município de Imbituva/Pr. Sua formação ocorreu no ano de 1896 pelos imigrantes italianos que emigraram da região do Vêneto-Itália, para as colônias ao redor de Curitiba e depois para Imbituva. Bella Vista é uma colônia caracterizada pela presença de descendentes de italianos que construíram uma simbologia e identidade através de suas práticas cotidianas. Utilizando-se do referencial teórico de Pierre Bourdieu (*habitus*) e Michel de Certeau (*espaço praticado*), o objetivo desta dissertação é compreender a formação da Colônia Bella Vista, no contexto da Imigração Italiana, destacando o cotidiano da colônia, a alimentação, práticas agrícolas, moradias, religiosidade, festividades, casamentos e como esses aspectos se ligam aos processos de formação social e identitário de seus descendentes em Imbituva. Para alcançar esse objetivo foi utilizado a História Oral como principal metodologia, bem como, documentos oficiais e análise de fotografias, para compreender a formação da colônia, como eram preparados alguns pratos da culinária italiana com destaque para a polenta, como eram construídas suas casas, de que forma preparavam a terra e cultivavam a uva para o preparo do vinho, quais as festas religiosas que realizavam e como eram os casamentos entre as famílias italianas. Com os resultados obtidos, nota-se que as práticas cotidianas nas famílias dos descendentes contribuíram e ainda contribuem na formação da identidade da colônia, bem como revelam marcas da identidade italiana (*italianidade*). Destaca-se que essas práticas do cotidiano dos imigrantes italianos se reelaboraram, construindo assim, identidades e tradições em seus descendentes e, portanto devem ser relatadas, valorizando suas histórias que expressam através da história oral valores e experiências sociais no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Imigração Italiana. Colônia Bella Vista. Práticas Cotidianas. Memória.

ABSTRACT

The Bella Vista Colony is located in Imbituva / Pr. Its formation took place in 1896, by Italian immigrants who emigrated from the Veneto region, Italy, to the colonies around Curitiba and then to Imbituva. Bella Vista is a colony characterized by Italian descent who built a symbology and an identity through their daily practices. Using the theoretical referential of Pierre Bourdieu (habitus) and Michel de Certeau (practice space), the objective of this dissertation is to understand the formation of Bella Vista colony, in the context of Italian Immigration, highlighting the daily life of the colony, food, farming practices, homes, religion, festivities, weddings and how these aspects bind to the social formation processes and the identities of their descendants in Imbituva. To achieve this objective it was used the oral history as the main methodology, as well as , official documents and photographs analysis to understand the formation of the Colony and TIRAR(through oral story we try to understand) how the Italian cuisines were prepared with emphasis on polenta, how they used to build their houses, how they used to prepare the land and grew grapes for the preparation of wine, which religious festivities they were used to celebrate and how they used to celebrate the marriages between Italian families. With the results, we note that the daily practices in families of descendants contributed and they continue to contribute in the formation of the colony identity, as well they show marks of Italian (Italianity). We highlight that these everyday practices of Italian immigrants were remade, constructing so their descendants identities and traditions that must be related, (identities and therefore the must be reported,) valuing their histories that express through the oral history their values and social experiences in time and space.

Keywords: Italian Immigration. Bella Vista Colony. Daily Practices. Memory.

RIASSUNTO

La colonia Bella Vista si trova nel comune Imbituva/Pr. La sua costituzione successe tra gli anni 1877 e 1896 da immigranti italiani che sono emigrati dalla regione del Veneto (Italia), verso le colonie intorno a Curitiba e dopo verso Imbituva. Bella Vista è una colonia caratterizzata dalla presenza dei discendenti degli immigranti italiani che costruirono una simbologia ed identità attraverso le loro pratiche quotidiane. Impiegando il quadro teorico di Pierre Bourdieu (*habitus*) e Michel Certeau (*spazio praticato*) l'obiettivo di questa ricerca è quello di capire la formazione della colonia Bela Vista, nel contesto dell'immigrazione italiana, con particolare enfasi nel quotidiano della colonia, l'alimentazione, le pratiche agricole, le abitazioni, la religiosità, le festività, i matrimoni e come questi aspetti si legano ai processi di formazione sociale e dell'identità dei loro discendenti a Imbituva. Per raggiungere questo obiettivo è stato impiegato la Storia Orale come principale metodologia, inoltre, documenti ufficiali ed analisi di fotografie, per capire la formazione della colonia, come erano preparati alcuni dei principali piatti della cucina italiana con rilievo alla polenta, come erano costruite le loro case, di che forma era preparata la terra e coltivata l'uva per la preparazione del vino, quale erano le feste religiose che facevano e come erano i matrimoni tra le famiglie italiane. Con i risultati riusciti si senti che le patriche quotidiane nelle famiglie dei discendenti hanno contribuito ed ancora contruiscono alla formazione dell'identità della colonia, così come rivelano segni dell'identità italiana (*italianità*). Enfatizzasi che queste pratiche del quotidiano degli immigrati si rilaborano, costruendo così, le identità e le tradizione dei discendenti e, pertanto devono essere studiate, valorizzando le loro storie che esprimono attraverso la storia orale valori ed esperienze sociale nel tempo e nello spazio.

Parole Chiave: Immigrazione Italiana. Colonia Bella Vista. Pratiche Quotidiane. Memoria.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa da Região do Vêneto.....	53
Mapa 2: Mapa da concentração da etnia italiana no Paraná – século XIX e XX.....	69
Mapa 3: Mapa de Imbituva com a localização da Colônia Bella Vista.....	82
Mapa 4: Mapa do Paraná com a movimentação dos italianos que se dirigiram para a Colônia Bella Vista.....	84
Mapa 5: Mapa de Imbituva com as terras pertencentes às comunidades da Colônia Bella Vista, Ribeira e Faxinal dos Galvão.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrada de imigrantes no Brasil por décadas	49
Tabela 2: Casamentos entre famílias italianas – Paróquia Santo Antonio de Imbituva, Capella da Colônia Bella Vista (1901-1911).....	168

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Imbituva como cidade emancipada desde 1910.....	80
Fotografia 02: Estrada de entrada na Colônia Bella Vista.....	89
Fotografia 03: Lago Bella Vista.....	89
Fotografia 04: Colônia Bella Vista fotografada por Sidney Poplade em 1998.....	95
Fotografia 05: Casal Marziale Bobbato e Maria Madalena Milani.....	99
Fotografia 06: Guiuseppe Bobbato e Margarida Bobbato.....	103
Fotografia 07: Frederico Bobbato e família.....	103
Fotografia 08: Casal Luigi e Anna Moletta.....	105
Fotografia 09: Casal Giacinto Moletta e Maria Gabardo.....	105
Fotografia 10: Casamento de Darcy A. Bobato e Delzira M. Moleta.....	106
Fotografia 11: Casamento de Elizeo Bobato e Eraildes Moleta.....	106
Fotografia 12: Colônia Bella Vista – Socialização das famílias.....	106
Fotografia 13: Bella Vista – Ribeira – Netas de Luigi Moletta	107
Fotografia 14 e 15: Marco das antigas cercas que separavam o criadouro comum das terras de Cultivo dos italianos, na Ribeira.....	111
Fotografias 16-17-18: Utensílios utilizados no preparo da polenta.....	130
Fotos 19-20: Sr. Orlando Marconato. Tinas e Tinaços para a fabricação do vinho.....	136
Fotos 21-22: Produção do linho na Colônia Bella Vista.....	139
Foto 23: Carroça – meio de transporte.....	141
Fotos 24-25: Máquina agrícola manual.....	142
Foto 26: Serraria Leão Júnior – Ribeira.....	143
Foto 27: Máquina da Bella Vista Industrial Madeireira Ltda.....	144
Fotos 28-29: Casa de Marziale Bobbato – Ribeira.....	147
Foto 30: Casa da Bella Vista.....	147
Foto 31: Casa do Sr. Orlando Marconato.....	149
Fotos 32-33: Igreja Nossa Senhora do Carmo em 1929 e 2014.....	150
Fotos 34-35: Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo- Julho 2014.....	150
Foto 36: Campanário da Igreja Nossa Senhora do Carmo.....	151
Fotos 37-38-39: Placa de Fundação. Igreja Nossa Senhora do Carmo e Igreja Nossa do Rosário.....	158

Fotos 40-41-42: Detalhes da Igreja de N. S. do Carmo e as imagens de São Pedro e São Paulo, no dia 20/07/2014, durante a Festa de N. S. do Carmo.....	158
Fotos 43-44: Quadros de Santo Antônio de Pádua.....	159
Foto 45: Primeira Igreja da Ribeira e procissão religiosa.....	160
Foto 46: Homenagem a Nossa Senhora do Carmo.....	162
Foto 47: Interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	164
Foto 48: Entrada da missa na festa de Nossa Senhora do Carmo.....	164
Foto 49-50-51: Entrada de Nossa senhora do Carmo e seu altar na Igreja.....	164
Foto 52: Paiol do Sr. Orlando Alessi.....	166
Fotos 53-54-55: Festa da Polenta – Pinho de Baixo.....	170
Fotos 56-57: Festa da Polenta – Pinho de Baixo.....	171
Fotos 58-59: Festa da Polenta – Pinho de Baixo.....	171
Fotos 60-61-62: Almoço Italiano na Ribeira.....	172
Fotos 63-64: Almoço Italiano na Ribeira.....	172
Fotos 65-66: Almoço Italiano na Ribeira.....	172
Fotos 67-68-69-70: Almoço Italiano na Ribeira.....	173

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO	11
ABSTRACT	12
RIASSUNTO.....	13
LISTA DE MAPAS	14
LISTA DE TABELAS	15
LISTA DE FOTOGRAFIAS	16
SUMÁRIO.....	18
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I.....	40
DAS ALDEIAS DA ITÁLIA AO BRASIL – a história dos imigrantes	40
1.1 – A Imigração para o Brasil no Século XIX.....	41
1.2 – A Grande Emigração Italiana: os fatores da expulsão.....	50
1.3 – O Paraná no cenário da Imigração Italiana.....	60
CAPÍTULO II.....	72
A COLÔNIA BELLA VISTA – OS ITALIANOS EM IMBITUVA.....	72
2.1 – Uma Colônia Esquecida? A Formação da Bella Vista.....	80
2.2 - As Famílias Bobbato e Moletta na formação da Colônia	99
2.3 - A Colônia Bella Vista e os sistemas de Faxinais.....	107
CAPÍTULO III	113
AS PRÁTICAS SOCIAIS CONSTRUINDO UMA REGIÃO SIMBÓLICA.....	113
3.1 - Memórias que se entrelaçam – as lembranças do passado.....	118
3.1.1 – A família – o “espaço” dos nonnos e nonnas.....	122
3.1.2 – O sabor e o saber culinário enquanto aspectos importantes da memória.....	127
3.1.3 – O cotidiano do trabalho: a lavoura, os animais, as serrarias	137
3.1.4 - Moradia como fator de identidade étnica	144
3.2 - A religião e os casamentos como fator de identificação coletiva.....	148
3.2.1 - As Festas das Igrejas - Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário	160
3.2.2 – As Festas de Casamentos e outros costumes.....	164
3.2.2.1 - Festas Italianas: Festa da Polenta e Almoço Italiano.	168
ANEXOS.....	177
FONTES.....	181
FONTES ORAIS – ENTREVISTAS.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	183

INTRODUÇÃO

Como professora e pesquisadora há 27 anos, aprendemos que a subjetividade tinha que ficar fora da ciência histórica. Hoje, estudando novos conceitos e novas metodologias de pesquisa através da história oral, percebemos que a subjetividade sempre foi inerente ao indivíduo, ela é uma referência qualitativa do sujeito, faz parte da narrativa e das experiências de vida dos sujeitos. Memória e subjetividade se interligam com a história oral sendo preciso então buscar as relações dessa subjetividade, a constituição desses sujeitos nos recortes de uma pesquisa. É preciso tornar a subjetividade um processo de compreensão, uma busca, um ato científico, que nunca foi perdido pela objetividade.

É essa busca pela subjetividade do sujeito, a história das pessoas, as relações entre o singular e o coletivo, que nos faz reviver as histórias dos *nonnos e nonnas* de origem italiana. Pesquisar sobre os italianos é parar no tempo e lembrar o aroma do café feito pela *nonna* com a mesa cheia de doces e alimentos saborosos, é sentir o gosto do vinho tomado pelas famílias italianas todos os dias, é lembrar o carinho e a afetuosidade com que a *nonna* falava da religião, de seus pais e avós. É reviver as histórias dos tios-avós *Nenê e Amabile* que moravam conosco, é sentir o gosto da polenta com frango, da macarronada, do bolão de fubá feito pela *mamma* (mãe). O tempo parece parar. Essa é a motivação: a simplicidade do ser e do viver dos descendentes de italianos. O filme - *Cartas para Julieta* - onde aparecem os grandes parreirais de uvas é muito significativo por mostrar partes da Itália, é como se estivesse lá e lembrasse a infância, onde no quintal de nossa casa tinha parreiras de uvas plantadas por nossos pais. As lembranças de todas as noites nos reunindo ao redor da mesa, com o lampião aceso, para rezarmos o terço e depois os tios-avós rezarem o pai-nosso e a ave-maria em italiano, não sai da memória.

A história dos italianos não pertence somente ao passado. Ela pertence à memória, às lembranças, a sua gastronomia, a sua religiosidade, a imaginação, enfim, ela está sempre por perto no dia a dia de seus descendentes imigrantes. É como se a história dos italianos estivesse construindo a história de nossa família. Essa encruzilhada entre a realidade e as lembranças é que fazem da história dos imigrantes italianos e seus descendentes o destino deste trabalho.

O texto da epígrafe nos traz o movimento da migração, não só o movimento migratório coletivo de um povo, mas também o isolado, e com essa migração vem também a história e as formas de vida de um povo. É essa história, a vida simples, as práticas cotidianas dos imigrantes

italianos, como alimentação, trabalho, religião e festividades que se tornam objeto principal de estudo neste trabalho, aspectos relacionados ao processo de construção de identidade entre os descendentes de italianos na cidade de Imbituva/PR.

O tema da imigração sempre despertou grande interesse nas pessoas, notadamente pela curiosidade de encontrar suas origens, fazendo com que grandes obras relacionadas à imigração italiana fossem publicadas ao redor do mundo, muitas das quais, sem a especificidade da pesquisa relacionada à suas próprias famílias. Ainda que muitos italianos tenham realizado a mesma travessia, passando pela miséria que assolou a Itália no século XIX, as doenças, o desemprego e a falta de terras, é comum existirem dúvidas quanto ao exato local onde viveram as condições de vida, os hábitos familiares e, principalmente, porque vieram para o Brasil e onde se estabeleceram.

A idéia de pesquisar e escrever sobre o tema vem da observação e participação em festas, reuniões familiares, casamentos, práticas culinárias e cotidianas realizadas pelos descendentes dos italianos da Colônia Bella Vista. Da mesma forma a observação quanto a forte religiosidade deste povo e suas relações sociais. Observando e coletando informações orais com as pessoas mais antigas da família, bem como fotografias, aos poucos foi aumentando ainda mais a vontade de escrever cientificamente sobre esse tema, o cotidiano e as práticas sociais dos imigrantes italianos que vieram para o Paraná, principalmente daqueles que deram origem as famílias da Colônia Bella Vista.

Outra inquietação que motivou esta pesquisa foi de caráter profissional e educacional, pois como professora de ensino fundamental e médio de escola pública, trabalho com alunos oriundos de colônias de imigrantes, os quais muitas vezes não conhecem as histórias de seus antepassados. Grande parte dos alunos é procedente da zona rural de Imbituva e descendentes de italianos, por isso a vontade de repassar a eles um estudo do tema Imigração, para que os mesmos se percebam como sujeitos da História, descobrindo suas origens e a relação de suas famílias com a História Local. A intenção é que a pesquisa possa mostrar aos alunos a importância das fontes familiares, a história dos *nonnos e nonnas*, as memórias e as narrativas orais produzidas por descendentes de italianos, dos quais muitos são membros das famílias destes alunos.

Como professora pesquisadora, a intenção era responder aos alunos por que, de acordo com a historiografia tradicional¹, a Colônia Bella Vista não era nominada como colônia de imigrante da Província do Paraná. Enquanto professora e descendente destas famílias inquietava-me o fato de não encontrar nenhuma referência a essa colônia e seus formadores, nos livros de História do Paraná, o que nos motivou há alguns anos à pesquisa sobre a história local² e experiências didático-pedagógica em sala de aula, como o trabalho do PDE 2009, intitulado – “A Fotografia no Ensino de História: alguns aspectos em relação à Imigração Italiana”, desenvolvido com alunos de 8º. Ano do Colégio Estadual Alcides Munhoz. Com este trabalho procurou-se através da análise de fotografias da Imigração Italiana, recuperar a memória familiar e local, para que os alunos transformassem as informações adquiridas em saber elaborado, em conhecimento científico.

Outro aspecto da pesquisa é poder adentrar em uma parte pouco conhecida do próprio passado: meus triavôs³ paternos e tataravôs maternos foram imigrantes de origem italiana que chegaram ao Brasil entre os anos de 1877 a 1900. Eles saíram do Vêneto, norte da Itália, viajaram de navio até o Porto de Paranaguá. De Paranaguá se dirigiram até as hospedarias de Curitiba enquanto algumas famílias seguiram para as colônias Alfredo Chaves e colônia Dantas outras foram para a colônia Antônio Rebouças; depois compraram terras na região da Freguesia de

¹ De acordo com a historiografia tradicional paranaense, [...] “as principais colônias de imigrantes foram inicialmente formadas nas regiões do litoral e ao redor da cidade de Curitiba através de um contrato firmado entre o presidente da província, Venâncio José Lisboa, e o empresário Sabino Tripoti, no ano de 1871”. (BALHANA, Altiva Pilati. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. Curitiba: João Haupt & Cia, 1958. p. 28). De acordo com MASCHIO, a proposta política era de distribuição de terras dinamizada pelo governo da província para os imigrantes que desejassem a posse da terra e buscassem o desenvolvimento agrícola e econômico. Muitas colônias foram subsidiadas pelo governo, mas outras sofreram as consequências da falta de interesse e de responsabilidade de agentes da imigração que procuraram através dessa política imigratória atender somente seus interesses. MASCHIO, Eliane Cátia Falcade. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930)*. 2012. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFPR, Curitiba.

Dessa forma muitas famílias imigrantes, por conta própria, procuram criar colônias particulares, desvinculadas das terras concedidas pelo governo, mas adquirindo através da compra, terras de particulares (portugueses) ou apossando-se de terras dos moradores locais (bugres) e assim formando suas colônias particulares. Por esse motivo nem todas as colônias particulares foram nominadas na historiografia paranaense como colônias de imigrantes paranaenses.

² Pesquisas realizadas que resultaram na escrita dos livros: Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais e Memórias de Imbituva, cujas obras incluem dados referentes à imigração italiana na cidade. Essas pesquisas me levaram a fazer parte da ALACS – Academia de Letras, Artes e Ciências da Região Centro-Sul do Paraná, na qual estou sempre em constante trabalho de escrita e pesquisas históricas.

³ A denominação correta dos avôs segundo as gerações é: primeira geração – avós; segunda geração – bisavós; terceira geração – triavós; quarta geração – tataravós e quinta geração – pentavós ou comumente chama-se quinto avô. A partir da sexta geração não existe mais denominação correspondente. Fonte: http://www.benzisobrenomes.com/textos_2.html. Acesso em 06/08/2014.

Santo Antonio de Imbituva e, juntamente com outras famílias, formaram a Colônia⁴ Bella Vista. Por esse motivo são considerados também como “migrantes”⁵.

Era imprescindível que pesquisasse e conhecesse a história da família, pois a pesquisa, as fontes primárias, a reflexão e consciência da construção do sujeito, são partes inerentes ao trabalho de um historiador. Nesse sentido, a pesquisa com os imigrantes italianos da Colônia Bella Vista funciona como na escrita de Pierre Bourdieu⁶, uma “objetivação participante”, ou seja, um trabalho que “se dá por objeto explorar não a experiência vivida do sujeito do conhecimento, mas as condições sociais de possibilidade (e logo os efeitos e os limites) dessa experiência, e, mais precisamente, do ato de objetivação”. Estudar os descendentes de italianos do Vêneto significa, portanto, uma oportunidade de apropriar-me objetivamente de elementos que fazem parte da formação pessoal, da construção da história e da localidade onde moram meus alunos, e que, conseqüentemente, são parte integrante da responsabilidade e sensibilidade como pesquisadora. Pois, como afirma novamente Bourdieu, “o pesquisador pode e deve mobilizar sua experiência, ou seja, seu passado, em todos os seus atos de pesquisa. Mas ele apenas tem o direito de fazê-lo sob a condição de submeter esses retornos do passado a um exame crítico rigoroso”.⁷

Com destaque para o tema região, sob a perspectiva de uma região simbólica, onde as práticas sociais dos imigrantes italianos estariam presentes na formação de uma comunidade, escolhemos como delimitação espacial a Colônia Bella Vista, localizada no interior da cidade de Imbituva/PR, que apresenta em sua maior parte, uma população constituída por descendentes de imigrantes italianos provenientes do Norte da Itália, em especial de Vêneto e da cidade de Castello Di Godego; como recorte temporal, os anos de 1896 a 1910, sendo que 1896 corresponde à formação da colônia e 1910 à data de elevação da Freguesia de Santo Antonio de Imbituva à categoria de cidade. Porém, encontraremos alguns documentos do ano de 1912, que trazem riquíssimas informações sobre esta colônia.

⁴Segundo Giralda Seyferth, o termo “Colônia” designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural. O termo colônia, também é usado para designar uma propriedade agrícola, bem como pode relacionar-se à comunidade étnica, e não apenas um referente territorial e socioeconômico. SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990. p. 25.

⁵ Migrantes por se deslocarem das colônias que já existiam ao redor de Curitiba.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *L'objectivation participante*. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, n. 150, p.43-57, 2003.

⁷ Idem, p. 55.

A Colônia Bella Vista localiza-se a aproximadamente 14 km da cidade de Imbituva, na região Centro-Sul do Paraná. Imbituva tem uma população estimada em 2014 pelo IBGE de 30.713 habitantes⁸ e está localizada a 177 km de Curitiba, a capital. No final do século XIX, Imbituva recebeu dois grupos imigratórios em seu território: alemães e italianos. Os italianos se destacam na formação da colônia Bella Vista a partir de 1896⁹. Formaram uma comunidade com 400 habitantes¹⁰ em uma área de 870 alqueires de terra vermelha, própria para a cultura de alimentos. Para chegar à colônia devia-se percorrer 14 km mais ou menos em duas horas, a cavalo, margeando o rio Ribeira, transpondo colinas e contemplando a exuberância dos pinheirais¹¹. Ao formarem esta comunidade, os imigrantes da Bella Vista, passaram a demarcar seus espaços físicos e simbólicos, constituindo uma região.

Sabemos que o termo “região” possui uma infinidade de significados. Albuquerque Júnior¹² propõe que:

Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar de subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional. Falar em região implica em reconhecer fronteiras, em fazer parte do jogo que define o dentro e o fora: implica em jogar o jogo do pertencimento e do não pertencimento. Fazer história da região é cartografar as linhas de força, o diagrama de poderes que conformam, sustentam, movimentam e dão sentido a um dado recorte regional.

Percebe-se que o sentido de região, proposto por Albuquerque Júnior, vai além da configuração física do espaço, do território. Nesse sentido, o historiador deve estar atento para as lutas de poder, as estratégias do governo, o poder político estabelecido, os projetos de domínio e de conquista que fizeram parte da instalação e da demarcação, que estabeleceram as fronteiras e os limites das regiões. É um sentido em que a região deve ser vista nas particularidades de quem a institui, a vivencia, a reconhece, de quem a pratica. A região é uma construção cultural, não

⁸ Dados do IBGE, censo de 2010. Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 14/11/2014.

⁹ MOLETTA, Susete. *Da Itália para o Brasil: o casal da Capelinha da Água Verde*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

¹⁰ Dados retirados do Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, após visitar a Colônia do Imbituva. Fonte: Arquivo Público do Paraná. p. 43.

¹¹ Idem, p. 44.

¹² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

apenas uma realidade natural, econômica ou política. Ela é um espaço vivido, praticado, como diria Certeau¹³, são as ações dos sujeitos em determinado lugar.

A ideia de território, de região, por muito tempo foi entendida apenas como espaço físico. Desde as mais antigas formas de organização social humana, os indivíduos sentem a necessidade de ter uma referência territorial, definir o seu espaço, ter a habitação de um lugar, a defesa de um espaço enquanto construção humana, como necessidade de simulação de territórios. Desta forma, percebemos que as regiões, enquanto recorte espacial, são criações humanas, onde os homens procuram dar sentido ao que está a sua volta, dominando este espaço. Albuquerque Júnior¹⁴, fala sobre esse sentido:

As regiões nascem de investimento de sentido, da produção de sentidos: nascem da busca por organizar o mundo, por ordená-lo, por esquadrihá-lo, por classificá-lo, por dominá-lo. As regiões são invenções humanas visando ordenar seja a natureza, quando veem regiões econômicas, regiões políticas-administrativas, regiões jurídicas, regiões morais ou regiões nosográficas. As regiões nascem das práticas de significação e de ordenamento do mundo feito pelos homens. Operações de significação que trazem imanente à sua realização estratégica de poder, de domínio, de controle, de separação, de inclusão e exclusão.

Segundo esse autor, a região é um espaço de disputa, uma construção de sentidos, é algo criado e reelaborado ao longo do tempo pela ação humana, de tal forma que acaba parecendo natural. O termo região pode ter várias significações mas, de modo geral, elas representam um espaço de disputas e de investimentos de sentido.

No presente estudo, aborda-se a Colônia Bella Vista enquanto espaço construído, investigando-se as práticas discursivas que deram visibilidade à mesma. Destacar não apenas seus aspectos físicos, delimitados geometricamente, mas considerar o espaço como algo construído, como produto da ação humana. A região será analisada também em seus aspectos subjetivos, expressos em gestos, em modos de vestir, de se alimentar, de construir suas moradias, de festejar, enfim, o modo de vida, as ações praticadas, as relações cotidianas dos sujeitos que habitaram a colônia.

A região vai muito além do espaço geográfico delimitado, ela pressupõe um espaço construído pelas práticas cotidianas que constantemente o ressignificam, um espaço construído por relatos de ações, práticas e representações. “A região vem a ser, portanto, o espaço criado por

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 184 e 185.

¹⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, op. cit., p.62.

uma interação”¹⁵. É nessa interação que os grupos sociais, entre eles, os portugueses, os bugres, alemães e italianos, por meio de afrontamentos e lutas, transformam os espaços de acordo com seus preceitos e interesses próprios.

É nesta região construída pela interação histórica, social e cultural, que os imigrantes e seus descendentes realizam suas práticas religiosas, de trabalho, culinárias e festivas. São essas práticas que os identificam e que se tornam um espaço simbólico ligado a um conjunto de significados. Esses significados estão relacionados às festas de casamentos, aos rituais religiosos, à maneira como preparavam os alimentos, como se realizavam as práticas agrícolas, às interações familiares e sociais. São essas práticas sociais que definem fronteiras simbólicas e ativam uma região. Elas envolvem as relações sociais – memórias, vivências, forças, tensões, disputas. Há a necessidade de se afirmar, se identificar, e são os elementos simbólicos que podem determinar a identidade de um grupo.

Ao identificarmos as práticas cotidianas dos colonos italianos ou de seus descendentes na Colônia Bella Vista, pretende-se estabelecer os vários espaços que formam uma “região”. Ou seja, como na visão de Certeau¹⁶, entender o espaço como um lugar praticado, identificando os vários espaços ali presentes, como o espaço religioso, o familiar, o econômico (agricultura), os festivos (casamentos), espaços que se tornam o palco das relações culturais, no qual se desenrolam as práticas cotidianas, interculturais e étnico-raciais.

Os colonos italianos e seus descendentes fundaram um espaço social específico através de suas práticas cotidianas, centradas na policultura de subsistência e no trabalho familiar em pequenas propriedades. Inicialmente eles adquiriram a posse e depois construíram a propriedade a partir de suas referências de origem, ou seja, procuravam reproduzir suas identidades e as características provenientes de seus ancestrais da Itália. Dessa forma, eles construíram uma região, ou seja, engendraram sua história, demarcando suas fronteiras e consagrando um novo espaço de atuação. Os imigrantes italianos consagraram e impuseram seus valores sociais, culturais, religiosos, seu modo de agir, de vivenciar as práticas cotidianas, no espaço por eles construído a partir da colonização, ou seja, eles construíram o campo no qual podiam manifestar e instituir como predominante o seu “habitus” perante os portugueses, alemães e bugres da região.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. op.cit. p.184.

¹⁶ Idem.

É possível, através de determinados elementos, como os laços familiares, as práticas religiosas, as práticas econômicas e as festividades, estabelecer um sentimento de identidade e, através desta identidade, diferenciar os imigrantes italianos de outros grupos já estabelecidos no território circunscrito a Imbituva. Através destes elementos poderemos compreender e problematizar como ocorreu a formação de uma cultura imigrante, suas características, especificidades e construções simbólicas.

Chartier¹⁷ afirma que as análises das práticas que diversamente se apreendem dos bens simbólicos, produzem usos e significações diferenciadas. Desta forma, se pretende identificar essas práticas, como elas foram sendo moldadas para os imigrantes viverem em sociedade e como ocorreu a formação de uma cultura imigrante com influência na sociedade imbituvense.

Chartier¹⁸ defende que a *realidade* seria analisada através das suas representações, sendo as mesmas consideradas como realidades de múltiplos sentidos. Por outro lado, ele também tenta mostrar que há práticas sociais que não podem ser reduzidas a “representações”, pois as mesmas possuem uma lógica autônoma. Deste modo, as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as constitui. Sendo assim, os discursos nunca são neutros em relação às percepções sociais, e as lutas de representações são extremamente importantes para se compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, seus valores e seus domínios.

[...] a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; - por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns «representantes» (instancias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.¹⁹

Chartier escreve que é na representação simbólica (os signos, os atos, os objetos e as representações coletivas), que ocorre a mobilização dos grupos para transformar-se em práticas e ações. O espaço simbólico aqui se refere ao espaço das lutas sociais, e abrange todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação.

A representação destacada por Chartier é possível de ser interpretada pelas experiências de vida, costumes inventados, recriados e vivenciados em diferentes camadas de tempo em uma

¹⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11(05), 1991, p. 178.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

¹⁹ Ibidem, p.23.

comunidade. É através do que foi vivido, sonhado, imaginado pelos colonos e depois recordado, lembrado e reinterpretado pelos seus descendentes, que se compreende a invenção do cotidiano nessa colônia e no seu espaço praticado²⁰.

Podemos perceber essas transformações na maneira como os primeiros imigrantes faziam seu prato principal de alimentação – a polenta – e como hoje ela se reinventa e se transforma numa Festa da Polenta, totalmente diferente da forma como era produzida. Na fala do Sr. Orlando Marconato, 80 anos, morador da Colônia Bella Vista, descendente de terceira geração, podemos perceber essas transformações na preparação da polenta entre os imigrantes que vieram da Itália e a maneira como é preparada nos dias atuais:

Aqui a polenta é sempre feita numa média de duas a três vezes por semana ainda é feito. Hoje ainda foi feito, só que não é na pá, assim como era, hoje tem a pressão [...] *Como eles faziam?* Eles pnhavam a água fervê naquele tacho pendurado na corrente e daí punham o sal ali que ficasse no normal da polenta e daí iam pondo o fubá e batendo, daí iam mexendo até ela criar a casca em volta, só que não podia apurar muito. [...] o panaro era uma tábua redonda assim, com uma cabecinha onde que tinha um furinho passado um fio, amarrado ali, enrolado ali, que era para desenrolar ali, para cortar a polenta.²¹

Podemos compreender que o cotidiano dos imigrantes se transforma, adaptam-se as condições que encontram na Colônia onde se estabelecem, mas também cria identidades, pois vai estabelecer os vínculos com seus descendentes. No novo espaço conquistado o imigrante encontra formas de transformar o novo lugar num espaço praticado e de reconstruir identidades a cada geração.

Pensando o objeto a partir de Bourdieu²², o imigrante já encontra ao nascer uma cultura ou “habitus”²³, que é transmitida pela família de uma geração a outra. As práticas do cotidiano

²⁰ Espaço praticado se refere aos espaços onde se desenvolvem as práticas cotidianas dos imigrantes, que se tornam o palco das relações culturais, interculturais e étnico-raciais, como o espaço religioso, o familiar, o econômico (agricultura), os festivos (casamentos). CERTEAU, op.cit., p.184.

²¹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 02 (144540). 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr. Na transcrição das entrevistas foram retirados os vícios de linguagem como o né. As perguntas realizadas pela entrevistadora estão em itálico.

²² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 61.

²³ O habitus para Bourdieu se refere à incorporação de uma determinada estrutura social pelos indivíduos, influenciando em seu modo de sentir, pensar e agir, de tal forma que se inclina a confirmá-la e reproduzi-la, mesmo que nem sempre de modo consciente. Nossa maneira de pensar, agir, sentir é determinada pelo que incorporamos do mundo social, ajustadas a esse nosso mundo. Bourdieu define o habitus como um sistema gerador e organizador de práticas e representações. Com outras palavras, seria um programa de comportamento inconsciente que permite agir e pensar em um determinado meio social. Todos nós somos produtos do nosso meio e prisioneiros de uma forma determinada de ação. Então podemos dizer que o habitus é relativo. Ele vai possibilitar enxergar ou não determinadas práticas. É o habitus que forma as distinções de cada grupo.

revelam vínculos que o ligam ao lugar de origem e aos valores adquiridos na família ou grupo. Portanto, quando um grupo se desloca de uma região a outra, ele não está perdendo seus conhecimentos adquiridos, ele os transforma, de acordo com novos significados e valores culturais. Assim, podemos dizer que a identidade é reinventada, recriada em diferentes tempos, de acordo com os valores incorporados pelas diferentes comunidades.

As lembranças dos parentes reunindo-se em nossa casa é muito significativa, todos descendentes de italianos, muito comunicativos, extremamente fervorosos, conversavam e contavam fatos de seu cotidiano. Os homens falavam das plantações, do trabalho, as mulheres da casa, de como criavam os filhos, como preparavam certos alimentos, de seus bordados e das festas religiosas e casamentos. Quando íamos a um casamento, a festa já começava dias antes, com a preparação dos bolos e das comidas, preparação das mesas embaixo das árvores e todo o ritual do casamento para os noivos. Todos esses rituais foram vivenciados pelos primeiros imigrantes italianos da comunidade de Bella Vista e repassados aos descendentes. Eles se adaptaram e se reelaboraram ao longo dos anos, mas tudo tinha um significado e uma prática específica que faz parte da memória de muitas pessoas e também das identidades individuais e coletivas dos descendentes destes imigrantes. A transmissão dessas práticas e saberes de uma geração à outra permite que a identidade do grupo seja recuperada pela memória e possa ligar o passado ao presente.

A pesquisa foi conduzida, portanto, partindo do pressuposto de que as práticas sociais segundo a concepção de Michel de Certeau²⁴, são categorias históricas e revelam a identidade étnica de um grupo. Assim, as práticas sociais são condicionadas pela sociedade em que vivemos, estão enraizadas na identidade social dos seres humanos, são também transmitidas culturalmente. Dessa forma, constitui-se em elementos fixadores da identidade étnica, assumindo seu valor simbólico na sociedade que as originou.

A partir desses pressupostos, a pesquisa teve como objetivo principal compreender a formação da Colônia Bella Vista, no contexto da Imigração Italiana, destacando o cotidiano da colônia, a alimentação, práticas agrícolas, moradias, religiosidade, festividades e casamentos e como esses aspectos se ligam aos processos de formação da sociedade e das identidades em Imbituva. Para alcançar esse objetivo foram identificadas e analisadas, através das entrevistas

²⁴ CERTEAU, op.cit., p. 46.

orais, como eram preparados alguns pratos da culinária italiana com destaque para a polenta, como eram construídas suas casas, de que forma preparavam a terra e cultivavam a uva para o preparo do vinho, quais as festas religiosas que realizavam e como eram os casamentos entre as famílias italianas. Identificando as práticas do cotidiano dos imigrantes italianos vamos observar de que forma elas se reelaboraram, constituíram identidades e tradições em seus descendentes.

Na produção científica e mesmo nos escritos locais relacionados à imigração italiana, o cotidiano através das práticas sociais é um tema que passa praticamente despercebido. Assim, compreender mais este tema tão fundamental e ao mesmo tempo tão comum constitui um dos desafios desse trabalho, relacionando-o à produção de regiões simbólicas e de sentidos.

Para compreender como essa comunidade da Bella Vista construiu suas regiões de sentido, precisamos identificar os elementos que podem ser atribuídos à composição da identidade desse grupo a partir das referências da Itália, nas suas ações sociais, culturais e práticas cotidianas. Como se adaptaram aos convívios sociais, que emoções viveram ao sair de sua terra e entrar num país totalmente diferente, de que forma transformaram seus hábitos alimentares, suas festividades, seus dialetos. Também como se adaptaram à natureza existente na Colônia, às formas de trabalho e aos diferentes produtos que tiveram que plantar. Como esse grupo passou a conviver com outros grupos existentes no local, se tiveram conflitos ou não com eles, enfim as estratégias utilizadas para adaptaram-se às novas formas de convívio social com suas práticas sociais cotidianas.

Diante deste quadro, algumas questões precisam ser pensadas, como por exemplo: Como os colonos italianos se instalaram no espaço físico da Colônia Bella Vista? De que regiões vieram? Como adquiriram as terras? Por que foi considerada uma colônia de imigrantes? Como esses colonos transformaram o espaço físico em função de suas práticas sociais, como a agricultura, moradias, alimentação, religião? As dificuldades enfrentadas por esses imigrantes ao saírem da Itália, também enfrentaram ao se instalarem na Colônia Bella Vista? Partindo da análise dos discursos construídos em torno do programa de colonização do Estado do Paraná, de que forma a Colônia Bella Vista se diferencia das demais colônias do Estado? De que forma as práticas sociais da alimentação, da agricultura, da moradia, da religião e dos casamentos, influenciaram na organização socioeconômica e na produção cultural desta colônia?

A Colônia Bella Vista não está relacionada diretamente às colônias oficiais criadas por iniciativa do governo. Ela não foi criada logo após a chegada dos imigrantes italianos no Paraná,

entre os anos de 1875 a 1877, nas terras destinadas pelo governo ou por companhias imigratórias, mas foi formada em 1896 por famílias que compraram terras de particulares na Freguesia de Santo Antonio de Imbituva e se deslocaram de Curitiba e da Colônia Antônio Prado, próxima a Curitiba, para essa Freguesia. Alguns de seus parentes já estavam instalados nas colônias próximas a Curitiba, principalmente, Colônia Dantas – Água Verde²⁵.

Partindo deste campo investigativo, outro aspecto a ser observado está centrado em perceber essa comunidade não meramente enquanto vencedores, mas em percebê-los enquanto sujeitos históricos que buscaram consolidar uma identidade de grupo²⁶, enfrentando dificuldades econômicas e sociais no espaço territorial constituído por eles, tais como os com povos nativos da região, os bugres²⁷.

Esta pesquisa vai tentar responder como esse grupo de imigrantes italianos e seus descendentes instalados na Colônia Bella Vista, interior de Imbituva/Paraná, construiu um sentimento de pertencimento comunitário a partir das referências da terra de partida, nas suas ações e práticas cotidianas, especialmente no ambiente comunitário e privado. Além da formação da colônia, outra problemática desta dissertação se refere à maneira pela qual foram construídos e (ou) acionados mecanismos de identificação étnica. Assim, buscamos entender como os imigrantes, e num segundo momento, seus descendentes, recriaram as estruturas herdadas da terra de origem, bem como, quais dessas estruturas foram transformadas em função da imigração. O enfoque centrou-se, sobretudo, na forma pela qual determinados elementos - como a alimentação, o trabalho, as moradias e as práticas religiosas e culturais - foram utilizados na construção de um sentimento de pertencimento e de diferenciação, em relação a outros grupos, tais como, os

²⁵ Dados retirados do livro de MOLETTA, Susete. op.cit

²⁶ Essa perspectiva é defendida pela historiografia tradicional paranaense, na qual os imigrantes são tratados como vencedores - ideia do pioneirismo - que venceram pelo trabalho. Ela é responsável pela criação de um mito de imigrante laborioso, trabalhador, próspero, modelo de prosperidade para o Estado do Paraná; do imigrante colono que venceu todas as dificuldades, terras mais férteis, falta de comunicação e transporte, instrumentos de trabalho rudes. Esse mito foi criado entre os anos de 1875 a 1925 no contexto da política fascista que tinha intenção de criar uma identidade italiana de imigrante perfeito, de boa índole, ordeiro, homem de progresso e trabalho para o Estado Nacional Brasileiro. Esse colono italiano representa sob essa perspectiva, o crescimento, o progresso, aquele que venceu pelo sofrimento. Ignora-se dessa forma, outras dimensões vivenciadas por esses mesmos imigrantes que destruíram as matas, enfrentaram dificuldades ao se estabelecerem em seus territórios, passaram fome, enfrentaram doenças, conflitos com os nativos, perderam suas terras, famílias e se deslocaram para outros espaços. Eles também se transformaram muitas vezes em marginalizados pela sociedade que os recebeu. Esta historiografia tradicional encontra-se, por exemplo, nas obras de MICHAELE, Faris Antonio S. *Formação Étnica do Paraná*. Curitiba, GRAFIPAR – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda, 1969. p. 118-122.

²⁷ Os “bugres” também são chamados de brasileiros. São assim designados aqueles que possuem raízes indígenas ou negras. Eles passavam por este espaço da colônia em direção à região de Guarapuava e Ponta Grossa.

alemães, que também se estabeleceram em Imbituva formando um núcleo colonial e dando origem à Comunidade Evangélica Luterana.

Para desenvolver essa problemática utilizamos a historiografia relacionada à imigração, documentos oficiais e entrevistas orais, com o objetivo de contextualizar o processo imigratório ocorrido na região. O olhar esteve voltado para as estratégias de sobrevivência dos imigrantes, especialmente quanto às práticas sociais, tema pouco estudado no campo da história da imigração e do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes.

Ao longo de uma pesquisa como esta, o pesquisador define os caminhos que vai seguir a partir de um vai e vem constante entre seus interesses de pesquisa e os elementos que aparecem nas fontes a serem interpretadas. Partindo deste princípio, buscou-se inicialmente a:

a) análise das principais obras da formação histórica do Paraná, com ênfase para a imigração italiana no final do século XIX e colonização da região dos Campos Gerais, destacando a cidade de Imbituva. As obras de Paulo Renato Guérios - *A Imigração Ucrâniana ao Paraná: Memória, Identidade e Religião* e *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná*, organizado por Elaine C. F. Maschio serviram de alicerce para esta pesquisa. Da mesma forma, também a obra *Santa Felicidade: um processo de assimilação* da Profª Altiva Pilatti Balhana contribuiu muito para identificar a alimentação, onde a polenta constitui-se como alimento principal no cotidiano do imigrante italiano recém chegado ao Paraná e ainda encontra-se presente nas refeições diárias de seus descendentes.

b) coleta de dados no Arquivo Público do Paraná, referentes à política imigratória para o Paraná, ao desembarque dos imigrantes italianos e a compra de terras na Freguesia de Santo Antonio de Imbituva; dados coletados no Instituto de Terras, Cartografia e Geociências ITCG de Curitiba/Pr, referentes a Lei de Terras no Paraná; análise de certidões de Terras da Colônia Bella Vista, do Registro de Imóveis da Comarca de Imbituva.

c) análise de dados em documentos emitidos pela Associazione Emigranti di Castello di Godego (Treviso) na Itália, livros, certidões de casamentos de alguns imigrantes italianos, bem como de algumas certidões de casamento do Arquivo da Paróquia Santo Antonio de Imbituva e do Cartório Municipal de Imbituva, onde constam a naturalidade destes imigrantes.

d) utilização da História Oral como principal metodologia, através de entrevistas gravadas. Foram realizadas 07 entrevistas gravadas em vídeo, sendo os entrevistados descendentes de italianos, homens e mulheres residentes na Colônia Bella Vista, na cidade de

Imbituva. São donas de casa, aposentados, agricultores, com mais de 80 anos, os moradores mais antigos da comunidade, representando a segunda e terceira geração de descendentes italianos e que fazem parte das famílias formadoras da comunidade. As entrevistas foram conduzidas através de questões temáticas, relacionadas à formação da colônia e às práticas cotidianas. Como observadora participante, acompanhei eventos, como as festas religiosas ou típicas realizadas na Colônia Bella Vista ou em comunidades próximas a ela, da qual tiveram origem, observando as práticas culturais relacionadas ao passado e ainda presentes em seu cotidiano. Após as entrevistas com os mais idosos da Colônia, foram também entrevistados alguns coordenadores de um Grupo Folclórico Italiano da região de Pinho de Baixo²⁸, os quais têm como objetivo divulgar e reproduzir aspectos da cultura dos italianos, como as danças, músicas e alimentação.

e) análise de fotografias como forma de representar parte das vivências e práticas cotidianas dos descendentes dos imigrantes, como o preparo da polenta, das festas religiosas, das festas culturais (folclóricas), da construção das casas, dos casamentos e outros elementos que possam ser identificados para enriquecer o trabalho de pesquisa.

f) estudo de documentos cartográficos (mapas temáticos), imagens para representar as informações referentes aos processos estudados e melhor compreendê-los.

A partir desta metodologia construímos três capítulos: no primeiro capítulo trabalhamos com a historiografia da Imigração Italiana, evidenciando o seu caráter simbólico e de construção de identidades. Destacamos os principais conceitos que orientam a pesquisa, imigração, migração, fonte oral, identidade e memória para a compreensão do processo de mobilização e formação do território da Colônia Bella Vista, bem como, a vinda dos imigrantes da Itália, oriundos da região do Vêneto ao Brasil, sua mobilização para o Paraná e Imbituva. Também trabalhamos com a construção do campo imigratório na perspectiva oficial, com as tentativas de naturalização da região, contrapondo-se aos espaços construídos a partir das ações sociais e práticas culturais dos imigrantes italianos.

No segundo capítulo é discutida a Colônia Bella Vista como um espaço construído, bem como a formação da identidade italiana: de camponeses do Vêneto a colonos ítalo-imbituvenses com a construção da colônia; os motivos que levaram os italianos a emigrarem de seu território

²⁸ A região de Pinho de Baixo, atualmente pertence a Irati/Pr. Na época da formação da Colônia Bella Vista esta comunidade pertencia a Imbituva e teve a influência das primeiras famílias de imigrantes italianos da Bella Vista. Atualmente é a única região que formou o grupo folclórico italiano, mas que tem ligação e fazem apresentações em Bella Vista e Ribeira, as regiões formadas pelas famílias estudadas nesta pesquisa.

de origem, se instalar em outro território e depois migrarem para a Colônia Bella Vista, modificando sua identidade territorial, econômica, social e até cultural; a formação da colônia, as primeiras famílias – Bobbato e Moletta e o sistema de Faxinal adaptado pelos novos colonos.

No terceiro capítulo abordamos as práticas sociais construindo uma região simbólica, ou seja, a identidade social dos descendentes de italianos da Colônia Bella Vista; a religião como fator de identificação coletiva, as festas religiosas, alimentação, moradia e casamentos como fator de identidade étnica; os descendentes de italianos em Imbituva – mudanças e permanências identitárias. Vale destacar que a reconstrução da identidade é constantemente reafirmada pelos descendentes italianos através de seus rituais locais, que são as festas típicas da Colônia - como a Festa de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário, as Procissões Religiosas, os almoços e jantares italianos e a Festa da Polenta.

Trabalhando com o conceito de memória e identidade, temos a possibilidade de compreender a formação do território e do espaço praticado pelos imigrantes italianos, um espaço vivido, como diria Certeau²⁹, as ações dos sujeitos em determinado lugar, através das entrevistas dos descendentes que participaram deste contexto, pois são eles que vivenciaram este espaço praticado. As entrevistas realizadas permitem identificar as práticas que ainda são conservadas entre os descendentes dos italianos.

Fazendo parte da história dos italianos e como professora de alunos descendentes desse grupo da Colônia Bella Vista, sentimos a necessidade de valorizar os depoimentos orais e as representações culturais, como símbolos de uma identidade étnica italiana e das vivências passadas, despertando a memória individual e coletiva desses descendentes na reconstituição da memória histórica.

Enfim, *andiamo!* (vamos em frente)...

Quando iniciamos esta pesquisa, as lembranças que tínhamos da infância, os trabalhos realizados com os alunos descendentes de italianos nos motivaram, mas o que nos motivou ainda mais foi a visibilização e valorização do cotidiano da cultura italiana. É como ir ao encontro de reflexões sobre a história, rememorando os fatos do passado.

As informações que tínhamos sobre os imigrantes eram sempre de um itinerário de sucesso dos pioneiros, considerados heróis e civilizadores. Dessa forma, como bem simbólico, a

²⁹ CERTEAU, op.cit., p.184.

origem italiana se transformava num elemento positivo para suas identidades. Para muitos dos descendentes, desvendar de onde provém sua família, qual o itinerário dos primeiros formadores da colônia, o que faziam, por que vieram para a América, são questões que assumem uma força simbólica muito grande.

Quando falamos de imigrantes a visão que aparece nas escolas é sempre de colonos que ascenderam, que progrediram. Nas representações, os imigrados são sempre ordeiros, trabalhadores, religiosos, apegados à família. Dessa forma, para muitos, pesquisar e descobrir suas origens étnicas é também um modo de promover um crescimento da auto-estima, uma vez que socialmente o imigrante italiano é considerado um exemplo de empreendedorismo e de sucesso; sucesso esse e virtudes que se expandem aos seus descendentes. Além disso, o que percebemos é que o herói civilizador representado pelo antepassado é aquele que vence a natureza hostil e que possui características transmitidas por linha de descendência. O pioneiro representa o domínio da passagem de despossuído no país de origem para civilizador e proprietário em terras estrangeiras. Para muitas famílias, em suas memórias está o ufanismo do trabalho, do sacrifício, da solidariedade, da fé, como posição de vencedores, mas, para algumas está também o despossuído, o que enfrentou extremas dificuldades, fome, miséria, conflitos e teve que se impor perante uma nova comunidade, muitas vezes hostil, para sobreviver e ser reconhecido, valorizado em sua cultura e ações cotidianas.

Observamos também na comunidade da Bella Vista e Ribeira³⁰ que muitos dos descendentes estavam incentivados a tomar muitos dos costumes e práticas dos pioneiros por entenderem que indicariam pertencimento e gosto específico pela cultura dos mesmos. Para compreender como os descendentes de italianos buscam essa noção de pertencimento no presente, trabalhamos com narrativas de descendentes e com as memórias construídas com base nas mesmas. Como desejava saber de que forma se percebiam como italianos ou como preservavam suas práticas e costumes, entrevistamos descendentes de idades diversas, homens e mulheres, urbanos e rurais e membros de classes sociais distintas. Desejava observar como se processava, no cotidiano, a reivindicação de pertencimento e que peso esta tinha em suas existências.

³⁰ Ribeira dos Leões é uma comunidade hoje separada da Colônia Bella Vista, mas ela fazia parte das terras da Colônia Bella Vista, onde muitas das famílias dos imigrantes italianos se instalaram como as famílias Bobbato e Muletta.

A memória, em nosso entendimento é uma construção que se faz na troca e na partilha entre o que se viveu no passado e as lembranças que se buscam no presente.

Segundo Le Goff³¹, a memória é uma “propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Assim, a memória é a forma de tornar presente um fato do passado, através da atividade de recordação. Sendo assim, a memória dos descendentes de imigrantes italianos da segunda e terceira geração, torna-se imprescindível, pois é através das entrevistas com esses descendentes que buscaremos confrontar os dados da história da imigração italiana na Colônia Bella Vista.

Mas muitas vezes a memória pode falhar, esquecer detalhes, omitir ou realçar alguns dados. Por isso, é necessário verificar várias lembranças, ou seja, várias entrevistas devem ser ouvidas e rememoradas, para poder-se (re) montar os indícios e os passos dos acontecimentos do passado, com o maior detalhamento possível.

Para se chegar a esses acontecimentos, memórias e lembranças do passado, tem-se que trabalhar com a subjetividade, aquela que envolve os sujeitos, incluindo aí o próprio pesquisador, na tentativa de apreender o que está na constituição do sujeito, o que constitui as suas vivências, aquilo que é menor e invisível, o mais profundo da experiência dos indivíduos. Para conhecermos a subjetividade é preciso aceitar que pensamento, sentimento e decisão estão extremamente ligados e que o caminho em direção a ela é um caminho de envolvimento pessoal. A subjetividade não é algo pronto que está lá visivelmente nas pesquisas e na História Oral, mas é algo com o qual podemos nos relacionar, e é só dessa relação que nasce o conhecimento.

Trabalhando com a subjetividade dos descendentes de imigrantes italianos da Colônia Bella Vista, é necessário compararmos as entrevistas, os depoimentos, os detalhes narrados pelos depoentes, visando à retificação dos equívocos e das lembranças alteradas por motivos individuais. É o ofício do historiador trabalhar com essas lembranças, com os documentos escritos e com a iconografia a fim de transformar esse conhecimento empírico em conhecimento científico.

Seguindo os procedimentos metodológicos da pesquisa histórica, a memória vai contribuir a cada dia para a construção da identidade dos imigrantes italianos instalados na Colônia Bella Vista. Portanto, a identidade desse grupo pode ser compreendida, segundo a narrativa que

³¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p.423.

compuseram com suas memórias e que foram repassadas a seus filhos, netos e bisnetos, através da tradição oral e das práticas sociais reproduzidas e/ou produzidas na colônia.

Também não podemos deixar de destacar a memória como um conhecimento produzido pelo grupo e não apenas individual. Como defende Halbwachs³², a memória pode ser “coletiva”, exterior e superior aos indivíduos. Para ele, o próprio grupo é portador de uma “memória ou consciência coletiva”.

Halbwachs foi o primeiro sociólogo que analisou a vinculação entre a maneira específica de um indivíduo lembrar-se de seu passado e relacioná-lo a seu pertencimento social tendo a interferência das forças sociais nesse ato de rememoração. Halbwachs cria seu conceito de “memória coletiva”, inspirado pela filosofia do século XIX e dos estudos e conhecimentos de Durkheim. Nesses estudos, o autor defende os “quadros da memória”, que teriam origem social, ou seja, o movimento de rememoração é uma reconstrução do passado que é operada pelos indivíduos, mas com a interferência de forças sociais, e que pode ser alterada ou manipulada dependendo do que se quer repassar da identidade desse grupo ou do período histórico rememorado.

As narrativas dos descendentes de imigrantes podem ser identificadas através dos depoimentos orais e análises contextuais junto a 07 famílias de que têm idosos (todos com mais de 80 anos) em suas residências. São 05 “nonas” (quatro destas, viúvas) e 02 “nonos”. Os relatos orais foram feitos diretamente, individualmente ou em grupos, com a presença da família. Foram escolhidos entre as famílias que tinham as pessoas mais idosas e também que faziam parte das famílias formadoras da Colônia Bella Vista. Conforme Thompson³³, toda vez que a experiência de vida de uma pessoa ou um grupo pode ser usada como matéria-prima para a História, agrega nova dimensão à narrativa. Os pesquisadores que se utilizam da História Oral podem escolher quem vão entrevistar e quais os aspectos ou itens a que darão maior ênfase, a fim de resgatar as lembranças sobre determinados acontecimentos. As entrevistas devem basear-se em questionamentos referentes às lembranças do passado de um modo geral, mas também enfatizar as relações com o cotidiano das famílias, do grupo ou da comunidade.

³² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

³³ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Segundo Alberti³⁴, A História Oral pode demonstrar como a memória é “essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade”. Podem surgir depoimentos e análises diversas sobre um mesmo acontecimento; por isso ela considera a memória mutante.

Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. [...] O fato de ser uma narrativa oral, que resulta de uma interação entre entrevistado e entrevistador – uma conversa, podemos dizer –, torna essa fonte específica em relação a outros documentos pessoais. O que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor.

As fontes orais para o estudo da Colônia Bella Vista como comunidade imigrante italiana foram relevantes. Os depoimentos, contraditórios ou não, complementaram-se mutuamente, contribuindo com a possibilidade de reconstruirmos o cotidiano por eles vivenciado. Tentamos compreender como os sujeitos reinterpretem e “inventam”³⁵ as experiências vividas de sua terra natal e do local onde se estabeleceram.

Embora, no processo de pesquisa, a produção bibliográfica sobre imigração italiana tenha se constituído de forma ampla e grandiosa, não é intenção aprofundar a diversidade de interpretações existentes sobre o assunto, mas sim, as memórias, as representações³⁶, o cotidiano o universo simbólico do grupo formador da Colônia Bella Vista, já que essa colônia não está referenciada na historiografia paranaense sobre imigração³⁷. Existem trabalhos acadêmicos referentes à imigração italiana paranaense, mas nenhum deles faz referência a Colônia Bella Vista formada no interior de Imbituva/Pr.

Com a falta de historiografia da Colônia e com a fonte de arquivo escassa, o trabalho da fonte oral mostrava-se um excelente material para encontrar as respostas que desejávamos. Nas interações e conversas com os descendentes dos imigrantes italianos, eles mostravam-se

³⁴ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 171.

³⁵ A expressão “invenção” é emprestada de Eric Hobsbawm e T. Ranger. HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. A expressão “invenção das tradições” é utilizada pelos autores no sentido das tradições propriamente inventadas e institucionalizadas, como aquelas que surgem repentinamente e da mesma forma se estabelecem, permanecendo tal como as outras. Como exemplo, podemos citar as Festas Italianas, como a Festa da Polenta, que nem sempre ocorriam na Itália, mas que no Brasil teriam sido criadas como uma prática simbólica de continuidade de um passado histórico apropriado.

³⁶ A representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente, substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória, de “pintá-lo” como é. CHARTIER, Roger. op.cit. p. 184.

³⁷ Muitos livros da historiografia tradicional paranaense fazem referência a Imigração Italiana no Paraná, como a obra MICHAELE, Faris Antonio S. op. cit, mas neles não consta a Colônia Bella Vista neste contexto. Uma das poucas obras que faz referência a esta colônia é a de MOLETTA, Susete. op.cit.

desejosos de falar e narrar sobre as histórias dos imigrantes italianos e do cotidiano de seus antepassados. Gostaram de narrar e falar dos “tempos antigos” dos colonos italianos³⁸. Algumas lembranças eram restritas para esses descendentes, não totalmente definidas; por isso não foi possível considerá-las “memória totalmente coletiva” para a comunidade. São recortes de lembranças, fragmentos de memória, pois se trata da segunda, terceira e possivelmente até a quarta geração destes imigrantes. Algumas lembranças dos entrevistados confrontam-se e os dados são iguais, outras são totalmente diferenciadas; por isso, o cuidado para não desvincular os depoimentos e entrevistas das fontes primárias escritas, tais como: relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná pelo Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria, no ano de 1912, após visitar a Colônia do Imbituva, os relatórios dos Presidentes de Província, a relação de imigrantes que entraram em diversas hospedarias do Paraná de 1885-1900 do Arquivo Público do Paraná, bem como, certidões de nascimento, batismo e casamento dos imigrantes e seus descendentes, documentos de terras na Colônia Bella Vista e jornais oficiais do Paraná, como o jornal – A República.

Utilizando-se da metodologia de pesquisa da história oral, mas não desvinculando das fontes primárias, procuramos compreender a memória familiar, o papel da família na transmissão da memória para seus descendentes. Levantamos histórias, baseadas em entrevistas e, em cada família, procuramos entrevistar membros de duas gerações que residem na Colônia Bella Vista, nas comunidades que se formaram em decorrência desta colônia ou de gerações que saíram da colônia e se dirigiram para as cidades próximas.

Como afirma Lucena³⁹, “a história oral fornece ao historiador oportunidades de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva, pelo fato de as fontes orais dizerem respeito à memória”. Isto quer dizer que a arte de lembrar é sempre um ato individual, mas que está moldado pela formação de um grupo e de um meio social. Por isso, as representações são muito importantes também quando se utiliza da história oral, pois elas vão trazer à tona a experiência das pessoas comuns, o modo como em diferentes tempos e espaços uma determinada realidade social é construída.

³⁸ Os tempos antigos se referem ao início da colonização da Colônia Bella Vista e das comunidades que se formaram ao redor desta colônia. Colonos italianos eram chamados os imigrantes que formaram a colônia, os primeiros casais com seus filhos que vieram morar nesta localidade.

³⁹ LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. p. 23.

É dessa forma que os imigrantes italianos criaram sua região simbólica na Colônia, pois através de suas práticas cotidianas, suas tradições, eles impuseram sua concepção de comunidade e seus domínios econômicos, sociais, religiosos e culturais ao grupo em questão.

Ao narrar seus acontecimentos, os descendentes de imigrantes, utilizam-se das lembranças narradas pelos seus antepassados e, recorrendo ao passado, constroem representações e transformam ideias e imagens em realidade. O ato de recordar possibilita ao sujeito que lembra identificar-se com suas próprias histórias. As memórias são compostas da multiplicidade de imagens que constituem vários passados, de acordo com as exigências do presente. Elas vão e vem de acordo com a solicitação que os indivíduos fazem no presente, no momento do ato de recordar-se.

O que caracteriza a fonte oral enquanto viva e incompleta, são as infindáveis histórias de vida dos imigrantes, carregadas de subjetividade, mas que não são exatamente as representações do passado, porque são adaptadas às reinterpretações atuais, ou seja, ajustadas às atuais identidades de seus descendentes. Os sonhos, imaginações e realidades misturam-se na narrativa histórica, de forma que, as imagens do vivido e da memória podem se aproximar e ao mesmo tempo afastar-se da objetividade.

Numa pesquisa com história oral as narrativas se mesclam em relatos da vida pessoal e do grupo, ainda mais quando se trabalha com os descendentes, onde eles escutam ou imaginam que seus antepassados viveram daquela forma. Cada entrevistado ou depoente, ao recordar o momento vivido, faz uma reinterpretação pessoal ou grupal do vivido, mas também traz à tona aspectos desconhecidos e de muito significado para a interpretação histórica.

Com a utilização da história oral, da narrativa, da construção da identidade italiana do grupo formador da Colônia Bella Vista e do significado de “região” enquanto espaço socialmente construído, é que pensamos a formação da colônia enquanto grupo social. Esperamos contribuir para o debate sobre as práticas cotidianas, sociais e culturais dos imigrantes na constituição de regiões através do diálogo com o campo da História e da Imigração Italiana.

CAPÍTULO I

DAS ALDEIAS DA ITÁLIA AO BRASIL – a história dos imigrantes

*Andaremo in Mèrica
 In tel bel Brasil
 E qua I nostril siori
 Lavorarà la terà col badì!!!
 Canto Contatino, Veneto⁴⁰.
 (Iremos para a América
 para o belo Brasil
 e aqui os nossos patrões
 trabalharão a terra com o arrado!!!).*

A epígrafe inicial enfatiza um elemento fundamental para a grande emigração da Itália - a busca de uma nova terra, o Brasil, para o trabalho (lavorarà). A segunda metade do século XIX foi marcada por um processo de repulsão da Itália e de atração de imigrantes ao Brasil, o que ocasionou uma grande mudança nas formas de trabalho nesse país. Nessa direção, o objetivo deste capítulo é discutir como a história dos imigrantes italianos se entrelaça com a Colônia Bella Vista nas décadas finais do século XIX. Para isso, discutiremos os fenômenos ligados ao êxodo dos camponeses do norte da Itália, mais especificamente da região do Vêneto, a política imigratória no Brasil nesse período e o estabelecimento da colônia Bella Vista em Imbituva, e como os imigrantes italianos viveram esse processo de mudança de sua terra natal, como foram influenciados pelo discurso regional e da colonização dirigida do Estado do Paraná e através de que ações sociais e culturais construíram uma comunidade de italianos em Imbituva.

Mesmo que a formação desta colônia esteja relacionada ao contexto da política imigratória do Estado do Paraná, ela pode ter elementos diferenciados em sua constituição. Nossa intenção é responder como eles reagiram ao contato com um território totalmente diferente daquele onde viviam e como reagiram também em contato com outros brasileiros ou mesmo estrangeiros que neste espaço já haviam se estabelecido. Quais recursos de suas disposições adquiridas (de seu *habitus*) os italianos mobilizaram frente às dificuldades que viveram quando se instalaram nesta colônia, e de que diferentes formas o fizeram? Ao responder essas questões, iremos nos deparar com o que Bourdieu⁴¹ percebia na sociedade: que os sujeitos incorporam

⁴⁰ ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente*. Os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 17. Dialeto italiano. Tradução feita por Fabio Scarpim.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. op.cit.

elementos simbólicos sem perceber, quase que de forma inconsciente, os códigos, os signos, os hábitos e os alicerces que governam o mundo dos pensamentos e ideias.

Não cabe neste estudo a análise profunda das diversas produções historiográficas sobre a imigração e colonização do Paraná realizada por vários historiadores de renome. No entanto, é necessário destacar que muitos destes estudos preservam uma memória oficial da imigração com destaque para a colonização dirigida pelo governo, em grande medida construída por uma historiografia oficial, política, que tende a pensar a região como categoria imutável, natural. Na maioria dessas obras, a história encontra-se repleta de sofrimentos, frustrações, falsas promessas e isolamento mostrando que os italianos venceram tudo pelo trabalho e pela forte religiosidade que possuíam. Os sofrimentos vividos por eles são subtraídos das narrativas e acabam como vencedores, como “laboriosos e morigerados”. Através deste discurso, todos obtiveram sucesso absoluto. Mas precisam-se quebrar os mitos, mostrar as estratégias criadas pelos imigrantes para adaptarem-se aos novos espaços e às regiões de sentido construídas através de suas práticas sociais, para sobreviverem e construírem uma nova vida em um espaço geográfico e social totalmente diferente do que tinham na Itália. A intenção desta pesquisa, portanto, é a visibilidade histórica da Bella Vista enquanto colônia não oficial, constituída fora dos padrões estabelecidos pela imigração estadual, como espaço de reimigração, com dinâmica própria, formando uma região de sentido através de suas práticas sociais e culturais.

1.1 – A Imigração para o Brasil no Século XIX

Inicialmente é necessário destacar que os imigrantes italianos da Bella Vista foram emigrantes, imigrantes e migrantes⁴² ao mesmo tempo. Eles tornaram-se emigrantes ao saírem da Itália, mais especificamente da região do Vêneto, imigrantes ao virem para o Brasil e entrarem no porto do Rio de Janeiro, e migrantes ao se deslocarem de colônias ao redor de Curitiba para Santo Antônio de Imbituva, formando a colônia Bella Vista em 1896.

Ser emigrante, imigrante e migrante vem acompanhado de dimensões diferentes. De um lado, quando parte deixando para trás seu continente, distancia-se cada vez mais de suas raízes;

⁴² Ser *emigrante* é alguém que, vindo de fora, de outro país, entra no Brasil para nele viver. Ao fazer este movimento deixa para trás um tipo de vida e tudo o que ela envolve e parte para o novo, o desconhecido. Ser *imigrante* é viver num novo país e trazer consigo uma carga diferente e diferenciada que o obriga a pensar-se como o outro, a ter que se adaptar/readaptar. Ser *migrante* é deslocar-se de um local ao outro, dentro do mesmo país ou estado.

por outro lado, quando é forçado a inserir-se em outras terras, em outro ambiente geográfico, é obrigado a adaptar-se a um novo contexto econômico, social e outra tradição cultural.

Para uma melhor compreensão dos motivos da formação da colônia Bella Vista em território paranaense, primeiramente é necessário rever alguns fatores condicionantes nas suas histórias antes do ato de emigrar para o Brasil. Como era a situação econômica, social e política da Itália no século XIX? O que provocou o grande fluxo emigratório no final daquele século.

De acordo como Marochi⁴³, fatores como o forte crescimento demográfico, a concentração de terras nas mãos de grandes latifundiários, a concorrência desleal dos produtos agrícolas no mercado interno, o endividamento de pequenos proprietários rurais, as perseguições políticas em alguns países, o aumento dos impostos, a mecanização das lavouras, o avanço tecnológico das indústrias que levou ao desemprego em massa, foram às principais razões que levaram muitos europeus a emigrarem para as Américas. Com as transformações ocorridas nos países europeus, principalmente o grande aumento demográfico, a Europa entre os anos de 1830 e 1930, expulsou mais de 50 milhões de pessoas para a América.

Migrações transoceânicas, êxodo rural, industrialização e urbanização acelerada estão interligadas neste processo da emigração. A procura de trabalho, o desejo de conseguir um pedaço de terra para plantar tornava a América, a Austrália e outras regiões do mundo o centro das atenções para muitos grupos que viviam em estado de pauperismo na Europa.

Também podemos considerar os problemas políticos e as unificações da Itália e da Alemanha, na segunda metade do século XIX, como facilitadoras do crescimento emigratório, principalmente para a América. Essas emigrações foram facilitadas pela oferta de trabalho e de terras pelos governos da América do Norte e do Sul, e também pelo desenvolvimento dos meios de transporte, a navegação a vapor e as estradas de ferro.

Para os países de emigração, esse deslocamento correspondeu a um processo de

[...] expansão das relações capitalistas de produção que, na agricultura, expropriou os camponeses e, nas cidades, expropriou artesãos. A mudança dos processos de trabalho, no sentido da montagem das manufaturas e da indústria, provocou a criação de uma superpopulação relativa, que precisava buscar, no espaço mundial, fontes de trabalho e de renda.⁴⁴

⁴³ MAROCHI, Maria Angélica. *Imigrantes 1870-1950: os europeus em São José dos Pinhais*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006. p. 19.

⁴⁴ SANTOS, José Vicente T. dos. Cantineiros e colonos: a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: LANDO, Aldair M. et.al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 136.

De acordo com Petrone⁴⁵, segundo um quadro publicado em *Imigração e Colonização no Brasil* por J. Fernando Carneiro em 1950, entraram no Brasil entre 1820 a 1929, 4.492.702 imigrantes; e até 1947 seria um total de 4.903.991 imigrantes.

Mostramos a seguir um quadro comparativo do número de imigrantes europeus que entraram no Brasil a partir de 1850 quando o fluxo migratório tornou-se realmente significativo, de acordo com Petrone.⁴⁶

ANO	NÚMEROS
1850	117.000
1880	527.000
1890	1.200.000
1900	649.000
1910	766.000
1920	846.000

Podemos observar no quadro exposto que na década de 1890 ocorre o maior número de entrada de imigrantes no Brasil. Desses grupos migratórios podemos identificar as seguintes nacionalidades entre os períodos de 1884 a 1933: italianos⁴⁷, alemães, espanhóis, japoneses, portugueses, sírios e libaneses e outros. Em torno de 49 anos a entrada de estrangeiros no Brasil foi de 4.055.412, dos quais 1.401.335 eram italianos, de acordo com dados do IBGE⁴⁸.

Deste total de imigrantes, 55% ficaram em São Paulo, pois, de acordo com Marochi⁴⁹, a forte propaganda das companhias e agentes migratórios, financiados pelos fazendeiros do café, empenhou-se em trazer trabalhadores livres para o trabalho em suas fazendas, onde a mão de obra escrava foi sendo extinta gradativamente até a abolição da escravidão no ano de 1888.

É importante destacar que a política migratória brasileira, segundo Iotti⁵⁰, na maior parte das vezes, variou entre a colonização e a importação de braços para as lavouras do café, ora enfatizando uma, ora enfatizando a outra, de acordo com os interesses do grupo que estava no

⁴⁵ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Imigrante e a Pequena Propriedade (1824-1930)*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 11.

⁴⁶ Ibidem, p. 12.

⁴⁷ A chegada dos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista no Paraná foi de 1877 a 1896, fase da entrada do maior número de imigrantes no país.

⁴⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados retirados de tabela montada por aquele órgão.

⁴⁹ MAROCHI, op.cit. p.21.

⁵⁰ IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010. p. 15.

poder. Para a autora, no período de governo de D. Pedro I, a política estava centrada em promover a vinda de europeus com destaque para os pequenos proprietários, sendo estes financiados pelo governo. Mas para os proprietários rurais, principalmente os cafeicultores paulistas, grandes latifundiários, essa política contrariava seus interesses, pois não queriam a formação de colônias onde os colonos fossem ao mesmo tempo trabalhadores da terra e proprietários da mesma. Para eles, interessava a vinda dos imigrantes, apenas como mão de obra para os cafezais.

Como manobra para acabarem com a colonização, os políticos brasileiros, representados pelos grandes proprietários no Parlamento, em 15 de dezembro de 1830, através da Lei do Orçamento, suspenderam “os créditos para a colonização estrangeira, na medida em que tornou impossível qualquer nova tentativa e colocou em perigo as colônias já existentes”.⁵¹ Com a abdicação de D. Pedro I em 1831, assim como toda a fase do Período Regencial, “a política imigratória subvencionada pelos cofres públicos, baseada na implantação de núcleos coloniais, foi abandonada. Esse período representou a vitória dos latifundiários que se opunham à colonização, por considerá-la dispendiosa e sem interesse para os brasileiros”⁵².

Uma parte de políticos favoráveis à manutenção da imigração, em 1834, propunha que o assentamento de imigrantes não deveria ser de responsabilidade apenas do governo central, mas também em conjunto com as províncias. Esta parceria permitiu o ingresso de novas levas, sendo que o pequeno número de indivíduos que entrou no país, a partir de 1836, foi dirigido às colônias organizadas pelos governos de algumas províncias, ou, como foi o caso de dois exemplos no Paraná, sob a iniciativa particular. Em 1847, o médico francês João Maurício Faivre fundou a Colônia Thereza, às margens do Ivaí, com imigrantes franceses, e, em 1852 uma colônia no Superaguy, em Guaraqueçaba, reunia colonos suíços, franceses e alemães, organizados por Carlos Perret Gentil.⁵³

Um das primeiras medidas imperiais ocorreu com a promulgação da Lei n.º 514, de 28 de outubro de 1848 (art. 16º)⁵⁴, que concedia terras devolutas às províncias e

⁵¹ LAZZARI, Beatriz Maria. *Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 49.

⁵² *Ibidem*, p. 33.

⁵³ BALHANA, Altiva Pilatti. et al. *História do Paraná*. v.1. Curitiba: Grafipar, 1969. p.06.

⁵⁴ Art.16.- “A cada uma das Províncias do Império ficam concedidas no mesmo, ou em diferentes lugares de seu território, seis léguas em quadra de terras devolutas, as quais serão exclusivamente destinadas à colonização, e não poderão ser roteadas por braços escravos. Estas terras não poderão ser transferidas pelos colonos enquanto não

representava uma nova tentativa de dividir com os governos provinciais a tarefa da colonização, e obteve melhores resultados. A partir dessa data, as colônias oficiais se dividem em: imperiais e provinciais. Tem início, então, um período administrativo marcado pelo conflito em busca de definições de competências entre uma e outra esfera de poder, ou seja, a geral e a local.⁵⁵

A falta de recursos dos governos provinciais fez com que a imigração tivesse o incentivo de particulares e de companhias de colonização. Em função disso, de 1840 a 1850, foram organizadas vinte colônias, sendo que dessas, 33% eram imperiais e 67% particulares⁵⁶. Os interesses regionais de colonização foram contemplados pela Lei de 1848, do governo imperial. É a partir deste momento que acontecem as grandes ondas imigratórias para São Paulo, atendendo as elites regionais, seja pela necessidade de mão de obra ou pela democratização do acesso a terra.

Duas novas Leis contribuíram para que a iniciativa da imigração fosse ainda mais controlada pela iniciativa privada. A Lei n.º 581, de 4 de setembro de 1850, proibindo o tráfico e a entrada de escravos no território brasileiro e a Lei n.º 601, ou Lei de Terras, promulgada no dia 18 de setembro de 1850, regulamentada quatro anos depois. Por esta lei as antigas terras sem donos deixariam de ser devolutas, passando todas para administração do governo e o acesso a elas somente aconteceria mediante sua compra. Transformou a terra em mercadoria e criou a Repartição Geral das Terras Públicas.⁵⁷

A partir da Lei de Terras de 1850, as terras devolutas⁵⁸ só podiam ser adquiridas por meio da compra, dificultando as pretensões dos imigrantes mais pobres. Como a maior parte dos europeus desembarcados no Brasil não tinham recursos restava-lhes a alternativa do trabalho nos latifúndios cafeeiros. Sendo assim, a maior parte dos imigrantes que entraram no Brasil entre 1850 e 1918 foram dirigidos para São Paulo.

estiverem efetivamente roteadas e aproveitadas, e reverterão ao domínio Provincial se dentro de cinco anos os colonos respectivos não tiverem cumprido esta condição.” (*apud* IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e colonização: legislação de 1747-1918*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS; Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 108).

⁵⁵ IOTTI, op. cit., p. 46.

⁵⁶ GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: Educs, 1996. p. 20.

⁵⁷ IOTTI, op. cit., p. 47.

⁵⁸ De acordo com o artigo terceiro desta lei, devolutas eram todas as terras não utilizadas pelo uso público nacional, provincial ou municipal, como também todas aquelas que ainda não se achavam no domínio particular, isto através de qualquer título legítimo, ou doação de sesmarias. MAROCHI, op. cit., p. 21.

As companhias que promoviam a emigração, desde meados do século XIX, encaminhavam imigrantes, sobretudo alemães, italianos, espanhóis, poloneses e ucranianos para ocupar pequenas propriedades em colônias, principalmente no sul do Brasil. A pequena propriedade imigrante foi estabelecida em zonas recobertas por florestas, em torno de cidades do litoral e do primeiro planalto. Com isso houve um intensivo processo de instalação de colônias na Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, no vale do rio Itajaí, em Santa Catarina e no vale do rio Iguaçu, no Paraná, sendo estas diferentes do rumo que tomou a imigração em São Paulo.

Para os grandes fazendeiros era interessante dar aos imigrantes as terras dos sertões, principalmente no sul do país, distantes das estradas e ainda não aproveitadas economicamente. Várias colônias foram criadas em locais de difícil acesso, onde a sobrevivência era algo impraticável. Dessa forma, muitas destas colônias não deram certo devido ao grande isolamento, fazendo com que muitos imigrantes repatriassem para seus países de origem ou migrassem para outras colônias mais próximas das cidades já existentes.

No período compreendido entre 1874 e 1889, ocorreu o fortalecimento do fluxo imigratório, sobretudo italiano, principalmente para regiões do sul do país e do Espírito Santo. Foram concedidos vários favores especiais aos imigrantes com a finalidade de escolherem vir para o Brasil e não se dirigirem para outros países latino-americanos. Também, neste período, foram concedidos vários atos legislativos que favoreciam a imigração e colonização do sul do Brasil.

Neste contexto podemos inserir os imigrantes italianos da Bella Vista que foram enviados pelo governo para as colônias próximas a Curitiba entre 1877 e 1890, sendo que mais tarde, no ano de 1896, em busca de um lugar para ter sua própria terra, se dirigem para um local ainda mais no interior, Santo Antonio de Imbituva, compram terras do governo e formam a Colônia em estudo.

Com a possibilidade de transformarem-se em proprietários de terras, os imigrantes vinham cada vez mais para o Brasil e migravam pelas regiões do sul, facilitando também a entrada da iniciativa privada neste empreendimento já que a terra tinha sido transformada em mercadoria, quanto mais imigrantes entrassem no país, maior era o ganho das companhias de imigração, que investiam cada vez mais neste negócio lucrativo. Petrone⁵⁹ ressalta o lucro obtido pelas companhias de imigração com esta atividade.

⁵⁹ PETRONE, op. cit., p. 37.

Inúmeros são os exemplos nos três estados sulinos em que particulares ou sociedades lançaram-se a organizar núcleos coloniais. Obtinham a terra a baixo custo do Estado ou de particular, e dividiam a área em lotes e os vendiam aos imigrantes. Além do lucro proveniente da venda dos lotes, em geral asseguravam para si algumas atividades mais lucrativas como, por exemplo, o comércio, além de manterem em seu poder bom número de lotes que só eram vendidos mais tarde, quando o trabalho do imigrante já iniciara a valorização fundiária.

Os cafeicultores paulistas também disputaram as levas de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil, principalmente de italianos, a partir de 1884. Essa disputa ocorreu devido à necessidade de braços para as lavouras de café em expansão de São Paulo.

O movimento migratório em direção ao Brasil, sendo ele para o Centro-Sul ou para o Sudeste foi incentivado ainda mais e, de forma geral, o período de 1889 a 1914 caracterizou-se pela crescente participação do setor privado no empreendimento colonial; tanto que, nesses anos, foram criadas 102 colônias, sendo que 84 eram particulares, 16 federais e 2 estaduais.⁶⁰

Depois da Proclamação da República em 1889, ainda durante o governo provisório, foram publicados diversos atos legislativos visando atender os interesses da imigração. Vários decretos favoreceram a continuação da política migratória do Império. Durante o período de 1907 a 1914, apesar da intervenção do Governo Federal, o processo de imigração continua vinculado à administração do Governo Estadual.

As pessoas ao saírem da Europa e se aventurarem ao Brasil, em todo este processo de imigração, tinham como principal objetivo ter acesso à propriedade da terra. Mas como se dava esta aquisição ou compra da terra no Brasil? Como se processavam os pagamentos referentes a essa terra? Para responder a estas questões nos baseamos no Decreto nº 3.784 de 19 de janeiro de 1867.

Por meio deste decreto, o governo concedia aos colonos, entre outros favores, o pagamento das terras em cinco prestações, a contar do fim do segundo ano de seu estabelecimento (art. 6º.), lotes para os filhos maiores de 18 anos, que quisessem se estabelecer separadamente dos pais (art.7º.); edifício especial para abrigar os colonos recém-chegados e um auxílio gratuito de 20\$000 réis para seu estabelecimento (art.30).⁶¹

⁶⁰ GIRON, op.cit., p. 51.

⁶¹ OLIVEIRA, Oris de. A tutela do imigrante. *Emigrazione europee e popolo brasiliano*. Atti Del Congresso euro-brasiliano sulle migrazione (1985: São Paulo). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987. p. 84-85.

Aumentando o valor das terras e dificultando a sua aquisição, os políticos brasileiros sustentavam que as terras não deveriam ser doadas, fazendo com que os imigrantes alugassem seu trabalho por algum tempo, até que pudessem se tornar proprietários das mesmas.

Com o fim do Império em 1889 e o início da República, o governo continuou incentivando a vinda dos imigrantes para povoar as regiões de pouca densidade demográfica e para trazer braços para a lavoura cafeeira ainda em ascensão. Nesse período em questão, destaca-se a publicação de diversos atos legislativos visando atender aos interesses da imigração. Mas por outro lado, também o governo estabelece quem pode entrar no país ou quem deve ser impedido. A grande preocupação do governo era atrair trabalhadores agrícolas, mas com restrição aos africanos pois, como escravos eram considerados aptos ao trabalho, mas como trabalhadores livres e proprietários de terras eles eram indesejáveis.⁶²

Essa preocupação em excluir os negros e ex-escravos no projeto de povoamento do Brasil em pequenas propriedades de terras, faz parte de uma política do governo de branqueamento da população e da desvalorização do trabalho manual que a presença do escravo exerceria, segundo Petrone⁶³.

Temia-se que o imigrante fosse atingido pela idéia, muito difundida na sociedade escravocrata brasileira, de que o trabalho manual, o trabalho na terra, em vez de enobrecer, como pregava a ideologia camponesa européia, aviltava, e que nenhum branco que se prezasse devia dedicar-se a ele. [...] Um cônsul suíço na Bahia, em relatório de 1843, dirigido à Sociedade Suíça do Bem Comum, deixa essa idéia bem clara: “Em consideração da funesta influência da escravatura, não se deve permitir a colono algum a compra de escravos, nem o servir-se com escravo alugado, emprestado, etc. O melhor seria incontestavelmente o proibir que nenhum escravo, preto ou de cor, mesmo negro liberto, pudesse morar na colônia”.

Percebe-se grandemente um preconceito quanto aos escravos ou pessoas de cor em morar nas colônias que seriam formadas por imigrantes europeus. Essa prática ficou muito visível, pois com a Lei de 1848, na qual o governo central concedia a cada província 36 léguas quadradas de terras devolutas destinadas à colonização, ficava explícito que não poderiam ser destinadas a braços escravos ou pessoas de cor. Também no final do século XIX, além de excluírem

⁶² Convencionou-se chamar essa prática de “imigração branca”, onde somente etnias européias eram aceitas, excluindo-se a etnia africana, chineses ou asiáticos. Sobre isso consultar a obra de: SEYFERTH, Giralda. Imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

⁶³ PETRONE, op. cit., p.39.

explicitamente os africanos de qualquer programa de imigração e colonização, também ocorreu a recusa de chineses e asiáticos.

Outra preocupação do governo republicano era oferecer também condições e benefícios aos brasileiros, ou seja, aos nacionais. Dessa forma ele oferecia as mesmas condições dos imigrantes para os brasileiros que se instalassem nas colônias.

Art. 42. Sobre o número total das famílias de immigrants que forem localizados, poderão ser admittidos 25 % de nacionaes, comtanto que sejam morigerados, laboriosos e aptos para o serviço agricola, os quaes terão direito aos mesmos favores concedidos áquellas.⁶⁴

Dessa forma, a política imigratória foi direcionada principalmente para aumentar cada vez mais o fluxo imigratório da Europa para o Brasil no final do século XIX, pelo Governo Federal, Estadual e pelas Companhias de Imigração.

Podemos perceber a entrada dos imigrantes no Brasil através da tabela 1, por décadas, onde verificamos um maior número de imigrantes nas décadas de 1890 a 1899, sendo que o grupo imigratório em maior número é o italiano, seja ela subvencionada pelo governo ou por companhias particulares. É neste contexto que encontramos o grupo imigratório de nosso estudo, os italianos da colônia Bella Vista, colonos agricultores interessados em buscar no Brasil a oportunidade de ter mais terras, tornando-se proprietários para melhorar suas condições de vida.

TABELA 1: ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL POR DÉCADA

Décadas	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Oriente Médio	Outros	TOTAL
1880-1889	104.690	277.124	30.066	18.901	-----	-----	17.841	448.622
1890-1899	219.353	690.365	164.293	17.084	-----	4.215	103.017	1.198.327
1900-1909	195.586	221.394	113.232	13.848	861	26.846	50.640	622.407
1910-1919	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	38.407	85.412	815.453
TOTAL	838.110	1.327.051	489.242	75.735	28.293	69.468	256.910	3.084.809

Fonte: Adaptado a partir de: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

⁶⁴ BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao>. Acesso em: 20/08/2014.

A procura da terra era uma constante entre os imigrantes italianos. Ter uma pequena propriedade era o principal objetivo destes imigrantes. Às vezes, tornavam-se independentes em atividades urbanas, mas muitos morreram como assalariados nas fazendas de café.

1.2 – A Grande Emigração Italiana: os fatores da expulsão

Segundo Bertonha⁶⁵, entre 1870 a 1970, cerca de 26 milhões de pessoas deixaram a península itálica para viver em outros países, número igual à população da Itália em 1870. Claro que muitos retornaram ao seu país de origem após as condições sofridas com a emigração, mas, em torno de 7 a 8 milhões nunca mais voltaram à Itália e permaneceram como imigrantes em outros países, principalmente o Brasil.

O ato de emigrar na Itália era uma constante entre o povo italiano, pois com a proximidade do mar mediterrâneo e uma boa parte do território coberto por montanhas que dificultava a obtenção de recursos naturais, era necessário buscar trabalho em outras planícies ou cidades como um mecanismo de sobrevivência econômica. Era um fenômeno constante entre o povo italiano e não apenas em momentos difíceis de pobreza ou fuga da fome. Não era algo desconhecido do povo italiano que sempre atravessava as fronteiras nacionais em busca de trabalho nas colheitas e nas obras públicas de outras nações.

Para Franzina⁶⁶, na Itália e particularmente na região do Vêneto, a população rural, fazendo parte de um movimento migratório, saiu de suas terras e se envolveu num processo de modificação capitalista dos campos. Segundo esse autor, entre os anos de 1876 e 1901, emigraram da Itália quase 6 milhões de cidadãos e a região do Vêneto foi a que ofereceu o núcleo maior do fluxo imigratório italiano considerado a terça parte da emigração nacional, e foram, sobretudo, as massas camponesas que deram a contribuição mais notável ao movimento migratório geral.

Além deste contexto econômico e geográfico, também podemos identificar a questão política, uma vez que a Itália, antes de 1870, não era um país unificado.

⁶⁵ BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81.

⁶⁶ FRANZINA, Emilio. *A Grande Emigração – o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 81-84.

Segundo Frosi⁶⁷, que escreve com detalhes a situação político-econômica do Norte da Itália no século XIX:

Em 1870, terminavam as lutas da unificação italiana com a conquista de Roma.[...] O forte domínio da Áustria, no centro-norte da península itálica, esmagou, em momentos sucessivos, os movimentos de insurrecionistas (1820 e 1831). A primeira etapa efetiva a caminho da unificação iniciou-se em 1848 com a Revolta do Piemonte contra os austríacos, ainda que a repressão por parte da Áustria tenha sido imediata. O Piemonte, centro das lutas liberacionistas, conseguiu a primeira vitória contra o Império Austro-Húngaro somente em 1851, assegurando-se a Lombardia. Sob o estandarte do rei Vítor Emanuel do Piemonte, em 1860 a Toscana e a Emília-Romanha foram anexadas à causa da unidade italiana. Com o advento de Giuseppe Garibaldi, no mesmo ano parte dos Estados Pontifícios e o Reino das Duas Sicílias (que representava todo o sul da península) passaram a fazer parte do Reino da Itália. Em 1866, foi anexado o território da Veneza, atual Vêneto e Friuli-Veneza Júlia. Finalmente, em 1870 completou-se a unificação com a conquista de Roma ao domínio papal. [...] A unificação da Itália, ao invés de dar solução aos problemas socioeconômicos da Itália, veio para agravá-los. O ideal político dera forma a uma nova nação. [...] as forças partidárias internas deixaram transparecer ainda uma instabilidade que exigiria novos esforços de integração. [...] A unificação política não destruiu o fenômeno escravista de uma economia tradicional e ultrapassada.⁶⁸

Podemos identificar que a Itália após sua unificação continuou com características predominantemente agrícolas, dependente de muitos latifundiários e poucas indústrias, com exploração da mão de obra operária e agrícola. Se a Itália tivesse reformulado seus estatutos de terra, e tivesse se formado como uma nação com uma agricultura baseada em pequenas propriedades de terras, os movimentos migratórios principalmente do Norte da Itália, em fins do século XIX, talvez não tivesse registrado as proporções em que ocorreram.

Para Frosi, “a situação política de instabilidade, colocaram vênetsos, lombardos e trentinos numa posição em que a maior segurança adviria da opção pela saída do solo pátrio, em busca de outras terras onde os esquemas socioeconômicos vigentes não fossem tão díspares quanto na Itália”⁶⁹.

Portanto, a emigração não foi um processo de aventura, mas sim de necessidade e de sobrevivência diante das difíceis e duras condições vividas no norte e sul da Itália. Para os italianos destas regiões, a emigração tornava-se uma forma de amenizar os males sociais que viviam. Os italianos pobres desse período, de certa forma, se tornaram mercadorias, eram

⁶⁷ FROSI, Vitalina Maria. *Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade italo-brasileira*. 2.ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009. p.19.

⁶⁸ Ibidem, p.19-20.

⁶⁹ Ibidem, p. 22.

produtos de exportação que possuíam um valor no mercado de trabalho com a expansão do capitalismo.

Para Herédia⁷⁰, “a emigração de massa que ocorreu na Itália no século XIX respondia ao crescimento demográfico e à diminuição da produção agrícola, que marcaram as desigualdades naquele território”. A crise agrária na Itália fez com que a emigração fosse uma solução para as precárias condições de vida que alguns italianos viviam. Viam, portanto, na emigração um meio de fazer fortuna e ter acesso à terra, sendo a emigração uma forma de representar a estabilidade econômica, uma vez que a terra sempre foi um dos motivos da mobilidade social entre os povos.

Por isso, quando o Governo Imperial brasileiro decidiu povoar terras devolutas no sul do país, houve uma grande receptividade por parte das regiões do Vêneto, Friuli, Calábria e Trentino. Os estudos referentes à emigração calabresa mostram que “o êxodo atinge, essencialmente a sociedade agrária que se traduz como campesina”⁷¹. E assim, em 1875, iniciam-se os grandes movimentos e fluxos migratórios para o Brasil.

Havia na época a propagação das notícias de emigrados que haviam sido bem-sucedidos. “Na primeira década da imigração italiana no Brasil, de 1876 a 1887, entraram praticamente 71.802 migrantes, número que foi alterado de forma expressiva nas décadas seguintes”⁷².

Na voz de homens, mulheres, crianças, o Brasil, ou como se referiam – *in Mérica* – despontava como uma atração e solução para os problemas que enfrentavam. Havia também na cultura e organização camponesa um forte fator de atração comunitária, o que favorecia não emigrarem sozinhos, mas com a família, parentes e vizinhos. Dessa forma, emigrar era sinônimo de *Andare in Mérica*, e principalmente teria sido alimentada por companhias de colonização brasileiras, que criaram nos camponeses uma verdadeira “*smania per emigrare al Brasile*” (mania por emigrar para o Brasil), o que muitas vezes deixava as autoridades provinciais italianas preocupadas, em razão do êxodo em massa ocorrido nas regiões norte da Itália, mas ao mesmo tempo, aliviadas, por representarem o esvaziamento em massa dos pobres da Itália.

A imigração, em parte, para Ianni⁷³, é fruto da falta de solução de problemas internos do Estado italiano que, em virtude do esgotamento das terras, das péssimas relações entre

⁷⁰ HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. (orgs). *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: UFSM, 2010. p. 211-229.

⁷¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina*. Porto Alegre: EST, 1991. p. 67.

⁷² HERÉDIA, op. cit., p. 215.

⁷³ IANNI, Constantino. *Homens sem paz*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. p. 45-83.

trabalhadores e grandes proprietários, das crises agrícolas, da opressão fiscal, do desflorestamento, da política comercial e do serviço militar, entre outros, predisps os italianos à emigração.

Considerando a representatividade dos emigrantes da Itália nos fluxos imigratórios para o Brasil, nas três últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, pode-se identificar uma porcentagem maior dos imigrantes provenientes das regiões no norte do rio Pó, excluindo o Piemonte. Esse fato nos leva a analisar com maior destaque o Vêneto, região de onde saíram os imigrantes que se dirigiram ao Paraná e, posteriormente, a Colônia Bella Vista, em destaque neste estudo.

Vêneto: Com as lutas pela unificação italiana, já mencionada anteriormente, o atual Vêneto, foi anexado ao norte da Itália em 1866⁷⁴. Compreende sete províncias, numa área total de 18.377 km², que, segundo critérios geográficos, pode assim ser dividida:

- a) províncias de planície: Veneza, Pádua e Rovigo;
- b) província montanhosa: Beluno;
- c) províncias de características mistas: Treviso, Vicenza e Verona.

Mapa 01: Região do Vêneto



Fonte: Site Família Lorenzoni.

⁷⁴FROSI, op.cit., p.24.

Segundo Frosi⁷⁵, essa caracterização indicará as causas do maior ou menor fluxo migratório dos habitantes por províncias, uma vez que a agricultura dominante no século XIX e a indústria incipiente se concentravam na região vêneta, especificamente em áreas de planície.

Segundo a mesma autora, um maior êxodo ocorreu da Província de Beluno, seguida por Vicenza, Trento, Treviso e Verona, locais estes de onde se originam os imigrantes da Colônia Bella Vista⁷⁶.

Na narrativa da Sra. Angelina Amábile Alessi, com 85 anos, moradora da Colônia Bella Vista, descendente de terceira geração, seus pais e sogros eram destas regiões mencionadas anteriormente.

Qual é o parentesco da senhora com os imigrantes que vieram da Itália? A senhora teve algum pai, avô? Tenho, o meu sogro e sogra eram da Itália. O sogro não lembro mais se era da Itália. (fala da filha - o nono Chico e a nona Ida eram da Itália). Da Itália, o sogro era. Francisco e Ida Bobato. E daí, o meu pai, o pai dele era da Itália, também que veio, o meu pai e o pai do meu pai.

A senhora lembra o nome dele? Do meu pai?

Do seu avô? Era, esqueci agora do nome do nono Chico. Antonio Alessi ele era.

A senhora sabe de qual região eles vieram?

De lá da Itália? Sabe que ela veio, não sei de onde, mas não sei contar. (filha - a nona Ida o pai dizia que era de Trento).

A senhora tem algum documento, alguma coisa que mostre sobre, que fale sobre esses imigrantes? Não tenho.⁷⁷

Os descendentes dos primeiros imigrantes da colônia Bella Vista sabem que vieram do Norte da Itália, das regiões do Vêneto e de Trento, mas não possuem documentos que comprovem essas afirmações. O que podemos apontar são as falas dos depoentes e os registros de entrada no Porto de Paranaguá e nas hospedarias de Curitiba.

Voltando a questão dos motivos principais desta emigração em decorrência da pobreza e miséria vivida pelos italianos do norte da Itália, o poema *I va in Merica*, do italiano vêneta Berto

⁷⁵ FROSI, op. cit., p.25.

⁷⁶ É muito difícil estabelecer corretamente a procedência dos imigrantes da colônia Bella Vista, mas pela entrada das famílias nos portos paranaenses – passaporte - e as colônias onde foram direcionados em Curitiba, só podemos identificar que a maioria deles é procedente da região do Vêneto, províncias de Vicenza, Trento e Treviso, segundo, MOLETTA, op.cit.

⁷⁷ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). 13min24seg. Vídeo 2 (125424). 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr. Na transcrição das entrevistas foram retirados os vícios de linguagem como o né. As perguntas realizadas pela entrevistadora estão em itálico.

Barbarini, indica algumas razões para ocorrer essa saída de um grande contingente de italianos para o Brasil.

*Fulminadi da um fraco de tempesta
Lérba dei pré par na metá passía
Brusá Le vigne da La malatia
Che no lassa i vilani mai de pésta
Ipotecatto tuto quel Che resta
Col fermento Che Val 'na carestia
Ogni paese El g'á La só agonia
E Le fameie um pelagroso a testa!
Crepá La vaca Che dasea El formaio
Morta La dona a partorir 'na fiola,
Protestá Le cambiale dal notaio,
Uma festa, seradi a l'osteria,
Co um gran pugno batú sora La tola:
'Porca Itália' i bestiema: 'andemo via!'⁷⁸*

*Fulminados por um relâmpago durante uma tempestade,
a erva dos prados em grande parte secas,
queimadas as videiras por doença,
que nunca deixam os camponeses em paz.
hipotecado tudo o que resta,
com o trigo que não vale quase nada,
todo vilarejo sofre a sua agonia
e toda família tem um pelagrosso!
Morta a vaca que dava o queijo,
morta a mulher ao parir a filha,
protestada a promissória pelo tabelião.
num feriado, à noite, fechado na taberna
com um grande murro na mesa:
"Porca Itália", blasfemam, "vamos embora".*

Esse poema expressa um pouco as condições de vida dos camponeses e assalariados da Itália na época da imigração. Os fluxos imigratórios ocorreram entre os anos de 1870 a 1902. A segunda metade do século XIX foi marcada por profundas mudanças na sociedade europeia que afetaram principalmente o grupo que era majoritário naquele momento, ou seja, os camponeses.

No poema identificamos algumas das transformações da natureza ocorridas no norte da Itália: excesso de chuvas, pragas nas videiras e lavouras, escassez nas montanhas e colinas, o preço do trigo muito baixo, levando os camponeses a ter que hipotecar suas propriedades, o que ocasiona uma vida de agonia e miséria.

Esta crise na Itália se explica pela forma como ocorreu a penetração do capitalismo no campo, onde a concentração da propriedade nas mãos de alguns poucos proprietários e as altas taxas de impostos sobre a terra fez com que o pequeno proprietário fosse obrigado a contrair empréstimos, levando-o ao endividamento. Além disso, como destaca Zuleika Alvim, os grandes proprietários, oferecendo seus produtos a preços inferiores no mercado, gradativamente eliminaram a concorrência dos pequenos agricultores obrigando-os a transformarem-se em mão de obra para a indústria nascente.⁷⁹ Também contribuiu para essa imigração em massa⁸⁰ a

⁷⁸ O destaque é meu. O poema foi publicado na obra de BERNARDI, Ulderico. *A Catár fortuna*. Storie venete d'Australia e Del Brasile. Veneza: Neri Pozza, 1994. p. 101-102. A tradução para a língua portuguesa está na obra de ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.17.

⁷⁹ Ibidem, p. 22.

⁸⁰ Em uma primeira fase (1870-1900), deixaram a Itália cerca de cinco milhões e duzentas mil pessoas, em especial os oriundos do Norte da Itália, com ênfase para o Piemonte e Vêneto. Em um segundo momento (1900-1915), mais oito milhões e setecentas pessoas partiram, com vênnetos, lombardos e piemonteses, continuando a emigrar em

expansão demográfica e a impossibilidade da economia italiana absorver toda essa população. Nesse sentido, as regiões do Vêneto, mais especificamente as pequenas propriedades, tornam-se sinônimo de pobreza e miséria socioeconômica.

Além das catástrofes naturais, outros fenômenos acompanhavam o cenário de miséria entre os italianos: a peste, as doenças, a má alimentação e as péssimas condições de higiene. Segundo Roselys Santos⁸¹, a dieta de toda a população do norte pautava-se, sobretudo, na polenta. O pão de farinha de trigo era quase inacessível pelo seu alto preço, e o macarrão e a carne, eram um luxo poucas vezes permitido. A busca por comida era tão desesperadora que as pessoas chegavam a disputar carne estragada.

Percebemos, portanto, que a miséria social e econômica vivida pelos pequenos proprietários camponeses na Europa e principalmente na Itália, leva um grande contingente de pessoas a emigrarem para a América, pois eles sofrem com a perda de suas propriedades, de seus pertences, mas também de seus familiares, como mostra o poema anterior: *“morta a vaca que dava o queijo, morta a mulher ao parir uma filha”*.

Esses camponeses resistiram a todas as provações que puderam para permanecer em seu território. Enquanto as estruturas agrárias das grandes propriedades se mantêm, os pobres dos campos não abandonam levemente o seu território. As famílias camponesas proletarizadas, mostram um forte enraizamento ao seu habitat, que as leva, apesar da miséria, a preferi-lo a ter que deixá-lo.⁸² A migração só era bem sucedida quando se possuíam recursos para investir; por isso, são as camadas mais abastadas que emigram para as cidades, sendo que as mais pobres se instalam em outras aldeias da região. Segundo Santos⁸³:

Os estudos sobre a origem social da população rural que então aflui às cidades da Itália setentrional e central provam que os grandes centros se mostram mais hospitaleiros para com os grupos abastados do que para com os pobres. [...] vemos que as populações envolvidas no processo migratório são sobretudo constituídas pelos elementos mais activos e detentores de certos recursos materiais, e não pelos miseráveis a quem tudo falta. Esta tendência, que se vai consolidando nas ulteriores etapas da evolução urbana, faz que o afluxo da população rural imigrada equivalha de certa forma a um afluxo à cidade dos bens materiais acumulados no campo.

grandes números; mas com os meridionais (sicilianos, calabreses, napolitanos) assumindo a primazia. Ver: BERTONHA, João Fábio. Op. cit., p. 88. Com relação aos imigrantes da Colônia Bella Vista, não foi possível identificar o número correspondente a essa imigração, apenas que a maioria das famílias é oriunda da região do Vêneto e Treviso.

⁸¹ SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida*. Emigração italiana: Mito e realidade. Itajaí: Univali, 1998.

⁸² Ibidem. p.76.

⁸³ Idem.

Mesmo migrando para as cidades, os pobres e miseráveis tentavam manter nos pequenos aglomerados muitos dos modelos rurais de vida social. Nos pequenos povoados urbanos continuaram a existir costumes tradicionais e uma estrutura de vida familiar inspirada no modelo rural. A atividade agrícola (amanhar a terra e criar animais) e o estilo de vida campesino continuaram entre os que migraram do campo para as cidades italianas, desde o século XV até a segunda metade do século XIX.

Pelo poema *I va in Merica*, podemos perceber também o sentimento de revolta do povo, quando se manifestam, “*Porca Itália*”, “*vamos embora*”. Eles queriam resistir às catástrofes naturais, aos fatores da expansão capitalistas, imposto, grande baixa do preço dos produtos, hipoteca, protesto da promissória, mas era inútil, a situação os levava a buscar outras condições de vida e sobrevivência. Zuleika Alvim, analisando o poema, retrata esse sentimento;

A miséria que assolava o campo italiano, a decisão de abandonar a pátria, assim como a revolta cantada de forma quase intuitiva, são dados que esta canção nos fornece e demonstram que o ato de emigrar não implicava simplesmente “fazer a América”, como em geral se interpreta. Era também uma forma de resistência às duras condições de vida impostas pela penetração do capitalismo no campo italiano.⁸⁴

Da Itália partiram, desde o início da emigração no século XIX, até a primeira metade do século XX, mais de 27 milhões de italianos⁸⁵ para diversos países no mundo, principalmente para o Brasil. Podemos observar esse movimento pela canção da região da Toscana, citada a seguir:

<p><i>“Italia bella, mostrati gentile e i figli tuoi non li abbandonare se no ne vanno tutti in Brasile, non si ricordan più di ritornare ancor qua ci sarebbe da lavorar senza stare in America a migrar Il secolo presente qui ci lascia, Il millenovecento s'avvicina. La fame ci han dipinta sulla faccia e per guarirla non c'è La medicina. Ogni Po 'noi si sente dire:i ovo Là dov'è La raccolta Del caffè.”</i></p>	<p><i>“ Itália bela, mostre-se gentil e os filhos seus não a abandonarão senão, vão todos para o Brasil, e não se lembrarão de retornar. Aqui mesmo ter-se-ia no que trabalhar sem ser preciso para a América emigrar. O século presente já nos deixa, o mil e novecentos se aproxima. A fome está estampada em nossa cara E para curá-la remédio não há. A todo momento se ouve dizer: eu vou lá, onde existe a colheita do café⁸⁶. ”</i></p>
---	---

⁸⁴ ALVIM, op. cit., p 18.

⁸⁵ MOLETTA, op. cit., p. 31. No período que vai de 1829 a 1934, cerca de 14.000 imigrantes de origem italiana entram e se estabelecem no Paraná. Ver: MICHAELE, Faris A. S. *História do Paraná 3º. Volume*. Paraná: GRAFIPAR, 1969. p . 120.

⁸⁶ ALVIM, op. cit., p .17.

O trecho extraído da canção *Italia bella, mostrati gentile*, provavelmente datada de 1899, foi encontrado com alguns imigrantes que saíram da região da Toscana em direção à América. Nela podemos identificar alguns fatores da miséria vivida por esses imigrantes – a fome estampada na cara, à falta de emprego, a vontade de ficar na Itália; mas a falta de perspectiva aponta a direção, imigrar para a América, para o Brasil, para trabalhar nas lavouras de café.

O governo brasileiro fazia a propaganda na Itália sobre as vantagens para a imigração, apresentando-se como uma terra promissora. A propaganda era intensa, os agentes da imigração valiam-se da ingenuidade dos camponeses, fazendo pomposas descrições de um futuro esplêndido, induzindo a emigrar quem nunca tinha pensado sobre isso. Segundo Zanini⁸⁷, na Itália, em 1892, havia 5.172 subagentes e, em 1896, já estava no montante de 7.169. Isso mostra o quanto o comércio de emigrados era um negócio lucrativo, pois estes agentes ganhavam porcentagem por indivíduos que embarcavam para o Brasil ou outro país da América. É neste marco temporal que encontramos o grupo de imigrantes que vieram para o Brasil e depois se fixaram na colônia Bella Vista.

Para o governo brasileiro interessado no branqueamento do Brasil e nas mudanças sociais e de trabalho, o imigrante italiano em sua maioria possuía uma relação muito forte com o trabalho. Porém, para os italianos, esse trabalho era uma possibilidade de ascensão social e dignificação humana, pois, como católicos fervorosos, vivenciavam o dito de que se come o pão pelo suor de seu rosto. Dessa forma, poderiam ter possibilidades de sobrevivência e riqueza ao emigrar para o Brasil.

A Sociedade Promotora de Imigração de São Paulo se esforçou muito para suprir as lavouras de café com a mão de obra imigrante, mas também proporcionou ao imigrante proteção até o momento de sua instalação nas fazendas de café ou nos núcleos coloniais. Não se pode dizer que foi um desempenho ideal mas, devido ao fato de o Brasil ser inexperiente neste processo em grande escala, ela teve seus méritos nas ações que realizou, de acordo com a visão de Hutter⁸⁸.

A imigração italiana para a colonização do sul do país tinha como objetivo trazer o camponês, como já foi tratado em vários estudos, formar o colono, como se designava o pequeno proprietário, habitante das colônias, que tinha em sua característica de trabalho, o trabalho

⁸⁷ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção de identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006. p. 45.

⁸⁸ HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p. 30.

familiar, doméstico, equivalente ao camponês, que teria que trabalhar para poder comprar sua terra, de acordo com a Lei de Terras de 1850. Ele trabalharia na pequena propriedade organizada pelo trabalho familiar, visando produzir excedentes e guardar suas economias para pagar suas dívidas com o Estado.

Contudo, ao entrevistar alguns moradores da Colônia Bella Vista, encontram-se alguns imigrantes que não eram essencialmente agricultores, dedicaram-se a outros ofícios e profissões artesanais, como a produção do vinho e a extração da madeira com a montagem de serrarias. Como na narrativa da Sra. Angelina Amábile Alessi.

O pai do meu sogro era o nono Santo Alessi, sabe? Depois ele comprou um terreno lá, pohnou a serraria lá, tava trabalhando assim e comprava as terra pra cá, pra lá, baratinho. Nono Santo ele era. *Ele montou a serraria? E ele não trabalhava com agricultura?* Eles trabalhavam só com a serraria. É, ele com os filhos, trabalhavam. *Então era do Santo Alessi a serraria? É, do pai deles (dos filhos). [...]* *E eles eram agricultores? Lidavam na agricultura ou trabalhavam na serraria?* O sogro trabalhava na serraria, os outros eram tudo agricultor. *E o que eles plantavam?* Plantavam milho, feijão, batatinha, arroz. *E eles tinham o cultivo das vinhas pra fazer o vinho?* Tinham, nossa!⁸⁹

Isto nos permite verificar que os imigrantes que vieram eram em sua maioria agricultores, mas também outros ofícios como pequenos comerciantes, artífices, também estiveram presentes entre os imigrantes italianos. Segundo Herédia⁹⁰,

[...] a trajetória econômica desenvolvida permite discutir o perfil que os colonos tinham quando chegaram ao Sul do Brasil, pelo fato de trazerem uma bagagem artesanal que os conduziu a uma diversidade de profissões. Nesse sentido, construiu-se uma hipótese de trabalho que pressupõe que nem todos os imigrantes eram camponeses; que um número considerável trazia experiências anteriores, baseadas no trabalho artesanal, oriundas de tradições mantidas por gerações, que se tornaram ofícios nas áreas de imigração. [...] a vocação artesanal do imigrante italiano se fez presente, como bem demonstra o surgimento de oficinas e fábricas, que se especializaram na produção do vinho, no trabalho da madeira, na conservação de alguns alimentos e no desenvolvimento da fundição.

Na colônia Bella Vista, os imigrantes italianos, bem como seus descendentes desenvolveram outras atividades além das lavouras de subsistência e de comercialização. Eles

⁸⁹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). 13min24seg. Vídeo 2 (125424). 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

⁹⁰ HERÉDIA, op. cit., p. 219.

contribuíram para o surgimento de madeireiras e serrarias, de armazéns, da produção do vinho e outras atividades.

A imigração para a Colônia Bella Vista, interior de Imbituva, teve início em 1877 e se concretizou em 1896. Essa imigração e a formação de colônias no Paraná faz parte do contexto de um projeto colonizador da região sul do Brasil que visava uma ocupação racional, planejada e endereçada a determinados grupos étnicos. Ou seja, ela esteve pautada na idéia da ocupação e dinamização dos espaços considerados “devolutos” pelo governo.

Os Estados brasileiros que mais receberam imigrantes italianos foram Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul⁹¹. Nestas colônias do Sul do Brasil, os imigrantes italianos puderam se agrupar no seu próprio grupo étnico, onde podiam falar seus dialetos de origem e manter sua cultura e tradições.

1.3 – O Paraná no cenário da Imigração Italiana

A emigração é um processo de múltiplas dimensões, que pode ser coletivo como também individual, no qual a trajetória dos indivíduos torna-se extremamente importante, pois são eles que em determinado momento decidem emigrar, impulsionados por forças sociais. É um processo de rupturas, adaptações, expectativas, frustrações, mas que não podem ser analisadas num jogo de causas fechadas e generalizantes. Temos que destacar que este processo faz parte de forças, impulsos, necessidades e desejos humanos de toda uma conjuntura histórica, onde estavam em jogo os interesses dos grupos dominantes e governamentais, bem como os interesses dos próprios imigrantes, desejosos de uma nova pátria ou terra para viver dignamente. É preciso pensar no imigrante italiano enquanto indivíduo que se desloca de uma região física a outra do continente e também enquanto sujeito, membro de grupos sociais, fazendo parte de um processo cultural e não apenas físico.

Para os italianos, se deslocarem para o Brasil, mais especificamente para o Paraná, pode ter significado uma solução para os problemas enfrentados, fossem econômicos, sociais, políticos ou outros. Mas, para muitos, a emigração representava uma forma de sobreviver como

⁹¹ No Espírito Santo, os italianos se estabeleceram onde hoje estão às cidades de Nova Venécia e São Mateus. No Paraná ao redor de Curitiba e no oeste. Em Santa Catarina, no sudeste em Uruçanga e Nova Trento. Em Minas e São Paulo se integraram a cultura cafeeira, açucareira e algodoeira e às comunidades brasileiras já formadas. Ver: FROSI, Vitalina Maria. *Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade italo-brasileira*. 2.ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009. p.49.

camponeses, mantendo suas tradições e modo de vida, mantendo determinados *habitus e ethos*⁹² de camponês.

Segundo Marochi⁹³, a imigração europeia esteve associada a estabelecer uma população formada por pequenos proprietários agrícolas, que através de seu trabalho abasteceriam as cidades e também para suprir a falta de mão de obra nas obras públicas, principalmente nas construções de pontes e estradas.

A Província do Paraná está relacionada a este contexto, no entanto, no período anterior à instalação da Província (1853), foram poucas as iniciativas governamentais que culminaram na criação de colônias de imigrantes no espaço paranaense. Algumas colônias como Rio Negro (1829), Colônia Thereza (1847), Guaraqueçaba e Superagui (1852)⁹⁴, não tiveram o desenvolvimento esperado devido a inúmeras dificuldades de infraestrutura. Somente a partir da instalação da Província (1853), os governantes passaram a estudar formas de adaptação do sistema de imigração à realidade existente no Paraná. E assim, foram efetivadas, na Província do Paraná, políticas que visavam ao estabelecimento de colônias agrícolas de imigrantes, cuja maioria era composta de alemães, italianos, poloneses e ucranianos.

Segundo Balhana, Machado e Westphalen⁹⁵, entre 1829 e 1911, “[...] mais de cem núcleos coloniais foram fundados no Paraná, e cerca de cem mil colonos, localizados em seu território”. Através dos relatórios dos Presidentes da Província, de Secretários de Obras Públicas, de Inspectores de Imigração e Colonização, pode-se verificar que o governo desenvolveu uma política imigratória, visando à criação de núcleos coloniais voltados para a agricultura de abastecimento, fator que atraiu em grande parte os imigrantes italianos do século XIX.

Essa preocupação do governo da Província pode ser observada, através de um trecho do Relatório do Presidente da Província de 1858:

⁹² Para a Sociologia e antropologia, *ethos* são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo. Já a noção de *habitus*, será empregada segundo Bourdieu. Para ele *habitus* é produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, contudo introduzindo nestes transformações, “[...] é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não pode se passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos”. BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 104.

⁹³ MAROCHI, op. cit., p. 29.

⁹⁴ BALHANA, Altiva P. Política Imigratória do Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n. 87, 1996, p. 39-50

⁹⁵ BALHANA, Altiva P. et al. *História do Paraná*. Curitiba: GRAFIPAR, 1969. p.183-184.

É para se lamentar que esta província, cujos terrenos produzem com abundância a mandioca, o arroz, o café, a cana, o fumo, o milho, o centeio, a cevada, o trigo e todos os gêneros alimentícios, compensando tão prodigiosamente os trabalhos do agricultor, receba da marinha e por preços tão exagerados a maior parte daqueles gêneros. Este estado de cousas porém tenho que continuará e que só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, aparecerá abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao comércio de exportação dos produtos agrícolas⁹⁶.

Podemos identificar através deste relatório do Presidente da Província, que a criação de colônias agrícolas no Paraná foi acompanhada de discursos que classificam os imigrantes e indicam o seu papel na formação da sociedade, como é o caso dos “colonos laboriosos e morigerados” que viriam para “povoar as terras vastas e fecundas” e desenvolver a agricultura paranaense com “nova vida ao comércio de exportação”.

Essa dinamização do comércio através da agricultura vem reforçar o discurso do sucesso do projeto colonizador e o aumento populacional ocorrido no Estado, trazendo as qualidades dos imigrantes como fator de explicação para o desenvolvimento econômico da região e a memória da imigração vista de forma romântica e idealizada. Os aspectos como trabalho, união das famílias, fé, coragem, iniciativa, abnegação são vistos como valores inatos ao imigrante italiano. Forma-se assim uma identidade italiana apresentada como inata ou natural.

Na obra de Romário Martins, de 1937, ele aponta alguns fragmentos que retratam esse discurso de povoamento do Paraná pelos imigrantes europeus, com destaque para algumas etnias, de forma a preservar um discurso oficial da imigração, como fator de desenvolvimento e progresso na história do Paraná.

Em todas as zonas povoadas do Estado, os elementos étnicos da segunda fase do nosso povoamento estão representados por imigrantes e por seus descendentes de origem alemã, austríaca, italiana, polonesa, russa, ucraniana, holandesa, sírio-libanesa, em grande número, e por várias outras etnias de menor vulto. Conjuntamente com os descendentes dos povoadores fundamentais, essa Babel de todas as raças, irmanadas na mesma obra civilizatória, integrada no espírito novo, de cooperação e de fraternidade, com que marchamos para o futuro⁹⁷.

Martins aponta para dois grupos formadores da população paranaense, o primeiro seriam os índios, portugueses e espanhóis, negros e mestiços, o segundo seria então os imigrantes, colonos de várias etnias e seus descendentes. É um discurso que destaca o Paraná como um

⁹⁶ MATTOS, Francisco Liberato. Relatório apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858. Curitiba, Typografia Paranaense, 1858. p. 21.

⁹⁷ MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p. 352.

Estado formado por várias etnias, todas caminhando para a civilização, mas não deixa claro suas diferenças e particularidades, suas intenções e dificuldades enfrentadas ao estabelecer-se num território totalmente diferente das regiões de onde vieram.

Outro exemplo desse discurso encontramos nas obras de Ruy Christovam Wachowicz, publicado pela primeira vez em 1977. Ele limita-se a apresentar o processo de chegada dos imigrantes no Paraná e exalta sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico do estado.

A presença em território paranaense de grupos étnicos tão numerosos e das mais diversas procedências deu ao Estado uma característica toda especial. Provavelmente, o Paraná é o maior laboratório étnico do Brasil. Esses imigrantes representados pelas novas gerações, praticamente integraram-se à sociedade brasileira, uns mais, outros menos, todos, porém dando sua colaboração para transformação da cultura original luso-brasileira.⁹⁸

Essa exaltação das várias etnias que formaram o Estado do Paraná faz parte do contexto da política imigratória do período, onde se buscava garantir a ocupação territorial e, sem dúvida excluindo dos seus planos a população indígena. Também pretendia-se, romper com a tradição escravocrata, já que o negro era considerado indolente e nada confiável para uma ocupação “moral e civilizatória” do território. O imigrante passou a ser visto então, como o indivíduo “pacífico e trabalhador” e, portanto, capaz de regenerar o elemento nacional. Dessa maneira, a imigração era considerada um “fator étnico de primeira ordem destinado a tonificar o organismo nacional abastardado por vícios de origem e pelo contato que teve com a escravidão”⁹⁹. Portanto, o discurso era de registrar e celebrar as ações dos imigrantes, para que não fossem esquecidas as ações de seu trabalho. Constrói-se uma imagem e discurso de que os grupos formadores da população paranaense iriam interagir e formar uma grande comunidade, esquecendo-se das diferenças do passado, pensando apenas no futuro como geradores de progresso e desenvolvimento, não considerando suas histórias e práticas sociais diferenciadas.

A imagem do imigrante que vem para os Campos Gerais¹⁰⁰, de acordo com a historiografia oficial é do vencedor que, pelo seu trabalho nas colônias agrícolas, ajudou a

⁹⁸ Ibidem, p. 151.

⁹⁹ Relatórios de Presidentes da Província do Paraná, 1888, p. 26. In: NADALIN, Sérgio. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Coleção História do Paraná: textos introdutórios. Curitiba: SEED, 2001. p. 72.

¹⁰⁰ A Região dos Campos Gerais no Paraná, no século XVIII e XIX, abrangia as cidades formadas em sua maioria pelo tropeirismo e pelo processo imigratório, como Ponta Grossa, Palmeira, Castro, Imbituva, Irati, Prudentópolis e outras.

desenvolver a região geográfica ao redor de Curitiba e dos Campos Gerais. Para alguns autores como Elfes¹⁰¹, as colônias estariam organizadas em grupos homogêneos e fechados.

No Paraná aportaram várias correntes deste tipo, portadores de bagagens culturais diferentes e de várias origens étnicas. Foram fixadas de preferência nos campos Gerais, recebendo ajudas e retribuindo com seu trabalho, suas tradições e suas técnicas para o desenvolvimento econômico e a mudança da estrutura agrária dessas regiões. Alguns desses grupos, que sofreram perseguições políticas ou ideológicas nas suas terras de origem, e perderam e sacrificaram todos os seus bens à procura da liberdade, levaram tempo e encontraram dificuldades para vencer mentalmente os choques sofridos e para se enraizar no seu novo ambiente. A seleção do elemento humano processa-se, neste tipo de colonização, já na terra de origem, e visa mais a homogeneidade do grupo do que as capacidades individuais. Também depois do assentamento na colônia, o indivíduo recebe mais apoio intelectual e material de sua comunidade, do que se pode observar na colonização individual e aberta, de forma que aí o mais fraco muitas vezes tem melhores possibilidades de acompanhar o desenvolvimento geral. De outro lado continua, nessas colônias homogêneas, a interdependência intelectual e material para muitos anos e pode passar de uma geração para outra.

Percebe-se que Elfes ainda aponta para uma imigração homogênea, mas que contribuiu para o desenvolvimento econômico e mudanças na estrutura agrária da região dos Campos Gerais. Ele destaca também os choques e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para se adaptarem a uma nova terra. O que chama atenção em sua narrativa é que aponta para o desenvolvimento geral da colônia como fator da união, da interdependência e apoio intelectual e material da comunidade. Seriam as práticas sociais e culturais formando uma região de sentidos, um espaço vivido, praticado, as ações dos sujeitos em determinado lugar.

A formação da Colônia Bella Vista situa-se no recorte temporal de 1876 e 1920, época em que emigraram para o Brasil nada menos que 1.243.633 de italianos¹⁰². O contingente italiano foi considerado por Romário Martins como o quarto maior grupo, em número, a colonizar a Província. Entre os anos de 1829 e 1934, segundo o historiador, o Paraná recebeu 47.731 poloneses, 19.272 ucranios, 13.319 alemães e 8.798 italianos¹⁰³. A década de 1870 – considerada

¹⁰¹Relatório elaborado por Albert Elfes, engenheiro agrônomo alemão. Publicado, em 1973, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Este relatório, intitulado *Campos Gerais: estudo da colonização* apresenta os resultados do estudo que Elfes realizou sobre dezessete colônias agrícolas formadas por imigrantes oriundos da Europa e da Ásia, que foram estabelecidas no Paraná entre 1877 e 1966. ELFES, Albert. *Campos Gerais: Estudo de Colonização*. Curitiba: INCRA, 1973. p. 7.

¹⁰² ALVIM, op. cit., p. 62. O italiano é o segundo mais numeroso grupo étnico que se fixou no Brasil, ficam abaixo apenas dos portugueses. Num recorte temporal mais amplo, de 1819 a 1970 entraram no Brasil 1.627.919 imigrantes, o que correspondeu a 29,15% do total de estrangeiros que chegaram ao país nesse período. BALHANA PILATTI, Altiva. “L’immigration italienne au Brésil”. In WESTPHALEN, Maria Cecília (org). Um Mazolini di Fiori (vol. II), Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 211.

¹⁰³ MARTINS, Romário. *Quanto somos e Quem Somos*. Dados para a história e estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941. p. 56.

por este historiador como o “rusch italiano” – foi o período de maior fluxo de entrada de imigrantes italianos na Província. Só entre 1875 a 1878 foram cerca de 4.350 indivíduos¹⁰⁴. Foram criadas em toda a Província mais de 20 colônias compostas por famílias italianas, ou colônias mistas, compostas por famílias italianas e de outras etnias como os poloneses e alemães principalmente¹⁰⁵.

No discurso oficial do governo a política imigratória para o Paraná era colocada como uma solução para os problemas relativos à ausência de uma agricultura diversificada, na fase posterior a sua emancipação política, em 1853. Mas percebe-se que, mesmo com a fertilidade do solo, o clima e o discurso do governo provincial, o projeto de colonização da província paranaense, recém estabelecida, pouco se desenvolveu. Os presidentes relacionaram esse fracasso no desenvolvimento agrícola com a falta de estradas na província, pois estas permitiriam aos colonos imigrantes escoarem seus produtos. Para muitos, “sem vias de comunicação cômodas e meios rápidos de transporte, o comércio definha, a agricultura desaparece e a riqueza pública e particular deixam de existir.” Para muitos políticos, esta seria “a causa da pouca imigração para esta província”¹⁰⁶.

Como o desenvolvimento dos núcleos coloniais estava muito lento, começou um questionamento quanto aos altos investimentos do governo no projeto de colonização e imigração. Neste contexto, aparecem os indígenas e os nacionais, pois eles já estavam neste território, e o governo tratava como se não tivessem moradores nestas terras destinadas aos imigrantes, por isso, a historiografia tradicional promove a ideia dos vazios demográficos, característico do século XVIII e XIX. Era como se tornasse totalmente invisível esses grupos já existentes no território. Os relatórios provinciais de 1854 a 1876 deixam bem claro a tendência geral de caracterizar os índios como selvagens, ou seja, não aldeados, como uma verdadeira ameaça ao projeto colonizatório, já que espalhavam medo aos colonos imigrantes. Porém em alguns relatórios encontramos outras posições dos presidentes de província, onde o índio era visto como potenciais trabalhadores rurais, bem como elemento de povoação. Em 1859, o presidente Liberato de Matos destacou a importância de se “chamar à vida civilizada o maior número

¹⁰⁴ Ibidem, p. 72

¹⁰⁵ MARTINS, op. cit., 1995.

¹⁰⁶ PARANÁ. Relatório do Presidente de Província do Paraná, Presidente Oliveira Lisboa na Assembléia Provincial em 15 de Março de 1872. Typ. Paranaense, Curitiba, 1872.

possível de selvagens”¹⁰⁷ ressaltando ser este um dever de caridade e também algo de interessante à sociedade em geral.

Observamos aqui, o discurso hegemônico do branco que tinha o dever de “caridade”, de chamar à civilização os considerados como selvagens, que no caso, seriam os índios ou bugres. Esse discurso performativo do governo vem de encontro à ideia de uma ocupação racional, planejada e endereçada aos imigrantes que eram alvo de investimentos discursivos no momento.

Já que o discurso das autoridades provinciais e das elites locais primava pela vinda de colonos “morigerados e laboriosos”, no século XIX, foram instaladas várias colônias nas proximidades dos centros urbanos, especialmente na administração de Adolpho Lamenha Lins, conforme consta no seu próprio relatório do ano de 1877.

O colono europeu, por via de regra, desanima diante das nossas mattas virgens, porque para elle é completamente ignorada essa cultura extensiva, da derrubada, da queima e das sementeiras a vôo, e é por isso que internados nas colonias afastadas dos centros populosos, elles fogem de entregar-se a esse trabalho improbo, que lhes é inteiramente desconhecido, acontecendo muita vez que o desastre que na primeira derrubada fere a um, basta para amedrontar uma expedição inteira. É preciso, pois preparar o colono para penetrar nas regiões das mattas virgens, riquissimas de uberidade, e de seiva, porem cuja rude magestade os assombra e intimida. D’ahi a vantagem de estabelece-los primitivamente, nos arredores dos centros populosos, ahí, perto de todos os recursos, ao passo que se dedica a cultura que conhece, e tem mercado prompto e consumo immediato para os seus productos, o colono ensaia essa cultura nacional que lhe é inteiramente estranha, mais que a elle tem de entregar-se mais tarde, pela natureza das plantas que tem de cultivar, e do terreno em que elles produzem. (...) Foi sob o domínio dessas ideias, que adoptei o systema do estabelecimento de colonos nos arredores da capital.¹⁰⁸

Ao analisar-se a construção dos discursos identitários, deve-se levar em consideração o contexto histórico em que foram produzidos. Neste discurso do Presidente da Província do Paraná percebe-se o objetivo real do governo em estabelecer o desenvolvimento da agricultura na Província do Paraná e do comércio na capital.

O governo paranaense incentivava e trazia os imigrantes, mas nem sempre cumpria com o prometido no estabelecimento dos mesmos em seus lotes. Desta forma, a situação precária dos imigrantes tornava-se insustentável, levando-os a fazerem várias reclamações ao governo

¹⁰⁷ PARANÁ. Relatório do Presidente de Província do Paraná, Presidente Francisco Liberato de Mattos na Assembléa Provincial em 7 de Janeiro de 1859. Typ. Paranaense, Curitiba, 1859. p.14.

¹⁰⁸ Relatório do Presidente de Província Adolpho Lamenha Lins de 1877, p. 81-82.

provincial¹⁰⁹. Constatase, portanto, que o discurso oficial era diferente do que se realizava na prática, pois se apresentava uma província sem problemas, terras em grande quantidade, apoio do governo, mas encontrava-se por parte dos imigrantes, colônias mal planejadas, terras improdutivas com alto declive e de difícil acesso, com clima impróprio para o tipo de cultivo e os costumes do norte da Itália. Os italianos da região do Vêneto estavam acostumados ao clima frio e no Paraná vão enfrentar, inicialmente, temperaturas quentes no litoral, bem como as doenças causadas por insetos típicos das florestas subtropicais do sul do Brasil.

[...] Os recém-chegados eram recebidos em Paranaguá e depois levados para os barracões para imigrantes em Morretes, amontoados em grande promiscuidade, sem conforto e em precárias condições higiênicas. Ali foi criada a Colônia Nova Itália, inaugurada em 22 de Abril de 1877, a qual também teve uma vida curta e muito atribulada, com revoltas e desmandos administrativos que muito caracterizaram a história desta colônia, e também de outras iniciativas colonizadoras similares do período. O ritmo dos trabalhos, para a colocação definitiva dessa grande massa de imigrantes que chegava, era muito lento e a organização administrativa deixava muito a desejar. Em Janeiro de 1878 ainda se encontravam nos barracões mais de 800 famílias, portanto há aproximadamente 9 meses, na espera do seu lote de terra para trabalhar. No mês de Março do mesmo ano viviam 3000 pessoas nos barracões esperando a sua colocação. Em um artigo surgido no mês de Março de 1878, no jornal Dezenove de Dezembro se relatava que: "existem mais de trezentos lotes já demarcados, cento e poucos estão ocupados e os restantes têm casas construídas já há seis meses, mas, ainda sem teto, quase todas danificadas por estarem expostas ao tempo, por terem sido construídas com péssimo material adquirido a preço exorbitante. Não existe uma estrada para os lotes e os colonos os recusam, pois são invadidos pelas águas durante as cheias dos rios ou localizados em terreno muito montanhoso. Os colonos estão quase na miséria, sem roupas, sem casas habitáveis, sem sementes para as suas primeiras plantações. Estão completamente desencorajados, ainda mais que muitos terrenos distribuídos são ruins e pantanosos". Ainda em Fevereiro as condições sanitárias continuavam muito precárias. Assim, em comunicado ao Ministério a presidência advertia que: "Situada em uma localidade pouco salubre, circundada por terrenos pantanosos e baixos, sujeitos à inundações do Rio Nhundiaquara, muito freqüentes naquela zona, acarretando, como está acontecendo atualmente, febre tifóide, malária e outras enfermidades graves". Em março do mesmo ano, proveniente do Rio de Janeiro, chegaram alguns navios e com eles doentes com febre amarela. Já no dia 20 de março a cidade de Antonina foi atingida por uma epidemia desta terrível doença, que apesar dos esforços para contê-la rapidamente atingiu Morretes e Paranaguá, e a notícia das primeiras mortes. A Colônia Nova Itália foi bastante atingida pela epidemia de febre amarela e as mortes foram muitas. Porém, outras doenças graves ceifavam a vida dos primeiros imigrantes: anemia por verminoses que atingiam especialmente as crianças, as doenças transmitidas por mosquitos que infestavam aquela zona e por outros parasitos, menos conhecidos, como o bicho-de-pé, que tornavam um inferno a vida daqueles pioneiros. O descontentamento era geral entre os colonos. Alguns procuravam meios para retornarem a seus países, sem encontrarem muita ajuda. Finalmente no mês de Julho o governo do Paraná resolveu transportar parte

¹⁰⁹ MASCHIO, Eliane Cátia Falcade. A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930). 2012. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFPR, Curitiba. p .

dos habitantes da Colônia Nova Itália, para colônias localizadas ao redor de Curitiba, a capital do Estado¹¹⁰.

Podemos observar pela citação acima que em 1877 a Colônia Nova Itália no município de Morretes não prosperou, deixando seus moradores sem alimentação, sem vestuário e acometidos de muitas doenças provenientes do clima do litoral. Muitos imigrantes deixaram a Colônia Nova Itália por conta própria e se dirigiram em direção ao planalto de Curitiba.

Assim, a partir da segunda metade da década de 1870, através de incentivos do governo, houve um aumento considerável de colônias da província, todas elas localizadas não muito distantes da capital.

O surgimento de inúmeras colônias de imigrantes europeus em torno da capital colocou Curitiba na posição única entre as capitais brasileiras, de receber ainda no século XIX um verdadeiro cinturão verde, responsável pelo abastecimento de produtos de subsistência. A partir de meados da década de 1870, não mais se falou em escassez de gênero alimentício na capital paranaense¹¹¹.

No ano de 1878, ao redor de Curitiba foram criadas várias colônias agrícolas. E entre os anos de 1879 e 1910 foram criadas outras colônias oficiais e não oficiais em diversos municípios paranaenses. No final da década de 1880 e nas duas décadas seguintes, foram criadas no Paraná mais de 40 colônias agrícolas, dentro de um sistema de imigração oficial ou sob a tutela do governo, ou também, a partir de uma imigração espontânea¹¹², dentre elas a Colônia Bella Vista, no interior de Imbituva, no ano de 1896.

Depois de estabelecidas as colônias ao redor da capital, inúmeros pedidos foram feitos pelos colonos, solicitando melhorias para a produção agrícola. Os produtos cultivados nos seus lotes eram comercializados na capital, Curitiba. A prática do comércio concretizava os objetivos dos colonos que conseguiam vender seus produtos na capital, trazendo recursos e estabilidade financeira à colônia; e, da mesma forma concretizava o objetivo do governo em desenvolver o comércio na capital e nas colônias ao redor.

Através de dados do IBGE, elaboramos um mapa mostrando a concentração da etnia italiana no Paraná, no século XIX e XX. Demos destaque à concentração nas regiões próximas a

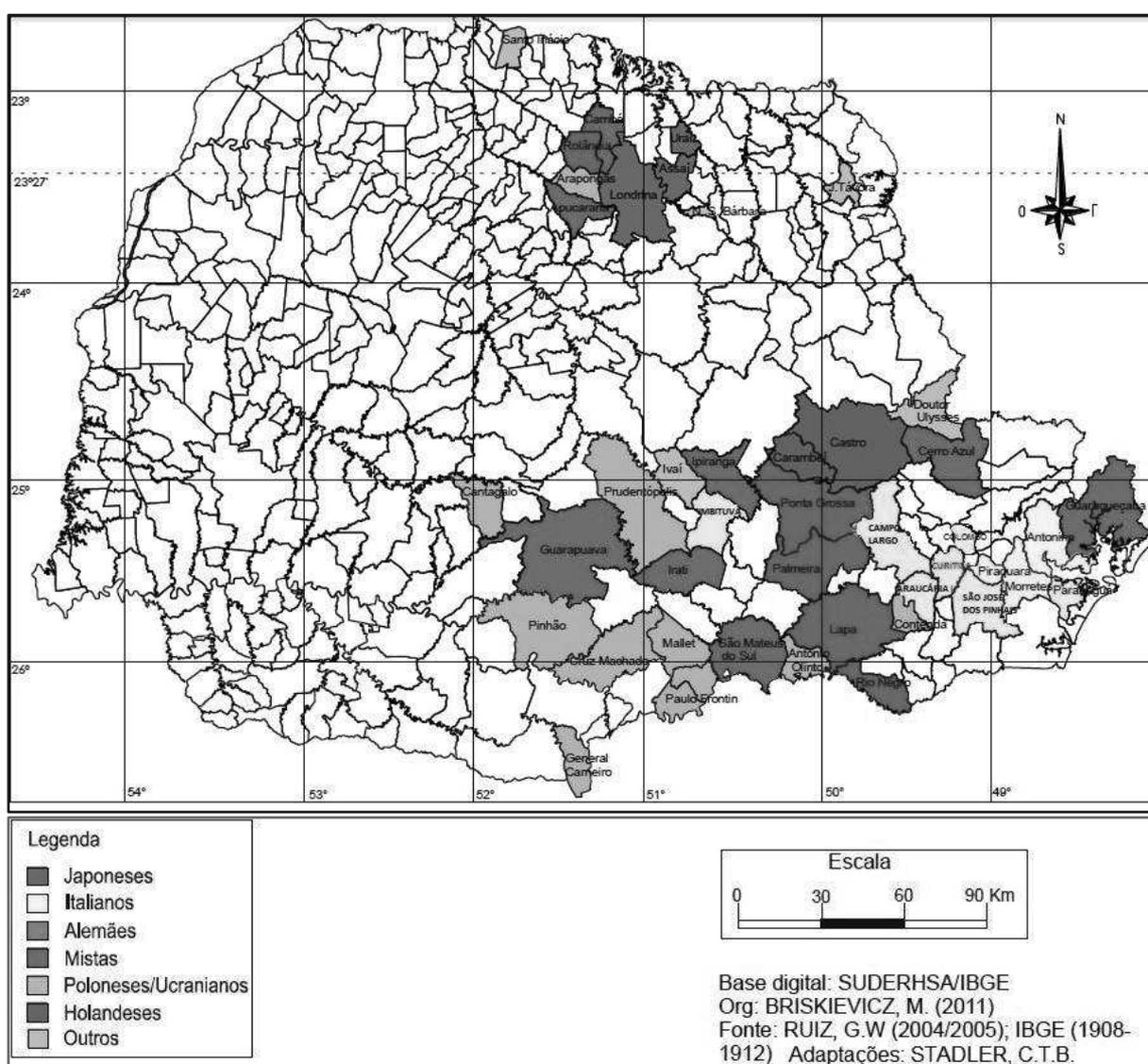
¹¹⁰ PIAZZETTA, Luiz Carlos B. Arquivos da La Piava FAINORS Federação Vêneta. Disponível em: http://immigrazioneveneta.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html. Acesso dia 24/09/2014.

¹¹¹ WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Santa Cândida* – pioneira da colonização linista. Boletim Informativo n.16 da Fundação Cultural de Curitiba. Curitiba, 1975. p. 2.

¹¹² MAROCHI, op. cit., p. 38-40.

Curitiba e Imbituva, onde teve início a Colônia Bela Vista. Expomos também as demais etnias, como alemães, polonês-ucranianos, holandeses, japoneses que contribuíram na formação da população paranaense, mas o destaque é para os italianos que primeiramente se instalaram no litoral (Colônia Nova Itália-Morretes), depois em Curitiba e seus arredores, como São José dos Pinhais, Araucária, Campo Largo, e mais distante Imbituva. Algumas colônias foram classificadas como mistas, por haver uma heterogeneidade de etnias, não havendo uma etnia predominante, mas sim uma porcentagem equilibrada de várias etnias.

Mapa 02: Concentração de etnias imigrantes no Paraná, século XIX e XX. Destaque para a etnia italiana nas proximidades da capital – Curitiba.



Fonte: BRISKIEVICZ, Michele. *Territorialidade e identidade: a migração de descendentes de italianos no município de Francisco Beltrão – Paraná*. (Dissertação de Mestrado). Francisco Beltrão, UNIOESTE, 2012.

Com relação às primeiras famílias italianas que se instalaram na Colônia Nova Itália, em Morretes, encontramos no Arquivo Público do Paraná, através do livro número 834¹¹³, a relação constando a idade, a profissão, a data de chegada e outros aspectos importantes para identificar algumas famílias que se deslocaram posteriormente para a Colônia Bella Vista. Neste livro, a partir do dia 15 a 17 de novembro de 1877, encontra-se o registro de mais de 170 núcleos familiares¹¹⁴.

Essas famílias já possuíam, no contrato de emigração, o destino definido: a Província do Paraná. O documento acima citado do Arquivo Público do Paraná comprova a chegada dos 720 colonos em Paranaguá no dia 14 de novembro de 1877, e a chegada dos vapores que os transportaram até Morretes, datado em 15, 16 e 17 de novembro de 1877. Depois dos registros de entrada em 17 de novembro, a próxima anotação de entrada de imigrantes para a Colônia Nova Itália é o dia 18 de dezembro de 1877.

Entre as famílias que se destinaram a essas colônias estavam os de origem da região do Vale Brenta e de Bassano del Grappa: Gabarbo, Bobbato, Moletta, Lazarotto, Pontarollo, Cavalli, Costa, Dalla Zuana, Bonato, Menon, Zanon, Mocellin, Pasinato, Sasso, Ceccon¹¹⁵.

Encontramos nestas famílias a origem da Colônia Bella Vista. Isto quer dizer que os imigrantes da Bella Vista, tornaram-se migrantes internos da Província do Paraná, pois inicialmente se instalaram na Colônia Nova Itália, depois seguiram para Curitiba e anos mais tarde saindo de Curitiba se dirigiram para as terras da Colônia Bella Vista, no interior de Imbituva.

¹¹³ Arquivo Público do Paraná. Códice 834– Matrícula de colonos – colônia Nova Itália – Morretes (PR) – 1877-1879 – p. 49 BR PR APPR PB001. Códice 834 - Matrícula de colonos - colônia Nova Itália - Morretes (PR) - 1877-1879 - p. 52 BR PR APPR PB001.

¹¹⁴ O que não conseguimos, por falta de documentação foi detectar o registro de entrada destas famílias no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Não existem mais os livros do ano de 1877, segundo informações via email do próprio arquivo. Tentamos através do site <http://www.regione.veneto.it/web/veneti-nel-mondo/ricercheanagrafiche>, contato com os registros na Itália, mas não foi possível encontrar estes registros. A resposta recebida ao email do dia 05 de março de 2014 foi negativa, no sentido de encontrar estes dados. Apenas as paróquias da Itália possuem os registros de nascimentos na Itália, segundo Dr. Scarpa Marilinda, Director dos fluxos migratórios. Os livros de registros dos Portos são de propriedade da Marinha italiana e não estão abertos ao público. Quanto aos livros de registro no Porto de Paranaguá se deterioraram com a ação dos raios solares e umidade até a década de 1950. Somente em 1960, quando foi criado o Arquivo Nacional, pertencente à Casa civil, os documentos começaram a ser catalogados. Muitos documentos do Porto de Paranaguá foram queimados quando o local que os abrigava pegou fogo. Por estes motivos não foi possível encontrar os documentos exatos da entrada destes imigrantes no Porto de Paranaguá e na Ilha das Flores no Rio de Janeiro.

¹¹⁵ MOLETTA, op. cit., p. 53.

É interessante relatar que algumas destas famílias ficaram apenas de novembro até junho e julho de 1878 na Colônia Nova Itália; nestes meses já subiram para Curitiba, como consta registro no livro 834 do Arquivo Público. Também consta que algumas famílias subiram para Curitiba na data de 14/07/1878, mas depois fugiram; sendo assim, não encontramos registro para onde foram, como no caso da família de Giorgio (28anos) e Paola Bobbato (26 anos), com suas filhas Ladiola (3anos) e Gioconda (1ano). Assim como esta família, muitas outras também fugiram, constando nestes registros.

Embora vindos da mesma região da Itália, a trajetória dos grupos de imigrantes foi marcada por significativas diferenças. Eles foram se deslocando, criando suas trajetórias e constituindo seus espaços. Esses espaços nem sempre eram de acordo com o que determinavam os discursos regionais produzidos pelo Estado e pelas agências de colonização. Esses imigrantes foram estabelecendo suas colônias, mas criando seus espaços praticados, ou seja, de acordo com sua prática social, suas crenças e valores. De acordo com os costumes que trouxeram da Itália.

A mudança dos imigrantes italianos para o Paraná foi acompanhada de traumas, rupturas e da necessidade do restabelecimento de uma nova ordem. Certamente que esses imigrantes traziam com eles os sonhos de uma vida melhor, o desejo de ter sua terra e trabalhar nela, a busca pelo novo, como também traziam um sentimento de tristeza e mágoa de sua terra natal que não lhes oferecia mais condições de uma vida digna.

Mesmo a mudança sendo extremamente traumática, pois separava o mundo conhecido e vivido por eles na Itália, do mundo desconhecido da América e do Paraná, ela não significou a perda das referências socioculturais e simbólicas do local onde eles viviam e eram integrados. Muito pelo contrário, as atitudes dos diversos grupos que para cá vieram foi no sentido de reconstruir a nova vida na sociedade que os recebeu, firmemente ancorada nas estruturas que eles conheciam.

CAPÍTULO II

A COLÔNIA BELLA VISTA – OS ITALIANOS EM IMBITUVA

*La donzetta vien dalla campagna
In sul calar del sole
Con suo fascio dell'erbe; e reca in mano
Un mazzolin di rose e di viole.*
(A jovem é do campo
No pôr do sol
Com seu raio e erva; e está segurando
Um grupo pequeno de rosas e violetas).
Versos de Leopardi “Il sabato nel vilaggio”¹¹⁶

De acordo com a discussão realizada no capítulo anterior, a narrativa que se consagrou sobre a trajetória das famílias vêneto-trentinas para a Província do Paraná parte de uma miséria absoluta em solo italiano e da necessidade de criar uma população formada por pequenos proprietários agrícolas. Uma concepção romântica que se criara sobre a imigração italiana, que tinha por objetivo estabelecer uma,

... civilização camponesa à maneira da Europa. Formavam-se colônias com distribuição de terras para a agricultura, no regime de pequenas propriedades agrupadas em redor de uma aldeia, visando o abastecimento das cidades. Os colonos, que eram camponeses europeus, deveriam aqui desenvolver a mesma atividade que exerciam em seus países de origem com as mesmas técnicas¹¹⁷

Ficava muito difícil para os colonos realizarem as mesmas práticas agrícolas de seus países de origem, visto que o Paraná tinha outros condicionantes geográficos, climáticos e humanos. De modo geral, as comunidades de imigrantes mantiveram durante muito tempo uma economia de subsistência e não contribuíram largamente, como se esperava, para alterar os hábitos e costumes da sociedade tradicional, adaptando-se, pelo contrário, na maior parte das vezes, aos mesmos.

O grupo específico da Colônia Bella Vista está inserido neste contexto, onde a maioria eram agricultores, de acordo com a memória de seus descendentes, e estão entre os 8,9%, dos imigrantes italianos estabelecidos na Província do Paraná, entre os anos de 1877 a 1890.

¹¹⁶ BALHANA, op. cit., p. 47.

¹¹⁷ PINHEIRO MACHADO, Brasil, BALHANA, Altiva Pilatti e outros. *Campos Gerais – estruturas agrárias*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1968. p. 51.

Em 1895, já no período republicano, o governo do Paraná assinou no dia 21 de janeiro, o decreto n. 15, criando a Inspeção Geral de Colonização do Estado do Paraná.

No artigo 1º. deste decreto foram colocados os objetivos do novo órgão, que era fiscalizar e dirigir todos os serviços concernentes à colonização e imigração¹¹⁸. No dia 31 de dezembro de 1896, quase dois anos após sua criação, foi extinta a Inspeção, sendo que todos os seus serviços passavam a então Secretaria de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização.¹¹⁹

A partir desta data, observamos que todos os serviços relacionados às colônias de imigrantes estavam relegados a Secretaria acima citada. É neste contexto que encontramos a primeira referência à Colônia Bella Vista, no ano de 1896, de acordo com Trento¹²⁰.

[...] Por volta de 1880, um numeroso contingente dirigiu-se para a periferia da capital da província, Curitiba, onde surgiram os principais núcleos coloniais habitados por italianos; em 1889, existiam dezesseis núcleos em que viviam cerca de 10.000 italianos, mas também muitíssimos alemães e poloneses. *Em seguida, em 1896, fundou-se a colônia de Bela Vista, povoada exclusivamente por vênnetos*¹²¹.

Após a fundação da colônia, os imigrantes começaram o processo de utilização da terra. Devido à necessidade de produzir inicialmente para a subsistência, provavelmente plantaram de tudo um pouco em pequenas quantidades, além de praticar outras atividades, como a exploração da mata. A Sra. Angelina Amábile Alessi nos afirmou que: (...) *só mato era, uma mataria, e daí iam plantando as coisas pra comer, pra fazer, pra viver.*¹²²

Nas terras agrícolas onde se instalavam, os imigrantes italianos cultivaram cereais, verduras e produziram vinho. De suas colônias localizadas no interior, dirigiam-se à cidade para a venda do excedente de sua produção e de outros produtos como manteiga, queijo, doces, ovos. As outras duas atividades principais desenvolvidas por esses imigrantes foram o cultivo da erva-mate e a extração da madeira. Verificamos que as atividades da agricultura, produção do vinho,

¹¹⁸ PARANÁ. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa provincial em 28 de outubro de 1895 pelo presidente de província Francisco Manoel da Silva. Curitiba. 1895. p. 34.

¹¹⁹ MAROCHI, op. cit., p. 40.

¹²⁰ TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988. p. 88.

¹²¹ Ibidem. Grifo meu, por se tratar de uma das primeiras citações referente à fundação da Colônia Bella Vista, na historiografia paranaense.

¹²² Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). 13min24seg. Vídeo 2 (125424). 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

extração da erva-mate e da madeira, também foram realizadas pelos colonos italianos da Bella Vista, através da entrevista realizada com o Sr. Orlando Marconato.

Os imigrantes eram agricultores. Começaram a plantar feijão, arroz, milho. Cada um tinha sua lavourinha. [...] Eles falaram que aqui viviam mais bem do que lá (na Itália) onde eles estavam. De certo, com certeza, eu não lembro bem, com certeza era menos liberdade que eles tinham lá [...] Todos eles possuíram terras, de tudo um pouco. Foram trabalhando e fazendo na lavoura, o pouco que iam vendendo, iam criando uns bozinhos, uns porquinhos e vendendo e fazendo dinheiro e comprando terra. Era barato e daí compravam erva, trabalhavam com erva-mate naquele tempo e daí vendiam a erva-mate e compravam 1 alqueire de terra aqui, meio lá. *A erva-mate nativa eles tiravam pra fazer a comercialização? É... E como surgiram as madeiras, ali na Bela Vista? As madeiras surgiram depois de um ponto, eu era piá, bem pequeno, entrou essas serrarias antiga, de quadro, entrou a Delegrave e começou a comprar pinheiro, desses proprietários velhos, como do meu avô, assim, e serrar e foi indo, foi indo, e perdiam metade da madeira, porque o pinheiro aproveitavam só o que era bem limpo, o que tinha um nozinho ou dois ficava lá no mato, os monte de tora. Foram limpando, os terreno. Meu avô pagou pra derrubá pinheiro pra formar erva. Pagou, mandou descascar pinheiro, eu me lembro, pinheiro grosso assim, mandou descascar os pinheiros, mas os pinheiros não seca, descascar um tanto assim os pinheiro, para formar o ervá pra produzi a erva-mate¹²³.*

Cabe ressaltar através da narrativa do Sr. Orlando que a extração da erva-mate, bem como da madeira, também foi uma estratégia, uma forma de sobreviver a um território hostil para os imigrantes. A terra que lhes foi destinada ou que compraram inicialmente estava coberta por uma floresta composta por espécimes desconhecidas para os imigrantes, e nelas viviam animais, pássaros e insetos também estranhos. Também podemos considerar que havia a necessidade de adaptação às estações do ano com a ausência de invernos rigorosos com neve, como estavam acostumados na Itália.

O primeiro desafio para esses imigrantes da Colônia Bella Vista consistia em aprender a lidar com a mata, como derrubá-la e como livrar-se dos troncos e galhos, para tornar o chão arável. Neste contexto, tiveram que aprender com os índios¹²⁴ da região. Aprenderam a limpar o mato com foice para depois derrubar as árvores grandes, como também o método indígena da

¹²³Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

¹²⁴ Os índios que passaram por aqui eram da tribo Kaingang. Eles não tinham aldeias na região, apenas era um ponto de passagem entre os Campos Gerais e os Campos de Guarapuava. Fixaram-se nas terras da Colônia Bela Vista antes mesmo dos imigrantes chegarem. Foram chamados de Bugre - uma denominação dada a indígenas de diversos grupos do Brasil por serem considerados não cristãos pelos europeus. De acordo com as entrevistas orais realizadas com os moradores da Colônia Bella Vista, algumas famílias de Bugres eram os donos de todas as terras onde hoje se localiza a Colônia, sendo que aos poucos foram sendo vendidas primeiramente aos imigrantes portugueses e posteriormente aos imigrantes italianos.

coivara, a queima de árvores e arbustos secos. O segundo desafio para os imigrantes era a transferência dos referenciais simbólicos que tinham com as plantas, árvores e animais da Itália para as matas do Paraná e Imbituva. Outro desafio para esses imigrantes eram os homens, os povos e as culturas que o esperavam, pois em Imbituva já estavam instalados os imigrantes alemães, portugueses e os bugres que passavam pela estrada onde foi formada a colônia Bella Vista em direção aos Campos Gerais e Campos de Guarapuava¹²⁵ ou algumas famílias de bugres que já moravam na região.

No enfrentamento dos primeiros desafios, os primeiros contatos com o novo mundo se deram, inicialmente, no tipo de agricultura que praticavam e na adoção de novos hábitos alimentares. A esse respeito, podemos verificar a narrativa da Sra. Maria Cecília Alessi¹²⁶, que consta que para se alimentar iam às Tigüeras¹²⁷ procurar folhas verdes, para que pudessem comer com a polenta, o costume trazido da Itália. “(...) iam pro mato procurar radiche! *Vinha do Mato?* Do mato, iam nas tigüeras”¹²⁸.

No momento em que o imigrante comprava suas terras, ele tinha que se adaptar ao lugar, derrubar o mato, fazer suas primeiras roças e, dessa forma, submeter-se a todo um novo aprendizado, cultivando espécies que para ele eram totalmente desconhecidas. No começo eles conheceram o feijão preto, abóbora, mandioca, batata-doce e até mesmo a erva-mate. Aprendendo a cultivar estes alimentos e extrair a erva-mate, passaram a modificar seus hábitos alimentares, mas sem esquecer-se da polenta, a qual será analisada enquanto prática social no capítulo III.

Não possuímos entre as fontes encontradas nenhum documento específico que comprove a extensão das terras que deram origem à Colônia Bella Vista, mas apenas alguns documentos e as falas dos entrevistados que nos repassam fragmentos dessa formação. Portanto, a formação da Colônia Bella Vista será retratada através das memórias de seus descendentes e no contexto da

¹²⁵ Esses índios não constituíram aldeias nas terras onde hoje se encontra a cidade de Imbituva. Essas terras eram apenas um ponto de passagem para eles quando se dirigiam para os Campos Gerais e Campos de Guarapuava em aldeias existentes nestas regiões. STADLER, Cleusi T. B. *Memórias de Imbituva – História e Fotografia*. Imbituva: ALACS, 2009. p. 15-16.

¹²⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Maria Cecília Alessi, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (152904). 01min46seg. Vídeo 2 (153058). 02min34seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

¹²⁷ A tigüera é palavra de origem tupi, que significa: áreas de terra plantadas onde já se fez a colheita, e crescem plantas esporádicas, e se coloca os animais para pastarem. Uma dessas plantas que cresciam era o radiche.

¹²⁸ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Maria Cecília Alessi, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo (153357). 3min25seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

imigração da maioria dos imigrantes italianos que se dirigiram ao Paraná na companhia do Pe. Ângelo Cavalli, pois com ele vieram as principais famílias que formaram a Colônia Bella Vista. Dentre elas se destacam-se os Moletta, Bobbato, Alessi, Menon, Marconato.

Júlio Lorenzoni¹²⁹, um jovem de 14 anos de idade que emigrou para o Brasil em 1878 e se instalou em Silveira Martins no Rio Grande do Sul, narra com detalhes as ações do Pe. Cavalli ao recrutar as famílias que vieram para a Província do Paraná, no final do século XIX. Ele narra, com muita sutileza, os conflitos humanos, físicos, culturais, bem como a transição de emigrantes para imigrantes e depois colonos, que irão trabalhar nas terras da Província Paranaense.

Nessas memórias de Júlio Lorenzoni, no ano de 1877 espalhou-se em Bassano del Grappa, a notícia de que algumas famílias estavam se desfazendo de seus bens e rumando para o Brasil. A propaganda para essa emigração em massa estava sendo feita pelo Padre Ângelo Cavalli¹³⁰, pertencente à Congregação do Bispo Scalabrini¹³¹, da cidade de Piacenza. Este padre acabou se tornando um agente de viagem de Clodomiro di Bernardis, de Gênova, que possuía o cargo de Agente Geral de Emigração. Clodomiro, através de uma carta, convida o Pe. Ângelo Cavalli para emigrar junto com 200 famílias, como pastor e oferece garantias de viagem, como: despesas de viagem pagas pelo governo brasileiro, alimentação por um prazo de seis meses, casa, 50 hectares de terras. Porém, ao chegar ao Brasil, o emigrante deveria adquirir os instrumentos rurais, sementes e animais. O pagamento do terreno deveria ser feito no prazo de sete anos mas, para aqueles que desejassem pagar em três anos, o valor reduzia para a metade do estipulado; em cinco anos, seriam dois terços do valor. Depois de pagar seus débitos, o imigrante seria o proprietário legítimo das terras.

Muitos italianos ficaram deslumbrados com as notícias trazidas pelo Pe. Ângelo Cavalli e decidiram segui-lo. O Pe. Ângelo foi considerado como responsável pelo recrutamento para a emigração, bem como uma pessoa que exercia certa liderança, mas respondeu a processos na justiça, sendo acusado de agente ou subagente de emigração. Foi absolvido por falta de provas

¹²⁹ LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

¹³⁰ O Pe. Ângelo Cavalli nasceu em 1840 na cidade de Valstagna. Foi pároco muito jovem de uma localidade chamada Oliero, distante 2km de Valstagna e 15km de Bassano del Grappa. Antes, porém já havia trabalhado como capelão em Liedolo, Colvene e Cassola, todas estas cidades localizadas na província de Vicenza, muito próximas entre si. O pároco tinha uma influência muito grande nas orientações de seus fiéis, por isso todos que decidiam emigrar iam aconselhar-se com o mesmo. Sua própria família passava por dificuldades e então ele decide emigrar juntamente com seus paroquianos, apesar das dificuldades que teve que enfrentar perante a própria igreja. MOLETTA, op. cit., p.40.

¹³¹ Esta Congregação foi fundada em 1887, para formar missionários que se destinariam aos países onde havia emigrantes italianos. Segundo Susete Moletta (2007), a Congregação existe até os dias atuais e ocupa-se de todas as pessoas que emigram, indistintamente de raça e nacionalidade, em todos os continentes.

convincentes e recebeu o sinal positivo para emigrar para o Brasil junto com seus recrutados em setembro de 1877¹³².

A importância de Pe. Cavalli neste processo emigratório repousa no fato de estar junto aos recrutados por ele as famílias, Gabardo, Pontarollo, Lazzarotto, Negrello e, principalmente Luigi e Anna Moletta, um dos casais da Colônia Bella Vista, que partiram para o Brasil, em 1877, com seus filhos¹³³.

Nos navios, o momento de partir representava para eles o mais triste, pois sabiam que provavelmente jamais retornariam a sua terra natal e não tinham certeza de que a imigração daria certo. Nos navios recebiam os utensílios para as refeições que eram de bom nível, segundo Lorenzoni. Ele também nos narra que ao partir ouviam barulhos e sons diversos. Barulho de alguns que gritavam, choravam, blasfemavam, outros cantavam, as mães cantavam canções de ninar aos filhinhos e a maioria rezava pedindo proteção nesta viagem interminável e incerta. Quanto mais passavam os dias, mais pesada ficava a viagem, pois não tomavam banho e nem trocavam de roupa, razão pela qual ocorriam ataques de parasitas, como piolhos e outros problemas advindos da falta de higiene.

Esse sentimento de partir, a *partenza*, que era como eles chamavam o sentimento pela pátria mãe, a esperança de recomeçar em uma nova terra, era o momento da ruptura e a reafirmação de uma nova identidade do grupo. A Sra. Angelina Amábile Alessi contou que ouvia seus avós e sogros contarem sobre a travessia no mar, que a viagem era muito triste, pois tinham muito medo de morrer no mar.

Eles diziam - a gente passava mal. Porque gastavam tudo pra viagem. Daí eles vinham de navio pra água. Paravam muitos dias na água. Tia Madalena era muito doente, a sogra contava, que era irmã da sogra. Madalena Marconato. E daí diziam que se ela morria, pinchavam no mar. Daí tudo rezava pra ela não morre, senão pinchavam ela no mar. A Madalena do Angelo Marconato. Ela sobreviveu e viveu muitos anos ali na Colônia, depois¹³⁴.

¹³² Dados obtidos no Arquivo de Estado de Bassano del Grappa. In: MOLETTA, op. cit., p.45.

¹³³ Ibidem, p. 35. O nome dos filhos que vieram ao Brasil e os que permaneceram na Itália estão discriminados nesta obra. Destaque para um dos filhos deste casal, Giacinto Muletta.

¹³⁴ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). 13min24seg. Vídeo 2 (125424). 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

Percebe-se o sentimento de insegurança e medo. Medo do desconhecido, de não ter as últimas bênçãos e orações de um sacerdote, de não poder enterrar seus mortos na terra, valores religiosos e crenças que traziam de sua terra.

As lembranças registradas pelos descendentes desse grupo imigratório da Colônia Bella Vista podem ser diferentes, podem variar conforme a preocupação que ocupa a mente de cada pessoa. Para um dos entrevistados, o Sr. Olando Alessi, a preocupação que ele teve era destacar que os navios eram movidos pelo vento. Era como se ele escutasse e observasse aquela cena dos navios, pois parava e ficava como se estivesse escutando seus *nonos* narrarem aquela cena. Segundo suas memórias, os *nonos* contavam de forma tão rica em detalhes que era como se ele mesmo, literalmente, tivesse se transportado para o alto-mar e escutasse aquele vento marcante. Foi uma experiência compartilhada por seus *nonos*, que agora não eram apenas lembranças, mas sim uma experiência do passado que, trocada comigo no presente, estabelecia um novo vínculo de relações.

Naquele tempo, não era um navio que pegasse uma reta, assim, vinha pelo vento, né. Quantos que morriam e pegavam e pinchavam crianças no mar... Falavam que sofriam. Não é que pegavam o navio e seguia uma reta, era pelo vento. Naquele tempo se morresse um dentro daquele barco tinha que pinchar no mar [...] A falecida nona contava seguido [...] que uma mulher ganhou um nenê e jogaram no mar, coitadinho[...] como era tocado a vento, ia pra lá e prá cá, e se morresse um, era jogado no mar, porque ficava muitos dias [...] ¹³⁵.

Percebemos a preocupação com o registro das mortes no momento das viagens nos navios; aqueles fatos marcaram a memória dos que viveram aqueles momentos, a ponto de contar várias vezes a seus filhos e netos. O Sr. Olando Alessi, em sua narrativa, repetiu várias vezes à mesma história, talvez pelo fato de tê-la escutada muitas vezes, de seus pais e avós. O registro das mortes nos navios está presente também na memória dos demais entrevistados. É uma narrativa comum a todos, pelo fato de seus antepassados terem destacado esse fragmento no momento de contarem suas histórias.

Sabemos que as lembranças dos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista não são as mesmas do momento em que seus parentes saíram da Itália, são lembranças de seus descendentes que escutaram de seus pais e avós, isto quer dizer que seu registro é modulado por questões do

¹³⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Olando Alessi, 86 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (130355). 36min 06seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

presente de seus descendentes. Claro que o registro do passado não é exatamente como ocorreu, então fica marcado aquilo que ficou em evidência no momento que foi contado aos descendentes.

As incertezas do que encontrariam na nova terra gerava a insegurança, pois seriam testados em muitos aspectos. Por isso, precisavam assegurar a perpetuação dos valores morais, éticos, religiosos, valores do grupo que os identificava. A travessia não foi fácil, de acordo com os registros deixados, mas o fato de estarem em grupos ou em família, facilitou a adaptação ao novo meio, ao novo espaço que seria formado por eles e praticado com o grupo, reafirmando sua identidade étnica.

Como percebemos até agora por três entrevistas, o que permaneceu na memória dos descendentes da Bella Vista, é a narração do processo migratório de seus antepassados através da travessia pelo oceano e muito pouca referência eles possuem do período anterior a este fato. O que permaneceu com mais força foi o momento da travessia e as trajetórias posteriores, dependendo da idade e do grau de parentesco com os antepassados. Observei nas entrevistas que as experiências mais marcantes vividas durante este processo foram as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, como a fome e as perdas humanas. Os entrevistados repetem várias vezes à sensação que seus antepassados tiveram ao saber que se morressem seriam jogados ao mar e como passavam fome e dificuldades ao iniciar suas vidas na colônia, inclusive tendo que se alimentar de folhas verdes que retiravam das tigüeras, como foi citado anteriormente na narrativa da Sra. Maria Cecília Alessi: (...) Era uma vida de pobre mesmo¹³⁶.

O que pude perceber com as entrevistas realizadas é que a visão romanceada da imigração, a imagem do colonizador como herói e homem dotado de virtudes como foi construída o discurso oficial, não foi constante nos depoimentos dos descendentes de imigrantes do grupo da Bella Vista. Esses imigrantes foram retratados como pessoas pobres sim, que sofreram e passaram por muitas dificuldades, mas não como aqueles que venceram que trouxeram capitais e aplicaram nas terras, obtendo sucessos em sua travessia para o Brasil. Tanto se percebe esse sentimento, que a Colônia Bella Vista em termos de distribuição espacial e histórica na cidade de Imbituva, não possuía visibilidade e nem *status*. Na história de composição populacional do estado do Paraná, a Colônia Bella Vista é totalmente invisível no processo

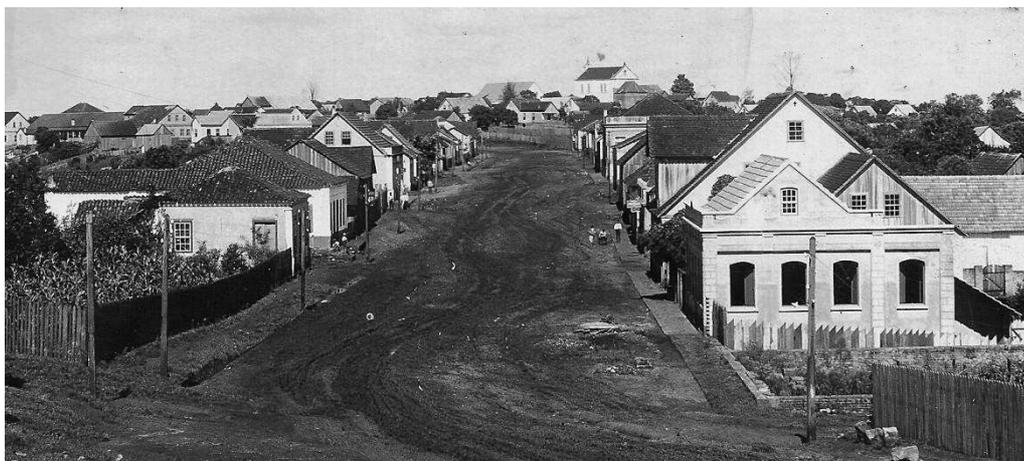
¹³⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Maria Cecília Alessi. 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (152904). 01min46seg. Vídeo 2 (153058). 02min34seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

imigratório. Ela não possui nenhuma referência como Colônia de Imigrantes, no final do século XIX, por não fazer parte do contexto oficial das colônias governamentais e ter sido formada exclusivamente por pequenos agricultores numa distância de mais ou menos 190 km da capital.

2.1 – Uma Colônia Esquecida? A Formação da Bella Vista

Devido aos desdobramentos históricos das políticas migratórias no Paraná que analisamos anteriormente, as levas de camponeses que chegaram à Província do Paraná nos primeiros anos da década de 1890, foram direcionadas às áreas de florestas virgens do Estado. Os principais núcleos criados nesta época ficavam próximos aos Campos Gerais e Campos de Guarapuava. Entre a Serra da Esperança e a cidade de Ponta Grossa, localizava-se Santo Antonio do Cupim, hoje cidade de Imbituva, povoação esta criada em 1871 como antigo Pouso de Tropeiros.

Fotografia 01: Santo Antonio do Cupim. Povoação criada em 1871 para onde se dirigiram os imigrantes italianos da Colônia Bella Vista.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

É nesta localidade que vamos encontrar as terras compradas pelos imigrantes italianos, que formaram a Colônia Bella Vista, citada por Antônio Sérgio Palú Filho¹³⁷ entre as colônias implantadas no território paranaense como uma colônia particular em 1896, por italianos vênets.

¹³⁷ PALÚ FILHO, Antônio Sérgio, MOLETA, Susete. *Italianos no Novo Mundo: história, imigração, genealogia, heráldica*. Curitiba: Edição do autor, 2009. p. 129.

Um dos primeiros documentos a se referir à Colônia Bella Vista é uma publicação do Jornal A República de 26 de fevereiro de 1907¹³⁸, referente a um contrato firmado entre a Câmara Municipal de Santo Antonio do Imbituva, na pessoa de seu Prefeito Municipal Benedicto Perretti com o Tribunal de Justiça de São Paulo, artigo 10º, onde consta o seguinte:

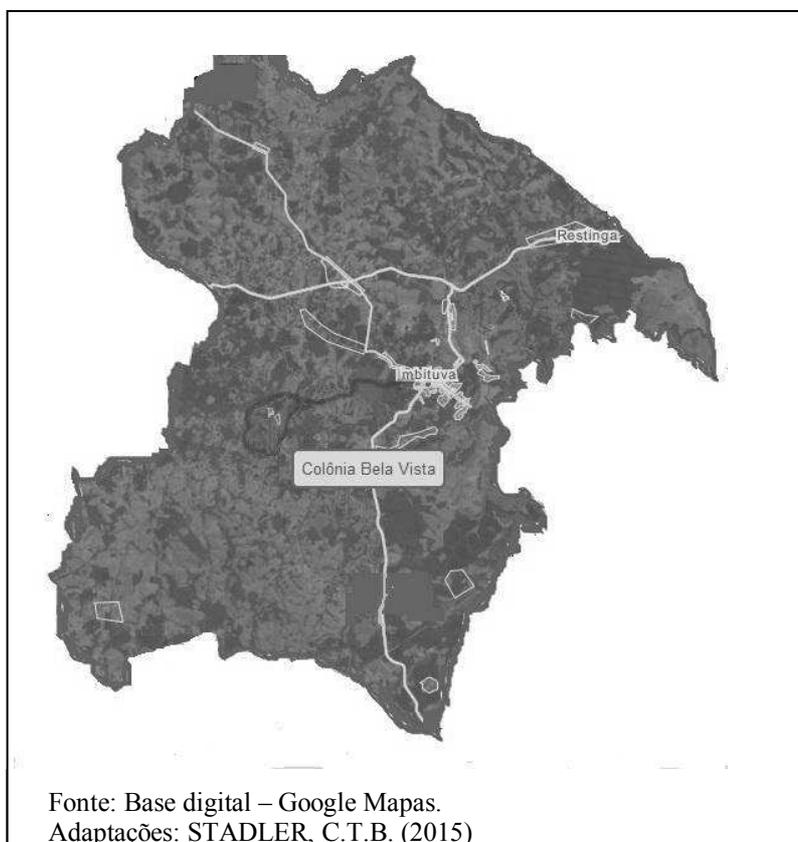
Art 10º. Fica o Prefeito autorizado a tomar todas as providências precisas e previstas pelas leis respectivas para se effectuar a abertura de uma estrada carroçável, pela via mais directa possível, que partindo d'esta Villa, atravessando os terrenos municipaes, de Bento Bahia ou Virgilio Vianna, dos Augustos, e passando pela colônia *Bella Vista dos Italianos*, va aos bairros de São Miguel e Pinho a encontrar com a estrada do distrito de Bom Retiro. (grifo nosso).

Essa estrada a que se refere o documento daria acesso de Imbituva à Colônia Bella Vista. Também ligaria a Colônia às comunidades rurais do interior de Imbituva, como São Miguel e Pinho de Baixo, comunidades que se formaram no interior de Imbituva em direção à cidade de Irati/Pr.

No mapa a seguir podemos identificar o território pertencente à Imbituva, com destaque para a localização do centro da cidade e da Colônia Bella Vista e a estrada que liga o centro da cidade à colônia, local onde se instalaram os colonos italianos.

¹³⁸ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional DIGITAL Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira.

Mapa 03: Mapa do Município de Imbituva com a localização da Colônia Bella Vista.



Um dos únicos documentos encontrados no Arquivo Público do Paraná, que faz referência à colônia é um relatório apresentado ao Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, na época Presidente do Estado do Paraná, do ano de 1912, pelo Dr. Ernesto Luiz de Oliveira – Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, onde o Inspector da Indústria Vegetal, David de Souza Camargo, relata sua visita a Colônia Bella Vista¹³⁹, em passagem pelo município de Imbituva. Ela possuía uma área de 870 alqueires de terra, 400 habitantes, com 3 casas de comércio, uma escola com 50 alunos, com produção de vinho, feijão, milho, batatas, mandioca etc.

¹³⁹ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, onde o Inspector da Indústria Vegetal, David de Souza Camargo, relata sua visita a Colônia Bella Vista. Fonte: Arquivo Público do Paraná. p. 43.

Em companhia do Sr. Prefeito da Comarca de Imbituva e do Sr. Julião Wasilewski, partimos com direcção a colonia, pelas sete horas da manhã, contemplando o panorama immenso que se desenrola ao longe, confundindo aquelle manto esmeraldino de pinheiraes, com o azul do firmamento. Nesta emoção enorme percorremos por entre aquella vegetação exuberante, de um solo de oiro, quatorze kilometros mais ou menos em duas horas, marginando o Ribeira e transpondo collinas. A colonia parece um pouco distante devido a grande volta que se dá, somente por falta d'uma ponte de vinte metros sobre o rio; esta collocada, diminuirá seis kilômetros, auxiliando muito o transporte dos productos, como sejam: da herva-matte, do vinho, etc. A área é de oitocentos e setenta alqueires, possuindo terrenos magnificos para cultura. O solo é constituído quase todo de terra vermelha, oriunda da desagregação da róchã diorita – (róchã eruptiva). As principais culturas deste local são: vinha, feijão, milho, batatas, mandioca, etc. [...] Além destas culturas, há outras em menor escala, como sejam do centeio, trigo, pecego, maçã, pêra, etc. O velho colono – Antonio Alessi cultivou o trigo sem barba, durante oito annos, colhendo em média, vinte cargueiros por alqueire de terra e, disse-nos que nem na Itália vio tão magnífico producto. Foi obrigado abandonar a cultura por causa da ferrugem e por não ter nóvas sementes. Todos usam estrumar seus quintaes. Só os irmãos – Santo Alessi e Antonio Alessi, exportam por anno: duzentas arrobas de herva-mate, setenta pipas de vinho e muitos cargueiros de milho e feijão. O valor de cada alqueire de herva é de 200\$000 rs. O numero de colonos é de 400 habitantes, todos de origem italiana. Lá existem três casas de commercio e uma escola subvencionada pelo Estado, com cincoenta alumnos. [...] Os homens pacíficos e ordeiros jamais deram motivo, a nascer um crime, na colonia. Após termos percorrido quase toda a lavoura, fiz uma preleição, ensinando a enxertia, a desinfecção das sementes e conservação de alguns productos agrícolas. O Sr. Wasilewski aproveitou esse recreio para tirar algumas photographias. [...].¹⁴⁰

Analisando este documento podemos identificar alguns dados que estão em consonância com a fala de alguns entrevistados, como a produção agrícola, as primeiras famílias que povoaram a colônia, sua localização próxima ao rio Ribeira e a fertilidade de suas terras.

Algumas famílias que residiam nas colônias próximas a Curitiba, como Antônio Prado e colônia Dantas, compram 870 alqueires de terras a uns 14 km do povoado de Santo Antonio de Imbituva. Esse novo núcleo foi criado em terras inexploradas, de modo que o primeiro problema era mesmo chegar até ele. Por este mesmo relatório, citado anteriormente, verificamos que para chegar até a colônia eles percorriam duas horas a cavalo, margeando o rio, apenas por não ter uma ponte de 20 metros sobre o rio, o que diminuiria seis quilômetros do trajeto.

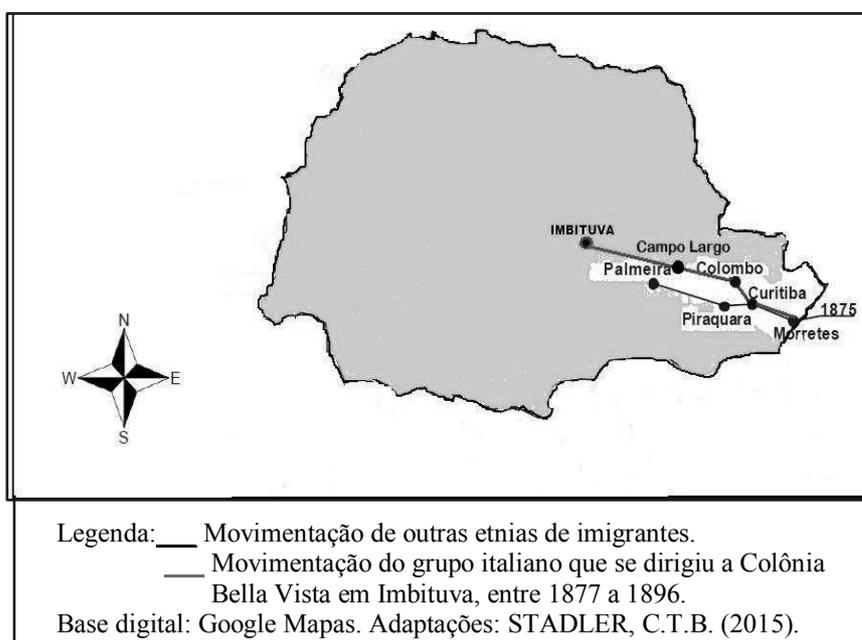
De acordo com o Jornal “A República” de 18 de junho de 1921, a Câmara Municipal de Imbituva conseguiu apoio do Secretário Geral do Estado para a construção da estrada de rodagem que ligaria a cidade à Colônia Bella Vista. Com esta documentação verificamos que se passaram 09 anos para que a comunidade da Bella Vista tivesse uma estrada transitável e que diminuísse as distâncias com a cidade.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 44-45.

De acordo com os relatos orais que obtivemos, existem controvérsias quanto à chegada das primeiras famílias. Alguns relatam que os primeiros imigrantes vieram direto de Paranaguá, Curitiba e dirigiram-se para a colônia Bella Vista; outros relatam que eles pararam nas colônias ao redor de Curitiba. Mas, pela documentação encontrada, podemos verificar que a maioria dessas famílias se fixou primeiramente nas colônias Dantas e Antonio Prado para depois se dirigirem a Imbituva, caracterizando-se, portanto, como reemigrantes no Paraná.

O que pode-se comprovar é que entre as famílias que vieram para o Paraná com o Pe. Cavalli - Muletta, Bobbato, Marconato, Alessi -, em 1875/1877, chegaram inicialmente em Morretes (Nova Itália), depois se dirigiram para Curitiba e seus arredores (Colônia Alfredo Chaves, hoje cidade de Colombo e Colônia Timbituva, hoje cidade de Campo Largo) e mais tarde, em 1896, para a Colônia Bella Vista e Ribeira. Essa movimentação, pode ser verificada através do mapa abaixo.

Mapa 04: Mapa do Paraná mostrando a movimentação do grupo Italiano da cidade de Morretes, passando por Curitiba, Colombo, Campo Largo até Imbituva - Colônia Bella Vista, entre 1877 a 1896.



Segundo Moletta¹⁴¹, essas famílias tinham deixado a antiga colônia Nova Itália e dirigiram-se a Curitiba em junho de 1878. Curitiba tinha estrutura para receber vários grupos de imigrantes em suas hospedarias no centro da cidade até o assentamento definitivo, que podia demorar seis meses. Os homens saíam pela cidade em busca de intérpretes para enviarem correspondência ao Presidente da Província requerendo terrenos, enquanto as mulheres e crianças ficavam nas hospedarias.

Muitos outros grupos de imigrantes também ficavam nestas hospedarias, como os poloneses, alemães, espanhóis, russos, ucranianos e suíços. Podemos considerar que todos esses grupos estavam vivendo as mesmas angústias, dificuldades, incertezas ao serem instalados e reinstalados em uma nova colônia. Constantemente reivindicavam junto ao governo novos terrenos, pois não queriam retornar à colônia Nova Itália, no litoral.

Em resposta aos apelos dos emigrantes que haviam deixado a colônia em Morretes, algumas famílias de italianos que estavam nas hospedarias foram convocadas para estabelecerem-se na Colônia Timbituva (em Campo Largo). Muitos se negaram a ir ao local porque os lotes desta Colônia eram situados a mais de quatro léguas da capital. A experiência de estar longe de um povoado maior tinha sido o bastante para continuarem a pleitear o mais próximo da Vila do Rocio, de Curitiba. A resposta negativa dada pelos colonos fez com que a Província tomasse uma medida drástica: suspender o fornecimento de alimentação à família dos que não aceitaram os lotes na Colônia Timbituva. Estes imigrantes italianos passam a ser considerados revoltosos. [...] tomaram a decisão de adquirir um terreno aforado junto à Câmara Municipal de Curitiba. Após a aquisição, enviaram um abaixo-assinado pleiteando o retorno do sustento de suas famílias até se instalarem em definitivo no novo local¹⁴².

Neste abaixo-assinado de 27 de setembro de 1878¹⁴³, estão as assinaturas de Luigi Moletta I, Luigi Moletta II, Giorgio Bobato e Sebastiano Moletta. Estes, não aceitando se dirigir a Colônia de Timbituva (hoje cidade de Campo Largo), foram designados pelo Presidente da Província a serem instalados em outras colônias e na Colônia Água Verde, como veremos pelos escritos do Padre Colbacchini, missionário do Instituto Scalabrini¹⁴⁴:

[...] algumas famílias, para fugir àquele estado de expectativa e de sofrimento, obtiveram do Município de Curitiba permissão para ocupar uma planície contígua à cidade (denominada de Água Verde) e ali construíram cabanas com ramos de árvores que, a seguir, tão logo puderam transformaram em pequenas casas de madeira. A cada família é

¹⁴¹ MOLETTA, op. cit., p. 94-95.

¹⁴² Ibidem, p. 96.

¹⁴³ Fonte: Livro 279, Arquivo Público do Paraná.

¹⁴⁴ Pietro Colbacchini "Relazione di um Missionário veneto" 13.10.1892. Roma – C.C.P. Publicado na Revista Studi Emigrazione – Centro Studi Emigrazione – 1968. Carta escrita por Pietro Colbacchini – Archivio Centro Studi Emigrazione – Instituto Scalabrini – Roma. Apud: MOLETTA, op. cit., p. 100.

dada uma certa quantia de terreno (de cinco a dez hectares) com a obrigação de pagar uma certa quantia à cidade (cerca de três libras por hectares). [...] Outras famílias se instalaram em terras de proprietários brasileiros, e outros, que tinham conservado um resto de dinheiro, foram estabelecer-se a sete quilômetros da cidade, numa localidade que agora se chama Santa Felicidade.¹⁴⁵

No Relatório do Presidente da Província, Dr. Joaquim Bento de Oliveira Júnior, do dia 7 de fevereiro de 1878, publicado como anexo dos Relatórios 23 de fev. 1878 e 9 abril 1878, consta que os colonos retirantes da colônia Nova Itália deveriam ser assentados nas colônias já existentes em outras localidades, como Antônio Prado. Alguns foram para colônias criadas para esta finalidade: Alfredo Chaves e Novo Tirol (Piraquara); outros ainda adquiriram terrenos e constituíram a Colônia Dantas; e outro grupo comprou terras de particulares em Santa Felicidade, Ferraria, Bateias, Campo Magro e outras localidades.

Neste contexto, constam na formação da Colônia Dantas – Água Verde, os nomes de Giorgio Bobbato e Sebastiano Moletta que, juntamente com 36 famílias, num total aproximado de 166 pessoas, instalaram-se na Colônia e foram auxiliados pelo governo da Província com sementes e na construção das casas.¹⁴⁶ João ou Giovanni Moletta também pediu auxílio ao governo da Província em 20 de janeiro de 1879¹⁴⁷, mas não foi atendido, instalando-se mais tarde com sua família em Cotia, na comunidade de São José dos Pinhais/Pr.

¹⁴⁵ Padre Pietro Colbacchini, foi um dos primeiros missionários do Instituto Scalabrini. Ele nasceu na cidade de Bassano Del Grappa, próxima à cidade Castelo De Gôdego. Das imediações dessas duas cidades emigraram algumas famílias que formaram a Colônia Bella Vista. Este padre resolveu emigrar para o Brasil, pois através de cartas se comunicava com seus antigos fiéis vindos com o Padre Cavalli que tinha falecido em 1870. Partiu para o Brasil no início de novembro de 1884. Inicialmente se instalou em São Paulo, mas em 1886 se dirigiu para o Paraná onde estavam a maioria das famílias de sua região. Instalou-se, a princípio, na Colônia Dantas – atual Bairro de Água Verde em Curitiba e em 1887, entrou para a Congregação Missionária do Monsenhor Scalabrini. Este padre, durante o período em que desenvolveu suas atribuições de sacerdote nas colônias de italianos, em Curitiba e cidades vizinhas, deslocava-se a cavalo até as cidades de Colombo, São José dos Pinhais, Campo Largo e Imbituva – na Colônia Bella Vista. MOLETTA, 2007.

¹⁴⁶ Um documento encaminhado para o Palácio da Presidência da Província do Paraná em 22/2/1879 consta um pedido de auxílio para construção das casas e compra de sementes por um grupo de imigrantes, entre eles os das famílias Bobbato e Moletta. Fonte: Ap. 583, doc. 242 – Arquivo Público do Paraná.

Outro documento de 16/02/1880, informa que as famílias que se instalaram na Colônia Dantas foram auxiliadas pelo Governo com a quantia de 50\$000 réis cada uma para a construção de suas casas. (Relatório à Assembléia Legislativa do Paraná, do Presidente da província, Dr. Manuel Dantas Filho). Arquivo Público do Paraná.

¹⁴⁷ Arquivo Público do Paraná, Ap, 583, doc 59.

Comparando a documentação citada e a narrativa da Sra. Laura Clementina Bobato¹⁴⁸, podemos identificar os membros da família Bobbato que vieram como imigrantes e o fato de se instalarem primeiramente nas colônias próximas a Curitiba, como no caso de seus avós e pais¹⁴⁹.

O meu pai era filho de Marcialle Bobato e Magdalena Milani. E a mãe era da Clara (agora não lembro o sobrenome dela) e o pai dela, não sei se era Antonio! *E eles vieram da Itália?* O pai não, nem a mãe. Os avós vieram da Itália. A mãe em São José dos Pinhais e o pai, não lembro se era no Portão - Umbará, uma coisa assim, só sei que era em Curitiba.

Então, quando esses imigrantes, os avós da senhora vieram da Itália, eles pararam primeiro em Curitiba? Eles ficaram morando lá em Curitiba primeiro ou vieram direto pra cá?

Acho que sim, porque daí o pai e a mãe se acharam em Curitiba. A gente pensa que sim. [...] *E quantas pessoas vieram, a senhora sabe? Quantas famílias vieram da Itália? Quais famílias, quantas pessoas?*

Veio meu tio Giocondo Bobato, Frederico Bobato que era nono do papai, José Bobato que era o tio José, o Antonio Bobato nasceu aqui. (fala do marido: não ele era mais velho do que a falecida nona). Antonio Bobato e...

E daí vieram outras famílias com eles também? Vieram os Moletta. Giacinto Molleta, o velho Giacinto. (...) *E os primeiros que vieram da Itália, ficaram um tempo em Curitiba, ficaram lá nas colônias de Curitiba [...]?* Não é bem cidade. Era mais ou menos. Era colônia dos italianos. [...] Sei que minha mãe nasceu em São José dos Pinhais, já é mais povoado.

Na relação das famílias que formaram a Colônia Dantas – Água Verde, estão relacionadas as famílias Bobbato e Moletta. Já o nome de Santo Alessi consta num documento de 28 de novembro de 1878, da Administração Geral dos Correios¹⁵⁰, por não se encontrar o destinatário para entrega das correspondências. Isso se explica pelo fato de que as famílias que abandonaram a Colônia Nova Itália em Morretes, ficaram com destino incerto por longo período, tornando difícil para o correio fazer a entrega das correspondências, e desse modo, publicava no jornal Dezenove de Dezembro o nome das pessoas que tinham correspondências a retirar.

Segundo Moletta¹⁵¹, muitas famílias tiveram uma permanência temporária na Colônia Dantas e, à medida que iam encontrando outras terras para habitar, se deslocavam:

¹⁴⁸ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1: 134343. Duração 40min27seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

¹⁴⁹ Para os entrevistados, algumas locais ou cidades representam um “lugar de memórias”, como para D. Laura, São José dos Pinhais é um espaço intimamente relacionado à sua identidade enquanto italiana. Através das entrevistas utilizando a metodologia da História Oral, como também em conversas informais com familiares, aos poucos foram se revelando várias memórias que fizeram parte do caminho percorrido pelos italianos da Bella Vista.

¹⁵⁰ MOLETTA, op. cit., p. 110.

¹⁵¹ Ibidem.

Muitas famílias foram para outras colônias de italianos, Umbará, Santa Felicidade, Campo Comprido, Pilarzinho, Ferraria, Rondinha, cidades vizinhas com colônias italianas, como São José dos Pinhais (Col. Zacarias), Colombo (Col. Alfredo Chaves), Araucária, Piraquara (Col. Santa Maria do Novo Tirol), Campo Largo (Col. Timbituva), Imbituva (Col. Bela Vista), ou outros Estados.¹⁵²

A criação da Colônia Bella Vista está relacionada aos mesmos objetivos das outras colônias criadas entre os anos de 1877 a 1900, próximas a Curitiba. Mas a Colônia Bella Vista se diferenciava das demais, pois ficava distante da capital, em torno de 190 km, e o preço da terra tornava-se bem inferior em relação às terras ao redor da capital. As terras poderiam ser compradas do governo ou de particulares pela metade do preço em relação às terras próximas a Curitiba, segundo os depoimentos orais. Também não encontramos documentações que expliquem o nome dado à colônia, mas foi provavelmente devido à existência de um grande lago na entrada da colônia, onde os primeiros imigrantes compraram terras e decidiram construir atrás deste lago suas primeiras casas. Os entrevistados dizem não saber o porquê do nome Bella Vista, como se pode identificar nas narrativas da Sra. Angelina Amábile Alessi e do Sr. Orlando Marconato. Acredita-se ser por causa da bela imagem que os primeiros imigrantes tiveram do lago em frente às terras da colônia¹⁵³, como podemos observar nas fotografias abaixo.

(D. Angelina): “*A senhora sabe por que eles chamaram o lugar de Bella Vista?*”

O nome? Não sei, eles nunca falaram. E daí a gente não ligava de perguntar.

(Sr. Orlando): *O senhor sabe dizer por que o nome Bella Vista?*

Aí eu não te conto (não sei), porque eu perguntei, era Bella Vista, colônia Bella Vista e ficou¹⁵⁴[...]

¹⁵² Ibidem, p. 111.

¹⁵³ Através de outras pesquisas identificamos que o nome Bella Vista também existe em outras regiões do Paraná e também em uma região no Norte da Itália, talvez a influência do nome também tenha vindo com os primeiros imigrantes.

¹⁵⁴ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). 13min24seg. Vídeo 2 (125424). 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr. Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

Fotografia 02: Estrada de entrada na Colônia Bella Vista.



Fonte: Acervo Cleusi T. Bobato Stadler.

Fotografia 03: Lago Bela Vista, situado em frente à Colônia.



Acervo: Angelo Márcio Vieira. Julho de 2014.

Depois da saída desses imigrantes da Colônia Nova Itália em Morretes e suas instalações em outras colônias ao redor de Curitiba, muitas famílias solicitavam outros terrenos junto ao Governo da Província, pois constituíam suas novas famílias e desejavam ter uma área para cultivo próprio. Assim, muitos deles se dirigem cada vez mais para o interior da Província. É o que se deduz de um documento assinado por Giacinto Moletta, um dos filhos de Luigi e Anna Moletta:

Giacinto Moletta, imigrante italiano, casado, de [...] anos de idade e com 3 filhos, tendo lutado com imensas dificuldades para viver por não ter terra onde possa trabalhar, vem solicitar de V. As. Um lote de terra no novo núcleo Santa Gabriella, onde estai estabelecidos os patrícios do suplicante. O suplicante vindo de Morretes há alguns anos ainda em companhia de seus pais, aos quais prestou serviços até o dia que constituiu família, nunca recebeu do governo favor algum dos que costumaram ser dispensados aos imigrantes, por isso o suplicante confiadamente solicita a espera do patriotismo de V.Sa. que lhe será concebido em lote dos não distribuídos na colônia Sta Gabriella (21.1.1886, Almirante Tamandaré).¹⁵⁵

O núcleo Santa Gabriella localizava-se na Colônia Alfredo Chaves (atual município de Colombo). Mas a resposta dos agentes oficiais do Estado ao pedido de Giacinto Moletta foi negativa – “Se quiser um lote nos lotes de Morretes, terá”¹⁵⁶. O governo não atendeu ao pedido

¹⁵⁵ Solicitação de Giacinto Moletta de terras ao Presidente da província, em 21.1.1886. Na época, Giacinto já era casado com Maria Gabardo e tinha três filhos. FERRARINI, Sebastião. *A Imigração italiana na província do Paraná e o município de Colombo*. Curitiba: Champagnat, 1992.

¹⁵⁶ Ap. 793, doc. 90, 21.1.1886 – APPR.

de muitos suplicantes pelo fato de querer que as famílias retornassem a Morretes para a Colônia Nova Itália, onde já tinha uma estrutura estabelecida. Mas já haviam se passado oito anos da saída de seus pais da Colônia Nova Itália, quando Giacinto fez seu pedido ao governo.

Provavelmente foi por não ter sido atendido em seu pedido que Giacinto Moletta se deslocou em 1896 para o interior do Paraná, mais especificamente na Comarca de Ponta Grossa, Freguesia de Santo Antonio do Cupim, em busca de lotes de terras para efetuar a compra de particulares. Ele e sua esposa Maria Gabardo constituíram-se em uma das primeiras famílias a se instalarem na Colônia Bella Vista.

Junto com Giacinto e Maria, veio o casal Marziale Bobato e Magdalena Milani, que entraram no Paraná em 1887 e moraram inicialmente na Colônia Alfredo Chaves. Em 1878, segundo Susete Moletta, desembarcaram em terras da Província Paranaense, Giuseppe Alessi, sua esposa e três filhos. Instalaram-se na Colônia de Timbituva, no município de Campo Largo.

Giacinto Moletta, Giuseppe Alessi, Marziale Bobato e seu irmão João Bobato, insatisfeitos com os locais onde residiam ou provavelmente com a intenção de conseguirem mais terras, partiram para o interior em busca de outras terras para a compra. Através do documento abaixo, podemos observar que essas famílias tinham reservas financeiras, pois pagaram cento e oito mil réis por quarenta alqueires de terra, mais o imposto devido no ato da compra (6% do SIZA¹⁵⁷). Portanto, quando se estabeleceram nas colônias próximas a Curitiba e não permaneceram, tinham a intenção de comprar terras em locais mais distantes para aplicar os recursos de seu trabalho, ou adquiridos por meio da venda de lotes inicialmente comprados do governo. Em muitas famílias, os filhos que imigravam com seus pais, desejavam adquirir terras para conseguirem ter sua independência financeira; queriam ter seus próprios terrenos para não dependerem de seus pais ou familiares.

Através da informação obtida no Livro de Registro de Terras do Paraná, no documento abaixo, podemos identificar que a compra das terras foi realizada três anos antes da formação da colônia em 1896, bem como na localidade que já se denominava Ribeira. Essas terras eram comuns às terras da Bella Vista, e era chamada assim por estar circundada pelo rio Ribeira. Também através deste documento, identificamos que o valor do alqueire de terras na Freguesia de Santo Antonio do Cupim era de dois mil e setecentos réis e que para registrar esse bem imóvel

¹⁵⁷ SIZA - Imposto de transmissão de bens imóveis por ato inter vivos no momento da transferência da propriedade e registro no álbum imobiliário, durante o final do Império e início da República.

e transferir sua propriedade era necessário pagar o imposto devido de 6% do valor total pago por essas terras. Isso mostra que era necessário que os reemigrantes tivessem recursos guardados para a compra de novas terras. Como eles já tinham passado por outras colônias como Alfredo Chaves e Timbituva (Campo Largo) do ano de 1877 a 1893, provavelmente não possuíam mais dívidas com o governo¹⁵⁸, e ainda tinham reservas financeiras para a aquisição das terras na Freguesia de Santo Antonio do Cupim por estar localizado mais distante da capital e as terras possuem um valor menor.

João Bobbato, residente na Ribeira, compra com cultura affetivo e morada habitual há mais de dois anos, situado no lugar denominado Ribeira. O terreno em seu todo deve ter quarenta alqueires mais ou menos, sendo parte cultivada, plantação de milho, feijão, fumo, criação de animais e mais benfeitorias. 2.9.1895.

Comprou em 1893 no dia 29 de agosto. Villa de Santo Antonio de Imbituva. Vendedor Generozo Teixeira da Cruz. João Bobbato pagou 1 conto e oitocentos mil réis referentes a 6% de “SIZA”. Cento e oito mil réis, pagamento feito em 7.8.1893¹⁵⁹.

Observamos que este documento fala do lugar denominado Ribeira. Este local se refere as terras circundadas pelo rio Ribeira, que faz parte da bacia hidrográfica do citado rio. Essa localidade na época da chegada dos italianos fazia parte das terras onde formaram a colônia Bella Vista. Marziale e Giuseppe encontraram nesta localidade uma área de 1.800 alqueires de terras, onde após sua compra, iniciaram a construção de suas casas e instalaram-se com suas famílias. Novamente vamos verificar que os italianos tinham que ter recursos financeiros para comprar estas terras, um total de 4.860\$000 réis; portanto, não eram tão pobres e desprendidos de recursos financeiros como muitos que vieram da Itália. Possivelmente, eles venderam seus lotes adquiridos nas colônias de Alfredo Chaves e Timbituva (Campo Largo) por preços mais elevados para comprarem essas terras a preços mais baixos na Freguesia de Santo Antonio do Cupim, onde formaram a Colônia Bella Vista. Era uma das estratégias e mecanismos utilizados pelos imigrantes para aumentarem seu poderio de terras, seus recursos econômicos e formarem novas colônias distantes da capital, tornando-se assim reemigrantes.

¹⁵⁸ De acordo com o relatório do Presidente de Província do Paraná Adolpho Lamenha Lins, cada família de colono migrante recebia um auxílio de estabelecimento de 20\$000 réis e mais 20\$000 réis para o auxílio de sementes e utensílios. Depois de estabelecido na colônia e empregado nas obras públicas gerais, era cessada a alimentação por parte do governo e o colono ficava por sua própria iniciativa, ficando com sua dívida com o governo, que em média não ultrapassava a 500\$000 réis para cada família composta por 5 pessoas, incluindo o preço da terra, casa e acessórios. PARANÁ. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1877, pelo presidente de Província Adolpho Lamenha Lins. Curitiba: Typografia Lopes. 1877. p. 79-81.

¹⁵⁹ Arquivo Público do Paraná. Livro 87, p. 360, inscrição de número 225 do Livro de Registro de Terras.

Segundo a narrativa da Sra. Laura Clementina Bobato¹⁶⁰, estas terras foram compradas das senhoras Pires que moravam no local, pertencente à etnia Bugre, de acordo com a fala dos entrevistados e outros moradores da colônia.

A senhora sabe como que eles compraram as terras aqui da Bella Vista? Da Bela Vista, da Ribeira, fazia tudo parte da Bella Vista?

Não sei, porque aqui as primeiras que moravam eram aquelas velhinhas Pires. Elas moravam, que até acharam, essas velhinhas, o Santo Antonio de nó de pinho, sabe? Então onde tem a igreja, o pavilhão, era tudo destas Pires. Não sei o nome delas, o sobrenome era Pires. Elas doaram pra igreja e daí o povo foram se mudando, se acumulando, não sei se compraram, depois, terras de outros.

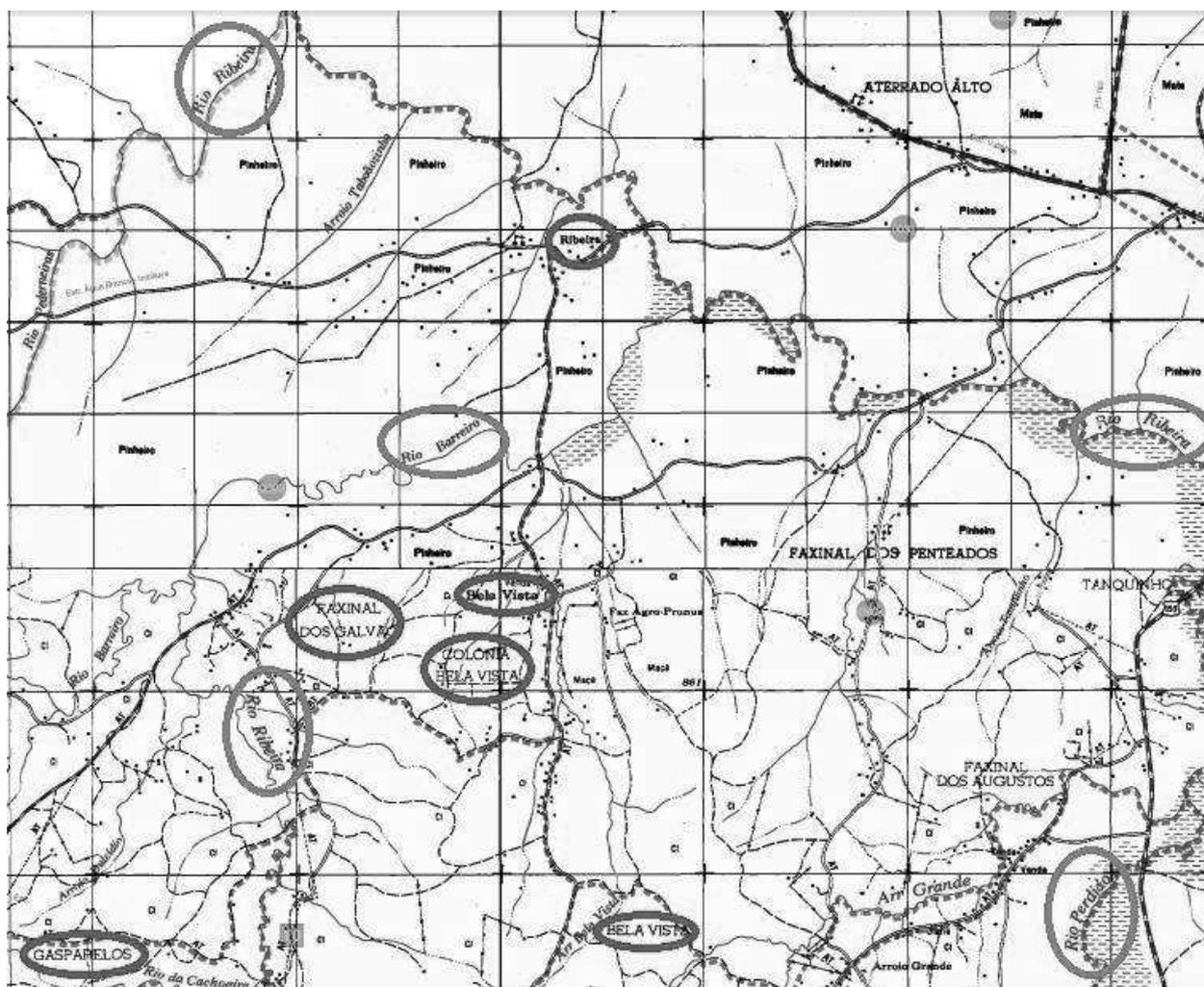
[...] E o porque Bella Vista, a senhora sabe? Eles sempre falavam em Bella Vista e não falavam por que. E aqui é Ribeira, porque é rodeada por rio. Nós estamos numa ilha. Quando chove bastante que faz enchente nós não podemos sair daqui. [...] Me representa que eles fizeram assim, como os sem terra, entraram, onde tinha (risos), acho que foi assim, de certo? *E depois requereram as posses?* É... (Marido: acho que eles não tinham, talvez terreno, digo, meio comum, e daí ficar lá mais na cidade, eles não tinham de certo com o que comprar, e viver e daí vieram...).

Percebemos nesta entrevista a constituição da lembrança na reconstrução do passado, realizada com a ajuda de informações do presente, e por isso está sujeita a flutuações e mudanças constantes. Percebemos esse aspecto quando a entrevistada em sua narrativa compara os imigrantes com os sem-terras. É o seu conhecimento da tomada e posse de terra na atualidade.

De acordo com o mapa atual do município de Imbituva, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, podemos identificar a bacia do Rio Ribeira e seus afluentes, a localidade chamada Ribeira, a Colônia Bella Vista, o Faxinal dos Galvão e as terras chamadas Gasparelos. Essas comunidades eram todas num só território geográfico, foram sendo separadas depois com a compra dos terrenos pelos imigrantes italianos.

¹⁶⁰ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1: 134343. Duração 40min27seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

Mapa 05: Mapa da Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira com a localização das comunidades da Ribeira, Colônia Bella Vista, Faxinal dos Galvão e dos Gasparelos. Elaborado pelo IBGE no ano de 2010.



Legenda:  Bacia do Rio Ribeira que contorna as terras pertencentes à Ribeira e Colônia Bella Vista.
 Terras pertencentes às comunidades da Colônia Bella Vista, Ribeira, Faxinal dos Galvão e Gasparelos. Todas essas localidades tinham as terras em comum.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapa Municipal Estatístico. 2010. Mapa Índice do Brasil – IBGE.

Observamos que no mapa está separada a Colônia Bella Vista e a Bela Vista. Todas são terras da comunidade Bella Vista, o que diferencia é a existência de duas igrejas, uma a igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde os primeiros imigrantes italianos se estabeleceram e formaram a Colônia em 1896; a outra Bela Vista é da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, construída em 1925 a 1929. Essa divisão existe atualmente, mas apenas na localização espacial, pois os habitantes

destas localidades, todos se consideram moradores da Colônia Italiana Bella Vista, questão esta que será analisada no capítulo III.

A dificuldade de construção da colônia foi a mesma das demais colônias. Primeiramente era derrubar pinheiros centenários que existiam no local, com ferramentas inadequadas, pois segundo algumas narrativas, o diâmetro de algumas araucárias era tão grande que precisavam de 5 a 8 homens para abraçá-las. Após derrubá-las tinham que carregá-las em carroças para o transporte. O fato de existirem muitas araucárias é que levou alguns imigrantes a montarem mais tarde serrarias para a comercialização da madeira.

Segundo a narrativa da Sra Angelina Amábile Alessi, as famílias que formaram a Colônia Bella Vista foram: “*Alessi, Bobbato, Moletta, Gasparello, Zunatto, tinha bastante que moravam lá*”. De acordo com Moletta¹⁶¹:

Feita a estrutura básica na colônia foi possível iniciar o processo de recebimento das famílias, ora mencionadas em ordem alfabética: Affornalli, Beraldo, Benanto, Bressan, Binni, Dal Santo, Dalla Rosa, Fabbri, Gatto, Gasparello, Guilherme, Marconato, Moletta, Montani, Menon, Scorsin, Sturaro e Zampieri, entre outras, todas da região vêneta, no norte da Itália.

Com a instalação de mais famílias, a colônia foi nominada Colônia Italiana Bella Vista, se estabeleceram os primeiros casais Giacinto Moletta e Jeocondo Bobbato (conhecido como nono Condo). Em 1900, o número de habitantes era de aproximadamente 150, distribuídos por cerca de 40 núcleos. Os colonos relataram que a terra era fértil, adequada para a plantação de arroz, batata doce, batata inglesa, cebola, centeio, feijão, fumo, melancia, milho, trigo e uva.

Após cinco anos, em 1901, os moradores da comunidade se reuniram para discutir a possibilidade da criação de uma sociedade, a qual seria responsável pela compra de um terreno para a construção de uma capela e de um cemitério. Um dos moradores, que não foi possível identificar de qual família, prontificou-se a doar uma área de terras que serviu para a construção do cemitério, da capela e da casa mortuária¹⁶². Como não foi possível encontrar fotografias mais

¹⁶¹ MOLETTA, op. cit., p. 145.

¹⁶² Essas informações foram conseguidas através de conversas informais e informações obtidas por Nestor e Sidney Poplade, autores da biografia de Luigi Antonio Ciscato, que estiveram na colônia por muito tempo obtendo informações orais com os moradores mais antigos. As narrativas serviram para reconstrução de parte da história desta colônia, no ano de 1998. POPLADE, Nestor Gastão, POPLADE, Sydney Luiz. *Luigi Antonio Ciscato sua vida...sua obra...* Edição dos autores, 1998. 269p.

antigas, a foto a seguir mostra a entrada da colônia em direção às casas, à primeira igrejinha de Nossa Senhora do Rosário e ao cemitério, no ano de 1998.

Fotografia 04: Colônia fotografada por Sidney Poplade, em 1998.



Fonte: POPLADE, Nestor Gastão, POPLADE, Sydney Luiz. *Luigi Antonio Ciscato sua vida... sua obra...* Edição dos autores, 1998. 269p.

Giacinto Moletta permaneceu na colônia com sua esposa Maria Gabardo e seus 17 filhos. Seus descendentes expressam que se ele tivesse recebido a concessão de terras ao redor de Curitiba como tinha reivindicado, não teria passado por tantas dificuldades e sofrimentos para se estabelecer na Colônia Bella Vista.

Outras famílias também saíram de colônias como Antônio Rebouças (Timbituva), a mais antiga colônia italiana do município de Campo Largo¹⁶³. Esta colônia fundada em 1878 e dividida em 34 lotes teve em sua formação o senhor Antonio Alessi que ocupou o lote 28. Antônio Alessi era filho de Giuseppe Menon que emigrou da Itália em 16/11/1877. Primeiramente ficaram na colônia Nova Itália, em Morretes - PR. Depois foram para a colônia de Antônio Rebouças em Campo Largo – PR, onde criaram a família, que se alastrou para Ponta Grossa e depois Colônia Bella Vista em Imbituva¹⁶⁴.

¹⁶³ FEDALTO, Pedro. *O centenário da Colônia Antonio Rebouças (1878-1978)*. Curitiba: Voz do Paraná, 1978. p.24.

¹⁶⁴ Dados retirados da genealogia da Família Menon, concedida a Cleusi T. B. Stadler por um de seus descendentes, o Sr. Valdeci Menon, filho de Darci José Menon e Elza Bobato Menon – antigos moradores da Colônia Bella Vista e Ribeira, mas hoje residindo em Curitiba/Pr. Valdeci Menon é bisneto de Antônio Menon e Rosa Alessi Menon, imigrantes italianos de 1877. Segundo ele, seu bisavô Antônio Menon veio de navio a vela da Itália, foi morar na

Entre as famílias que saíram da Colônia Antônio Rebouças em Campo Largo e se dirigiram para a Colônia Bella Vista em Imbituva, estão: Zampiere, Menon, Gatto, Bressan, Gasparello. As famílias que formam a colônia com muitas dificuldades e adversidades vão se estabelecendo e desenvolvendo suas atividades econômicas no espaço geográfico próximo ao rio Ribeira.

Através da narrativa do Sr. Orlando Marconato¹⁶⁵, identificamos aproximadamente os limites iniciais das terras da Colônia Bella Vista. O mapa a que ele se refere, não existe mais. E as divisas que ele nos repassa, são as divisas que hoje separam a Colônia Bella Vista, o Faxinal dos Galvão e a Ribeira, que na época dos imigrantes italianos eram um único território geográfico.

[...] Compraram um pedaço aqui, outro pedaço ali, eles não compraram tudo um lote só. [...] É, era um carreiro, era uma picada. Era só uma picada no meio do mato que vinha pra cá. Quando eu conheci, eu conheci um mapa que existia. Então existia a Bella Vista que era até aquele arroio ali embaixo, onde tem uma estufa ali, de lá, até aqui, até no arroio que a Amábile morava, no Faxinal dos Galvão - Bella Vista. O arroio da Ribeira ali, o rio da Ribeira ali, Bella Vista. E daí subia pra cima, Bella Vista. Daí, ali da casa velha da Valdete pra cima, era da Igreja do Rosário, pra baixo do Carmo, mas tudo Bella Vista. Daí depois foi se formando Faxinal dos Galvão e a Ribeira.

Para a formação e divisão das terras pertencentes à colônia, ocorreram disputas e conflitos com os bugres que apenas passavam pela região em direção a Guarapuava¹⁶⁶. Através do Jornal “A República” e pelas narrativas dos entrevistados encontramos o caso de uma criança italiana, em 1902, que foi raptada por bugres que passavam pela região.

Creança Furtada. De uma carta recebida pelo Sr. Luiz Penteado da colônia Bella Vista, município de Imbituva, e escripta por Francisco Menon, extrahimos o seguinte trecho: “Nós vamos indo aqui no maior desespero possível, porque há 2 mezes passaram nesta colônia os bugres e me furtaram minha filha de três annos. Tenho andado por toda parte deste município, e soube notícia que a menina foi encontrada nas costas de um bugre. Pelos signais que medão, é a creança. Fui até Guarapuava e não sobe mais notícia. Emfim quase tenho perdido a cabeça. Minha mulher está num desespero horrível, quase

Colônia Nova Itália, depois Campo Largo onde se casou com Rosa Alessi e depois veio morar na Colônia Bella Vista. Vieram abrindo picadas no meio do mato. Ele nos contou que seu bisavô com mais dois companheiros compraram terras, não pagaram, hipotecaram e por não conseguir quitar suas dívidas ficou louco no final de sua vida.
¹⁶⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

¹⁶⁶ Não encontramos indícios nenhum de povoamento de bugres na região. A freguesia de Santo Antonio do Cupim (Imbituva) e a colônia Bella Vista eram apenas ponto de passagem destes bugres pela região, em direção a Guarapuava e mais tarde para Irati.

louca. Agora apareceu um homem que conhece todos os bugres em Guarapuava. Prometti-lhe 50\$000 a fim de ver se acha a creança.¹⁶⁷

Esse mesmo fato foi narrado pela Sra. Laura Clementina Bobbato e pela Sra. Margarida Scorsin, onde elas destacam que a criança pertencia à família de Francisco Menon e nunca mais foi encontrada. Os bugres passando pela região sentiram-se ameaçados pelos imigrantes que estavam comprando, tomando posse e ficando com as terras. Mas também por outra narrativa de D. Laura podemos observar a controvérsia, onde ela expõe que as senhoras de sobrenome Pires, que eram duas senhoras de origem bugre, se davam muito bem com os imigrantes e quando idosas e sozinhas foram os italianos que cuidaram delas no final de suas vidas.

Tem um jornal bem antigo, que fala de uma criança que os bugres teriam raptado essa criança dos imigrantes? A senhora escutou alguma história sobre isso?

Esse, o compadre Francisco aqui, pai da minha nora, falou que é parente, era irmão da mãe dele, que eles desconfiam que os tropeiros que varavam tropa, tocando vaca, tocando cavalo, que pegaram essa criança. Era dos Menon. [...] Os povos que passavam pela região, alguns bugres que tavam junto¹⁶⁸.

Pela narrativa dos entrevistados foi apenas um fato isolado, não foi um acontecimento que ocorreu em outras ocasiões, pois o relacionamento entre os imigrantes e os bugres era harmonioso, não encontramos maiores conflitos entre os mesmos.

A colônia enfrentava dificuldades com a falta de estradas, de pontes sobre os rios e distâncias enormes em relação à capital. Constantemente os colonos reivindicavam às autoridades da Freguesia de Santo Antonio de Imbituva e da Província do Paraná melhorias para sua comunidade. Entre elas estavam reivindicações quanto à construção de novas estradas e pontes e de escola para educação básica de seus filhos.

Pela notícia do Jornal “A República”, de 07 de dezembro de 1905, atendendo a uma solicitação dos moradores da Colônia, o Senhor Presidente do Estado autorizou a transferência de uma escola pública do sexo masculino do povoado de Matto Branco, do município de Imbituva, para a colônia Bella Vista. Com essa determinação, podemos observar que somente 9 anos após

¹⁶⁷ Jornal A República de 28.05.1902. Arquivo Público do Paraná.

¹⁶⁸ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1: 134343. Duração 40min27seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

sua formação, os moradores estavam sendo atendidos pelo governo estadual na fundação de uma escola pública para a comunidade.

Pelo documento a seguir, de 31/03/1912, do Jornal “A República”, podemos verificar que quatro famílias compraram as terras de 800 alqueires pelo valor de 30 contos de réis, entre os anos de 1887 a 1896. Cada família adquiriu um lote e foi desenvolvendo suas atividades econômicas. Somando os lotes que já haviam sido comprados um pouco mais distantes, nas proximidades do rio Ribeira, a colônia já possuía uma extensão grande de terras. Pela narrativa apresentada no documento, comprova-se que em pouco tempo os italianos recuperaram os valores pagos pelos seus lotes, pois as atividades econômicas da produção do vinho, extração da erva-mate, da madeira e da agricultura lhes renderam uma boa quantia de capitais.

[...] Este município nos offerece um bello exemplo, si reparamos para a colonia Bella Vista, cuja propriedade foi comprada há cerca de vinte annos, por poucas famílias italianas, que deram pela mesma propriedade a quantia de 30 contos de reis e tem uma área de terras mais ou menos de oitocentos alqueires. Em quatro formaram alli os italianos seus ricos parreirae, casas, estradas e feichos na referida propriedade. D’ahi para cá começaram a fabricar o vinho que regula uma media anual de quatrocentas pipas, e destas vendem tresentas e o resto é do consumo dos agricultores. Agora compulsando-se a quantidade vendida pelo preço mínino de trinta mil réis o quinto, da-lhes aquella pequena parte de sua propriedade occupada com esta cultura a somma de 45 contos de reis, alem da grande quantidade de milho, feijão, batatas ingleza, doces, criação de porcos, cavallos, cabritos e aves, que tudo concorre para augmento de suas fortunas particulares; não se fallando na herva-matte que ali é extrahida em grande quantidade, como também ali se vende a boa maçã e a boa pêra. [...] Si há vinte e cinco annos em nossas terras onde está situada a colonia (...).¹⁶⁹

Outra notícia importante do Jornal “A República” é do dia 21/10/1912, que faz referência à visita do Sr. Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário da Agricultura que, em visita a Colônia Bella Vista, escreve um telegrama ao exmo. Sr. Dr. Carlos Cavalcanti, Presidente do Estado do Paraná:

Imbituva, 21 – Em companhia dr. Promotor e Prefeito percorri hontem doe léguas a Cavallo, visitando os veios de carvão de pedra. Hoje visitei uma nova mina situada a dosi kilometros da cidade. O carvão é excellente. Há indícios fortes de novos veios nas camadas mais abaixo. As terras roxas são de primeira qualidade com muitos milhões de pinheiros. O Dr. Camargo e photographo visitaram a colonia italiana onde há cerca de duzentos mil pés videiras. Sigo amanhã para Prudentópolis¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Jornal A República de 31.03.1912. Arquivo Público do Paraná.

¹⁷⁰ Jornal A República de 21.10.1912. Arquivo Público do Paraná.

A partir da leitura das fontes é válido ressaltar a importância dessas micro-histórias e da história oral, para que se possa verificar a inserção do estudo da colônia na historiografia paranaense, pois como afirma Moletta¹⁷¹, “por décadas foi um misto de esquecimento, seja dos representantes legais do Estado Brasileiro ou, pior ainda, dos representantes legais do Estado Italiano [...]. Nem sequer a colônia mereceu registro de sua história em livros especializados de imigração”.

2.2 - As Famílias Bobbato e Moletta na formação da Colônia

A história da Colônia Bella Vista nos mostra que a vida das famílias nos primeiros anos foi de grandes dificuldades, e para os imigrantes italianos da família Bobbato não foi diferente, como não foi também para as outras famílias, Moletta, Marconato, Alessi. Mas o estudo desta família é especial é pelo fato de terem sido os primeiros a comprarem terras na Colônia Bella Vista na pessoa de Marziale Bobbato e Maria Madalena Milani, os quais se encontram na foto seguinte.

Fotografia 05: Casal Marziale Bobbato e Maria Magdalena Milani.



Fonte: MOLETTA, op.cit., p.156.

¹⁷¹ MOLETTA, op. cit., p. 146.

Junto ao casal Marziale Bobbato e Maria Madalena Milani, embarcaram para o Brasil também seus irmãos e sua mãe: Fortunata Daminato (viúva), Giorgio, Girolamo e Clemente Bobbato, com suas esposas e filhos¹⁷².

O sobrenome Bobbato vem de BOBB+ATO. A origem deste sobrenome remonta à cidade de Castelo de Godego, Província de Treviso. É um sobrenome raro e típico da região do Vêneto, norte oriental da Itália. Sua incidência quase exclusiva se verifica, historicamente, em restrita área da Província de Treviso¹⁷³. De acordo com Silvio Civiero¹⁷⁴ através de depoimento oral, os membros desta família trabalhavam como mezzadri¹⁷⁵ para os latifundiários da região.

As primeiras informações sobre essa família estão registradas na Itália. Através de contato com a Associazione Emigranti di Castello di Godego, na pessoa do Sr. Silvio Civiero, o qual enviou-me por correio as certidões de nascimento de Giuseppe Antonio Bobbato, e as certidões de casamento de Girolamo Bobbato e Maria Gioseffa Stocco, Matteo Bobbato e Fortunata Daminato, Marziale Bobbato e Maria Maddalena Milani. Todos os casamentos foram realizados na Parocchia Natività Di Maria de Castelo di Godego¹⁷⁶.

A análise das fontes indica que a primeira presença da família Bobbato em solo paranaense foi em 15 de novembro de 1877, na Colônia Nova Itália, Morretes, na pessoa de Giorgio Bobbato, com sua esposa e dois filhos. Ele fazia parte do grupo do Padre Cavalli que

¹⁷² Matteo, Fortunata, Marziale, Maria Milani, Vittoria, Clementina, Giocondo, Giuseppe, Maria, Girolamo, Maria Stocco, Gio-Batta, Ida, Frederico, Maddalena e Antonio Bobbato, consta sua saída da Itália no ano de 01, moradores da Av. Avenalli, esquina com a Via Muson, distante uns 2,5km da Parrocchia Natività de Maria Santíssima (centro de Castelo Di Godego). Fonte: *GODIGESI NEL MONDO: um secolo di emigrazione godigese e di presenza missionária all'estero*. Itália: Pubblicazione a cura dell'Associazione Emigranti di Castello di Godego, 1990. p. 41.

¹⁷³ STADLER, C.T.B. *Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais*. Imbituva: Gráfica Prudentópolis, 2005. p. 71.

¹⁷⁴ Sr. Silvio Civiero é pesquisador local da emigração de “godesi” no mundo – Itália. Associazione Trevisani Nel Mondo Sezione Di Castello Di Godego, com o qual eu realizo intercâmbio cultural, recebendo o jornal da Associação todos os meses.

¹⁷⁵ É uma forma de contrato de trabalho onde o proprietário de terras e um agricultor (meeiro), dividem (normalmente meia) os produtos e os lucros de uma fazenda.

¹⁷⁶ Documentação recebida e justificativa do Sr. Silvio Civiero da Itália, explicando a dificuldade em encontrar documentações comprobatórias, pois não havia registros civis nas prefeituras, apenas nas igrejas, para batismos e casamentos. Ele enviou as certidões de casamento de Girolamo Bobbato e Maria Gioseffa Stocco, ocorrido no dia 31 de janeiro de 1883, Matteo Bobbato e Fortunata Daminato, em 26 de fevereiro de 1840, Marziale Bobbato e Maria Maddalena Milani, no dia 15 de fevereiro de 1871. E a certidão de nascimento de Giuseppe Antonio Bobbato, filho de Marziale Bobbato e Maddalena Milani, no dia 26 de Maio de 1879 em Castello di Godego.

Silvio Civiero. Via roma 52. 31030 Castello di Godego. (Treviso) Italy. Signor Cleusi Bobato, come promesso attraverso e-mail trasmesso alcuni giorni fa, invio il libro Godigesi nel Mondo, con il seguente segna libro a pagina 41 dove sono scritti i Bobbato emigrati in Brasile nel 1888, con altri nomi di Castello di godego, furano proprio molti. A quel tempo non c'erano le comunicazioni scritte, ma ora scopriamo i nostri antenati, la nostra storia dei cognomi e la provenienza italiana. Al libro Godigesi nel Mondo, scritto nel 1995 anche dal sottoscritto, allagiamo i certificati di matrimonio richiesi, molto difficili da trovare. A quel tempo l'anagrafe in municipio quasi non esisteva, c'era solo la parrocchia (la chiesa) per i documenti di battesimo e matrimonio. Speriamo sia sufficiente, quanto inviato, come il vostro nuovo indirizzo? Silvio Civiero Castello di Godego.

veio junto com as famílias Moletta, Alessi, Marconato e Menon. Em sua pequena estadia na colônia ele recebeu ferramentas para trabalhar, mas depois abandonou a mesma em 14 de julho de 1878. Residiu na Colônia Água Verde e depois na Colônia Umbará em Curitiba¹⁷⁷.

Muitos imigrantes escreviam para seus amigos e parentes na Itália mencionando a quantidade de terras, número de animais, colheita de cereais. Era uma forma de incentivar os parentes e amigos a emigrarem para o Brasil para fazer-lhes companhia. Atendendo a estes apelos, a mãe e os irmãos de Giorgio, Fortunata, Marziale, Girolamo e Clemente com suas famílias deram entrada numa hospedaria em Curitiba, no dia 18 de janeiro de 1887¹⁷⁸. Nos registros consta a nacionalidade italiana, sua procedência do Rio de Janeiro e destino para a Colônia Antônio Prado, com entrada em 18/01/1887 e saída no dia 04/02/1887.

Elas permaneceram na hospedaria até o dia 4 de fevereiro de 1887, indicando como destino o núcleo Antônio Prado, Colônia Alfredo Chaves, Colombo. O livro de contas dessa colônia indica os lotes de número 45 (Marziale), 46 (Clemente) e 47 (Girolamo). As anotações informam que eles receberam uma casa no valor de 50 mil réis. Os débitos, embora diferentes para cada irmão, não foram pagos. Na mesma folha de controle, já aparece o nome do novo colono assentado, em 1898. Nesse ano, as famílias Bobbato já estavam morando na Colônia Bella Vista¹⁷⁹.

Na citação observamos que os débitos referentes às terras não foram pagos pelos irmãos Bobbato nas colônias onde residiram. É um indício de sua saída para outra região distante da capital em busca de novas terras e com os capitais necessários para a compra de terras por preços mais inferiores. Marziale depois de sair destas colônias, morou um tempo em Umbará, onde já morava seu irmão Giorgio há mais de 10 anos. Somente depois é que vai para a Colônia Bella Vista. Quanto a seu irmão João Bobbato (Giovanni), o qual consta em documento anterior já mencionado que comprou terras na Ribeira (Bella Vista) em 07/08/1893, não foi encontrado registros de seus descendentes, nem de seu óbito - provavelmente foi esta família Bobbato que deixou as terras do Paraná em direção ao Rio Grande do Sul, onde existem algumas famílias com sobrenome Bobbato.

¹⁷⁷ Arquivo Público do Estado do Paraná, LV 834, p. 49 – Matrícula de colonos – colônia Nova Itália – Morretes (PR) – 1877-1879. BR PR APPR PB001. Informações retiradas também dos livros de registros das colônias. Livro de contas, pedidos ao Presidente de Província de lotes e sementes.

¹⁷⁸ Arquivo Público do Estado do Paraná, LV 455, p. 37. Relação de imigrantes que entram em diversas hospedarias – 1885-1900. BR PR APPR PB001.

¹⁷⁹ MOLETTA, op. cit., p.159.

Conforme narrativa da Sra. Laura Clementina Bobato, as terras da Ribeira foram compradas das irmãs Pires por seu avô Marziale Bobbato e tio João Bobbato. Esse dado foi obtido também pelo livro de Registros de Terras do Arquivo Público do Estado do Paraná, n.225, João Bobbato no ano de 1893, comprou as terras pertencentes às irmãs Pires – Rosa Maria de Jesus e Maria Pires de Andrade, bem como de Joaquim Gaspar Teixeira, antigo tropeiro da região e um dos fundadores da cidade de Imbituva.

Registro numero duzentos e vinte e cinco. Estado do Paraná. Extracto para registro de terras. Decreto numero um de oito de Abril de mil oitocentos e noventa e trez; artigos com o seguinte: Nome e residência do possuidor: João Bobato, residente na Ribeira, deste Municipio e Termo, Comarca de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Nome, origem e situação da propriedade ou posse: Ribeira, compra, com cultura effectivo e morada habitual há mais de dois annos, situado no lugar denominado Ribeira. Características e confrontações, nomes dos confrontantes. Terras de cultura heruaes, faxinais e pastagens; Rosa e Maria, Joaquim Gaspar Teixeira, João Inglez, Manoel Teixeira de Andrade, Maria Pires de Andrade, Rosa Maria de Jesus, Anna Maria de Belem e Generoso Teixeira da Cruz. Divizas. Principiando da estrada Geral, pelo arroio acima pelo lado que existe sua casa de morada até sua cabeceira e d'ahi a rumo do Sul até o rio barreiro, e por este acima até a extenção de quatrocentos e cincoenta braças e d'ahi a rumo do Norte procurando um banhado onde existe uma cerca que fecha o potreiro de suas manas Rosa e Maria.¹⁸⁰

Outro aspecto que quero destacar com esta fonte são as existências de ervais, faxinais e pastagens. Os imigrantes, ao comprarem os lotes de terras, criam ou se adaptam ao sistema de faxinais, provavelmente já existente na região e praticado pelos antigos proprietários destas terras, conforme será analisado no tópico seguinte.

É importante destacar que a Sra. Laura Clementina Bobato é filha de Luiz Bobbato e neta de Marziale Bobbato, moradora da Ribeira até os dias atuais. Seu pai e sua tia Rosa Bobbato, nasceram no Brasil. Seu pai nasceu em 20 de março de 1889, na Colônia Alfredo Chaves e foi batizado em 25 de março na capela de Nossa Senhora do Rosário pelo padre Pedro Colbachini.¹⁸¹

Os filhos de Marziale Bobbato e Maddalena Milani: Clementina, Giocondo, Giuseppe, Maria, Frederico, Antônio, Luiz e Rosa, todos permaneceram na Ribeira (Colônia Bella Vista), adquiriram suas terras e formaram suas respectivas famílias. Através do casamento, muitos membros da família Bobbato, entre filhos, netos e bisnetos, se casaram com pessoas da família Moletta.

¹⁸⁰ Livro de Registro de Terras, p. 360. Arquivo Público do Estado do Paraná.

¹⁸¹ Livro de Registros de Batizado da Paróquia Santa Felicidade, p. 34, n.65.

Nas fotografias abaixo, dois dos filhos de Marziale Bobbato – Giuseppe Bobbato e sua esposa Margarida Bobbato e Frederico Bobbato com a esposa Ana Maria Negrelli e seus 5 filhos. Na primeira fotografia observamos que é uma foto de estúdio, com posição preparada para o momento pelo fotógrafo. Na segunda fotografia, é uma fotografia em ambiente aberto, mas também com poses preparadas pelo fotógrafo, mostrando a hierarquia da família. Podemos observar também, o estilo das construções das casas italianas, perceber que a família conseguiu posses, como o automóvel, a casa bem grande e as roupas bem alinhadas. Isso demonstra que a situação destes imigrantes foi favorecida com sua instalação na Colônia Bella Vista e sua emigração da Itália para o Brasil.

Fotografia 06: Giuseppe Bobbato e Margarida Bobbato. Filho de Marziale Bobbato



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Fotografia 07: Frederico Bobbato (filho de Giuseppe) com a esposa Ana Maria Negrelli e seus 5 filhos. Colônia Bella Vista – Ribeira.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Outra fonte que faz referência à compra de terras na Colônia Bella Vista pela família Bobbato, na pessoa do Sr. Jeocondo Bobato, filho de Giuseppe Bobbato e neto de Marziale Bobbato, traz divisas importantes para entendermos a composição das terras pertencentes a esta família na Colônia, bem como, a composição da colônia com as famílias Guilhermi, Zampieri, Lazzarotto, Dalla Rosa, Menon, Alessi. Novamente se faz referência ao rio Barreiro, como divisa com a comunidade de São Miguel.

Reis 60\$000. Dizemos-nos no fim assignado Jocondo Bobato e migna mulher Verônica Dala Roza, que entre os mais bem que pussuimos livres e desembargado de qualquer anos, é bem ansim Samos senhores e legitimo possuidores de três alqueire de terra de Coltura cito na Collonia Bela Vista, deste municipio de Imbituva. Dividindo pela istrada que vai para S. Mighel i Antonio Alesco i pello Rio Barreirigna abaxo i com homezimo Vendedor, i Francisco Menao. de cujo Terreno nesta dacta fasso venda como defatto vendido temo ha Segnora Catarina Alesco pello preco e quantia acima de reis 60\$000 digo cessenta mil reis, que ao passar esta recebemos em moeda corrente e por nos asharmo pago e seatisfeito passamos para ha pessoas do comprador, toda a posse juiz e dominio que em o referido terreno temos, podendo goza e desfrutar como seos que fica sendo de hora endiante, obrigamos-nos a fazer boa i valioza venda em qualquer tempo que for nessesarios, e por verdade e firmeza de todo referido mandamo passar a presente escritura em que assignamos, com as testemunha no fim assignado. Imbituva, 20 de abril de 1907. Jocondo Bobato. Veronica Dalla Rosa. Com testemugna Pedro Guilhermi, Jose Zampieri, Pedro Lazzarotto.¹⁸²

A família Moletta, saiu da Itália junto com o Padre Ângelo Cavalli, no ano de 1877. Desembarcaram no Porto de Paranaguá, nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 1877.¹⁸³ Foram designados para a Colônia Nova Itália, mas permanecem lá apenas por sete meses. Subiram a serra do mar e deram entrada numa hospedaria em Curitiba no dia 10 de junho de 1878.

A família era formada por Luigi Moletta e Anna Bordignon, acompanhados pelos filhos Sebastiano, Giacinto, Pietro (Pedro), Ângelo, Giovanna (Joana), Giuseppe (José), Giovanni (João) e Luigi (Luis).

O sobrenome Moletta vem do latim mola, mó; no período medieval, passou a ser designado de *moletta* (mola com o sufixo diminutivo *etta*), o artesão que extraía pequenas mós de pedras-pomes, bem como o afiador ambulante, amolador de objetos e utensílios cortantes¹⁸⁴.

Na primeira foto está o casal Luigi Moletta e Anna Bordignon. Na segunda foto está seu filho Giacinto Moletta, casado com Maria Gabardo e um dos primeiros casais a se estabelecer na Colônia Bella Vista junto com Marziale Bobato e Maria Maddalena Milani.

¹⁸² Documento pertencente a Daiane Bobato Vieira, descendente da família Bobato e moradora da Bella Vista.

¹⁸³ Livro de registro n. 834, do Arquivo Público do Estado do Paraná. Matrícula de colonos - colônia Nova Itália - Morretes (PR) - 1877-1879 - p. 52 BR PR APPR PB001.

¹⁸⁴ MOLETTA, op. cit., p. 160.

Fotografia 08: Casal Luigi e Anna Moletta.



Fotografia 09: Casal Giacinto Moletta e Maria Gabardo com sua família. Esta casa foi uma das primeiras a ser construída na Colônia Bella Vista



Fonte: MOLETTA, op. cit., p. 109 e 150.

As duas famílias Bobbato e Moletta se interligaram através do casamento, aumentando ainda mais os laços familiares e de amizades entre eles. Entre os descendentes destas famílias da Colônia Bella Vista e seus arredores estão os casamentos e a união destas famílias, formando a maioria da população atual da Colônia e parte dos moradores da cidade de Imbituva.

Através das fotografias acima observadas, podemos identificar uma representação dos papéis sociais, ou seja, uma representação do grupo familiar e coletivo das primeiras famílias da colônia e de seus descendentes. Segundo Borges (2005), nas fotografias de família o que interessava era a representação dos papéis sociais. É com eles que se cria a identidade do grupo e se instituiu a memória de seus membros. Os álbuns de família ou os retratos que tiram com os fotógrafos exprimem a verdade da recordação social. Funciona como uma espécie de integração à que a família sujeita os seus novos membros, cria elos, institui e preserva a memória familiar. A memória familiar coletiva de seus descendentes foi preservada através das fotografias de casamentos. As duas noivas das fotos a seguir, Delzira Maria Moleta e Eraildes Moleta, são bisnetas de Giacinto Moletta. Os noivos são descendentes de Marziale Bobbato.

Fotografia 10: Casamento de Darcy Antonio Bobato e Delzira M. Moleta Bobato.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Fotografia 11: Casamento de Elizeo Bobato e Eraildes Moleta Sobrenoiva: Cleoni Maria Bobato filha mais velha de Darcy e Delzira Moleta Bobato.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Pela foto a seguir, observamos as terras da Bella Vista com suas araucárias ao fundo, bem como as cercas separando as propriedades. A forma que as famílias tinham de se socializar era em momentos como o representado na fotografia, uma pescaria em grupo, os pais, filhos, parentes e amigos. Não foi possível identificar quem estava na foto, apenas que eram das famílias Marconato, Moletta e Alessi, segundo o depoimento do Sr. Orlando Marconato.

Fotografia 12: Colônia Bella Vista. Socialização das famílias através de uma pescaria. Década de 30.



Fonte: Acervo Orlando Marconato.

Fotografia 13: Bella Vista – Ribeira. 1ª. fila: da direita para a esquerda - Itália, Angelina e Madalena. Netas de Luigi Molleta e Anna Bordignon.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

2.3 - A Colônia Bella Vista e os sistemas de Faxinais

Para Cicilian Luiza Löwen Sahr¹⁸⁵, “os faxinais do Brasil representam uma antiga formação sócio espacial agrícola que possui uma história e uma cultura própria”. Para a mesma autora, os faxinais no século XVIII se originaram nos matos do interior paranaense, onde havia floresta de Araucária. Quando chegam os colonos imigrantes, nos séculos XIX e XX, eles assimilam o modo de vida dos caboclos, dando origem a comunidades de faxinais de ucranianos, poloneses, italianos e alemães¹⁸⁶.

Os imigrantes europeus (poloneses, ucranianos, italianos¹⁸⁷ e alemães), muito contribuíram para a formação de pequenas propriedades, para a extração da atividade ervateira, no final do século XIX e, juntamente com a pecuária, a madeira e a produção agrícola, imprimiram uma nova realidade ao sistema econômico-social da época.

¹⁸⁵ LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. *Os mundos faxinalenses da Floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais*. Terr@Plural, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008.

¹⁸⁶ STADLER, Cleusi T. B., SCHORNER, Ancelmo. Estudio de las comunidades tradicionales: los faxinales integración entre la escuela y las vivencias del alumno. *Estudios del ISHiR, Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET*. Argentina, v. 4, n. 10, p. 05-22, 2014.

¹⁸⁷ Em Imbituva, os faxinais que se formam, em sua maioria são organizados e têm origem pelos imigrantes italianos, principalmente o Faxinal dos Galvão, Colônia Bella Vista e a Ribeira.

O que pode identificar as Comunidades Faxinalenses, segundo Sahr¹⁸⁸, são alguns elementos como: a prática da agricultura de subsistência, da pecuária e do extrativismo; a partilha das terras para criar sendo de uso comum; a forte convivência e integração com o meio ambiente através da conservação da biodiversidade e de culturas de extrativismo. Acrescenta-se ainda sua história e cultura própria, suas tradições e seus costumes, bem como sua vivência comunitária.

O Faxinal é o local onde se cria os animais à solta e de modo coletivo e onde se extrai a erva mate e os pinhões em época de colheita, sendo que a área agricultável é fora da área do criadouro comum. Por criadouro se entende o local ou o modo criar os animais de forma comunitária. Segundo Chang¹⁸⁹, era esta área reservada para a “criação de animais domésticos, tanto para o trabalho, quanto para o consumo próprio, na técnica ‘à solta’ em criadouros comuns, destacando-se os eqüinos, suínos, caprinos e aves domésticas”, que se tornava a característica fundamental de união das famílias em torno deste sistema.

O cercamento das áreas do criadouro comum ocorria pelo fato de a erva-mate estar localizada nestes locais e, sendo a criação de suínos e o manejo da erva-mate as bases econômicas dessas comunidades, no mesmo espaço dos ervais, era possível a criação de animais à solta, uma vez que não estragavam a erva e alimentavam-se quase que somente dos frutos da mata, em especial o pinhão, diminuindo os custos da criação¹⁹⁰. As cercas eram construídas para impedir que o gado que era criado solto, invadisse as áreas de plantação ou de cultura. Elas eram construídas coletivamente e separavam o Faxinal em duas partes: a área de agricultura e o criadouro comum.

É este sistema que vamos encontrar nas narrativas dos descendentes da Colônia Bella Vista, ou seja, depois que a Colônia foi formada, os italianos tiveram que se adaptar aos recursos naturais e a terra onde se estabeleceram. Como nessas terras havia muita erva-mate nativa, araucárias e alguns alemães já praticavam este sistema nas terras imbituvenses, os italianos também passaram a adotar o sistema na Colônia Bella Vista e nas suas terras.

Pela narrativa do Sr. Orlando Marconato, ele nos conta como eram divididas as terras pelo sistema de faxinal, na colônia Bella Vista.

¹⁸⁸ LOWEN SAHR, op. cit., p. 213-226.

¹⁸⁹ CHANG, Man Yu. *Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná*. Londrina: Fundação Instituto Agrônomo do Paraná/Boletim Técnico 22 do IAPAR, março de 1988.

¹⁹⁰ ZUBACZ, Maria de Lurdes Rasinski. Faxinais em Ivaí: de uma organização camponesa a comunitária às origens da periferia. *VOLUME I - Secretaria de Estado da Educação do Paraná*. www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007.

Por que Faxinal, Sr. Orlando? Era sistema onde deixavam soltas as criações?

Era o sistema que eles formaram o criadouro comum. Eles formaram as culturas e daí se combinaram uma parte do povo, naquele tempo se reuniram, uma parte não fazia cerca, faziam valo, largo assim e fundo assim, pra criação não passar. E uma parte que já tinha madeira, daí fazia tudo as cerca de madeira. Nós tínhamos as divisas tudo, as quantia de cerca cada proprietário tinha, um tinha 50 vão, outro tinha 40, outro tinha 20, outro tinha 10, outro tinha 60, quem tinha bastante terra tinha 80 vão, 100, 200, de lance de cerca feito de madeira de pinheiro, de lasca, lasca de madeira, e daí foi indo até inclusive na divisa do Faxinal dos Penteados era um valo, como existe ainda o sinal até hoje. Tem ainda o sinal desse valo. E daí, pra cá pro Faxinal dos Galvão? Daí ali, atorava a cerca lá e passava e caía no rio da Ribeira, que vem pra Ribeira. Daí o rio fazia divisa, daí pra lá diante da Água Branca passava de novo pra cerca de novo, daí até o final onde ia pra lá, não sei.

Então ali na Ribeira era criadouro? Era criadouro. Formavam uma parte, às vezes faziam uma cerca de madeira por baixo assim e arame por cima. E nós, a maioria nós tinha com 12 lasca, depois fizemos com 10 fios de arame.

Esse sistema de faxinal, Sr. Orlando, ele vem depois que os imigrante estavam aqui? Sim, depois que eles estavam aqui. Daí formaram, eles que formaram.

Os imigrantes que acabaram se adaptando e formaram esse sistema de faxinais, tanto na Bela Vista, como no Faxinal dos Galvão, no Faxinal dos Penteados, na Ribeira? Na Ribeira também. Era nesse sistema. Tanto fazia eu ter 50 alqueire de terra de faxinal, como você ter 1 alqueire de terra, como aquela ter só meio alqueire, você tinha 20 porco, tinha 10 vaca, aquela tinha a mesma quantia, eu tinha 50 alqueire de terra, tinha 10 vaca só, mas a terra tava pra aquele uso. Tanto fazia as tuas criações, como as minha, como as dela. E no final cada criação procurava a casa do patrão. Sabia direitinho voltar.

*Por isso que as plantações de agricultura era nas serras. Era longe. Existia o faxinal e a cultura. [...] Os imigrantes eram agricultores. Começaram a plantar feijão, arroz, milho. Cada um tinha sua lavourinha.*¹⁹¹

Pela narrativa identificamos que os italianos foram se adequando a esse sistema em suas terras, como uma estratégia e prática de adaptação ao lugar, ao espaço vivido. Os imigrantes italianos mudaram de espaço, mas introduziram ao novo espaço os conhecimentos adquiridos, as práticas incorporadas de outros grupos, o “habitus”, ou seja, os conhecimentos incorporados da sociedade que os recebeu – os faxinalenses, que eram moradores descendentes de portugueses.

A Sra. Laura Clementina Bobato e seu esposo Davi Bobato esclarecem sobre as divisas e esse sistema na Ribeira, onde moram até os dias de hoje. A região não possui mais sistema de faxinais, mas foi formada por ele, era inclusive uma região de criadouro comum para as famílias italianas. Nesta região existem os marcos deste sistema criado pelos imigrantes italianos, como podemos observar na narrativa e fotografias abaixo:

¹⁹¹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr.

A erva era nativa da região, ou era plantada? Era nativa, não era plantada, naquela época. E era chamado o sistema de Faxinal? Era onde criavam os animais soltos?

(esposo responde: Era, criado os animais soltos, era o Faxinal e a cultura era separada).

Então as casas e os porcos eram criados todos juntos? E daí tinha uma cerca que cercava isso, tio? (esposo: às vezes faziam o piquete que eles diziam, porque eles faziam a cerca, porque de primeiro, no começo... de rachão, porque daí eu me lembro quando o falecido papai fazia, aqui tinha porco e criação para separar. Tinha, pra engorda o porco, as vezes, solto no manguairão e os animais eram separado também e depois soltavam tudo junto).

E se tinha, por exemplo, várias famílias morando neste faxinal eles sabiam de quem eram seus animais?(esposo: sabiam, porque tinha a marca, era marcado tudo).

As vacas eram marcada com... esquentam no fogo e daí na paleta, senão no quarto...

E aí o porquinho, mesmo que fosse o porquinho ele sabia voltar pra casa?

(esposo: sabia, porque eles assim marcavam na orelha. Me lembro que o falecido papai fazia uma meia lua na orelha, que aqueles eram dele. Outros partiam a orelha).

E como eram essas cercas de pranchão?(esposo: era, eles derrubavam a imbuia e partia aqueles palanques e daí fíncava dois palanques, derrubavam um pinheiro e partiam aquelas lascas, tiravam e daí faziam as lascas tudo quadrado assim. Daí que depois foi melhorando quando veio a serraria do Leão Júnior. Daí que foi o tempo que nós começemos, que daí o falecido papai já pôs um açougue lá, nós era piazzada tudo ainda, e daí ele tinha bastante gado também, tudo solto).

Daí cada um foi separando suas terras e acabou o faxinal?

(esposo: o faxinal, daí as terras sempre ficava o faxinal, mas cada qual que tinha a sua ponhava marco, fíncava marco, a divisa, que dividia um com outro) . Mas marco até agora existe, de cada um, sabe... Mas hoje cada um já cerca sua propriedade [...] E tudo fechado. [...]. *As plantações eram longe?* (esposo: longe, nós ia lá na Água Branca, nós ia lá no mato, no Passo Fundo). Lá nas serras! No Passo Fundo, lembro nós ia carpir. Eu quando eles iam carpir.. Pernilongo que Deus mandava lá pra nós! Vai tentar a Generosa. Uma vez eu carpi 3 litros de cebolá do compadre Lourenço.

(esposo: E antigamente quando eles faziam uma roça que tava apurado para carpir e não tinha as vezes camarada, eles faziam o puxirão).

O puxirão! (esposo: se reunião uma porção de gente e iam tudo lá. Daí era aquela farra lá. Se outros tivessem, eles iam também). *E daí no final do serviço faziam um baile, também?* (esposo: É, faziam um baile, tinha vinho).¹⁹²

¹⁹² Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1: 134343. Duração 40min27seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/Pr. Participação de seu esposo Sr. Davi Bobato.

Fotografias 14 e 15: Marcos das antigas cercas que separam o criadouro comum das terras de cultivo dos italianos, na Ribeira. Propriedade atualmente do Sr. Darcy Antonio Bobato.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Através das narrativas do Sr. Orlando e Sra. Laura, identificamos as práticas relacionadas ao sistema de Faxinal na Ribeira e na Bella Vista entre os faxinalenses, como o trabalho comunitário (em grupos) nos momentos de carpizar as lavouras, arrumar as cercas, ou até mesmo o “Puxirão ou Mutirão”. Os italianos faxinalenses se reuniam ao amanhecer, tomavam o café juntos, iam para o trabalho até a tardinha e depois como forma de agradecimento pelo serviço dos amigos, parentes e vizinhos, se oferecia um jantar e um baile para o divertimento.

A partir da década de 1970, o Sistema de Faxinais começou a entrar em choque com a modernização na Colônia Bella Vista e sistemas ao redor. Os porcos e a erva-mate já passaram a ser transportados por caminhões, e outro fator que contribuiu para acabar com o Sistema Faxinal, na colônia, foi a instalação de mais madeireiras, as quais já existiam na região, bem como a retração do mercado da erva-mate. Com a atividade madeireira, diminuiu a ocorrência do pinhão, que era a principal fonte natural de alimentação dos porcos. A derrubada das árvores também provocou estragos nos ervais. Dessa forma, foi preciso aumentar as áreas de plantação de milho para completar a alimentação dos porcos e aumentar as áreas de plantio de feijão para recuperar as perdas com a venda da erva-mate.

Aos poucos, ocorre à introdução de equipamentos agrícolas modernos, a instalação de uma nova cultura, a fomicultura, e muitos passaram a buscar alternativas na cidade, inclusive

mandando seus filhos estudarem, provocando um esvaziamento das áreas rurais e ocasionando a desagregação lenta do Sistema de Faxinal nas terras da Colônia Bella Vista.

CAPÍTULO III

AS PRÁTICAS SOCIAIS CONSTRUINDO UMA REGIÃO SIMBÓLICA

*“Há certas memórias que são como pedaços da gente,
em que não podemos tocar sem algum gozo e dor,
mistura de que se fazem saudades”.*
Machado De Assis.

O grupo de imigrantes que observamos, logo que se instalaram na colônia Bella Vista, tratou de organizar sua vida religiosa. De acordo com alguns de seus descendentes entrevistados, a religião era o fator principal de união do grupo, pois se reuniam para rezar o terço, para fazer novenas, para ir à igreja, e este era o momento da sociabilidade deles. Para seus descendentes a prática religiosa continua sendo um fator de união e homogeneidade do grupo; é através delas e de outras ocasiões, como as festas religiosas – Festas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo - e Festa da Polenta, Almoço Italiano e outras manifestações culturais, que o grupo interage entre si.

A religiosidade deste grupo italiano da Bella Vista talvez tenha se tornado maior do que na própria Itália, pois foi através dela que encontraram forças para lidar com as adversidades cotidianas. Pelas crenças, pelo culto aos seus santos, pelos ritos religiosos lembravam-se de sua vida na Itália, de quem eram e quais eram seus objetivos na nova terra onde se estabeleceram.

É através das lembranças, da memória dos descendentes dos imigrantes que se constrói a identidade do grupo da colônia Bella Vista e sua reafirmação frente aos demais. A memorização permite reconstruir, manter e redefinir as identidades individuais ou coletivas deste grupo. As tradições culturais, hábitos e costumes do grupo levam à organização social da memória. Nesse sentido, a religiosidade, a alimentação, as festividades, o trabalho, as moradias, também são memória, e estão ligados ao cotidiano, ao modo de vida de um grupo.

Em vários estudos e escritos sobre identidade e memória, nos deparamos com frases como: “a identidade é essencial para a manutenção da memória coletiva ou individual”; ou, “a

memória estrutura e organiza mental e simbolicamente a identidade dos povos”¹⁹³. Mas entendemos que ao estudar um grupo imigratório não podemos percebê-los como grupos fechados, cujo contato com outros grupos representaria uma ameaça para suas “identidades”; ao contrário, é justamente o fluxo de pessoas através de fronteiras culturais o responsável por gerar essas diferenças e essas identidades.

Os imigrantes italianos formaram sua identidade ao longo do tempo, mediante processos conscientes e inconscientes. Como afirma Stuart Hall, a identidade não é algo acabado, está sempre em andamento.¹⁹⁴ Primeiramente, os imigrantes se identificaram como estrangeiros, depois é que se assumiram como imigrantes italianos, por causa da comunidade imbituvense que os recebeu desta forma. Porém, esse processo não se deu de forma rápida, foi construído de forma lenta, principalmente a partir da segunda geração.

Ao se instalarem na colônia Bella Vista, os imigrantes italianos reconstruíram suas vidas de acordo com referenciais socioculturais que trouxeram da sua região de origem, atribuindo aos seus valores o significado do que era ser “italiano”, pois trouxeram consigo o seu modo de vida, seu cotidiano, formas de trabalho, manifestação de religiosidade e valores, que transmitiram aos seus descendentes. São essas características e valores que formam a sua identidade enquanto grupo italiano. Mas precisamos tomar cuidado para não entendermos essa identidade como uma transmissão fiel e pronta de seus valores da Itália pois, no Paraná e na Colônia Bella Vista, sua identidade acaba sendo transformada e adaptada segundo questões locais e regionais, relacionadas à economia, religiosidade e cultura.

Para alguns autores, como Castells¹⁹⁵, a identidade é construída e reconstruída a partir de determinantes simbólicos. Ou seja, a identidade de um grupo surge em oposição ao outro principalmente pela diferença cultural. Dessa maneira, os imigrantes e seus descendentes construíam sua identidade quando fizeram uso de determinados signos culturais para manter seus valores e marcar a diferença para com os outros grupos. À medida que se enraizavam em sua colônia e ao reafirmarem sua diferença com os imbituvenses, eles assumem para si o que inicialmente era uma maneira de ver dos imbituvenses, sua identidade italiana. Passam a se identificar como italianos, ou melhor, como os italianos da Bella Vista.

¹⁹³ Frases que encontramos com facilidade em livros e grupos de estudos acerca de “Memória e Sociedade”. Retirada do livro de GUÉRIOS, Paulo Renato. *A Imigração Ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba: Ed. UFPR, 2012. p.26.

¹⁹⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.38

¹⁹⁵ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

De acordo com Halbwachs, “as lembranças que guardamos de cada época de nossa vida, se reproduzem sem cessar e permitem que se perpetue, como pelo efeito de uma filiação contínua, o sentimento de nossa identidade”.¹⁹⁶ Portanto, determinados valores tais como: a culinária, a religião, a família e o trabalho, são utilizados como signos que servem para rememorarem a lembrança de uma terra que ficou para trás e, assim, marcar a diferença com outros grupos sociais.

Existem variações nos relatos acerca da vinda dos imigrantes italianos ao Brasil, pois no momento da imigração, os elementos que são registrados por cada pessoa parecem variar de acordo com o seu momento de vida e sua preocupação em mente. Isto quer dizer que as lembranças registradas por cada indivíduo de um grupo, no momento em que um dado evento se passa, pode ser diferente, pode variar; conseqüentemente, o registro destas lembranças serão diferentes para cada indivíduo ou grupo que partilham da mesma situação ou vivência. Maurice Halbwachs explora esse contexto quando discute o “surgimento de imagens diversas do passado comum que não coincidem e dentre os quais nenhuma é verdadeiramente exata”.

Homens que foram mantidos próximos pelas necessidades de uma obra comum [...] se separam em seguida em diversos grupos: cada um destes últimos é muito estreito para reter tudo que ocupou o pensamento do [grupo] que os envolvia na época. Eles se prendem a um aspecto desse pensamento e apenas mantêm a lembrança de uma parte desta atividade.¹⁹⁷

Algo similar ocorreu com os imigrantes italianos que se dirigiram ao Brasil sua viagem foi registrada de múltiplas formas por diferentes participantes já no momento em que ocorria. Cada pessoa que viveu aquele momento lançou um olhar específico sobre aquele evento que acontecia e o relatou de uma determinada forma. Sendo assim, cada depoimento do passado é diferente do outro. O olhar dos pais e avós que vivenciaram essas viagens da Itália até o Brasil é diferente do olhar de seus filhos, pois os mesmos não tinham as mesmas preocupações e anseios que seus pais tinham. Dessa forma, detalhes lembrados pelos filhos não foram destacados pelos pais e avós. Paulo Renato Guérios¹⁹⁸, em um instigante trabalho sobre a identidade dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis-Pr, nos relata que “a posição que um determinado sujeito ocupa em uma configuração social é um dos fatores que gera diferenças e semelhanças na

¹⁹⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189p

¹⁹⁷ Ibidem, p.12.

¹⁹⁸ GUÉRIOS, op.cit., p. 50.

produção e no relato de lembranças”. Ele trata especificamente dos rutenos que vieram ao Brasil, mas podemos ampliar para a leitura dos imigrantes italianos, pois muitos deles compartilharam viagens ao Brasil, nos mesmos navios.

[...] a memória da migração não é um bloco homogêneo, uma “memória coletiva”, compartilhada por todos os rutenos que vieram ao Brasil, e que um dos motivos geradores de heterogeneidade nas lembranças dos migrantes é o fato de que cada um deles fez um registro de sua vinda a partir da posição que então ocupava na configuração social em que estava inserido.¹⁹⁹

As lembranças também podem sofrer as influências do presente. Isto quer dizer que a cada momento presente o passado se encontra um pouco modificado. Podemos dizer que as lembranças dos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista, não são as mesmas do momento em que saíram da Itália, mais especificamente de Castelo Di Godego; são lembranças de seus descendentes que escutaram de seus pais e avós - isto quer dizer que seu registro é modulado por questões do presente de seus descendentes. O registro do passado não é como um registro de computador que jamais se altera; ao contrário, a lembrança que uma pessoa ou um grupo evoca de um dado instante de sua existência parte do registro do que foi feito no passado e parte da situação vivida no presente.

Parece impossível evocar uma lembrança que seja uma cópia exata daquilo que originalmente ocorreu. Para Halbwachs, elementos diversos interferem nas lembranças e nas experiências vividas, como as pessoas com quem se convive, os interesses e gostos que elas têm neste momento, as figuras e objetos que alimentam sua imaginação. Portanto, a lembrança é uma combinação do que aconteceu no passado com o que está se vivendo no presente, ou seja, quem se lembra de um evento do passado a um dado instante de sua vida gerará significados novos para esse evento de acordo com a situação presente, produzindo, de fato, um passado novo a cada instante – um passado em movimento.

É esse passado em movimento, a relação entre memória pessoal, representações do “ser” imigrante – migrante e memória individual - coletiva que se quer destacar e identificar nesta pesquisa, enfatizando as histórias orais de três gerações, numa tentativa de compreender como os sujeitos reinterpretam as experiências vividas no lugar de origem e no contexto de uma colônia de imigrantes italianos.

¹⁹⁹ Ibidem, p.50.

É importante lembrar que o grupo social dos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista, em sua maioria, é proveniente quase exclusivamente do Vêneto e, assim, constituíram sua cultura imigrante ligada a uma cultura em geral, pois selecionaram seus santos, canções, danças e ritos dentro de um repertório comum da cultura popular italiana. Esses imigrantes tinham uma origem comum (camponeses), com características peculiares que, na formação da nova sociedade, tiveram que ser readaptadas e incorporadas às características do local e da sociedade já estabelecida.

Para compreender a formação de parte da identidade desse grupo italiano, destacam-se alguns aspectos. O primeiro aspecto, a família (ou as relações familiares), porque é nela que se estrutura o grupo e se estabelecem as relações sociais com os demais, e também é na família, geralmente numerosa entre os italianos, que se procura controlar as influências externas. A família constituía-se no alicerce principal entre os italianos e havia um respeito mútuo entre pais e filhos, sendo que as reuniões familiares eram motivos de muita alegria e festas. O segundo aspecto, as manifestações religiosas, porque sintetizam valores e crenças do mundo camponês italiano. Entretanto, a igreja se constituiu em espaço de exteriorização das práticas culturais e de socialização das pessoas. Por fim, as práticas culturais (alimentação, festas e casamentos), pois estes são elementos culturais que estão presentes em destaque nas comunidades italianas. Estes aspectos reforçam os valores familiares e religiosos, que são referências importantes do mundo rural de onde esses imigrantes são oriundos. Por essa razão podem ser entendidos como um signo de identidade deste grupo imigratório.

Através destes aspectos foi possível identificar as estratégias utilizadas pelo grupo para a construção de parte de sua identidade coletiva na sociedade imbituvense, as formações familiares na colônia e a redefinição dos arranjos familiares, o papel da religião como elemento de identificação e recriação sociocultural da terra de partida, a presença cultural imigrante nas regiões próximas à colônia, a arquitetura das casas, das igrejas, as heranças culinárias, a importância do vinho e da “polenta” na culinária italiana, outros pratos e hábitos alimentares que foram trazidos por eles.

Elias²⁰⁰, afirma que “(...) a vida coletiva dos homens é um aspecto de sua vida cotidiana”. Entendemos que os vários aspectos do cotidiano como trabalho, religião, casamento, vestuário,

²⁰⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador - uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

alimentação, moradia, entre outros, resultam nos elementos culturais que estão presentes em uma comunidade.

Como afirma Tedesco²⁰¹, a partir do estudo do cotidiano podemos recuperar outras experiências comuns e subjetivas, problematizar o vivido pelos sujeitos, criticar os valores sociais cristalizados, as instituições culturais e históricas. Ele também aponta que, estudando o cotidiano podemos recuperar diferentes dimensões da experiência, fazendo aflorar a multidimensionalidade que constitui o social. Dessa forma, podemos perceber o quão é importante recuperar a diversidade e a multiplicidade da cultura dos imigrantes italianos que formaram a colônia Bella Vista, pois muitos dos estudos do cotidiano redimensionam o campo da linguagem falada e escrita e da cultura popular.

3.1 - Memórias que se entrelaçam – as lembranças do passado

Como vimos no capítulo anterior, os grupos familiares que se estabeleceram na Colônia Bella Vista em quase sua totalidade eram camponeses e desejavam ter suas terras para o cultivo e prática da agricultura. Esse grupo, ao estabelecer-se na colônia, manteve-se ocupado em organizar e estabilizar suas vidas. Tiveram que lidar com obstáculos, com as dificuldades de adaptação à região geográfica, ao clima, solo e culturas propícias para o plantio nas novas terras. Organizados nas regiões rurais de Imbituva, esse grupo passou a se socializar com seus parentes e amigos e partilhar também as dificuldades. O fato de terem migrado em famílias contribuiu para seu enraizamento na sociedade imbituvense e também ofereceu condições de preservar sua cultura, seu *habitus*²⁰². Eram pessoas, em sua maioria, da classe camponesa; que trabalhavam na agricultura e pertenciam à igreja católica; que trouxeram consigo os usos, costumes e tradições que praticavam na Itália, muitas das quais ainda mantidas por seus descendentes de terceira e quarta geração. Dentre as principais tradições que ainda se conservam até os nossos dias, estão as relações familiares, a religião e a culinária, que ajudaram a constituir o jeito de ser dos imigrantes e suas gerações, conforme o que Bourdieu chamou de *habitus*:

²⁰¹ TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiências e narração*. Passo Fundo: UPF/Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

²⁰² Para Pierre Bourdieu, o *habitus* é uma mediação entre a estrutura e a prática, uma gramática geradora de condutas. Uma prática social internalizada pelo indivíduo. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. p.104. Nesse sentido a emigração, para muitos italianos, representava uma forma de sobreviver como camponeses, mantendo suas tradições e modos de vida.

[os *habitus*] são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expreso das operações necessárias para alcançá-los²⁰³ [...].

O *habitus* caracteriza a relação de um grupo ou classe com os demais que não partilham das mesmas condições sociais. O *habitus* é então o que permite, no caso dos imigrantes italianos, eles se orientarem no seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua forma de vida dentro deste grupo ou comunidade. Cada grupo, por seu modo de vida, seu jeito de falar, seus gestos, posturas perante outros grupos, revela o *habitus* que o habita, sem se dar conta e sem que os outros tenham consciência disso.

Para Bourdieu, o *habitus* é suscetível de modificações, por isso as condições sociais do momento vivido pelos imigrantes italianos por si só não explicam o *habitus* desse grupo. A trajetória social, a mobilidade social acumulada pelas gerações e interiorizada, deve ser levada em conta para analisar as variações do *habitus*.

Tomando por exemplo, podemos focar a questão da transformação do *habitus* para os descendentes dos italianos. Os descendentes dos imigrantes da Bella Vista, alguns ainda conservam o costume de rezar o terço católico e comer polenta todos os dias; já outros, não têm mais essa prática, muito menos o falar italiano pois muitos deles já esqueceram que seus nonnos e nonnas ensinaram.

A trajetória social das gerações de descendentes italianos da colônia Bella Vista passou por variações e mudanças ao longo do tempo, na sua forma de falar, de se vestir, de alimentar-se, das práticas religiosas, no modo de fazer o vinho, enfim, várias práticas sociais se modificaram com o passar do tempo.

São essas práticas modificadas e transformadas que vão ser o elo de ligação entre o passado e o presente, entre a memória coletiva deste grupo da Bella Vista e as memórias individuais de cada descendente, como forma de auto-afirmação e perante os demais; a constituição de um sentimento de grupo ligado às memórias de seu passado.

Ao realizar as entrevistas orais com alguns descendentes encontramos guardiões da memória deste grupo, as pessoas com mais idade da comunidade, principalmente três pessoas com mais de 80 anos, que se destacaram ao narrar as práticas cotidianas dos primeiros imigrantes

²⁰³ BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. 3ª. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013. p .87.

e seus descendentes. São narrações marcantes e intensas, reproduzindo um sentimento profundo de emoção, angústia, nostalgia, uma alteração de voz, um olhar ao longe, gestos silenciosos, olhos lagrimados. As lembranças vinham e suas fisionomias iam transformando-se. Alguns se entusiasmavam com as narrativas e outros não, dependendo do grau de parentesco com seu ancestral italiano ou das recordações que possuíam. As lembranças vinham principalmente quando instigados pelas perguntas realizadas, ou quando observavam fotografias, imagens de santos, objetos antigos dos antepassados.

Durante o trabalho de campo, procuramos, por meio do convívio e das entrevistas, observar o que permanecia nas memórias dos descendentes sobre as práticas cotidianas dos primeiros italianos da Bella Vista. Encontramos narrativas dos mais idosos sobre a travessia nos navios, as doenças enfrentadas, as mortes, fome nos primeiros anos, e acontecimentos familiares mas, como não havia momentos para que fossem socializadas, as lembranças se tornavam individuais e não parte das memórias familiares. O Sr. Orlando Marconato narrou um acontecimento que fez parte apenas das suas lembranças e de sua família:

[...] Depois de passado um tempo, quando minha bisavó tinha já uma idade com 54 anos, ela ganhou a última menina, daí veio um irmão dela, de lá, passear. Ela tava de dieta, na cama deitada, na cama, de poucos dias que ela tinha ganhado esse nenê. Daí ela disse: - *Olha meu irmão, o que me aconteceu com essa idade que eu estou!* Daí ele disse: - *Olha minha irmã, essa que vai te dar um copo de água para você beber!* Que ia cuidar dela. Foi a última que nasceu na família. Tia Amabile. Irmã da minha mãe!

No final do século XIX início do século XX, engravidar com 54 anos era algo incomum, quase uma vergonha entre as famílias italianas; por isso, era algo não muito compartilhado entre as memórias que se registravam das famílias. Muitas situações, como uma gravidez indesejada, era escondida pela família e parentes, por ser incomum para a sociedade da época. Outras situações como a condição de pobreza dos antepassados como motivos para emigrarem, também eram subtraídas de suas memórias; era incomum muitos assumirem essa condição de pobreza ou algum ato ilícito praticado pelos imigrantes, como por exemplo, tomar posse das terras e não honrar com seus pagamentos.

Observamos também que quando mencionava fazer alguma entrevista, os próprios alunos moradores da Colônia Bella Vista já indicavam as pessoas mais idosas, aquelas que gostam de contar os fatos do passado, ou seja, as memórias e lembranças dos antepassados. Assim, indicavam os *guardiões das memórias*, os *nonnos* (avôs) e *nonnas* (avós), tios mais velhos, ou

parentes idosos para contarem a história dos mais antigos, dos primeiros imigrantes italianos. Ainda é comum entre os descendentes destes imigrantes a troca de experiências, o aconselhamento, pois o poder simbólico e familiar dos mais idosos ainda é muito forte entre estas famílias.

São os descendentes, filhos, netos, bisnetos e até trinnetos dos imigrantes da Bella Vista, as vozes que não deixam esquecer a memória, as lembranças, a passagem pelo oceano, as primeiras experiências em solo imbituvense. São eles que estão enraizados num sentimento de pertencer a um grupo que quer conservar as práticas do passado, que nos passam como os antepassados viviam, faziam ou falavam. São eles que constroem uma base imagética sobre a maneira de ser e viver dos primeiros imigrantes, que rememoram o visto/vivido, constroem memória, ao relembrar o passado, mas sempre o relacionando a sua experiência de vida, através principalmente da fonte oral.

Uma das lembranças mais significativas que os entrevistados nos repassam é a relação que eles têm com a religião, o trabalho e a família. O que se pode notar em suas narrativas é a forte ligação que possuem com os valores deixados por seus *nonnos e nonnas*, como sendo um dos legados mais importantes. Na narrativa da Sra. Laura Clementina Bobato, podemos identificar esses valores:

A religião toda vida foi católica. E o pai e a mãe deram muito exemplo pra nós, sempre a mãe falava coisa pequena, mas, dá pra gente por na cabeça e pensar que se torna grande. _Quando, por exemplo: _ meus filhos, minhas filhas vocês tiverem a casa de vocês, começou assim, se faltava à farinha de polenta, você vai emprestar, aquela pessoa te empresta àquela farinha, você não ponhe rasa, você ponhe um pouquinho a mais, porque ela teve o coração bondoso de te emprestar. Então começou assim, sabe? E o pai sempre dizia: - Meus filhos, a caridade e a honestidade em primeiro lugar! Ser honesto! Sempre o pai falava: - Meus filhos, eu prefiro perder, do que, Deus os livre, tirar. O Pai era assim!²⁰⁴

Esses valores da religião católica proporcionaram um sentimento de pertença a este grupo que está presente na memória de seus descendentes. Quando pertencemos a um grupo, nossa memória individual também se relaciona ao passado deste grupo, e os valores repassados individualmente, muitas vezes, passam também a pertencer ao grupo, tornando-se imprescindível

²⁰⁴ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

na memória coletiva. A redescoberta do passado é um dos processos de reconstrução das identidades, pois através das entrevistas com os descendentes dos italianos, pudemos observar que eles reafirmam seus costumes por meio da memória, de lembranças, fotografias e de contato com os parentes e amigos que um dia já viveram também na Colônia Bella Vista.

3.1.1 – A família – o “espaço” dos *nonnos e nonnas*

Para os imigrantes italianos a família é o lugar do acolhimento dos membros, é onde cada membro encontra sua identidade, o núcleo fundamental, seja no aspecto afetivo, produtivo, econômico ou social. É o lugar onde todos se refugiam para as conversas, onde ocorrem as contações de histórias e o lugar das orações. Pais, filhos, netos, bisnetos, narravam, inventavam, ouviam e reproduziam histórias da Itália, das viagens; ensinavam e aprendiam orações em língua veneta, ou ainda, em latim, principalmente o pai-nosso, ave-maria e a ladainha, como nos contou a Sra. Helena Maria Dal Santo²⁰⁵.

Para os imigrantes italianos, a família é como um lugar simbólico onde ele projeta seus valores e, por isso, os principais personagens nas histórias das famílias italianas da Bella Vista são os *nonnos* e *nonnas*. Eles são sempre nominados e lembrados quando os entrevistados falam de suas famílias. Para os italianos da Bella Vista, a família, que geralmente quer dizer, a primeira, segunda, terceira e até a quarta geração, foi a base de tudo, da emigração, da instalação na colônia, da vida social, econômica e da adaptação na nova comunidade. Para esses imigrantes, a relação de parentesco era muito forte, eles partilhavam tudo, as dificuldades, os anseios e muitas vezes até os bens de consumo. Todos se conheciam e compartilhavam o mesmo espaço social. As colônias, na verdade, eram espaços coletivos.

As famílias da Colônia Bella Vista que emigraram juntas, procuraram permanecer unidas, se ajudando quando necessário. Era a família que desempenhava fundamental importância na organização da vida cotidiana. Diante das dificuldades, das doenças, da escassez de alimentos e de outros bens materiais, as famílias se ajudavam entre si com o que podiam, visando sempre o atendimento coletivo.

²⁰⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Um dos aspectos mais citados pelos entrevistados com relação às famílias era a dificuldade em adquirir bens de consumos e de alimentação. No começo da colônia tudo era difícil, como derrubar a mata, construir suas casas e começar a fazer as lavouras. Na narrativa da Sra. Helena, ela especifica que as dificuldades eram muitas:

Naquele tempo tudo vinha com carretão de boi, mas com muito sofrimento pegavam um carretão, trabalhavam com boi, assim puxar tora lá, e disse que se mudou (o avô dela), porque lá o sofrimento era demais naquele lugar, era só trabalhar com boi e puxar tora, pro mato, daí se mudou pra cá, e daí pra cá já começou a trabalhar nas roças, na lavoura.

Aqui no Brasil, na colônia Bella Vista?

O meu avô, um tempo até que podia, trabalhava com o carretão sempre, tudo os bois de lá e trabalhava, era tudo matão. Agora que tá tudo limpo! Era matão!

Era só mata? Só, era só as estradinhas, meio picadona, não tinha essas estradas que passa o carro, e mesmo que carro tinha pouco, carro mesmo não existia, tinha carrocinha com cavalo e boi. Pra fazer esses estaleiro e serraria antigamente dos falecido Bobbato que puxava tora com boi. Então o carretão, sabe?²⁰⁶

A dificuldade das famílias era para se instalarem e começarem a construir suas casas. Geralmente chegavam da Itália sem quase nada de recursos financeiros, a não ser para comprar suas terras, e como estavam migrando das colônias de Curitiba para um local mais distante ainda, onde tudo era só mato, tinham que se estabelecer e começar a fazer as lavouras para sua sobrevivência. No início, eles moravam juntos, num mesmo local, de forma comunitária, depois foram separando-se em famílias e cada uma sobrevivendo com seu próprio trabalho.

Sr. Orlando Marconato relata:

Eles tiveram sofrimento, porque não tinham nada. Eles se bateram muito aí. Então, na lavoura, assim trabalhando. Começaram aos pouco assim e foram trabalhando. Começaram a trabalhar. É, então, do lado do meu pai, eles moravam lá onde que morava o Faustino Marconato, primeiramente, moravam tudo junto lá, num barracozão, meu pai contava. Daí a minha avó, fazia uma polenta numa corrente, assim enroscada, num tacho mexido em cima do fogo, na fumaça (esposa: nem fogão não tinha). Daí, de lá meu nono comprou aqui onde está o Ricardo cigano, fez casa ali, preparou-se ali e foi indo e daí quando ele fez ali, compro ali, daí vieram ali se mudaram ali e daí foram se colocando ali, daí meu pai terminou de se criar ali.²⁰⁷

²⁰⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

²⁰⁷ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Nas recordações das famílias italianas da Bella vista não foram raras as narrativas de dificuldade de toda espécie. Não só entre os primeiros imigrantes, mas também entre as famílias de segunda e demais gerações. É comum ouvir nas narrativas que as roupas produzidas pelos imigrantes e seus descendentes por muito tempo eram feitas de sacos de arroz, de farinha ou açúcar, e que depois eram lavados e tingidos com uma cor escura, geralmente marrom, para o uso no trabalho. As pessoas mais idosas gostam de retratar o sofrimento vivido pelos seus antepassados, mas também de destacar que a sua italianidade é sustentada pelo trabalho, família e religião. É um fator marcante em todas as narrativas dos italianos da Bella Vista.

Quando nos reportamos aos netos e bisnetos para contarem sobre os italianos, esses já de imediato dizem: - A senhora tem que falar com a *nonna*, ou com o *nonno*! Percebemos, desse modo, que a tradição oral está guardada com os mais velhos, pela memória dos descendentes daqueles primeiros imigrantes, e que se tornam fontes históricas a partir do momento em que são questionados e entrevistados.

O *nonno* e a *nonna* representam a sustentação da família para os italianos, são figuras importantes no cenário das famílias dos descendentes, ainda mais quanto têm os bisavós, mas que também são chamados de *nonnos* e *nonnas*. Eles são aqueles que, por meio de sua experiência, permitem ao grupo familiar se conceber como estável e contínuo. São eles que dão conselhos, que ensinam as coisas dos antigos às gerações novas; que resolvem problemas familiares entre os parentes. Para a *nonna*, muitas vezes, cabe a educação dos netos enquanto as mães trabalham na lavoura ou em outra função na colônia. Os *nonnos* continuam mantendo ativa a função de mantenedores de uma solidariedade familiar e repassadores de valores.

A família ainda hoje, entre os descendentes dos italianos, é uma instituição muito valorizada; porém, se compararmos com as regras que sobre ela incidiam no passado e as regras vigentes hoje, se observam muitas transformações. O número de filhos dos primeiros imigrantes era bem maior, em torno de 10 a 15 filhos em média, enquanto que para os seus descendentes é em torno de 2 a 3 filhos. Hoje, os descendentes dizem que por não terem muitas terras, sabem que não poderão dar uma boa vida a muitos filhos e, assim, alguns preferem que seus filhos vão estudar na cidade para ter uma vida diferente deles. Também hoje os homens na colônia são mais solidários com suas mulheres, pois ajudam nas tarefas domésticas, assim como as mulheres também ajudam nas roças. Mas, com a introdução de maquinários agrícolas e tecnologia, as mulheres estão cuidando mais de suas casas.

D. Laura Clementina Bobato narra que sua família era numerosa e que a educação dos filhos era de forma bem mais rígida do que agora:

Ah! Eles sempre tinham uma porção! Mamãe teve 16 filhos do tempo e 3 perca. Dai morreu 3, ela criou 13. Depois ela ganhou a Rosa da D. Maria. Eram 14 com a Rosa. E agora estamos só nós duas. Eu, filha mesma e ela. (marido: nós era 16 também irmão. Dois que morreram). [...] *E porque tinham bastante filhos? Era mais fácil para o trabalho?* É que não tinha televisão, antes!!! (risos). *Não tinha anticoncepcional?* Não tinha. Eu nunca usei. (risos). *Eles tinham bastante filhos para poder ajudar no trabalho?* (marido: E outra coisa que eu acho que era, é que naquele tempo tinha sabe o que? Tinham mais saúde, não é como hoje, que você comer, era trigo, tudo sem veneno, nós nem sabia o que era veneno). *E como os pais passavam educação para os filhos, tia?* (marido: Eram tudo, eles eram rígido [incompreensível]. Não, teu pai era um amor pros filhos, pra tudo eles. Agora o papai e a falecida mamãe, ela queria bem, era uma beleza, mas era daquelas alemoa velha que levava na dura. Fizesse coisa errada, podia saber!)²⁰⁸

Mas o que observamos na Colônia Bella Vista, é que a figura das *nonnas e das mammas*, já está em baixa, ou seja, aquela *mamma* italiana tradicional, cozinheira, barulhenta, mandona e centralizadora já não existe mais. As *nonnas* estão cuidando dos netos, ajudando nos trabalhos domésticos e as mães estão se desdobrando para cuidar dos trabalhos domésticos, ajudando nas lavouras e ainda educando seus filhos no meio de um turbilhão de informações que chegam com a escola da cidade, a televisão e a internet. Se a *mamma* e a *nonna* ainda são consideradas importantes em seus papéis é pela forma como a família se apresentava a seus descendentes, como uma instituição sagrada e inquebrantável. A *mamma* representava a mãe terrena, no universo religioso, mas também o universo doméstico, da cozinha, do cuidado com os filhos. Mas hoje, na colônia, está mudando, pois como a sacralidade e a formação das famílias estão mudando, os pesos simbólicos dos membros dela também mudam. Contudo, a importância da *mammas* e das *nonnas* continua fundamental na educação de seus filhos e na transmissão dos valores italianos, essenciais para manter suas práticas cotidianas e sua cultura.

As primeiras *nonnas e mammas* que chegaram à colônia tiveram que ajudar seus maridos nos trabalhos da lavoura, além de cuidar dos filhos, da alimentação, das roupas e ajudar sua família a poupar para guardar reservas econômicas e comprar mais terras.

Para os homens ficavam as tarefas mais pesadas, cuidar dos animais e alimentá-los, e para as mulheres, ordenhar as vacas, preparar o alimento, cuidar da casa e dos filhos. Elas tinham que,

²⁰⁸ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

muitas vezes, improvisar, pois nem sempre havia o alimento necessário para toda a família. Elas encorajavam seus maridos, ou apenas escutavam, quando estes estavam desanimados pelas dificuldades encontradas. Suportavam toda espécie de dor física e espiritual, pois tinham filhos doentes e sem poder contar com atendimento médico, apenas tentavam curar com chás, ervas e orações, já que não tinham recursos para ir até a cidade. A vaidade era deixada de lado, no meio de tantas dificuldades para sobreviver, pois continuavam a usar os vestidos compridos e os cabelos longos sempre amarrados. Geralmente tinham uma aparência de sofrimento e de mais velhas do que realmente eram. Na maior parte do tempo, as mulheres estavam grávidas, pois tinham um filho por ano, chegando quase sempre acima de 10 filhos. A gravidez muitas vezes era interrompida por causa de seus corpos fragilizados e muitas se sentiam envergonhadas ao engravidarem depois da idade considerada ideal por eles, que era até os 45/50 anos, como foi mencionado anteriormente um caso, na narrativa do Sr. Orlando Marconato. No documento de 1912, podemos observar esse fato.

O que mais impressiona o viandante, nesta magnífica paisagem é a saúde dos habitantes; são todos rosados, musculosos e alegres. As mulheres são de uma fecundidade extrema. Foi-nos apresentada uma velha de cinquenta annos, com um menino no braço e se não me engano, estava grávida²⁰⁹.

Uma das descendentes, Susete Moletta²¹⁰, escreve que:

Sem usar uma metodologia específica para definir o perfil das mulheres da família Moletta, percebemos, pelos relatos orais, que muitas foram dotadas de uma personalidade forte, com traços marcantes de determinação em busca de seus ideais. Muitas delas, já na primeira geração, tiveram a coragem de afrontar os padrões de comportamento da época, que não contemplavam seus principais objetivos.

Isto quer dizer que as mulheres italianas representaram também mudanças, contestações, luta pela sobrevivência, ao mesmo tempo que, em suas famílias, as mulheres ou as *nonnas* representaram a simplicidade, a bondade, a perseverança.

²⁰⁹ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, onde o Inspector da Indústria Vegetal, David de Souza Camargo, relata sua visita a Colônia Bella Vista. Fonte: Arquivo Público do Paraná. p. 43.

²¹⁰ MOLETTA, op. cit., p. 128.

3.1.2 – O sabor e o saber culinário enquanto aspectos importantes da memória

Embora existam estudos sobre a alimentação no Brasil²¹¹, a alimentação desses grupos italianos ainda é tema pouco abordado pelos historiadores, razão pela qual abordaremos seus aspectos nos tempos iniciais da Colônia Bella Vista.

Se, por um lado, possuir famílias numerosas entre os italianos facilitava o trabalho nas terras, por outro, essas famílias compostas por vários membros deveriam lidar com os gastos para alimentar todos os filhos. As dificuldades relacionadas à alimentação referiam-se tanto ao estranhamento de alguns alimentos das terras brasileiras, quanto por sua escassez, pois não havia uma diversidade de escolhas. A alimentação das famílias italianas perpassava o limite da precariedade.

De acordo com as narrativas dos entrevistados, a primeira forma de alimentação trazida por eles da Itália foi a polenta, que era feita de modo bem rústico e artesanal, pois eram muito pobres e não tinham quase nada para se alimentarem; depois que começaram suas lavouras é que se alimentavam de feijão, arroz, batatinha e outros alimentos.

*E no começo a alimentação deles era muito pouco, não tinham quase nada?
Era só polenta, eles diziam a saiata, e quando tinham vaca, o formaio, o late! Quando tinha leite era polenta com leite, quando tinha alface, era polenta com alface!
E o radiche? Ih! Iam pro mato procurá radiche! [...] Era do meio das tigueras! [...] Com polenta. A vida deles era muito difícil? De pobre mesmo!²¹²*

No início, os imigrantes tiveram que se adaptar ao que havia nas matas. Um dos alimentos que provavelmente eles consumiram foi o pinhão, pois como tinha mata de araucária, os italianos aprenderam com os moradores locais o uso do pinhão, até iniciarem o cultivo de suas lavouras. O mais constante nas narrativas dos descendentes é a referência à polenta feita com a farinha do fubá. Depois de algum tempo, no máximo um a dois anos, eles começaram a colher o que tinham plantado, como feijão, milho, trigo, arroz e outros produtos para seu consumo e para a comercialização.

²¹¹ Destaque para os estudos sobre alimentação de: CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003; CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983 e principalmente de SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da alimentação no Paraná*. 2.ed. Curitiba: Juruá, 2007.

²¹² Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Maria Cecília Alessi. 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (152904). Duração 01min46seg. Vídeo 2 (153058). Duração 02min34seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Os primeiros que vieram e se instalaram na Bella Vista, começaram a praticar a agricultura? Agricultura, milho, feijão, cebola, trigo, tudo, alho, arroz, até meu pai, começou a fazer um pouco a vida e nós, com linho, linhaça, diziam linho. O meu nonno, também semeava bastante, um alqueire e meio de linho. Pra que era o linho?
 Eles diziam pra nós, dá pra entender que iam pra fora pra fazer fazenda! Pra fazer tecido!
E eles plantavam, eles tinham plantações de uva, também? Não, daí começou depois de uns anos, daí sim, tudo quase tinha. *Pra fazer o vinho?* Pra fazer o vinho, daí vendiam o vinho, iam pra Ponta Grossa vender. Imbituva de primeiro, era 3 ou 4 casinha. Quando eu casei já era pouca família que tinha em Imbituva.
Eles tinham algum costume de comida que eles trouxeram da Itália, que eles passaram pra vocês? O que eles comiam? Feijão, arroz, batatinha, nós não comprava quase nada, cebola, alho, tudo era plantadinho crioulo. Depois que largaram de plantar.
E a polenta? A polenta sempre existiu, já tava a polenta. Eles gostavam. Até era mais a polenta, o feijão eles comiam, mas era mais a polenta! *Era comido todo dia a polenta?* Todo dia! *E polenta com o que? Como eles faziam essa polenta?*
 A polenta, ponhava uma caçarola com água no fogo, quando fervia ponhava sal e daí pegava uma pazinha, uma tijelinha de farinha e ia lá mexer no fogo. E daí comia polenta com carne, ovo, com salada, couve, batatinha, tudo essas bóinha a gente fazia.
E o ratiche? O ratiche nós cozinhava pra comer. O radiche nós cozinhava.
Mas era comum os italianos comerem? Aham! *Era comida sagrada, deles?* Sagrada, antiga! Comida, essa bóia era tudo do tempo do meu nonno, que eu morei 3 anos com ele, pra ir na escola, no Pinho. Mas a comida que eles faziam era essa, feijão, arroz, batatinha, um dia trocava, polenta, um dia feijão²¹³.

Não resta dúvida de que a polenta era o principal prato feito pelos italianos da colônia Bella Vista. Em todas as narrativas, os entrevistados fizeram questão de narrar como era feito esta polenta e com o que eles comiam, contando detalhes das panelas utilizadas e como as *mammas* e *nonnas* mexiam essa polenta.

É a memória fixada pela prática de fazer a polenta. Leva, consciente ou inconscientemente, os descendentes ao passado, lembrando das *mammas* e das *nonnas*, fazendo a mesma. As imagens parecem reais quando estão relembando, que dizem sentir o gosto da polenta que as *nonnas* faziam. E elas ensinavam suas filhas fazerem nos mesmos rituais, com os mesmos utensílios, denotando um valor simbólico para suas descendentes. O hábito de comer a polenta, passado de geração a geração, colaborou para que os descendentes de imigrantes italianos da Bella Vista afirmassem sua identidade étnica frente aos demais.

A polenta tinha um significado simbólico para os italianos. Era um costume cotidiano herdado através das gerações, e como uma alimentação barata se tornou um dos pratos principais da alimentação dos colonos da Bella Vista e de seus descendentes. Dela se consumia até mesmo

²¹³ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

os restos e a casca, que após seu cozimento aderiria às bordas da caçarola, como nos narra o Sr. Orlando Marconato:

O senhor estava falando da questão da polenta. Então a primeira comida que eles trouxeram da Itália, foi o costume de fazer a polenta?

É, faziam nos tachos pendurados na corrente, antes de construir as casas. [...] Eles tinham as misturas [...] o radiche da capoeira [...] eles comiam, eles tinham as plantações deles, a horta deles tinham aquele radiche cumprido assim, peludinho.

Quantas vezes por semana vocês ainda fazem a polenta?

Aqui a polenta é sempre feita de duas, três vezes por semana ainda é feito. (esposa: hoje ainda foi feito, só que não é mais no pá que é feito, assim como era, agora tem a pressão). *Como eles faziam a polenta antes?* Eles punham a água fervendo naquele tacho pendurado na corrente, e daí punham o sal que ficasse no normal da polenta e iam pondo fubá e batendo e iam mexendo até criar uma casca em volta, só que não podia apurar muito. *O que era o panaro que eles falavam?* O panaro nós ainda temos um guardado. O panaro era uma tábuia rendonda assim, com uma cabecinha onde que tinha um furinho, passado um fio, amarrado ali, enlheado ali que era pra desenleá ali, pra cortar a polenta. A caçarola que fosse principal de dois cabinho, no fogão de lenha, na chapa e não dava pra apurar muito senão queimava antes dela se cozinhar. Daí depois de despejada a polenta, daí eu fazia minha mãe ponhá a caçarola no ceitaro, onde que tava úmido, daí o bijú estourava, daí eu comia o bijú²¹⁴.

Toda essa narrativa nos mostra o valor simbólico que tinha a polenta enquanto alimento para os colonos italianos da Bella Vista e também os utensílios que usavam, como podemos observar nas fotografias a seguir, onde Sr. Orlando fez questão de mostrar o panaro e a caçarola que seus pais e avós usavam para fazer a polenta que ele comia até o biju.

²¹⁴ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Fotografias 16-17-18: Panela pendurada numa corrente, primeira forma de se cozinhar a polenta²¹⁵. O Panaro era para despejar a polenta depois de pronta. A caçarola onde se cozinhava a polenta no fogo.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Como foi narrado pela Sra. Helena Dal Santo, a polenta estava todos os dias na mesa dos italianos da Bella Vista, faziam o revezamento das misturas, mas a polenta não podia faltar. Com o cultivo de outros produtos, eles modificaram um pouco seus hábitos alimentares, mas a polenta não faltava à mesa do italiano.

O gosto pela polenta foi transmitido culturalmente nas famílias venetas e eles trouxeram consigo esse hábito, procurando adaptar-se à Colônia Bella Vista e suas terras no cultivo de outros produtos, mas principalmente no cultivo do milho. Trouxeram consigo algumas sementes do cereal, mas adquiriram outras nas regiões onde se estabeleceram. O importante era cultivarem o milho que daria o alimento básico para sua sobrevivência. A polenta representava uma dieta de vigor, de sustento, de manutenção de uma tradição alimentar, carregada de simbolismo. Para os imigrantes italianos da Colônia Bella Vista, a manutenção do costume de comer polenta significa manter os laços com sua origem italiana.

Segundo Piffar²¹⁶, o preparo da polenta tinha todo um ritual específico:

²¹⁵ O marido da Sra. Laura C. Bobato, Sr. Davi Bobato, explica como era feita a polenta quando os primeiros imigrantes chegaram na Bella Vista: [...] os que vieram de lá (Itália), eles penduravam uma coisa assim (corrente) na panela, era no chão, e daí penduravam a panela assim! Não tinha fogão, então eles faziam o fogo no chão a panela pendurada.[...]

Sra. Laura: Era uma corrente assim, que eu fui quando era menina junto com a comadre Angelina, na casa dos parentes do compadre Tônico. Então é uma corrente assim e daí tinha um gancho e pendurada aquela panelinha ali fervendo. Ventava, o balanço naquela corrente... não sei como é que viviam...

²¹⁶ PIFFAR, Giovanna. *A Polenta como forma de expressão da cultura popular italiana*. 2006. 91 f. Monografia (Conclusão do Curso de História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

A polenta preparada pelos imigrantes italianos obedecia aos seguintes passos. Em uma panela especial de ferro ou tacho de cobre, chamada de *caliero*, era colocada a água e o sal. Esperava-se a água começar a ferver, quando se juntava a farinha de milho lentamente. O fubá escorria entre os dedos da mão esquerda, enquanto na mão direita ficava uma pá de madeira, “*mêscola*”; com ela, mexia-se a polenta até obter boa consistência, ficando sobre o fogo em média de uma hora. Ao adquirir boa consistência, a polenta é retirada do fogo e despejada sobre um tablado de madeira, o “*panaro*”; em seguida, é arrumada em forma de um bolo e uma pequena pá, a “*paleta*”, já molhada em água fria, é passada sobre a polenta para deixá-la lisinha. Era tradição cortá-la com barbante sempre no sentido das bordas para o centro e depois servi-la.

Podemos observar que a mesma forma de preparo da polenta era feito na Colônia Bella Vista, inclusive com os mesmos utensílios; variava muitas vezes a forma como se pronunciava as palavras, mas o significado era o mesmo. O ritual de fazer a polenta e cortá-la com o barbante era o mesmo, pois os italianos diziam que não podiam cortar a polenta com a faca que tirava o sabor, era somente com o barbante. E a polenta era feita com o fubá amarelo, mas depois vieram outras variações como o fubá branco, produzido no Brasil.

Para Balhana²¹⁷, na mesa do colono italiano aparece a polenta simples, sem molho ou acompanhamentos. Mas além da polenta apenas cozida, que se consumia em maior escala, comia-se a polenta torrada (*poenta brustolà*), que substituíva o pão.

Polenta torrada é a polenta simples que uma vez cortada em fatias é colocada sobre a chapa ou grade do fogão até formar uma crosta torrada. Também é costume fazer uma espécie de polenta doce (*pinza*), a qual é servida com o café da merenda. Leva no seu preparo apenas fubá, açúcar, um pouco de leite ou água, e um ou dois ovos, bem como uma pitadinha de bicarbonato. Misturados os ingredientes, a massa é colocada em uma assadeira ou forno, ou ainda em uma frigideira sobre o fogo, e com a tampa recoberta de brasas para assar.²¹⁸

D. Amábile relembrando, faz referência a um bolo doce de massa crescida que eles chamavam de *pinza*: “É o bolão de massa crescida. Em italiano diziam - a *pinza*. A *pinza* é um bolão. Era um bolão de fubá, era a *pinza*, que dizia em italiano”.

A polenta era tão comum nas famílias italianas que o primeiro alimento dado às crianças era a polenta bem mole com leite. Elas comiam polenta com leite, de manhã, ao meio dia e à tarde. Era um alimento que sustentava. Se não comiam a polenta comiam a farinha de milho com leite, uma variação do milho, o bijú. Na narrativa da Sra. Laura C. Bobato e seu marido Davi Bobato, eles contam como era moída a farinha e feito o fubá:

²¹⁷ BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978. p. 112.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 113.

Sr. Davi: [...] comiam feijão, plantavam o arroz, semeavam o trigo, plantavam milho e daí fazia o fubá. Levava num moinho para moer aquele milho para fazer a polenta.

Sra. Laura: E tinha o monjolo, para fazer a farinha de milho. Eles punham o milho num saco e dentro da água, água corrente, aquela água limpa, daí tiravam aquele milho depois que tava 3-4 dias, enxugavam, daí macetavam no monjolo. E o monjolo tinha uma parte que quando entrava a água ele baixava e socava lá. Depois eles tinham um tipo de forninho [...] daí eles pegavam...

Sr. Davi: Eles ponhavam aquela farinha e tinha fogo embaixo e saia aquele bijúzão embaixo. Nós até ia lá pra comer aquele bijú, ganhar aqueles bijú grande {riso}.

Não tem farinha melhor do que a de monjolo!²¹⁹

Primeiramente eles moíam a farinha em Irati, depois, na colônia Bella Vista, uma das famílias, os Moletta (ao lado do lago dos Moletta), construíram um moinho para moer o milho. Dessa forma faziam a farinha de milho e o fubá para toda a colônia. A moagem custava barato, era cobrada por quilo e os colonos tinham o direito de levar a casca do milho para os seus animais. Levavam em torno de 5 a 10 quilos de milho e trocavam por 5 quilos de fubá.

Além da polenta, outro alimento bastante consumido pelos italianos era o macarrão. Mas era um luxo poucas vezes permitido no início da colônia. Segundo a Sra. Helena, o macarrão já existia, mas era feito em casa. Algumas famílias o chamavam de “pasta”, outros não. O macarrão era utilizado também nas sopas, principalmente na de feijão ou de legumes, que eles chamavam de “menéstra”²²⁰. Além do cuque de massa crescida, um bolo doce preparado com farofa por cima. Lembro todos os detalhes de minha mãe e *nonna* preparando estes alimentos e inclusive ajudando-as a fazer todos os sábados o macarrão caseiro e o cuque, para ter aos domingos e servir às visitas.

O macarrão eles faziam? O macarrão sempre existia. Mas feito em casa.

Eles chamavam de pasta, também? Não sei como chamavam o macarrão, pegava a farinha, 3-4 ovo que queria, e água morna e batia com garfo, bem depois amassava, fazia aquela bola, pegava um pau redondo assim e espichava aquele roletão. Daí nós amontoava bem e picava. Assim que eles faziam. *E daí deixava secar?*

Secava, aquela rodona, em cima de uma mesa com toalha ali e daí depois que tava meio sequinha aquela massa, porque não podia deixar bem dura, tinha que ser uma quantia, daí picava e fazia o macarrão, picava bem fininho pra sopa. Daí fazia sopa de feijão com

²¹⁹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR. Participação de seu esposo Sr. Davi Bobato.

²²⁰ A menéstra ou minestra é uma sopa feita com o caldo do feijão preto. Geralmente se faz com a sobra do feijão do almoço. Amassava esse feijão, passava na peneira, formando um caldo grosso no qual se acrescentava arroz ou macarrão e legumes se desejasse. Comiam essa menéstra com polenta. No início para os primeiros imigrantes era a comida juntada como diziam, pois misturavam tudo numa panela só e faziam a sopa.

macarrão, sopa de arroz, com macarrão. *Como se chamava a sopa de feijão com macarrão? Era a menéstra? Menéstra! Aham, a sopa preta, com o feijão.*

E o cuque, era a cucha que eles falavam? Era o cuque que nós falava, assim pegava 3-4 ovo que queria, açúcar, uma pitinha de sal, e leite e batia bem batidinho aquele, depois ponhava farinha, amassava e deixava num latão, ponhava numa forma e faziam um açúcar, com pouco de azeite doce, em cima, pra fazer esfarelar, fazia assim o cuque.

Era o cuque de massa crescida? De massa crescida, sempre existia só aquele cuque, ninguém tinha como agora. Agora é só bolo e fazia uma folhona assim, aquele cucão!²²¹

Segundo a narrativa do Sr. Orlando Marconato, o macarrão era comida de domingo, com carne de frango e a polenta. Eles nos conta que sua mãe fazia os chamados “panos de macarrão”, que era uma massa enrolada para ser cortada e não podia furar ou esfarelar, senão o macarrão não teria a mesma qualidade para o cozimento. Ele ainda possui o rolo de estender o macarrão que sua mãe e *nonna* utilizavam.

Tudo feito macarrão na casa, era posto a farinha numa bacia, e quebrado os ovos ali e ia mexendo e pondo os pouco de água ali e fazia aquela bola de massa, amassava bem na mão ali na bacia, quando ela se juntava, que tava uma bola de massa ligada, dai punha na mesa, ainda tem o pau de estender macarrão aqui. Daí estendia na mesa assim. Minha mãe fazia o pano de macarrão, fazia grande o pano e ficava fininho, era difícil ela furá aquele pano de macarrão que furasse em algum lugar assim como rasgasse. Daí fazia no sábado pra no Domingo comer uma bacia de macarrão com o frango e a polenta. Era comida do domingo, o frango, a polenta e o macarrão.²²²

A farinha para fazer o pão, o cuque vinha da mesma forma que o fubá para fazer a polenta. Faziam o pão, a broa caseira, de acordo com a qualidade da farinha, se era de primeira, segunda ou terceira qualidade. Claro que o pão branco, de farinha de trigo, só na época da colheita do trigo, ou em ocasiões especiais, como festas, dias santos, ou casamentos. Nos dias comuns era a broa de centeio, ou chamado o pão preto, como nos conta D. Helena:

E daí faziam pão em casa?

Em casa, é. Daí moia o trigo, maiava na malhadeira. De primeiro pegava uma ripa, um pau, outra vara mais curta e daí massetava no terreiro, o trigo. Trigo e feijão também, saía lá no chão. Dava 3 ou 4 alqueire, só latada, 5-10, era um caxãozão que eles mediam e ponhavam 5-6-7 saco e pro Irati, pro Irati com os cavalinhos, carregado no carro e

²²¹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

²²² Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

fazer aquela farinha. E daí fazia farinha de 3 tipos, de primeira, segunda e terceira. E daí nós fazia pão, fazia broa, daquele era uma broa, tão boa!²²³

Outros alimentos eram cultivados pelos colonos, principalmente os temperos, alho, cebolas e espécies vegetais, alface, agrião, rúcula, repolho, vagem e principalmente o radiche.²²⁴ Nas hortas dos descendentes encontramos também um cantinho para as ervas, destinados aos chás utilizados pela medicina caseira, que aprenderam com suas *nonnas*, tais como: alecrim, capim-cidreira, melissa, malva, tanchagem, boldo, espinheira-santa, carqueja, hortelã e muitas outras espécies. As *nonnas* constantemente passavam suas receitas de chás para as filhas e para a comunidade ajudando a acabar com muitas dores, quando não tinha acesso à medicina tradicional. Outra espécie que existia constantemente nas casas dos italianos era a arruda, pois segundo as *nonnas*, elas quando colocadas atrás da orelha, ajudavam a tirar o ar do olho e o mau-olhado.

Outros alimentos eram consumidos pelos italianos. Eles ao se estabelecerem na colônia começaram a comer carne de caça, depois compraram vacas, cabritos, porcos, galinhas e foram formando seus poteiros de animais para a subsistência e também para a venda. Tinham à disposição, leite, manteiga, queijo, ovos e verduras. Eles foram influenciados, mas também influenciaram com seus hábitos alimentares. Na narrativa do Sr. Orlando Marconato, vemos a influência da feijoada aprendida com os portugueses e caboclos que já moravam na região:

Daí quando era matado um porco era feito as linguiça, daí fumaçada a linguiça e posto o toucinho na salmoura numa gamela de madeira, como eu tenho ainda aí, a gamela. Na gamela posto 4 a 5 dias ali na salmoura, no sal. Daí erguer ele em cima da vara, fumaçar aquele toucinho, daí faziam aqueles couro, tiravam aqueles couro do toucinho assim, pra cozinhar no feijão, pra comer de mistura, as orelhas do porco, os pés do porco.²²⁵

²²³ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

²²⁴ O radiche possui várias formas de escrita, podemos encontrar raditi, radite ou radiche. Existem também várias espécies de radiche nas hortas dos descendentes de imigrantes italianos. A chicória é uma espécie de radiche que eles cozinhavam, picavam bem e refogavam com cebola para comer com polenta.

²²⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

A carne de porco era mais comum eles comerem no dia a dia, inclusive utilizando-se da banha para o cozimento dos alimentos, mas a carne de gado era mais rara, geralmente para dias de festas e casamentos, assadas no espeto de madeira que faziam das árvores do mato.

Na colônia Bella Vista nas entrevistas que realizamos não encontramos muito o costume de comer a pizza, porque ela é originária de Nápoles e os colonos da Bella Vista eram do Vêneto; então a pizza, por mais que fosse considerado um prato típico de influência da classe pobre, porque se fazia uma massa e colocava-se o que tinha em cima, foi pouco consumida pelos italianos da Bella Vista.

Para os italianos imigrados da Bella Vista, o vinho sim era um ponto de referência de suas identidades. Faz parte da memória e das lembranças de seus descendentes como eram cultivadas as videiras e feita a fabricação do vinho. Alguns ainda possuem os quintos de fermentação do vinho e ainda produzem o vinho para sua comercialização. Na Itália, o consumo do vinho era privilégio das classes mais abastadas²²⁶, mas na Colônia Bella Vista, o cultivo das videiras e a fabricação do vinho passaram a ser propagados como símbolo identitário dos italianos. Até hoje seus descendentes fabricam e comercializam na cidade de Imbituva o vinho feito pelos italianos.

Todos os entrevistados nos narram a fabricação do vinho e sua importância na Bella Vista, mas a narrativa do Sr. Orlando Marconato é a mais completa, pois ele mesmo me mostrou os utensílios, tanques e tinas que utilizava para fazer o vinho, como veremos nas fotografias seguintes.

Era feito aqui. O vinho eu conheci meu pai fazendo vinho aqui. Daí, depois que eles estavam aqui, eu fiz também. Era colhido a uva e passado, limpado as uvinha verde tudo, tirado as uva verde, as podre, que ficasse a uva limpa e daí passado na máquina de roletinho pra partir tudo a uva, daí posto na tina, como eu tenho a tina aí. Posto dentro da tina e de acordo como era a quantia de vinho, se desse cinco quinto de vinho, no cálculo da medida, posto açúcar dentro e daí mexia quatro, cinco dias, seis, duas, três vezes por dia, daí depois parava de mexer, que ele ficasse 8 dia, 7-8 dia. Ele subia pra cima, ele parava de ferver porque ele fervia de derramar se a vasilha fosse pequena, daí ele parava de ferver, a gente ia lá e tirava um caitho, vê se tava limpo, bonito, daí tava na hora de tirar. Tirava e punha no quinto. Ele ferve 40 dias, pra daí lacrar o quinto, se fosse para deixar guardado. Numa vasilha boa, bem lavada, bem limpa. Daí, naquele tempo, garrafão não existia quase, existia litro, garrafa. Daí ponha nas garrafas, nos litros, daí depois foi vindo o garrafão e daí punha nos garrafão. Eu não faço, não tem mais parreira, tem umas parreira aí mas não dá mais nada. Tudo eles faziam, a maioria deles tinham

²²⁶ SERINI, Emilio. *Il capitalismo nelle campagne (1860-1900)*. Torino: 1980, p. 358.

parreiral aí na colônia. É o vinho e a polenta. No casamento o vinho era a bebida que tava em primeiro lugar. Meu nonno e a minha mãe aqui eu ainda alcancei, eu era piá, eles não usavam copo de vidro, usavam a tijelinha de louça. Daí você chegava aqui, ia te dá um vinho pra tomar era na tigelinha de louça. Na tigela. [...] ²²⁷

Fotografias 19-20: Sr. Orlando com suas Tinas, Tanques e Tinaços ²²⁸ onde ele, seus pais e nonnos faziam a fabricação do vinho. Hoje estão guardados num barracão em desuso.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

A produção de vinho na colônia Bella Vista foi destaque no relatório apresentado ao Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná, do ano de 1912 ²²⁹. Neste relatório consta que a cultura do vinho era muito desenvolvida, existiam 200 mil pés de videiras e exportavam anualmente a média de 500 pipas de vinho para Guarapuava, Prudentópolis, Ponta Grossa e Imbituva. Os irmãos Santo Alessi e Antonio Alessi exportavam por ano 70 pipas de vinho, sendo que o preço do quinto do vinho era de 40\$000 réis. A renda da safra de cada ano era de 100.000\$000 réis. Percebemos que foi uma atividade rentável para os primeiros italianos da colônia, sendo que esta produção de vinho permanece até os dias de hoje, com algumas famílias de seus descendentes.

²²⁷ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

²²⁸ O Sr. Orlando me contou que o método de construção destas tinas e tanques foi trazido da Itália por seus *nonnos* e que a madeira utilizada na construção tinha que ser específica. Para a confecção de uma das Tinas a madeira veio da Itália e nela cabiam 940 litros de líquido. Tinha as tinas, o tinaço, as pipas. Uma pipa cabia 5 quintos de vinho. Numa das tinas cabem 22 quintos de vinho para fermentação. Vídeo: 4269. Data: 20/07/2014.

²²⁹ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, onde o Inspector da Indústria Vegetal, David de Souza Camargo, relata sua visita a Colônia Bella Vista. Fonte: Arquivo Público do Estado do Paraná. p. 43

A polenta e o vinho representam a reconstrução da identidade dos italianos da Bella Vista, que é constantemente reafirmada pelos seus descendentes no seu cotidiano, no seu dia a dia. As práticas e alimentos do passado são transformados em símbolo de italianidade.

3.1.3 – O cotidiano do trabalho: a lavoura, os animais, as serrarias

Na Colônia Bella Vista os moradores se caracterizavam pelas relações de parentesco e compadrio, por uma vida marcada pela religiosidade e pelo trabalho.

A memória do trabalho dos imigrantes da Bella Vista é a memória das terras da colônia e das famílias. As histórias ouvidas referem-se à terra, às plantações, à criação dos animais, à comercialização, como trabalhavam e de que forma foram se desenvolvendo economicamente.

No início a colônia foi formada pela divisão das terras entre as famílias, as quais já foram discutidas anteriormente. Com o tempo, cada família foi procurando cultivar suas pequenas propriedades e trabalhando somente nelas.

Uma das primeiras fontes documentais que se refere à produção econômica na Colônia Bella Vista é o Almanach Paranaense de 1898²³⁰, onde consta:

Bela Vista, estabelecida em terrenos adquiridos pelos próprios colonos, cerca de 3 leguas da Villa de Imbituva, à qual é ligada por estrada carroçável; seus habitantes dedicão-se à lavoura, e por iniciativa do Sr. José da Cunha Mello fiseram uma pequena plantação de amoreiras com o fim de ensaiar a criação do bicho da seda.

A fonte é do ano de 1897/98, no início da colônia. Não foi possível, através das fontes orais, verificar se esta produção de amoreiras para a criação do bicho da seda progrediu ou não.

No interior das pequenas propriedades plantava-se milho, feijão, batata inglesa, batata-doce, mandioca, verduras, legumes, como também se criavam animais, como a vaca leiteira, porcos, cabritos, e algumas espécies de aves como galinhas, patos e marrecos. O leite, os ovos, a carne e a banha do porco eram usadas para subsistência, e os excedentes eram para a comercialização no centro de Imbituva e Irati. Entre as famílias era comum trocarem alimentos ou sementes para o plantio, bem como fazerem a troca do milho pelo fubá.

De acordo com o relatório apresentado ao Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná, do ano de 1912²³¹, as principais culturas da Colônia Bella Vista

²³⁰ Arquivo Público do Estado do Paraná. Dados sobre o município de Imbituva, do Almanach Paranaense de 1898, referente ao ano de 1897. p.199 a 203. Acesso digital.

²³¹ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, no ano de 1912. Fonte: Arquivo Público do Estado do Paraná. p. 43.

eram: vinha, feijão, milho, batata, mandioca, centeio, trigo, pêssego, maçã, pêra. Também faz referência à extração da erva-mate.

No mesmo relatório consta que todos os colonos usavam “estrumar seus quintaes”, ou seja, utilizavam o estrume dos animais para adubar suas lavouras. O milho era comercializado pelo valor de 15\$000 réis o cargueiro e feijão a 14\$000 réis. O valor do alqueire de erva-mate era de 200\$000 réis. O documento também cita que existiam 3 casas de comércio.

Por esta fonte dá para perceber que alguns colonos lucraram com suas lavouras. Os irmãos Santo Alessi e Antonio Alessi exportavam por ano duzentas arrobas de erva-mate, setenta pipas de vinho e muitos cargueiros de milho e feijão.

Outros alimentos como café, açúcar e sal eram adquiridos com o pouco dinheiro obtido nas vendas das mercadorias por eles produzidas, principalmente nas bodegas²³² de Imbituva e Irati. Em algumas ocasiões trocavam nas bodegas erva-mate por arroz, trigo, charque, sal, açúcar e cereais.

Um dos produtos diferenciados que os colonos da Bella Vista plantavam era o linho, que eles comercializavam também nas bodegas, para a confecção de tecidos, de acordo com a fala da Sra. Helena Dal Santo.

[...] A carne que a gente comia era matado o porco da casa crioulo, o cabrito. Tinha pato, marreco, tinha de tudo, carneiro, tinha de tudo.

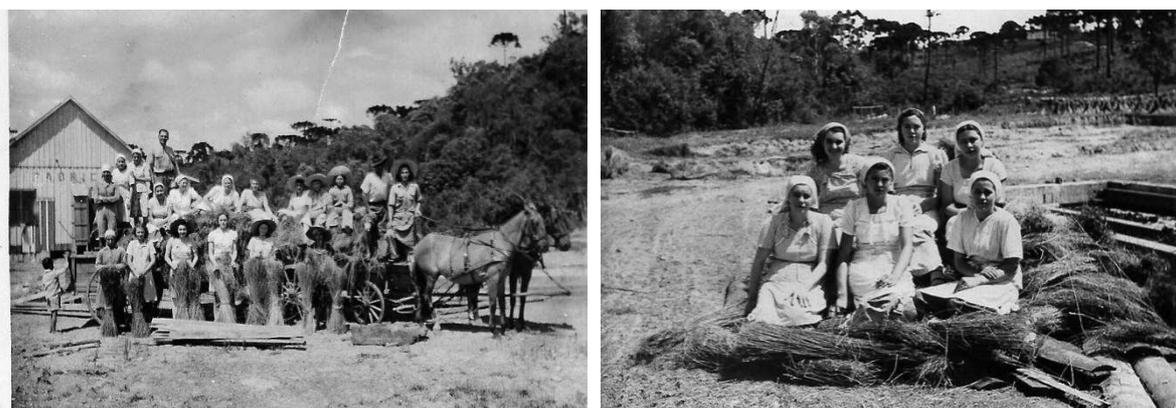
[...] Agricultura, milho, feijão, cebola, trigo, tudo, alho, arroz, até meu pai, começou a fazer um pouco a vida e nós, com linho, linhaça, diziam linho. O meu nono, também semeava bastante, um alqueire e meio de linho.

Podemos identificar uma dessas colheitas de linho nas fotos a seguir. O que se pode observar nas fotografias é a participação das mulheres no trabalho com o linho, algumas com chapéus na cabeça, outras com os lenços amarrados na cabeça, bastante comum, entre as italianas. Na verdade o que se identifica nas fotos, é uma colheita realizada predominantemente pelas mulheres, pois apenas dois homens aparecem na fotografia. Outro aspecto a ser observado é a presença de araucárias ao fundo, bem como uma fábrica de linho, uma espécie de depósito, onde eram armazenados e trabalhados para depois serem comercializados nas cidades mais

²³² Estabelecimentos comerciais nos quais se vendiam os chamados gêneros secos e molhados, conhecidos também como armazéns, casas de negócio, casas de comércio, casas comerciais, mercearias ou simplesmente negócios. Fonte: TELEGINSKI, Néli Maria. *Bodegas e Bodegueiros de Irati-Pr na primeira metade do século XX*. 2012. 250f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.

próximas. Essa produção se estendeu por muitos anos, pois as fotografias se referem ao dia 09/12/1949, conforme anotado no verso das mesmas.

Fotografias 21-22: Produção de linho na Colônia Bella Vista, utilizando-se como mão-de-obra em sua maioria as mulheres.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Como mostram as fotografias, as mulheres estavam presentes e participavam intensamente, além das outras tarefas destinadas a elas em suas casas. As crianças aprendiam a trabalhar desde cedo e acompanhavam seus pais na lavoura no momento das grandes colheitas. Nas lembranças de alguns descendentes, o trabalho na roça era uma atividade familiar, tudo muito parecido com o que havia na Itália, uma divisão de trabalho entre todos os membros da família.

[...] Eles primeiro, como nós lá em casa, nós rezava o terço, para depois pegar os cavalos, o carro, carrocinha pra ir, agora enquanto nós era mais pequeno, era adolescente ainda, a gente não ia na roça, era os mais velhos. *Com que idade eles começavam a ir pra roça?* Ah, com 15-16. (marido: Nós era com 6-7 anos, carpir mandioca). O mandiocá o pai fazia mandiocá, né! Então a gente carpia ainda criança até 10-12 anos. *As plantações eram longe?* Lá nas serras! No Passo Fundo, lembro nós ia carpir! Pernilongo que Deus mandava lá pra nós! Vai tentar a Generosa! Uma vez eu carpi 3 litros de cebolá do compadre Lourenço²³³.

As mulheres trabalhavam na roça, principalmente em épocas de grandes colheitas; todavia sua maior responsabilidade era os afazeres da casa: lavar, costurar, passar, preparar a alimentação para a família, cuidar da horta e de alguns animais. Faziam queijos, manteiga, cerveja caseira,

²³³ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

gingibirra que muitas vezes, junto com os ovos de galinha, comercializavam nas bodegas. Elas eram responsáveis, também, pela confecção das roupas, na maioria das vezes, feita de sacos de trigo, que eram alvejados, tingidos e costurados para fazer a roupa de trabalho. Quando não tinham a máquina de costura, era feito a mão e geralmente no período noturno quando todos já estavam descansando e dormindo.

Cabia as mulheres também a prática da medicina caseira, como a colônia ficava distante e tinham dificuldades para ir até a cidade, eram elas que fortaleciam a indústria caseira de medicamentos com seus chás, infusões, garrafadas de ervas e pomadas.

Outro aspecto importante a ser destacado é como os imigrantes organizavam seu espaço familiar e de trabalho, como eles vão adaptando suas produções ao novo ambiente e como adquirem novos hábitos de cultivo das novas terras povoadas. Para Costenaro²³⁴:

A organização do espaço familiar dos imigrantes na área rural fazia com que em torno da casa o colono cultivasse uma horta e buscasse formar um pomar. Vencidos os primeiros tempos, as flores surgiam num pequeno jardim. Próximo da casa eram erguidos os estábulos, galinheiros, pocilgas e paiol. Os pequenos centros agrícolas contribuíram para a formação de uma estrutura de produção agro alimentar voltada aos produtos básicos da alimentação local: milho, feijão, arroz, farinha de mandioca, carne, trigo, centeio e mate [...]. Esses alimentos, em parte desconhecidos dos imigrantes, acabaram cultivados em suas propriedades e integrados ao seu cardápio no processo de adaptação ao novo ambiente. Da mesma forma, laranja, banana, palmito e outras culturas passaram a povoar quintais, hortas e roças dos descendentes, conforme as possibilidades de clima e solo.

Além das atividades agrícolas e da criação de animais, os imigrantes passaram a trabalhar com a extração da erva-mate nativa, prática esta já desenvolvida pelos primeiros moradores de Imbituva, os portugueses e caboclos. Ao abrirem o mato fechado para as lavouras, descobriram a erva-nativa e as araucárias. Todo ano eles cortavam um pedaço deste mato para as lavouras e com elas também essas espécies naturais. Eles derrubavam e trabalhavam com as enxadas, picaretas, machado e foice. Depois, com o passar do tempo e a situação melhorando, começaram a arrumar arados, amansar cavalos e bois para puxar os carroções e carroças e extrair erva-mate e madeiras de lei, para fazer suas lavouras de milho, feijão e trigo.

²³⁴COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. Para a dona de casa: comida e identidade entre os descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO.

Foto 23: Carroça – meio de transporte na Ribeira e Colônia Bella Vista.
Na fotografia Sr. Antonio Moleta Bobato. As crianças eram Darcy A. Bobato e Alzira Bobato.



Fonte: Acervo Darcy Antonio Bobato.

Essa prática de extração da erva-mate e da araucária fez com que alguns italianos se transformassem em produtores de erva-mate e proprietários de uma serraria de madeiras na Colônia Bella Vista. Pela narrativa da Sra. Amábile Alessi, o Sr. Santo Alessi foi um dos primeiros proprietários da serraria na colônia, devido ao fato de ter sido um dos primeiros a se instalar na colônia junto com as outras famílias já mencionadas.

O pai do meu sogro era o nono Santo Alessi sabe? Daí depois ele comprou um terreno lá, pônhou a serraria, tava trabalhando assim e daí comprava as terra pra cá, pra lá, baratinho, né. Nono Santo ele era.

Ele montou a serraria? E ele não trabalhava com agricultura?

Eles trabalhavam só com a serraria. É, eles com os filhos trabalhavam.

Então era do Santo Alessi a serraria?

É, do pai deles (dos filhos).²³⁵

Além das atividades de produção agrícola, os primeiros italianos extraíram uma grande quantidade de erva-mate e araucária que existiam nas terras da Colônia. Vamos observar nas lembranças do Sr. Orlando Marconato a revolta quando empresas capitalistas maiores chegaram até a colônia e começaram a comprar madeira, desperdiçando grande parte da madeira extraída. Mas também percebemos sua reticência, quando mencionado o fato de seus *nonnos* terem extraído erva-mate nativa e terem pago para derrubarem araucárias centenárias para plantar mais erva-mate, ou para fazer sua comercialização.

²³⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). Duração 13min24seg. Vídeo 2 (125424). Duração 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Foram trabalhando e fazendo na lavoura, os poucos que iam vendendo, iam criando uns boizinhos, uns porquinhos e vendendo e fazendo dinheiro e comprando terra. Era barato e daí compravam erva, trabalhavam com erva-mate naquele tempo e daí vendiam a erva-mate e compravam 1 alqueire de terra aqui, meio lá.

A erva-mate nativa eles tiravam pra fazer a comercialização? É...

E como surgiram as madeireiras na Bela Vista?

As madeireiras surgiram depois de um ponto, eu era piá, bem pequeno, entrou essas serrarias antiga, de quadro, entrou a Delegrave e começou a comprar pinheiro, desses proprietários velhos, como do meu nonno. Assim, serrar e foi indo, foi indo, e perdiam metade da madeira, porque do pinheiro aproveitavam só o que era bem limpo, o que tinha um nozinho ou dois ficava lá no mato, os monte de tora. Foram limpando, os terrenos. Meu nonno pagou pra derrubá pinheiro pra formar erva. Pagou, mandou descascar pinheiro, eu me lembro, pinheiro grosso assim, mandou descascar os pinheiros, mas os pinheiros não seca, descascar um tanto assim os pinheiro, para formar o ervá pra produzi a erva-mate.

Então seu avô também contribuiu para tirar pinheiro das terras? É...²³⁶

Na foto seguinte, temos o Sr. Orlando Marconato com um armazenamento de arroz e uma carga para ser trilhada e comercializada. O arroz era para o sustento e comercialização com as cidades vizinhas de Irati e Prudentópolis. A família toda trabalhava trilhando, ensacando, para depois comercializar.

Fotografias 24-25. Máquina agrícola manual. Sr. Orlando Marconato e sua família trabalhando com o ensacamento de arroz para a comercialização.



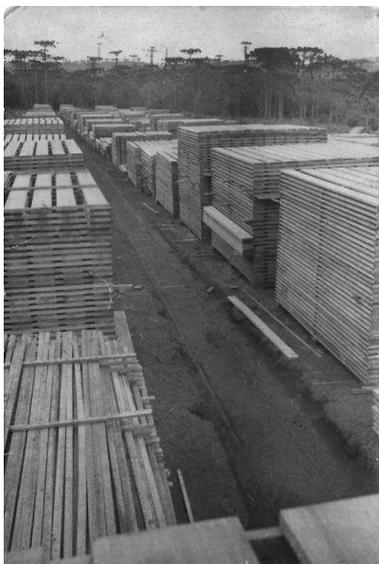
Fonte: Acervo do Sr. Orlando Marconato.

²³⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Também na Ribeira, que fazia parte das terras da Colônia Bella Vista, foi montada uma serraria de madeira, uma das primeiras do município de Imbituva, chamada de Leão Júnior, no ano de 1936 e funcionou até 1948²³⁷. Muitos descendentes dos imigrantes italianos trabalharam nesta serraria, derrubando araucárias centenárias, descascando e serrando a madeira, até mesmo muitas mulheres. A Sra. Laura Clementina Bobato lembra quando sua irmã trabalhava lá: “(...) eu fiquei uns dois anos, três com minha irmã lá na serraria, parada com ela. [...] eles trabalhavam de operário, na Leão Júnior, naquela serraria”.

Foram derrubados nesta região, na época, e levados para esta serraria, pinheiros nativos muito grandes em espessura. Um deles tinha 14m³, precisando de 5 carroções para carregá-lo. Outro foi encontrado com 22m³, precisando de 14 carroções para seu transporte. Os pinheiros mais finos tinham 14 polegadas e custavam em média 4 mil réis na época²³⁸. Na fotografia a seguir, podemos observar a quantidade de madeira serrada e a quantidade de pinheiros de araucária no segundo plano da foto. As serrarias acreditavam que a madeira era tanta que nunca se acabaria. Mas na atualidade já não existem mais, somente em reservas nativas, devido à intensa exploração do homem sobre a natureza.

Fotografia 26: Serraria Leão Júnior. Produção e comercialização da madeira.



Fonte: Acervo de Darcy Antonio Bobato.

²³⁷ STADLER, op. cit., p. 144.

²³⁸ Dados colhidos através de uma conversa informal, com um descendente de italianos, filho de Luis Bobato e neto de Marziale Bobato, que trabalhou na serraria Leão Júnior. Esse senhor se chamava Antônio Moleta Bobato (in memorian). STADLER, op. cit., p.144.

Após a falência da Leão Júnior em 1948, os irmãos Bobato montaram, na Colônia Bella Vista, a Serraria Irmãos Bobato e Cia., aproximadamente em 1952. Depois passou a chamar-se Serraria Bobato Moleta e Cia. e, no ano de 1962, passou a chamar-se Bela Vista Industrial Madeireira Ltda.

Essa atividade da extração e comercialização da madeira contribuiu para o crescimento da Colônia Bella Vista, mas também trouxe o desmatamento das matas de araucária nativa da região. Na foto a seguir estão alguns proprietários da primeira serraria da Bella Vista com seus empregados, quando chegou uma máquina para ser descarregada.

Fotografia 27: Máquina da Bela Vista Industrial Madeireira Ltda.
Os proprietários são descendentes das primeiras famílias de italianos. Foto: década de 60.



Fonte: Acervo Altevir Pedro Bobato.

3.1.4 - Moradia como fator de identidade étnica

A memória coletiva, de acordo com Halbwachs²³⁹, possui suportes, lugares. As imagens espaciais, para ele, são importantíssimas na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo recebe a marca deste grupo e vive-versa. Esses lugares, para os italianos são suas casas, igrejas e

²³⁹ HALBWACHS, op. cit., p. 133.

escolas, suas moradias são pontos de referência e identidade, tornam-se lugares de uma memória coletiva, uma memória da família.

As primeiras casas dos imigrantes italianos da Bella Vista eram semelhantes às dos imigrantes de outras colônias. Eram todas feitas com madeira, geralmente com a cozinha de chão batido, e os móveis eram pouquíssimos. Em quase todas as casas havia apenas alguns bancos ou cadeiras, uma longa mesa de madeira, camas com colchões de palha de milho, acolchoado de penas de ganso, travesseiros de pena de galinha, tudo produzido pelos próprios imigrantes. As roupas da família eram guardadas em prateleiras e cabides distribuídos pelas paredes, ou num varal de madeira feito atrás da porta do quarto, ou depositadas num baú.

As casas dos italianos eram geralmente grandes, com um sótão onde os rapazes dormiam. As moças ficavam na parte de baixo, onde havia um quarto para os pais, um quarto para as moças mais jovens e um quarto para as crianças. Depois, havia uma varanda bem grande, onde a mamma ou a nonna costurava e ensinava as filhas a fazerem os trabalhos, além de uma despensa e uma cozinha, fora da casa (entrava-se na cozinha por um corredor). No quarto de dormir dos pais tinha a cama, uma cômoda e um guarda-roupa. Geralmente no quarto dos filhos havia o varal onde se penduravam as roupas.

Nas narrativas das Sras. Amábile e Laura, elas contam como eram as casas onde seus pais e nonnos moravam, bem como os objetos que utilizavam:

Laura: (...) o pai, tinha uma casa grande, morou várias pessoas, quando veio a serraria aí né. Depois fez aquela outra casa, desmancharam e fizeram onde tá a Marilene agora. [...] Mas eu me lembro bem da casa velha, se lembra? Lá embaixo? Eu me lembro malemar, era uma casona grande.²⁴⁰

Amábile: *E as casas deles como é que eram?* Eram casas de madeira, uma casa de madeira, meia de gente pobre, né.

Eles tiravam a madeira da mata e construíam as casas? As casas.

A senhora lembra como era o estilo das casas? Porque os italianos eles construíram as casas, que eu lembro do meu avô, que eram 4 janelas na frente, uma porta, e atrás tinha a cozinha, era assim também, ou não?

Era, era assim, daí era tudo meio emendada, a cozinha pra trás. Na frente era assim 4 janela, duas do quarto e sala e depois pra trás era a cozinha.

Era bem assim que lembro do nono, também. Tinha uma porta de entrada e aí duas janelas assim, duas ali. (fala da filha - aquelas portona grande!).

E tinha sótão também? Tinha! *As crianças geralmente dormiam no sótão?*

²⁴⁰ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Lá em cima, né! O meu sogro tinha também assim [...] e nós também tinha o sótão, quando viemos pra cá tinha tudo as camas lá em cima no sótão. As criança dormiam lá em cima, só. [...] *Como eram as cobertas, os móveis, eles tinham iluminação?* Ah, era, a iluminação no começo eram as lamparinas e depois começaram com os lampião. *As lamparinas eram aquelas feitas de lata de azeite?* É, é. Eu lembro também. Era bem assim. *E os móveis deles?* Os móveis deles eram que nem a cama e a mesa aí, minha, eram as deles. (filha - nós temos a mesa e a cama). (...) ²⁴¹

A memória se estabelece em forma de viagem por espaços vividos e representados pelo grupo italiano, e as imagens são construídas pelo material que os depoentes têm à sua disposição. Com as narrativas deles e as fotografias, foi estabelecido um confronto entre as casas dos primeiros imigrantes e aquela que os descendentes moraram ou lembravam como era. A casa e a família fornecem imagens para a análise das representações do espaço dos italianos. A casa é um núcleo forte de lembranças que desencadeia pensamentos, lembranças e sonhos. As lembranças da infância e da adolescência estão sempre ligadas à casa, à família, à vizinhança, aos parentes, à colônia. Observando algumas moradias antigas da Colônia Bella Vista e da Ribeira, percebemos que todas elas têm o mesmo estilo arquitetônico, o que caracteriza a casa como sendo italiana. É a identidade dos italianos representada no patrimônio material, no estilo de construção.

A memória da casa italiana tem um significado individual, que diz respeito a cada família; no entanto, tem também um significado coletivo, pois foi um espaço vivenciado pelos parentes e amigos. A casa possui o jeito de cada família, o jeito de arrumar, ajeitar. Tudo o que está relacionado à casa, como objetos, utensílios, móveis, são como tesouros dos dias antigos, pois são dotados de significação no ato da lembrança. As lembranças estão ligadas à casa, ao solo, ao território familiar e também às brincadeiras. A identidade italiana então pode ser identificada pela simbologia adquirida nas relações familiares e no estilo de suas casas.

Pelas fotografias a seguir podemos observar o estilo arquitetônico das casas italianas construídas na Colônia Bella Vista. As construções remetiam ao seu país natal – a Itália. Casas altas, com telhados inclinados e grandes sótãos, num estilo típico de locais que permanecem com neve boa parte do ano. As paredes eram largas e havia várias janelas. Tinham uma varanda bem grande e não faltavam os lambrequins para enfeitar as bordas do telhado, uma herança do norte da Itália.

²⁴¹ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). Duração 13min24seg. Vídeo 2 (125424). Duração 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Percebemos que quase todas elas tinham uma porta na frente, com 4 janelas, e a disposição dos cômodos é igual à narração feita pela Sra. Amábile. As fotos a seguir mostram a casa de Marziale Bobbato, que veio da Itália em 1877 e se instalou na Ribeira – Colônia Bella Vista em 1896. A casa ficou para seu filho Luis Bobato. Na primeira fotografia está a família de Luis Bobato e Maria Moleta, e na segunda, o Sr. Luis Bobato com um dos padres que visitava a colônia (não foi possível identificar qual padre era). É interessante notar que a fotografia, por mais que fosse externa, era uma fotografia posada. Ou seja, não é uma fotografia espontânea, natural, as poses dos personagens são determinadas para mostrar num primeiro plano o chefe da família e num segundo plano sua propriedade, a casa e a carroça. E também para marcar a religiosidade presente na colônia, a visita do padre na casa dos colonos. As fotografias seguintes representam casas que ainda existem na Colônia Bella Vista, mostrando o mesmo estilo de construção, representado através do aspecto material a identidade étnica dos italianos.

Fotografias 28 e 29: Casa de Marziale Bobbato. Ribeira – Colônia Bella Vista.



Fonte: Acervo de Darcy Antonio Bobato.

Fotografia 30: Casa da Bella Vista – Foto 2014. Fotografia 31: Casa do Sr. Orlando Marconato. Foto 2014.



Fonte: Acervo Cleusi. T. B. Stadler.

3.2 - A religião e os casamentos como fator de identificação coletiva

PADRE NOSTRO

*Padre Nostro chi sei in Celi - Sia santificato il tuo nome
Venga il tuo regno - Sia fatta la tua volontà - Como in cello così in terra.
Dacci oggi il nostro Pn - Quotidiano - I rimetti a Quotidiano
noi I nostril debiti - Come noi li remittiamo ai - Nostril debitori
E non c'indurre in tentazione - Ma libraci dal male. Così sia.²⁴²*

A fé católica e a italianidade²⁴³ estão bem presentes na memória dos descendentes da Colônia Bella Vista. A religião moldou o comportamento deste grupo e com isso contribuiu para a preservação de sua identidade étnica. Suas práticas religiosas, as funções na capela, o respeito pela igreja e pelo padre, as festas religiosas, estão presentes nas narrativas dos descendentes dos italianos e na memória coletiva do grupo.

Essas práticas religiosas dos italianos e suas crenças foram trazidas da Itália onde seguiam o modelo de igreja apresentado pela instituição Católica Romana, de forma que essas práticas influenciavam também as manifestações da vida cultural italiana, ou seja, as práticas religiosas desses italianos extrapolaram o aspecto espiritual e assumiram um papel social. A comunidade formada em torno da religião e das igrejas serviu não só para a prática da fé, mas também para que o grupo fosse inserido na nova sociedade imbituvense.

Os italianos da região do Vêneto que vieram para a Colônia Bella Vista eram católicos, fervorosos a ponto de terem seu cotidiano dividido entre o trabalho e a igreja. Dessa forma é compreensível que esses valores pautassem a construção da identidade étnica do grupo. Através da memória coletiva desse grupo vamos encontrar os valores religiosos que moldaram atitudes,

²⁴² Pai Nosso em Italiano. Helena Maria Dal Santo. 85 anos que recitou para Cleusi T. B. Stadler, no dia 03/06/2014, informalmente.

²⁴³ Italianidade no dicionário Português é *caráter ou qualidade de italiano*. Na presente Dissertação identificamos *italianidade* como os aspectos do cotidiano preservados pelos italianos em sua cultura, os elementos que reforçam a ideia de uma identidade italiana. Para a historiadora e antropóloga social Beatriz Rodrigues Kanaan, em sua dissertação *“Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha”*, o conceito de italianidade sofreu adaptações ao longo do tempo. Segundo ela, quando os italianos chegaram ao Brasil, eles se sentiram realmente italianos aqui, mais fortalecidos em suas origens, o que de fato não sentiam na Itália. E no decorrer da década de 70, várias coisas fazem com que os italianos firmem essas fronteiras e se sintam mais positivos. A ascensão econômica ajuda a construir esse mito, uma noção de italianidade que não existia nem na Itália. Segundo esta autora são vários fatores que confluem e fazem a italianidade se sobressair, entre eles a cultura e o cotidiano. KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2008. 181f.

comportamentos e projetos de vida. Segundo Alvim²⁴⁴, o fato era que esses imigrantes não descansavam enquanto não construíssem uma capela e não tivessem um padre para rezar a missa. Na capela ou igreja, eles encontravam o lugar para conversarem, trocarem experiências, escapando do isolamento social.

Para Machioski²⁴⁵:

Nessa perspectiva, podemos afirmar que esse processo unia os moradores da colônia e fortalecia os seus laços de vizinhança, criando assim uma identidade para o grupo. Isso na realidade era uma retomada da vida coletiva que era desenvolvida no país de origem. Ou seja, através da prática religiosa os imigrantes queriam reorganizar-se social e culturalmente, mantendo seus valores étnicos. Além da língua de origem, o que criava um sentimento de coletividade entre esses italianos e seus descendentes, o fato de que se consideravam católicos e catolicidade permitiam que eles se identificassem uns com outros.

As igrejas construídas da mesma maneira como eram construídas no norte da Itália, onde o campanário era separado da igreja, servia como um elo simbólico, uma forma de manter viva a imagem de um Vêneto que ficou na memória, ou mesmo a sensação de que eles ainda estavam em território italiano. A comunidade organizada em torno da capela ou igreja era uma forma característica do modo de ser camponês no Vêneto, de sua italianidade. Podemos observar esta característica na construção da Igreja de N.S. do Carmo, na Bella Vista, influência da região do Vêneto, através das fotografias a seguir, bem como também as frases escritas em Vêneto no interior da igreja.

²⁴⁴ ALVIM, Zuleika. *Brava Gente: Imigrantes italianos em São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

²⁴⁵ MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do Catolicismo e da Identidade Italiana na criação do Município de Colombo. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013. p. 39-78.

Fotografias 32-33: Igreja Nossa Senhora do Carmo em 1929 quando foi construída e em julho de 2014.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Fotografias 34-35: Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo em Julho de 2014.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

A igreja, o campanário, o cemitério na colônia Bella Vista, são elementos inerentes à identidade italiana e funcionavam como demarcadores do espaço colonial italiano. O campanário traz um elemento simbólico bastante importante, os sinos, que serviam para marcar, e mesmo controlar, o tempo e a vida na colônia. Para cada evento, existiam toques diferentes, para casamento, missas, enterros ou festas.

Essa prática de bater o sino é revivida todos os anos, principalmente, no dia da Festa de Nossa Senhora do Carmo, como está sendo mostrada na foto a seguir, e em todos os demais momentos citados anteriormente.

Fotografia 36: Bater dos sinos no campanário, para dar início a Missa da Festa de Nossa senhora do Carmo, no dia 20/07/2014.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Para os moradores da colônia, o domingo era importante para que pudessem se reunir na igreja. Os padres que vinham celebrar as missas, segundo a narrativa do Sr. Orlando Marconato eram poloneses e vinham da Igreja Santo Antonio de Imbituva.

Pois aí ... (esposa: eles se uniam na igreja). A igreja os reuniu, porque não tinha igreja, meu pai daí era piaçã, pulava no lombo de um cavalo no domingo cedo com um bacheiro, aqui na casa do cigano e ia na Ribeira, no nono Jerônimo lá. O nono Jerônimo morava lá, era pai do meu avô, morava lá. Dai iam na igreja, pulava no cavalo e vinha embora. Nós não tinha igreja aqui. Aí eles se uniram pra formar essa igreja. Se reuniam pra ter a religião.

Os padres daí no começo que vieram pra essas igrejas, eles vinham da onde? Eram padres italianos? (esposa: de lá da matriz de Imbituva, a cavalo). A cavalo. Não, que minha mãe contava, não era. (esposa: a maioria dos padres daqui era poloneses). Até por sinal, um padre que vinha a cavalo aqui, tinham posto um apelido nele de "padre mata-cavalo", porque ele montava lá na igreja, lá a cavalo e fazia o cavalo aguentar a galope até na igreja.

E a religião deles sempre católica? Sempre católica, quem era católico foi católico toda vida.²⁴⁶

²⁴⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Observamos através do Sr. Orlando, que frequentar uma igreja era um momento importante, pois eram capazes de percorrer uma distância de 3, 5 ou mais quilômetros, a cavalo, carroça ou mesmo a pé para realizarem suas práticas religiosas. Os padres que vinham para a Colônia eram de Curitiba no início, e depois de Imbituva. Como já citamos anteriormente, os primeiros imigrantes chegaram em Curitiba junto com o Padre Cavalli, que os acompanhou durante a viagem da Itália.

Muitos padres que se dirigiram ao Paraná eram ligados ao Instituto Missionário de São Carlos, criado em 1887, por Leão XIII, que aprovou a proposição do Bispo de Piacenza, Giovanni Scalabrini, no sentido de reunir os padres que desejassem consagrar-se especialmente à assistência espiritual de imigrantes italianos²⁴⁷. Foram os padres scalabrianos que dirigiram as atividades religiosas das comunidades italianas no Paraná e na Colônia Bella Vista, até mais ou menos 1909. O Padre Colbachini foi de especial relevância na comunidade de Santa Felicidade em Curitiba, permanecendo à frente da Capelania até 1894, quando retornou a Itália e foi substituído pelo padre Brescianini a partir de 1895. Para Balhana, o Padre Brescianini “permanecendo em Santa Felicidade por mais de uma década, desenvolvendo intensa atividade, não só na Colônia, onde realizou inúmeras obras, mas também em outras colônias italianas sob sua jurisdição”.

Provavelmente os italianos da Colônia Bella Vista foram atendidos por esta jurisdição, pois Moletta²⁴⁸ afirma que:

Durante o período em que desenvolveu suas atribuições nas colônias italianas de Curitiba e cidades vizinhas, o padre deslocava-se a cavalo até as cidades de Imbituva, Colombo, São José dos Pinhais e Campo Largo. Graças a sua obstinação, todas as colônias conseguiram construir as primeiras capelas, planejadas e idealizadas por ele mesmo. [...] Tinha muitas razões para querer assistir as capelas das colônias italianas. Uma delas era o próprio idioma do país de origem (não propriamente o italiano, mas o dialeto vênето, o *talian*) para celebrar as missas e desta forma conservar a cultura e a espiritualidade de seus *paesanos*.

Não podemos afirmar com certeza quais padres estiveram na Colônia Bella Vista, precisaria de uma pesquisa mais aprofundada junto a Instituição Scalabrini na Itália, sobre a

²⁴⁷ BALHANA, op. cit., p. 34.

²⁴⁸ MOLETTA, op. cit., p. 102.

assistência desta instituição e dos padres ligados a ela no período de 1887 a 1929, data de fundação da Igreja Nossa Senhora do Carmo na Bella Vista.²⁴⁹

Na narrativa da Sra. Laura Clementina Bobato ela menciona as práticas religiosas de rezar o terço todos os dias, os parentes e amigos irem à casa dos demais para rezarem o terço, as novenas e a missa na igreja aos domingos, sendo rezada em latim, mas que provavelmente era um dialeto, o *talian*.

Antigamente, a Delzira se lembra, quando vinha... Bom a capelinha veio depois que a gente casou que veio. Moramos tempo lá perto da casa da mãe, depois que viemos pra cá. Eu acho que era a oração. A oração e se visitavam. Agora ninguém tem tempo para visitar o outro.

Eles tinham o costume de ir rezar o terço na casa das pessoas? Eles rezavam mais na igreja, mas nós rezava todo dia em casa. O pai fazia nós rezar todo dia. O terço todo dia. De manhã, mais de manhã, depois os guri iam na roça, voltavam tarde, daí nós reza mais de manhã. Domingo! Domingo daí era na igreja, era terço.

Daí quando vinha o padre era missa? Era missa, daí em latim. Quando nós era mocinha, eu com a Cecília, Mafalda, outras amigas, nós falamos pro padre, tal de padre Afonso, e ele se hospedava na casa da mãe, tudo os padre, sabe? - Será que nós não dá pra responder? Nós tinha o livrinho, né! Dai, o senhor esteja convosco! (em italiano: incompreensível). Nós dizia: (em italiano: incompreensível). Então nós respondia sabe? Nós falava pra ele: Padre, hoje a missa que seja cantada. Ele cantava e nós respondia em latim, pelo livro sabe? E daí tinha o coro lá em cima. Não era assim, como agora que todo mundo canta. Tinha o coral lá em cima, que respondia. Não, tinha o sacristão que respondia o padre, quando era assim só rezado, não quando era cantado. [...] Era rezar em italiano: - [incompreensível. Ave Maria em italiano e o início de Salve Rainha]. Já esqueci, alguma coisa só que a gente lembra²⁵⁰.

Como a família de Luis Bobbato, filho de Marziale Bobbato, era uma das mais antigas da Ribeira, os padres se hospedavam em sua casa; por isso, as crianças, como D. Laura (uma das mais novas da família), começavam a aprender a recitar as orações em italiano e também já recebiam a catequese destes padres.

Apesar das dificuldades de deslocamento dos imigrantes, eles não deixavam de freqüentar a missa aos domingos, quando vinha o padre, ou de rezarem o terço na igreja quando o padre não

²⁴⁹ Não encontramos documentação referente a este período na Paróquia Santo Antonio de Imbituva. O Pe Colbacchini em 1896 foi transferido para o Rio Grande do Sul. Seu superior e Monsenhor Giovanni Scalabrini, recebeu muitas cartas do Brasil, que estão conservadas no Arquivo Histórico da Cúria Geral dos Missionários Scalabrinianos, em Roma. Essas cartas narram minuciosamente às condições nas colônias. Uma pesquisa mais aprofundada nestas cartas poderiam esclarecer mais sobre a ação desses padres em Curitiba, Imbituva e na Colônia Bella Vista. (Archívio Centro Studi Emigrazione – Istituto Scalabrini – Roma).

²⁵⁰ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

estava. Era uma forma de preservarem a identidade étnica do grupo e se firmarem na prática da fé católica, o que podemos observar até hoje nas práticas de seus descendentes, na Ribeira e na Bella Vista. São famílias que se envolvem, organizando várias festas religiosas em louvor aos seus santos. A celebração dominical, assim como os dias santificados, oferece a comunidade uma oportunidade de reunião social do grupo.

Os dias de festas religiosas e os momentos antes e depois das celebrações nos domingos eram importantes ocasiões sociais que permitiam o lazer no pátio da igreja, a conversa entre os parentes e amigos e até a procura de um namoro para os jovens.

Para Machioski,²⁵¹ a prática religiosa mais fervorosa e regular dava um coeficiente mais elevado de prestígio social. Ou seja, quem ajudava mais nas obras da igreja, nas festas, tinham mais consideração pelo grupo. Assim, procuravam ser conhecidos por suas atuações nas capelas e na prática religiosa, tornando-se muitas vezes líderes e coordenadores de cargos em suas comunidades.

O padre era a pessoa mais importante, recebê-lo em sua casa era uma benção, principalmente quando ele ficava hospedado por alguns dias, para poder visitar e benzer todas as casas dos colonos. Recorriam a ele também nos momentos de tomar uma decisão importante. Os padres se preocupavam com a preservação dos valores religiosos e da italianidade entre os colonos, já que suas instituições religiosas eram italianas.

Como pudemos observar na narração da Sra. Laura, o terço em família era sagrado para os italianos, todo dia, de manhã ou à noite após o jantar²⁵². As orações aos santos e à mãe de Jesus eram constantes. Mas o terço não substituía a missa com a visita do padre, devido ao fato de receberem os sacramentos da confissão e comunhão.

A religião foi um dos elementos mais importantes no enraizamento do imigrante nas terras da Colônia Bella Vista. Foram os padres, a fé e as orações que ajudaram os italianos a enfrentarem as dificuldades de adaptação a uma nova terra. Foi a vivência religiosa, através do catolicismo, que manteve seus vínculos morais e culturais, pois o catolicismo e a italianidade tinham tudo em comum no início da colonização. Não receber as bênçãos de Deus, os sacramentos da confissão, comunhão, batismo, casamento e extrema-unção, era algo muito

²⁵¹ MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do Catolicismo e da Identidade Italiana na criação do Município de Colombo. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013. p. 39-78.

²⁵² Darcy Antonio Bobato (bisneto de Marziale Bobato) e Delzira Maria Moleta Bobato (bisneta de Giacinto Moletta) têm o costume de rezar o terço todos os dias à noite, depois do jantar.

penoso, que fazia como se sentissem como “*bestie*” (*bestas*). Por isso a iniciativa dos colonos, desde o início por construírem suas capelas para terem a visita dos párocos.

Os primeiros casais de colonos italianos que se instalaram na Bella Vista, construíram a primeira igreja em louvor a Nossa Senhora do Carmo. Reuniram suas posses, compraram um terreno de um alqueire e oito litros de terra para a construção da igreja e do cemitério, com registro destas terras datado de 12/06/1929.²⁵³ As terras registradas englobam a primeira Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o cemitério que fica em frente à igreja e as terras, onde, posteriormente, foi construída a segunda igreja, a Igreja grande de Nossa Senhora do Carmo.

O culto e devoção a Nossa Senhora do Carmo²⁵⁴ para a Colônia Bella Vista, vem da Itália. Depois de adquirido 1 alqueire e oitos litros de terra iniciou-se a construção da primeira Igreja em louvor a Nossa Senhora do Carmo, entre os anos de 1897 a 1925. Anos mais tarde, devido a um conflito entre os colonos, resolveram construir outra igreja, a igreja grande, como eles chamam, nos oito litros de terra que tinham sobrado da compra das terras, para ficar mais no centro da Colônia. Todos se reuniram para a construção da Igreja maior em louvor a Nossa Senhora do

²⁵³ Na Certidão do Registro de Imóveis de Imbituva consta o seguinte: Livro n.3-A de Transcrição de Imóveis, nele às fls 343 consta o seguinte: Numero de ordem: 7.068. Data: 12 de junho de 1929. Freguezia do Imóvel: Imbituva. Denominação ou Rua do imóvel: Bella Vista. Consta de um alqueire e oito litros de terras de faxinal em Colonia Bella Vista deste município, sendo um alqueire onde está situado a Capela Velha (a primeira que foi construída) e o Cemitério, com as divisas seguintes: divide com Antonio Alessi e Pedro Octavio Dal Santo; e oito litros, onde está situado a Igreja Nova, divide com Luiz Scorsim, Pedro Guilherme e Irmãos. Essa Certidão de Registro de Terras é dos terrenos comprados pelo Bispado da Diocese de Curitiba em nome da Comissão de construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na Bella Vista, em 12/06/1929, pelo valor de 500\$000 réis. Registro de Imóveis Dalva Reni da Silva Gomes Scheidt- oficial.

²⁵⁴ Da Itália os imigrantes trouxeram a crença de que na região do povoado de Bargazza, na Itália, existe um local às margens do rio Davena, onde dois pequenos arroios se encontram, chamado por isso de Boccadirio. No dia de Nossa Senhora do Carmo, 16 de Julho de 1480, estavam ali duas crianças de 12 anos pastoreando seu pequeno rebanho, quando resolveram rezar. Durante a oração à Santíssima Virgem, com JESUS-menino aos braços, manifestou-se em uma Aparição, na margem oposta do rio, deixando-lhes dois convites e um pedido: - Ao menino Donato Nutini, a Mãe de DEUS fez o convite para que se tornasse padre. - A menina Cornélia Vangelistei, o apelo foi para que se consagrasse a DEUS como freira religiosa. - A ambos a Virgem Maria pediu que levassem ao povo da cidade o Seu pedido para a construção ali de uma Igreja, em Sua honra. Ela prometeu também a todos seus devotos que lá fossem rezar com verdadeiro fervor a graça de apresentar seus pedidos a DEUS Altíssimo. O povo acreditou nos dois pastorzinhos e construiu uma pequena Igreja na margem onde as crianças avistaram Nossa Senhora. Nossa Mãe Celestial ainda manifestou-se aos pequenos em mais duas ocasiões. Cornélia aceitou o convite de Nossa Senhora e ingressou em um convento na cidade de Prato. De lá enviou uma tela pintada com a visão que tivera, quando da aparição da Virgem MARIA, como doação para a Igreja de Boccadirio. Esse quadro, porém, milagrosamente foi recolhido, em várias ocasiões, na margem oposta do rio, sem ninguém nunca tê-lo levado para lá. Foi o lugar da primeira Aparição. Muitos entendendo que esse ia ao local desejado por Nossa Mãe do Céu, construíram ali uma mini-capela, também conhecido como capitel, com a imagem da Mãe de DEUS. Depois de alguns anos foi definitivamente erguido o imenso Santuário de Boccadirio, em honra a Nossa Senhora das Graças, que estendeu-se entre as duas margens do rio. Ainda hoje é um lugar que recebe, anualmente, milhares deromeiros devotos da Santíssima Virgem. Fonte: www.obradospiritoso.com.

Carmo. Mas houve um pequeno incidente, uma discordância com relação à santa que estava na igreja, contada por todos os descendentes, principalmente pelo Sr. Orlando Marconato:

Antigamente era só uma Bella Vista (a de baixo com a de cima) e resolveram fazer uma Igreja; porém, não entraram em acordo do local, pois a maioria queria que fosse na divisa entre as duas Bella Vista e o pessoal de baixo queria que fosse onde hoje é a atual Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Como não houve acordo, o pessoal de cima construiu a Igreja Nossa Senhora do Carmo na Bella Vista de Cima na entrada do Cemitério. Aí o pessoal de baixo construiu a Igreja grande a Nossa Senhora do Carmo que está até hoje na Bella Vista de Baixo. Aí foram na Igreja de cima e roubaram a Santa que está na Igreja atualmente. Houve uma confusão tremenda que até hoje gera problemas entre as Bela Vista. Depois disso a Bella Vista de Cima adotou a Nossa Senhora do Rosário como padroeira (mas os terrenos dessa Igreja e do cemitério pertencem a Bella Vista Carmo). Depois de toda essa confusão o povo da Bella Vista de Baixo (Carmo ficou conhecido como Frances ladrão de Santo, ladrão de santo em função do acontecido e francês, provavelmente porque os imigrantes italianos tinham os franceses como inimigos na Itália e por isso o apelido). Aí o pessoal de Baixo passou a chamar os de cima de Catalanos, o qual não sabemos por que, eu imagino, que seja em função dos italianos que vieram pra cá estarem acompanhando a tentativa do povo da Catalúnia (na Espanha) e tentar criar um país separado da Espanha (língua catalã)²⁵⁵.

Sr. Orlando: Na história da religião, o senhor sabe o porque dessa briga da igreja da Nossa Senhora do Carmo com a Nossa Senhora do Rosário?

Eu sei te contar assim: que eles fizeram a igreja, meu pai era rapaizão, ajudou a puxar a pedra para fazer o alicerce da igreja, e o meu avô. De lá do falecido Adão Chimanski puxavam pedra com o carro, todo o povo se reuniu. A Bella Vista e o Faxinal dos Galvão era tudo junto. Era uma terra só. Construíram a igreja e aí essa igreja foram construindo grande assim! [fez um gesto com o braço levantado no sentido de ser bem alta]. Levantaram a igreja e daí fizeram. A igreja do Rosário era uma igreja bem pequenininha. Ali passando a casa do Albari, onde tem aqueles tanques pro lado de cima, ali tinha num chatinho, ali tinha a igreja, eu ia em festa quando era piaçã. Era de madeira, bem baixinha do chão, a igreja. Daí eles lá de cima compraram essa santa grande e fizeram a proposta, diz que fizeram, de eles arrumarem a Santa pra por na igreja aqui (na Bella Vista de Baixo). E daí ponharam a Santa nessa nossa Igreja do Carmo (Bella Vista de Cima), e daí quando veio a Igreja do Carmo (a grande), a Santa, eles não quiseram entregar e entregaram a outra, pra eles (Bella Vista de Baixo), a pequena. Daí ficou uma rusga lá, que diz que eles tinham roubado a Santa. Mas eu não posso atestá mais diferente porque o que eu sei é isso aí. A Santa grande acabou ficando na igreja do Carmo (Bella Vista de Baixo). E a mais pequena do Rosário foi daí, lá em cima.²⁵⁶

Através destas narrativas, podemos identificar um conflito entre os primeiros grupos estabelecidos na colônia, pois inicialmente algumas famílias dividiram a colônia entre Bella Vista

²⁵⁵ História contada informalmente por Daiane Bobato Vieira, descendente da família Bobbato e moradora da Bella Vista.

²⁵⁶ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

de Cima e Bella Vista de Baixo. Os da Bella Vista de Cima construíram a primeira igreja e depois um grupo de famílias da Bella Vista de Baixo queria construir uma igreja num terreno mais central da colônia, na divisa entre as duas colônias²⁵⁷. O que identificamos é uma discordância em relação à santa padroeira da comunidade. Para a nova igreja queriam a imagem que estava na primeira igreja e a roubaram para colocar na igreja maior. Com este acontecimento, por muito tempo os moradores da Colônia Bella Vista de Baixo (da igreja maior) ficaram conhecidos, como ladrões de santo.

Com este conflito, percebemos as divergências de opiniões e interesses, a forma como a religiosidade é predominante nas decisões do povo italiano e como este conflito leva a uma divisão dentro da própria comunidade, resultando na existência de duas igrejas e a divisão do grupo em duas comunidades, Bella Vista de Baixo (conhecida como Bella Vista do Carmo) e Bella Vista de Cima (conhecida como Bella Vista do Rosário). Identificamos também como as influências da Itália interferiram no conflito, pois trazem nas suas origens históricas, a herança da rivalidade contra os franceses, que exerceram seu domínio na Itália. Eles reconstruíram na colônia, com sentido religioso, um conflito de identidade de grupo a partir das referências trazidas da Itália, nas suas ações dentro da comunidade.

Nas fotos a seguir, temos a placa comemorativa de inauguração da Igreja de N. S. do Carmo em 16/07/1929, no dia consagrado a N.S. do Carmo, bem como a Igreja que foi construída com alguns dos fundadores e seus descendentes, pois a foto é do ano de 1930. Na foto abaixo encontra-se a Igreja de N. S. do Rosário (local da primeira igreja da colônia), em frente ao cemitério. Podemos observar, na foto da Igreja de N. S. do Carmo, que na frente têm duas janelas vazias, onde deveriam estar dois santos. Estes seriam São Pedro e São Paulo, que foram trazidos depois, provavelmente da cidade de Curitiba, pois existem duas imagens idênticas desses santos da Colônia Bella Vista, na Igreja Matriz de Colombo, que vieram da Itália.²⁵⁸

²⁵⁷ Na prática não existia divisão entre a Colônia, apenas na divergência religiosa, pois as terras eram de toda a comunidade. Atualmente a primeira Igreja de Nossa Senhora do Carmo, (hoje N.S. do Rosário) e o cemitério da colônia estão situados em terreno pertencente a Igreja de N.S. do Carmo (Bella Vista de Baixo). Esta divisão ainda provoca certo constrangimento na população e divergências de opiniões, dividindo a comunidade em Bella Vista de Baixo e de Cima, cada uma com sua santa padroeira.

²⁵⁸ Como a colônia Alfredo Chaves, hoje município de Colombo, foi formada por imigrantes italianos do mesmo grupo da colônia Bella Vista, as influências foram muito grandes. A devoção aos mesmos santos e santas, imagens iguais, mesmos rituais e as mesmas festas religiosas. Talvez pelo fato de estarem ligados a mesma Instituição Religiosa Scalabrini e serem atendidos pelos mesmos padres. Ver: GABARDO, Diego, MACHIOSKI, Fábio Luiz. *El Pretin Gobeto: A História de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo*. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013. p. 79-103.

Fotografias 37-38-39: Placa de Inauguração da Igreja N.S. do Carmo em 1929. Igreja de N.S. do Carmo em 1930. E a Igreja de N.S. do Rosário (Primeira Igreja da Colônia).



Fonte: Acervo do Arquivo Digital da Comunidade Italiana Bella Vista.

Fotografias 40-41-42: Detalhes da Igreja e as imagens de São Pedro e São Paulo, no dia 20/07/2014, durante a Festa de N. S. do Carmo, na Colônia Bella Vista²⁵⁹.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

A crença e devoção à Nossa Senhora do Rosário também vem da Itália, a qual passou a ser adotada pela Bella Vista de Cima, após o incidente na construção da Nova Igreja grande. Segundo Gabardo²⁶⁰, os católicos celebram a intercessão de Maria, na Batalha de Lepanto, na qual os vênnetos saíram vitoriosos sobre os turcos, evitando o domínio político e religioso na Itália.

²⁵⁹ Os moradores da colônia me contaram que essas duas imagens estava há anos escondidas embaixo da escadaria de entrada da igreja. Quando a igreja foi reformada no ano de 2014, eles foram encontrados, restaurados e colocados novamente nos seus lugares, que estavam vazios em frente à igreja.

²⁶⁰ GABARDO, Diego, MACHIOSKI, Fábio Luiz. *El Pretin Gobeto: A História de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo*. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013. p. 79-103.

Mesmo sendo um povo fervoroso e religioso, como cita o documento de 1912²⁶¹: “Os homens pacíficos e ordeiros jamais deram motivo, a nascer um crime, na colônia”, encontramos esse conflito entre os primeiros moradores da colônia, o qual gerou divergências religiosas, rivalidades, bem como a divisão entre a Bella Vista – a Bella Vista de Cima e a Bella Vista de Baixo.

Outro Santo de devoção é Santo Antônio de Pádua. Os primeiros imigrantes que vieram para a Bella Vista trouxeram com eles a imagem de Santo Antonio emoldurado, como podemos observar através da foto a seguir que a Sra. Valdete Nelzi Mehret conservou em sua casa, que era de seus avós italianos.

Fotografias 43-44: Santo Antônio de Pádua.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

O primeiro quadro de Santo Antônio pertence a D. Valdete N. Mehret, neta dos primeiros italianos da Bella Vista, e o segundo quadro, exatamente igual ao primeiro, também pertence a um descendente dos imigrantes italianos, Gerciel Pontarolo.

Na Ribeira foi construída uma primeira igrejinha em louvor a Santo Antônio de Pádua pelos primeiros imigrantes, no início do século XX, e que atualmente está se transformando em

²⁶¹ Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, onde o Inspector da Indústria Vegetal, David de Souza Camargo, relata sua visita a Colônia Bella Vista. Fonte: Arquivo Público do Paraná. p. 43.

Santuário de Santo Antônio, devido à crença de que as primeiras moradoras, as irmãs Pires, encontraram num tronco de madeira de araucária, um nó de pinho que tinha a imagem de Santo Antônio. A fé, os símbolos, transformam os espaços de forma a se constituir em lugar no qual as memórias possam se concretizar através da italianidade.

Fotografia 45: Primeira Igreja da Ribeira e Procissão Religiosa. Igrejinha de madeira. Descendentes das famílias italianas em Festa Religiosa. Início do século XX.



Fonte: Acervo de Darcy Antonio Bobato.

A tradição religiosa italiana foi transportada e revivida na colônia Bella Vista em sua plenitude, com seus santos de devoção e seus rituais religiosos trazidos do Vêneto. A vivência religiosa ou as promessas que faziam na religião contribuíram para formar indivíduos resignados e submissos diante das dificuldades, e corajosos perante o que tinham que enfrentar para adaptarem-se às novas terras. A criação das capelas religiosas integrou o imigrante nas suas novas comunidades, conservando sua italianidade, principalmente com as práticas religiosas, cotidianas e com os dialetos italianos, mas também em alguns aspectos dividiu o grupo e criou as divergências religiosas e conflitos entre seus descendentes.

3.2.1 - As Festas das Igrejas - Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário

Observa-se pelas narrativas dos descendentes dos imigrantes que as festas religiosas mereciam destaque na comunidade. Era o momento esperado durante o ano todo, o momento de comprar uma roupa nova, vestir-se bem, saborear uma comida diferente daquelas que tinham no

dia a dia, tomar uma gengibirra²⁶², momento dos jovens se encontrarem e talvez iniciar um namoro. Enfim, as festas religiosas eram muito esperadas e preparadas pela comunidade, um dos acontecimentos mais importantes da vida individual e comunitária. Para Lucena²⁶³, “A festa é uma celebração que tem seu caráter originariamente sacral, seu retorno implica sempre em expectativas e recordações”. Nas memórias narradas pelos descendentes da Bella Vista, as festas religiosas marcavam essas expectativas, de encontrar seus parentes distantes, de recordarem os tempos vividos na colônia, era uma comemoração religiosa e social.

Para a comunidade da Bella Vista o mês de julho era especial, principalmente o dia 16, pois é nesse dia que se comemora o dia de Nossa Senhora do Carmo, desde o ano de 1480. Então esta festa era preparada com antecedência, para que todos pudessem estar presentes, principalmente os que já haviam migrado da colônia para outras regiões ou cidades. A festa estava ligada ao tempo de rever os amigos e parentes.

Na ocasião dos preparativos, eram tecidos laços de sociabilidade, de colaboração, eram demarcadas as tarefas e as lideranças da comunidade. Era uma preparação natural e espontânea, ou seja, cada um cuidava de organizar algo, alguns cuidavam da tarefa de arrecadar prendas para o leilão, outros em contratar os músicos, outros ainda em comprar os foguetes e as mulheres em preparar os alimentos. A Sra. Amábile tinha um caderno onde anotava todas as prendas recebidas para a festa, mas este se perdeu com o tempo. Isso nos mostra a preocupação em registrar e organizar a festa, com a participação de toda a comunidade.

As festas, onde levavam espigas de milho verde, outros levavam ovos, levavam uma galinha, tudo assim. Eu tinha todos os cadernos em cima do sótão, sabe? Dentro de uma caixa, de tudo eles. [...] ... dai eles marcavam tudo sabe, o que ponhavam no leilão, quanto dava. Tudo um misérinha, pra fazer a festa. (...) Faziam festa, dai rezavam e cantavam, faziam procissão, levavam a santa, cantando, rezando. A nossa Senhora do Carmo. E a do Rosário também!²⁶⁴

Sr. Orlando: A festa nós ia festá, ia lá na festa, assistir a missa lá na festa. Vinha almoçar na casa, voltava lá. Festava lá, bem com respeito. As moças tinham respeito com os

²⁶² Gengibirra era uma bebida não alcoólica, fermentada e obtida através da adição de gengibre, açúcar cristal e outros ingredientes. Era produzida pela fábrica do Sr. Jorge Tebinka em Imbituva. Esta fábrica de bebidas teve uma repercussão bastante grande nas cidades próximas a Imbituva/PR.

²⁶³ LUCENA, op. cit., p. 99.

²⁶⁴ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). Duração 13min24seg. Vídeo 2 (125424). Duração 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

rapazes. Tinha procissão, era tudo separadinho a procissão, os piá na frente, as meninas, os mais velhos atrás. Tudo dentro da igreja católica, na parte católica.²⁶⁵

Podemos identificar na narração do Sr. Orlando, uma preocupação em registrar a distinção nas procissões quanto à idade e gênero, ou seja, a distinção entre os meninos e meninas, os mais jovens dos mais velhos. E também o destaque para a questão do respeito e bons costumes, que para eles era um valor importante da religião católica. São valores e *habitus* sendo recriados no espaço da Colônia Bella Vista.

Nas procissões realizadas em homenagem aos santos padroeiros, crianças e jovens eram vestidos de acordo com as promessas que suas famílias faziam, vestir de anjinhos ou como os santos de devoção. Vamos ver na fotografia a seguir, um exemplo de promessa feita a São Paulo, no momento da 1ª. Comunhão, vestir as crianças de anjinho. Podemos observar a imagem de N. S. do Carmo na porta da igreja. Essa imagem foi esculpida em madeira, veio de Curitiba e está na igreja até os dias atuais.

Fotografia 46: Homenagem a N.S. do Carmo. Promessas de vestir as crianças de anjos, durante o momento da Primeira Comunhão.



Fonte: Acervo de Altevir Pedro Bobato.

²⁶⁵ Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

Na memória feminina, a festa era também o momento de poder escapar um pouco da vigilância dos pais. Era a oportunidade de usar roupas novas, de fazer amigos e novas conquistas amorosas. Era o espaço de liberdade. Muitas que já tinham namorados que não eram da preferência de seus pais, aproveitavam a ocasião para fugirem para se casarem. E também no momento das festas, muitos pais arranjavam e combinavam o casamento de seus filhos, sem que muitas vezes eles mesmos soubessem.

Atualmente, a comunidade da Bella Vista realiza todos os anos as Festas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário. Há anos que durante a festa vem uma caravana com 2 ou mais ônibus de Curitiba para participar da mesma. É que muitos descendentes dos primeiros imigrantes italianos migraram para a Capital ou outras cidades próximas e, assim para manter viva a identidade étnica e a rememoração de Nossa Senhora do Carmo e de tudo que seus pais, avós, parentes viveram na Bella Vista, eles participam todos os anos desta festa na colônia. É uma oportunidade de consumir os produtos coloniais, praticar a socialização e colocar em prática sua italianidade.

Na pesquisa a campo, participamos da Festa de Nossa Senhora do Carmo na Colônia Bella Vista, no dia 20/07/2014. Foi um momento muito especial, pois os moradores da comunidade, em sua maioria descendente dos italianos, colocaram em prática um sonho muito antigo, entrar com a imagem da Santa – Nossa Senhora do Carmo – na igreja, como na primeira vez que ela entrou, sendo levada até o altar, como se pode ver através das fotografias a seguir. Muitos tiveram emoções diferenciadas, dependendo da geração que faz parte. Os mais novos, tiveram atitude de respeito, mas não se emocionaram, já os mais velhos e idosos, lembrando e recordando o significado e o simbolismo da imagem para a colônia, se emocionaram e tiveram reações diferentes a dos jovens, chegando mesmo às lágrimas e a não perder o momento da fotografia, para deixar registrado este momento histórico para a colônia. Conversando com alguns antigos moradores da colônia que atualmente moram em Curitiba, o senhor Leonil Antonio Pereira nos contou que frequenta há 30 anos as Festas da Bella Vista e que neste dia ele vivenciou novamente um costume italiano usado nas festas, que era a *ronqueira*²⁶⁶.

²⁶⁶ Uma espécie de bomba, feita de ferro onde é socada a pólvora. O estouro é muito forte. Geralmente ela é estourada de manhã para anunciar a festa, momento que eles chamam de alvorada da festa – 06:00h da manhã. Havia muitos anos que eles não faziam mais a ronqueira, uma prática dos antigos italianos, trazida da Itália.

Fotografia 47: Interior da igreja de N. S. do Carmo. 20/07/2014. Fotografia 48: Entrada da Missa. Detalhe para a escrita italiana.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Fotografias 49-50-51: Entrada de N. S. do Carmo e seu altar na Igreja. Dia 20/07/2014.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

3.2.2 – As Festas de Casamentos e outros costumes

Toda a história da Colônia Bella Vista foi feita por sujeitos e suas representações. Entre essas representações estão os casamentos. E nestes casamentos estão envolvidas todas as famílias da colônia, pois geralmente os casamentos ocorriam entre as famílias que moravam na colônia. Raramente ocorria um casamento com membros de outras famílias que não fossem italianos. Alguns casos ocorreram, muito raramente, de casar-se com os alemães que moravam na cidade.

Os vínculos entre as famílias eram firmados através dos casamentos e pelo compadrio, que era levar os parentes e amigos para serem seus padrinhos de casamento ou de batizado dos filhos. Isto demonstra a solidariedade de sangue ou vizinhança que era realizada entre os colonos, além de ser importante para a criação de um sentimento de pertencimento grupal. A relação de parentesco era muito forte na colônia. Partilhavam, muitas vezes, os bens de consumo, as mesmas dificuldades e anseios, compartilhavam do mesmo espaço social.

A família constitui-se sempre no espaço de transmissão dos conhecimentos e práticas de uma geração a outra. Foram no seio das famílias que se processaram as relações sociais e práticas cotidianas. Na memória das famílias está presente que os casamentos eram ligados por consanguinidade ou afinidades próximas.

Na memória das famílias da colônia no início de sua formação, surge a lembrança de que os namoros e casamentos eram regidos pela família. Depois de alguns anos esse costume não foi tão rígido, mas ainda continuou ocorrendo em algumas famílias. Eram muito comuns, duas irmãs se casarem com dois irmãos. Os namoros eram vigiados pela família, e era difícil o moço e a moça conhecerem-se bem antes do casamento porque, em geral, não podiam estar a sós, desacompanhados. As filhas eram fiscalizadas e protegidas até o casamento. Eram criadas para ficar em casa e depois cuidar de seu marido e filhos. Era muito comum também, os noivos combinarem de fugir para se casarem, principalmente quando os pais da noiva não podiam arcar com as despesas de uma festa de casamento.

De acordo com os entrevistados e para Palú e Moletta²⁶⁷,

Se a noiva possuía um quadril largo, era bom sinal: ela poderia ter muitos filhos. Para noivar, o rapaz tinha que pedir permissão ao pai da moça e somente depois de aceito é que podia “*entrar na casa*”. Os encontros dos namorados ou noivos eram sempre “*vigiados*” pela mãe e, em momento algum, poderiam ficar a sós. O tempo de noivado era curto os filhos homens casavam-se entre os 24 a 25 anos e, as filhas, casavam-se com a idade de 17 a 23 anos. O temor religioso facilitava a repressão dos desejos sexuais dos jovens, e o casamento era a *solução*. A educação sexual, não existia, falar sobre sexo era “*feio*”. Os poucos conhecimentos, antes do casamento, eram obtidos nas rodas de amigos.

Para os descendentes dos italianos, o casamento era preparado com muita antecedência. Uma semana antes do dia marcado, as mulheres reuniam-se para confeccionar os pães, massas e bolos enfeitados; os homens, para matarem os animais, para preparar a carne. Em média, faziam

²⁶⁷ PALÚ FILHO, op. cit., p. 188.

100 bolos enfeitados com confeites de açúcar e anilina (corante)²⁶⁸. No dia do casamento, geralmente no sábado pela manhã, os convidados já iam tomar o café com bolos na casa da noiva. As mulheres ajudavam a fazer as comidas para o almoço e os homens cuidavam da carne, de gado, cabrito, frango recheado e porco. Às 10:00h a cerimônia religiosa era realizada pelo padre que vinha de Imbituva. Após a cerimônia, o almoço era servido na casa do noivo, ao som de uma sanfona para animar a festa. Quando o tempo permitia, eram arrumadas as mesas para servir o almoço embaixo das árvores; quando chovia eram arrumadas no paiol²⁶⁹. Não temos uma fotografia do paiol arrumado para um casamento, mas na fotografia seguinte podemos observar o que seriam os paiols, onde guardavam os cereais e servia também para os momentos de festas.

Fotografia 52: Paiol do Sr. Olando Alessi. 03/06/2014.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Com o que restava dos alimentos do casamento, no dia seguinte, no domingo, era oferecido um almoço para os familiares mais próximos, era chamado de rapa-osso.

Bem no início da colônia, o almoço servido era feito de sopa de galinha, risoto, raditi, rúcula, queijo, salames e carnes. Para beber, vinhos, cerveja caseira e gengibirra²⁷⁰. À tarde servia-se um café com cuca, grostoli²⁷¹ e bolacha caseira. À noite então eram as núpcias do casal

²⁶⁸ Era muito comum, as jovens ajudarem a enfeitar os bolos dos casamentos. Faziam-se rosas de açúcar, clara de ovos, limão e corante. Era uma prática todas as mulheres pedirem para uma confeitadeira fazer esses enfeites para os bolos do casamento.

²⁶⁹ Uma espécie de celeiro onde os italianos guardavam os cereais que colhiam. Neste paiol eles faziam também as festas e bailes em outras ocasiões.

²⁷⁰ A cerveja era preparada pelas mulheres, com um ingrediente chamado Lupo, era uma bebida fermentada. Já a gengibirra era feita de água, açúcar e gengibre, também fermentada.

²⁷¹ Grostoli é uma massa doce, frita e passada no açúcar. Era chamada grostoli, mas também conhecida por calçaragada.

que iam morar numa nova casa, ou na casa dos pais do noivo, o que era mais habitual. Não havia lua de mel. Já no dia seguinte a recém-casada tinha suas tarefas de rotina de uma dona de casa.

Atualmente na colônia os casamentos já têm outros rituais, geralmente são realizados no pavilhão da igreja, no sábado à noite, onde se servem churrasco, maionese, saladas verdes, risoto e galetto, que se tornou um prato típico dos italianos. Se no passado a bebida tradicional nas festas e comemorações era o vinho, hoje se utiliza também cervejas e refrigerantes.

Além das festas de casamentos, ocorriam outras festas, como as chamadas “surpresas”, conforme a narrativa de Sra. Laura Clementina Bobato. Essas “surpresas” eram bailes nas casas dos parentes e amigos. Eram bailes familiares, mas que nem sempre os pais deixavam suas filhas participarem.

O que tinha bastante primeiro eram as surpresas. *O que eram essas surpresas?* (era dançar. Um fazia aniversário, então era a surpresa pra ele). Nós íamos dançar. Nós falávamos pro pai assim: - Nós vamos indo lá no tio Noé. Nós mentíamos pro pai. Uma vez, fomos lá, no Generoso Cruz, [...] que é aqui onde mora o Darci da Maria, pra cá, era a casa dele. Dai chegemos loco de tarde. Deixe eu contá essa! Chegemos tarde, daí olhemo de longe assim, aquela restinha do lampiãozinho, aqueles lampião de querosene. Dai disse a Cecília: - Tamo morta! (risos) A Cecília tinha uma coragem! Aquela época não era bacia, era gamela de madeira. Então ela pegou a gamela, pegou a chaleira, ainda tava meio morna a água, ela tava despejando, o nono veio lá. - Onde vocês estiveram até agora? - Nós fomo lá no tio Noé! - Tio Noé, a meia noite, uma hora da madrugada? Foram dançar surpresa, né? Só diziam assim e alumando ela né. (marido: teu pai era um anjo pra você!) Dai ele disse assim! Dai, a Cecília enxugou o pé, foi pra cama. - Onde que tá aquela polacona? (que era eu). Eu tava embaixo da cama(risos). Tava embaixo da cama! Dai a Cecília, tonga, de uma tonga: - ele me alumou pra lavar o pé e você agora tem que ir no escuro lavar o pé! (risos) . Você vê ir dançar, surpresa e deitar aquele pó, só lavar com o pé, mesmo né!²⁷²

As moças encontravam uma maneira de burlar a autoridade do pai para participar destas festas, pois era uma forma de encontrarem pretendentes para o namoro e possíveis casamentos. Entre os descendentes da primeira e segunda geração era muito comum casar-se com pretendentes das famílias italianas, mas na terceira e quarta geração esse costume já foi se extinguindo, mas não totalmente. Hoje já ocorrem casamentos com pessoas de outras etnias.

Através de pesquisa na fonte, na Paróquia Santo Antonio de Imbituva, no livro de registros de casamentos, o qual se encontra bastante deteriorado, encontramos alguns registros de

²⁷² Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

casamentos da comunidade Colônia Bella Vista, de 1901 a 1911. Nestes registros encontram-se os nomes dos noivos, de seus pais, sua naturalidade, testemunhas e data dos casamentos. Em alguns registros consta que são colonos italianos da Capella Bella Vista. Podemos observar, através da tabela abaixo, que ocorreram casamentos entre as próprias famílias que imigraram da Itália, se estabeleceram em Curitiba ou seus arredores e depois migraram para a Colônia Bella Vista. Nos registros encontramos o nome dos pais dos noivos, os quais, nesta tabela, correspondem aos primeiros casais que se estabeleceram na colônia Bella Vista, já identificados anteriormente.

**CASAMENTOS ENTRE FAMILIAS ITALIANAS
PARÓQUIA SANTO ANTONIO DE IMBITUVA – CAPELLA DA COLÔNIA BELLA VISTA
(1901-1911).**

Famílias Italianas	Noivo – Noiva	Naturalidade	Data do casamento – Local
BISMASKO-MARCONI BOBBATO-DAMINATO	Pietro Octávio e Maria Bobato	Piemonte e C. de Godego/Itália	27/04/1901 – Bella Vista
MENON MOLLETA	José Menon e Anna Molleta	(não consta)	20/02/1904- Bella Vista
MARCONATO BOBBATO	Angelo Marconato e Magdalena Bobato	Bella Vista	28/04/1906 – Bella Vista
SCORSIN DALAROSA	Marco Scorsin e Maria Dala Rosa	Curitiba	05/10/1907 – Bella Vista
ALESSI DAL SANTO	Antonio Alessi e Angela Dal Santo	Campo Largo	24/04/1909 – Bella Vista
ALESSI BINI	José Alessi e Maria Bini	Campo Largo	27/11/1909 – Bella Vista
MENON DALA ROSA	Pedro Menon e Anna Dala Rosa	Campo Largo e Santa Felicidade	29/04/1911 – Bella Vista
MARCONATO MENON	Antonio Marconato e Lucia Menon	Campo Largo e Imbituva	28/10/1911 – Bella Vista

FONTE: Livro de Registros de Casamentos da Paróquia Santo Antonio de Imbituva.

3.2.2.1 - Festas Italianas: Festa da Polenta e Almoço Italiano.

As sociedades rurais são marcadas pela tradição, pela conservação do passado e dos elementos que os identificam como pertencentes a determinados grupos. Para os italianos da

Bella Vista a tradição seria um conjunto de símbolos e práticas cotidianas que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição organiza as relações dentro da comunidade, é um elemento inseparável, que naturalmente faz parte da mesma. A tradição é como uma linha que liga passado e presente, ela persiste nas ações dos homens e é remodelada e reinventada a cada geração. Dessa forma podemos dizer que os descendentes da colônia Bella Vista, sempre se identificaram como italianos e queriam ser reconhecidos como tais. Através das práticas sociais, religiosas e festivas, os colonos podem conhecer sua história e serem reconhecidos em sua italianidade, mas também é através dessas práticas que eles moldam e reinventam suas tradições. Um exemplo da reinvenção destas tradições são as Festas da Polenta e o Almoço Italiano, onde os descendentes dos italianos pretendem representar a identidade de seu grupo e conservar as suas tradições através da rememoração.

Segundo Tedesco²⁷³, “a festa agrega patrimônios, aliás, sua expressão *tradicional*, lhe dá esse caráter. Seus horizontes simbólicos são *carregados* de significados, em geral, coletivos e que produzem e reproduzem, em meio e através de objetos, dimensões imateriais, ou, como alguns analistas preferem chamar de intangíveis”.

Não é nosso objetivo realizar um estudo histórico mais aprofundado das festas italianas, nosso intento é apenas, de forma simples, pontuar alguns aspectos destas duas festas que tem conotação étnica no momento atual com a Colônia Bella Vista, para entendê-las como uma reinvenção das tradições, uma forma de festa de cunho étnico-cultural e familiar de origem italiana.

Essas festas – da polenta e Almoço Italiano - são lembradas atualmente pois, para os italianos, representam patrimônio, história, cultura, uma forma de lembrar a identidade étnica e reforçar seus significados simbólicos. Costumes culinários, vestimentas, objetos, bandeiras, músicas, danças, são evocações de atos passados vividos pelos imigrantes e seus descendentes, como tentativa de reviver os costumes italianos.

A memória cultural e étnica do grupo italiano da Bella Vista sofreu descontinuidades, e muitas tradições e eventos foram reinventados como forma de estabelecer a continuidade do processo histórico e legitimar uma história desejada. Segundo Tedesco²⁷⁴, “é a partir de

²⁷³ TEDESCO, João Carlos. *Festas de “Família”: Genealogias e Memória Patrimonial Imaterial*. In: Imigração e relações interétnicas, XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização, 2006 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: Oikos, 2008, CD-ROM, p. 1262-1278.

²⁷⁴ Ibidem.

necessidades de ritos, símbolos e vivências de memórias coletivas que é possível imaginar uma ética e uma política de memória coletiva que têm, na experiência, nos *vividos* ou inventados, sua mediação”.

Em busca desse vivido, desta tradição reinventada, alguns descendentes dos colonos italianos estão organizando manifestações culturais, como a Festa da Polenta, na comunidade do Pinho de Baixo e o Almoço Italiano, na Ribeira. Através destas festas, os descendentes de italianos representam a identidade de seu grupo, de sua etnia e as formas de adaptações que criaram ao se estabelecer em sua colônia. Buscam apresentar e comercializar seus produtos agrícolas, objetos ornamentais, alimentação (vinho, lingüiças, queijos, doces e bolachas), feitos artesanalmente pelas “*nonnas e mammas*”, assim como apresentam músicas e danças realizadas pelo grupo folclórico “Chiaro di Luna”, de Pinho de Baixo.

Na Festa da Polenta, é realizada a representação do momento em que a “nonna” despeja a polenta no panaro, como será mostrado nas fotografias, bem como os trajes folclóricos e danças. É servido somente comidas consideradas típicas italianas: polenta, macarrão, raditi, saladas, molhos, doces, e demais representações italianas.

Fotografias: 53-54-55: A “nonna” italiana. Detalhe para o medalhão vindo da Itália com a imagem de N. S. do Carmo. Representação da língua vêneta com a produção da uva que dá origem ao vinho italiano.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler.

Fotografias 56-57: Produtos coloniais comercializados nas Festas e momento em que é lembrado o despejar da polenta pela nonna.



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Fotografias 58-59: As músicas e os alimentos servidos (polenta, molhos e raditi).



Fonte: Acervo de Cleusi T. B. Stadler.

Nas duas festas que observamos é forte a presença e reconstituição simbólica da forma de vida do meio rural. Fazem questão de mostrar sua conotação agrícola, de uma região colonial. Deixam-se representar pelo símbolo da vida camponesa (na família, na roça, na comunidade...) com seus utensílios e sua utilidade, fazendo questão de reconstruir e representar sua historicidade através de painel de fotografias e exposição de utensílios agrícolas.

O almoço italiano realizado na comunidade da Ribeira foi organizado apenas duas vezes, 2013 e 2014. A diferença é que o almoço começa com uma missa na igreja, realizada pelo Bispo da Diocese de Ponta Grossa, com a participação dos “noninhos” da comunidade e de todos os descendentes de italianos da Bella Vista e da Ribeira. Mas, da mesma forma que ocorre na festa da polenta, há a participação do grupo Chiaro di Luna, como também venda de vinho, alimentos produzidos na colônia (linguiças, queijos, bolachas), produtos agrícolas. Um detalhe importante é que na Ribeira foram expostos instrumentos agrícolas, objetos, fotografias, documentos

históricos, para rememorar a história vivida pelos colonos italianos, como podemos observar nas fotos a seguir.

Fotografias 60-61-62: Sra. Laura Clementina Bobato e Sr. David Bobato. O Bispo com as crianças e a organizadora do almoço Prof. Célia e o Grupo Chiaro di Luna de Pinho de Baixo.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler

Fotografias 63-64: Os descendentes de italianos no almoço. Uma representação da história da comunidade em documentos, fotografias e objetos.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler

Fotografias 65-66: Objetos dos descendentes italianos utilizados em seu cotidiano, como máquina de costura, gamelas para o banho, chaleiras, lampiões, quadro de santos, castiçais.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler

Fotografias 67-68-69-70: Objetos como barricas, pilões (onde moíam farinha e erva-mate), instrumentos agrícolas, toalhas bordadas²⁷⁵, ferro de passar roupa, lampiões e lamparinas, caderno de aula e outros pertences dos descendentes dos imigrantes da Ribeira e Bella Vista.



Fonte: Acervo Cleusi T. B. Stadler

Ao observarmos essa tradição do grupo italiano da Bella Vista, podemos destacar que tanto na representação dos rituais religiosos como nas danças e culinária, a presença do cenário rural se apresenta muito forte. Até no momento da celebração litúrgica, nos cantos, no momento do ofertório, são oferecidos produtos da terra, instrumentos de trabalho tradicionais, representando o trabalho na vida rural, a forma de vida simples camponesa.

Em relação aos colonos da Bella Vista, queremos destacar o que Tedesco²⁷⁶ afirma, quando ele diz que “esses elementos, no seu conjunto, expressam a memória da emoção em torno da saudade, dos símbolos que manifestam a coexistência temporal e espacial de tempos passados, valores, ideais, desejos de continuidade, ao mesmo de contraposição simbólica ao que a atualidade apresenta.

As festas são as formas de rememoração e reinvenção das tradições italianas através das práticas sociais, econômicas e cotidianas, no contexto da memória coletiva dos imigrantes italianos.

²⁷⁵ Essas toalhas foram bordadas pela Sra Delzira Maria Moleta Bobato e Amábile Bobato. O caderno de escola era da Sra. Iolanda Bobato Moleta. Muitos desses objetos pertencem às famílias da Ribeira e Bella Vista.

²⁷⁶ TEDESCO, op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação e a pesquisa tiveram por objetivo principal compreender o tema região, sob a perspectiva de uma região simbólica, onde as práticas sociais dos imigrantes italianos estariam presentes na formação de uma comunidade, a Colônia Bella Vista, constituída por descendentes de imigrantes italianos provenientes do Norte da Itália, em especial do Vêneto e da cidade de Castello Di Godego.

Na segunda metade do século XIX a Itália estava passando por uma crise social e econômica. Muitos camponeses que não conseguiram manter-se em suas terras emigraram em busca de uma solução para resolver os problemas que enfrentavam e buscar um novo território, um novo modo de vida. Nessa imigração, eles trouxeram consigo seu modo de viver, de colonos agricultores em sua maioria, mas também suas práticas sociais de convívio social, como a religião, o casamento, a alimentação, as moradias, adaptando-se e adaptando-as ao novo espaço físico e de convívio social.

É nesta região construída pela interação histórica, social e cultural, que os imigrantes e seus descendentes realizaram suas práticas religiosas, de trabalho, culinárias e festivas. As práticas da elaboração da polenta, da macarronada, as festas religiosas, os casamentos, o cultivo da uva e a produção do vinho, tornaram-se os significados simbólicos que os identificou como italianos da Colônia Bella Vista. Esses significados simbólicos relacionados às festas de casamentos, aos rituais religiosos, à maneira como se preparavam os alimentos, como se realizavam as práticas agrícolas, as interações familiares e sociais determinaram a identidade desta comunidade italiana.

Foram as práticas cotidianas dos colonos italianos ou de seus descendentes na Colônia Bella Vista, identificadas através das entrevistas orais, que nos proporcionaram entender os vários espaços que formam uma “região”, o espaço religioso, o familiar, o econômico (agricultura), os festivos (casamentos), espaços que se tornaram o palco das relações culturais e das práticas cotidianas. Através dessas práticas, eles consagraram e impuseram seus valores sociais, culturais, religiosos e construíram o campo no qual puderam manifestar e instituir como predominante o seu “habitus” perante outros grupos sociais. Os imigrantes adaptaram-se às condições que encontraram na Colônia onde se estabeleceram, o que possibilitou criar e recriar uma identidade italiana a cada nova geração de descendentes.

Ao longo deste trabalho procurou-se dar visibilidade histórica à Colônia Bella Vista, através das fontes primárias, mas, principalmente, pela subjetividade das entrevistas realizadas com os descendentes desta comunidade, tentando compreender o modo simples, o cotidiano dos italianos, as lembranças que refletem o desejo de pertencimento à história por parte deste povo. A história dos italianos não pertence somente ao passado. Ela pertence à memória, às lembranças, à sua gastronomia, sua religiosidade, à imaginação, enfim, ela está sempre por perto, no dia a dia de seus descendentes imigrantes.

Assim, no primeiro capítulo tentou-se compreender a historiografia da Imigração Italiana, evidenciando o seu caráter simbólico e de construção de identidades no processo de mobilização e formação do território da Colônia Bella Vista. Foi trabalhada a construção do campo imigratório na perspectiva oficial com as tentativas de naturalização da região, contrapondo-se aos espaços construídos a partir das ações sociais e práticas culturais dos imigrantes italianos.

Em seguida, foi trabalhada a Colônia Bella Vista como um espaço construído, bem como a formação da identidade italiana: de camponeses do Vêneto a colonos ítalo-imbituvenses com a formação da colônia, as primeiras famílias – Bobbato e Moletta e o sistema de Faxinal criado pelos novos colonos.

No terceiro capítulo, o de maior destaque, procurou-se compreender e identificar as práticas sociais construindo uma região simbólica, ou seja, a identidade social dos descendentes de italianos da Colônia Bella Vista; a religião como fator de identificação coletiva, as festas religiosas, alimentação, moradia e casamentos como fator de identidade étnica; os descendentes de italianos em Imbituva; as mudanças e permanências identitárias. Vale destacar que a reconstrução da identidade é constantemente reafirmada pelos descendentes italianos através de seus rituais locais, que são as festas da Colônia - como a Festa de Nossa senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário, os almoços e jantares italianos.

Percorrendo a trilha da memória com as entrevistas orais dos descendentes italianos da Colônia Bella Vista, foi possível compreender as dificuldades encontradas pelos imigrantes na formação da Colônia e o significado dado às práticas cotidianas nas experiências individuais de cada entrevistado. O entrevistado constrói sua identidade à medida que narra sua história de vida. E essas histórias estão interligadas à memória coletiva da comunidade, fazendo com que essa memória se transforme em espaço de tradição. Assim, as entrevistas orais tornaram-se

fundamentais para a análise do significado atribuído às práticas cotidianas dos descendentes dos imigrantes italianos da Colônia Bella Vista.

Michel de Certeau escreve que a cultura “oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que permanece; de outro, aquilo que se inventa”.²⁷⁷ No seu cotidiano, o imigrante se defrontou com o modo de vida e a cultura de uma nova região, mas teve a oportunidade de mesclar as fronteiras culturais e simbólicas, de construir e reinventar uma identidade italiana num novo espaço físico e social. A família e a casa do descendente de imigrantes, por exemplo, ostenta as permanências e as invenções. Ela é repleta de valores, costumes, hábitos e memórias do passado. O descendente do imigrante não se distancia das referências do passado de seus nonnos e nonnas. Essas referências reforçam-se pelo temor de não serem reconhecidos como italianos. Por isso, a identidade é recriada através das práticas cotidianas e culturais, dos festejos, rituais, comemorações, maneira de construir suas casas, nos hábitos alimentares e, principalmente, através das lembranças do passado, por meio das histórias orais.

Conclui-se que, através de um conjunto de elementos da prática cotidiana dos imigrantes italianos, é possível identificar a identidade desse grupo, sua italianidade, pois muitos desses elementos deixam vivo na memória das pessoas os acontecimentos históricos, a sua origem e a forma como foi ocupada tal região. Muitas práticas destes imigrantes da colônia permitiram que os mesmos se sentissem inseridos no contexto sociocultural da comunidade imbituvense, onde construíram e reelaboraram seus significados e identidades. A transmissão dessas práticas e saberes de uma geração à outra permitiu que a identidade do grupo fosse recuperada pela memória ligando o passado ao presente.

Essa pesquisa e dissertação despertaram ainda mais interesse pelo tema, pois em contato com as fontes primárias, secundárias e as entrevistas orais, percebe-se a infinidade de temas ainda a serem estudados na Colônia Bella Vista.

²⁷⁷ CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. São Paulo: Papyrus, 1995. p. 239.

ANEXOS

ANEXO I - Questionário de perguntas para as Entrevistas Orais.

1- Seu nome completo: _____

Se é descendente dos primeiros grupos italianos que se estabeleceram na Colônia Bella Vista, de quais destas famílias faz parte?

- () Bobbato () Mulleta () Marconato () Alessi () Bressan
 () Bini () Justo () Dalla Rosa () Beraldo () Dal Santo
 () Fabbri () Gatto () Gasparello () Montani () Menon
 () Scorsin () Sturaro () Zampieri
 () Outra Qual: _____

2- Qual é seu parentesco com esse imigrante que veio da Itália? Você sabe de qual região ele veio?

3- Você possui documentos que mostram algum dado sobre seu parente imigrante?

4- Sabe nos dizer a data em que seu parente chegou ao Brasil? Quantas pessoas da família que vieram? Onde chegaram primeiro?

5- Quando chegou ao Paraná, veio diretamente para a Colônia Bella Vista? Como adquiriu suas terras? Em que atividade foi trabalhar primeiro?

6- Quando se estabeleceu na Colônia Bella Vista, quais foram as dificuldades enfrentadas no início?

7- Como eram suas casas, seus móveis, suas cobertas, sua iluminação, sua cozinha, sua alimentação, seu vestuário? Qual era sua rotina do dia a dia?

8- Como era o lugar onde moravam, quais eram suas formas de trabalho e meios de transporte?

9- Como eram suas festas, seus divertimentos, sua religião?

10- Como foi sua infância, sua educação, sua escola, seus brinquedos e brincadeiras, sua relação com os pais e parentes e quais histórias de criança de que eles se lembram?

11- Que músicas ouviam ou tocavam, o que dançavam?

12- Como eram tratadas as mulheres, os idosos e as crianças na época?

13 - Quais os costumes e tradições da Itália que a família ainda preserva?

14 - Esses costumes e tradições foram passados para as gerações atuais? Quais deles ainda se encontram na família?

15- Qual a importância do vinho na culinária italiana? O que ele representava para vocês enquanto descendente deste povo?

16- A “polenta” é um prato típico da culinária Italiana? O que ela representava na culinária de sua família italiana?

17 – Houve dificuldades na adaptação dos hábitos alimentares entre os italianos e brasileiros na Colônia Bella Vista?

18-Que outros pratos e hábitos alimentares foram trazidos pelos italianos e consumidos por nós seus descendentes?

19- Qual a importância da religião e da fé católica entre os descendentes da Colônia Bella Vista?

20- Sua família possui cadernos de receitas das “nonnas” italianas? () SIM () NÃO

21- Sua família possui objetos trazidos da Itália? () SIM () NÃO

22- Sua família possui qualquer documento, fotografia, livros de orações, quadro de santos, cadernos de aula, roupas, instrumentos de trabalho, ou outro objeto pertencente aos primeiros grupos de imigrantes da Colônia Bella Vista?

() SIM () NÃO

Se a resposta for SIM, quais deles se encontram em sua família: _____

23- Quais dos costumes praticados pelos “antigos nonnos” a Colônia Bella Vista ainda preserva até hoje?

24- Quais são as pessoas mais idosas moradoras da Colônia Bella Vista hoje?

25- Seus parentes sabem o porquê do nome da Colônia ser “Bella Vista”?

26 - Qual era ou é a importância de ser proprietário de terras para vocês?

27 - Qual a extensão de terras que formava a colônia? Ela foi dividida em pequenas propriedades?

28- Quem comprou a colônia e atraiu o grupo para Imbituva? Vocês foram influenciados por propagandas de terras?

29- Existiam líderes na comunidade? Quem eram eles e o que faziam?

30 - Existiam desavenças no grupo? Quem organizava a justiça na colônia?

31- O grupo falava cotidianamente o idioma italiano?

32 - Existiam escolas? O que se ensinava? Quem ministrava aulas? Era em que idioma?

33- Quais as principais formas de lazer na colônia? Praticavam algum jogo ou esporte?

- 34- O que os unia? A igreja? A vila? O trabalho?
- 35- Mantinham contato com os italianos na Itália? De que forma? Mantinham contato com outros imigrantes italianos no Brasil? Seus descendentes também viviam em colônias na Itália?
- 36- Os imigrantes que se estabeleceram em Bella Vista eram agricultores ou operários na Itália?
- 38- Sempre foram abertos a outros grupos ou preferiram se fechar em si mesmos?
- 39- Acha importante preservar a memória do seu grupo? Qual memória gostaria de preservar?
- 40- Vocês acham que os mais novos valorizam a história dos seus descendentes? Qual mensagem gostaria de deixar?
- 41- Em relação aos hábitos alimentares, como foi o processo de assimilação? Mantiveram os hábitos alimentares de seu país de origem?
- 42- Sabemos que certos pratos italianos ainda hoje se mantêm na mesa de seus descendentes. Falando da polenta poderia falar o que esse prato representou para seus antepassados e o que representa para você?
- 43- Para você a polenta continua sendo um alimento diário nas refeições familiares? Quantas vezes por semana é consumida em sua casa?

ANEXO II

DOCUMENTO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS – ENTREVISTA ORAL

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA– UNICENTRO
CAMPUS IRATI/PR. MESTRADO EM HISTÓRIA E REGIÕES
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA ORAL**

Pelo presente documento, eu [entrevistado(a)] _____

RG: _____ emitido pelo(a): _____
domiciliado/residente em (Av./Rua/n./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____

declaro ceder a Pesquisadora: **Cleusi Teresinha Bobato Stadler, CPF: 632.336.309-72, RG: 3890551-1, emitido pela: SSP/PR, domiciliada na Rua Joaquim Marcondes Pupo, 1074, Imbituva/Paraná, CEP: 84.430-000, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora aqui referida, na cidade de Imbituva, Paraná, em __ / __ / __ , como subsídio à construção de sua Dissertação de Mestrado em História e Regiões da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO – Campus Irati/Pr. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.**

Imbituva, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado-a)

FONTES

- Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, pelo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, no ano de 1912, após visitar a Colônia do Imbituva. Fonte: Arquivo Público do Paraná.
- PARANÁ. Relatório do Presidente de Província do Paraná, Presidente Oliveira Lisboa na Assembléia Provincial em 15 de Março de 1872. Typ. Paranaense, Curitiba, 1872.
- Relatório do Presidente de Província Adolpho Lamenha Lins de 1877.
- PARANÁ. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa provincial em 28 de outubro de 1895 pelo presidente de província Francisco Manoel da Silva. Curitiba. 1895. p. 34.
- MATTOS, Francisco Liberato. Relatório apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858. Curytiba, Typografia Paranaense, 1858. p. 21.
- Almanach Parananaense de 1898. Arquivo Público do Paraná.
- Livro de Registros de Casamentos da Paróquia Santo Antonio de Imbituva.
- Certidão do Registro de Imóveis de Imbituva - Livro n.3. fls 343, numero de ordem: 7.068. Data: 12 de junho de 1929. Freguezia do Imovel: Imbituva. Registro de Imóveis Dalva Reni da Silva Gomes Scheidt- oficial.
- Arquivo Público do Estado do Paraná, LV 834, p. 49- 52 – Matrícula de colonos – colônia Nova Itália – Morretes (PR) – 1877-1879. BR PR APPR PB001.
- Arquivo Público do Estado do Paraná, LV 455, p. 37. Relação de imigrantes que entram em diversas hospedarias – 1885-1900. BR PR APPR PB001.
- Livro de Registro de Terras. APPR.

- Livro de Registros de Batizado da Paróquia Santa Felicidade.
- Documento de Registro de Terras, pertencente a Daiane Bobato Vieira, descendente da família Bobbato e moradora da Bella Vista.
- Correspondência de Silvio Civiero. Via Roma 52. 31030 Castello di Godego. (Treviso) Italy. Certidões de casamentos dos imigrantes italianos da cidade de Castello di Godego.
- Arquivo Público do Estado do Paraná. Livro 87, p. 360, inscrição de número 225 do Livro de Registro de Terras.
- Jornal A República de 28.05.1902. Arquivo Público do Paraná.
- Livros de registros do Arquivo Público do Paraná. Ap. 583, doc. 242. Ap, 583, doc 59.

FONTES ORAIS – ENTREVISTAS

- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Angelina Amábile Alessi, 85 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (124041). Duração 13min24seg. Vídeo 2 (125424). Duração 34min33seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.
- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Margarida Marconato Scorsim. 82 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (135536). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (143712). Duração 06min49seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.
- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Olando Alessi, 86 anos, no dia 22/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (130355). Duração 36min06seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Laura Clementina Bobato, 84 anos, no dia 25/05/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1(134343). Duração 40min27seg. Vídeo 2 (142416). Duração 15min11seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.
- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Helena Maria Dal Santo, 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (141402). Duração 15min27seg. Vídeo 2 (150229). Duração 02min13seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.
- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pela Sra. Maria Cecília Alessi. 85 anos, no dia 03/06/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (152904). Duração 01min46seg. Vídeo 2 (153058). Duração 02min34seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.
- Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler pelo Sr. Orlando Marconato, 80 anos, no dia 20/07/2014, na cidade de Imbituva/Pr. Vídeo 1 (140434). Duração 40min27seg. Vídeo 02 (144540). Duração 08min05seg. Projeto de Mestrado em História e Regiões da UNICENTRO/PR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ALVIM, Zuleika. *Brava Gente: Imigrantes italianos em São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. Curitiba: João Haupt & Cia, 1958.

BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Maria Cecília. *História do Paraná*, vol. I. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALHANA, Altiva P. Política Imigratória do Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n. 87, 1996.

BALHANA, Altiva Pilati. *Um Mazzolino de Fiori*, vol. I. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2002.

BALHANA, Altiva Pilati. *Um Mazzolino de Fiori*, vol. II . (Org.) Westphalen, Maria Cecília. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *L'objectivation participante. Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, n. 150, p.43-57, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BERNARDI, Ulderico. *A Catár fortuna*. Storie venete d’Australia e Del Brasile. Veneza: Neri Pozza, 1994.

BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BOSCHILIA, Roseli. *A construção de uma história: a presença étnica em Araucária*. Araucária: Prefeitura Municipal, 2004.

BOSCHILIA, Roseli. (org.) *Boa Vista: O Bairro na História da Cidade*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 118, dez. 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRISKIEVICZ, Michele. *Territorialidade e identidade: a migração de descendentes de italianos no município de Francisco Beltrão – Paraná*. (Dissertação de Mestrado). Francisco Beltrão, UNIOESTE. 2012.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHANG, Man Yu. *Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná*. Londrina: Fundação Instituto Agrônômico do Paraná/Boletim Técnico 22 do IAPAR, março de 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11(05), 1991.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIVIERO, Silvio. *Emigrazione Fra Storia e Ricordi*. Treviso: Laboratório Gráfico BST Romano d'Ezzelino (VI), 2001.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina*. Porto Alegre: EST, 1991.

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. *Para a dona de casa: comida e identidade entre os descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976*. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador - uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

ELFES, Albert. *Campos Gerais: Estudo de Colonização*. Curitiba: INCRA, 1973.

FEDALTO, Pedro. *O centenário da Colônia Antonio Rebouças (1878-1978)*. Curitiba: Voz do Paraná, 1978.

FROSI, Vitalina Maria. *Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2.ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

FERRARINI, Sebastião. *A Imigração italiana na província do Paraná e o município de Colombo*. Curitiba: Champagnat, 1992.

FRANZINA, Emilio. *A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GABARDO, Diego, MACHIOSKI, Fábio Luiz. *El Pretin Gobeto: A História de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo*. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: Educs, 1996.

GODIGESI NEL MONDO: um secolo di emigrazione godigese e di presenza missionária all'estero. Itália: Pubblicazione a cura dell'Associazione Emigranti di Castello di Godego, 1990.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GUÉRIOS, Paulo Renato. *A Imigração Ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. (orgs). *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: editoraufsm, 2010. p. 211-229.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

IANNI, Constantino. *Homens sem paz*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e colonização: legislação de 1747-1918*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS; Caxias do Sul: Educs, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2008. 181f.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. 2.ed.rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAZZARI, Beatriz Maria. *Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias do Sul, 1980.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 3.ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. *Os mundos faxinalenses da Floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais*. Terr@Plural, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do Catolicismo e da Identidade Italiana na criação do Município de Colombo. In: *Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná 1878-2013*. Porto Alegre: EST Edições, 2013.

MAROCHI, Maria Angélica. *Imigrantes 1870-1950: os europeus em São José dos Pinhais*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

MARTINS, José de Souza. *O Imaginário na Imigração Italiana*. São Caetano do Sul/SP: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.

MARTINS, Romário. *História do Paraná 3º. Volume*. Paraná: GRAFIPAR, 1969.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Romário. *Quanto somos e Quem Somos*. Dados para a história e estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.

MASCHIO, Eliane Cátia Falcade. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930)*. 2012. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFPR, Curitiba.

MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: Trajetória Familiar e Imigração Libanesa no Rio de Janeiro. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p.104-138.

MICHAELE, Faris Antonio S. *Formação Étnica do Paraná*. Curitiba, GRAFIPAR – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda, 1969.

MOLETTA, Susete. *Da Itália para o Brasil: o casal da Capelinha da Água Verde*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

MORILA, Ailton Pereira. Vuoi tu venire im Merica? Venturas e desventuras da imigração italiana em São Carlos. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa. v.15 n.1. p.194-228, Verão, 2010.

NADALIN, Sérgio. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Coleção História do Paraná: textos introdutórios. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, Oris de. A tutela do imigrante. *Emigrazione europee e popolo brasiliano*. Atti Del Congresso euro-brasiliano sulle migrazione (1985: São Paulo). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987.

PALÚ FILHO, Antônio Sérgio, MOLETTA, Susete. *Italianos no Novo Mundo: história, imigração, genealogia, heráldica*. Curitiba: Edição do autor, 2009.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Imigrante e a Pequena Propriedade (1824-1930)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PIFFAR, Giovanna. *A Polenta como forma de expressão da cultura popular italiana*. 2006. 91 f. Monografia (Conclusão do Curso de História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PINHEIRO MACHADO, Brasil, BALHANA, Altiva Pilatti e outros. *Campos Gerais – estruturas agrárias*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1968.

POPLADE, Nestor Gastão, POPLADE, Sydnei Luiz. *Luigi Antonio Ciscato sua vida...sua obra...* Sem editora, 1998. 269p.

PRADO, Eliane Mimesse e MASCHIO, Elaine. Imigrantes italianos nas províncias de São Paulo e Paraná: diferenças e semelhanças no desenvolvimento dos núcleos coloniais. *Revista InterSaberes – revista científica*. Curitiba. v.1, n.2. Julho/Dezembro 2006.

SANTOS, José Vicente T. dos. Cantineiros e colonos: a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: LANDO, Aldair M. et.al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida*. Emigração italiana: Mito e realidade. Itajaí: Univali, 1998.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da alimentação no Paraná*. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2007.

SCARPIM, Fábio Augusto. *Bens simbólicos em laços de pertencimento: família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – PR, 1878-1937)*. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2010. 230 f.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. *Os Senhores Da Terra: Produção de Consensos na Fronteira (Oeste do Paraná, 1946-1960)*. 2001. 149f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. História Cultural e Sociologia: Contribuições de Bourdieu para uma ciência da obra cultural. *Revista Ágora*, Vitória, n.13, 2011, p. 1-20.

SERINI, Emilio. *Il capitalismo nelle campagne (1860-1900)*. Torino: 1980.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SOCHODOLAK, Hélio, KLANOVICZ, Jó, NETO, José Miguel Arias (Orgs.). *Regiões, imigrações, identidades*. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2011.

STADLER, Cleusi T. B. *Memórias de Imbituva – História e Fotografia*. Imbituva: ALACS, 2009.

STADLER, Cleusi T. B. *Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais*. Imbituva: Gráfica Prudentópolis, 2005.

STADLER, Cleusi T. B., SCHORNER, Ancelmo. Estudio de las comunidades tradicionales: los faxinales integración entre la escuela y las vivencias del alumno. *Estudios del ISHiR, Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET*. Argentina, v. 4, n. 10, p. 05-22, 2014.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiências e narração*. Passo Fundo: UPF/Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEDESCO, João Carlos. *Festas de “Família”: Genealogias e Memória Patrimonial Imaterial*. In: *Imigração e relações interétnicas, XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização, 2006 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: Oikos, 2008, CD-ROM, p. 1262-1278.*

TEDESCO, João Carlos. *Colonos, carreteiros e comerciantes: a região do Alto Taquari no início do século XX*. Porto Alegre: EST, 2000.

TEDESCO, João Carlos. *Memória e Cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: EST, 2001.

TEDESCO, João Carlos. *Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural*. Passo Fundo: EDIUPF, 2001.

TELEGINSKI, Néli Maria. *Bodegas e Bodegueiros de Irati-Pr na primeira metade do século XX*. 2012. 250f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Trad. Lólio Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Santa Cândida – pioneira da colonização linista*. Boletim Informativo n.16 da Fundação Cultural de Curitiba. Curitiba, 1975.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção de identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2006.

ZUBACZ, Maria de Lurdes Rasinski. Faxinais em Ivaí: de uma organização camponesa a comunitária às origens da periferia. *VOLUME I - Secretaria de Estado da Educação do Paraná*. www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007_uepg_hist_artigo_maria_de_lurdes_rasinski_zubacz.pdf.

SITES CONSULTADOS DA INTERNET

- Archivio Centro Studi Emigrazione – Istituto Scalabrini – Roma.
- Biblioteca Pública do Estado do Paraná
- Google Mapas
- Mapa Índice do Brasil – IBGE.
- Biblioteca Nacional DIGITAL Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira.
- www.obradoespiritosanto.com.
- http://www.benzisobrenomes.com/textos_2.html.
- <http://www.cidades.ibge.gov.br>.
- <http://www.familialorenzoni.org/italia.htm>.
- <http://www6.senado.gov.br/legislacao>.
- http://immigrazioneveneta.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html.
- <http://www.regione.veneto.it/web/veneti-nel-mondo/ricercheanagrafiche>.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

- Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.
- Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 10 de Setembro de 2015.



Cleusi Teresinha Bobato Stadler